



Marco Bulhões Cecilio

FERNAND BRAUDEL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E A  
ACUMULAÇÃO ACELERADA DE RIQUEZAS:  
ECONOMIA DE MERCADO E CAPITALISMO COMO OPOSTOS?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia / Núcleo de Estudos Internacionais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Metri

Rio de Janeiro  
2012

## FICHA CATALOGRÁFICA

CECILIO, Marco Bulhões

Fernand Braudel no mundo contemporâneo e a acumulação acelerada de riquezas: economia de mercado e capitalismo como opostos? / Marco Bulhões Cecilio. - Rio de Janeiro: UFRJ/IE, 2012.

162f.

Orientador: Mauricio Metri

Dissertação (mestrado) – UFRJ / IE / NEI / Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional, 2012.

1. Capitalismo. 2. Economia de Mercado. 3. Fernand Braudel. 4. Lucros. 5. Sistema Financeiro. I. Metri, Mauricio, orient. II. Fernand Braudel no Mundo Contemporâneo e a Acumulação Acelerada de Riquezas: Economia de Mercado e Capitalismo como Opostos?

## AGRADECIMENTOS

Kant escreveu que fora "despertado de um sono dogmático" pelas ideias de Hume, que o lançaram numa busca que o levaria a uma revolução copernicana na filosofia. Este é o poder das ideias: ampliar nosso entendimento do mundo até o limite do que estas mesmas ideias possibilitam enxergar. De minha parte, também fui despertado de um sono dogmático, o sono de um mundo sem poder. E é à Michelle Ferreti e seu incansável grito de atenção que agradeço este despertar. Se só por isso eu já seria extremamente grato, à Michelle tenho muito mais a agradecer: o companheirismo, a lealdade e o amor incondicionais. Que felicidade sinto em ter você como companheira para a vida!

Ao Professor Fiori agradeço por primeiro dar forma a este mundo pós-sono dogmático e pelo incentivo ao pensamento livre e inovador. Ao Professor Ernani Torres agradeço pelas valiosas provocações. Aos demais professores do PEPI também estendo este agradecimento: tive o privilégio de aprender com pessoas excepcionais, numa universidade pública e sem qualquer custo. Espero que um dia isto não seja um privilégio, mas uma possibilidade aberta a todos. Ao meu orientador, Professor Mauricio Metri, serei sempre muito agradecido pelo incentivo, pelos almoços proveitosos e pelas páginas e mais páginas de comentários e sugestões. Tenho, no entanto, um receio: de que sendo esta a minha primeira incursão no mundo acadêmico, que os padrões por ele estabelecidos de dedicação e acompanhamento tenham criado uma expectativa irrealista para meus próximos trabalhos.

Pelas frutíferas conversas e vivências que me ajudaram a escrever esta dissertação agradeço a Borges, Carlito, Cíntia, Fábio, Felipe, Flavinha, Gian Carlo, João, Luiza, Marina, Moisés, PM, Renato e Tininha. Agradeço em especial a 3 outros amigos que, além de conversas, ajudaram ainda de outras formas: Zeza que num momento de muitas indefinições não só me apresentou o PEPI mas foi uma guia para que eu entrasse no mestrado; Luigi, por toda a bibliografia referente ao sistema internacional de direitos de propriedade intelectual; e Blunt, por me apresentar o jogo Presidente, tão útil para me ajudar a explicar o papel das hierarquias sociais em Braudel.

Aos meus sócios Cami, Flavinho e Monica agradeço a compreensão que me permitiu dedicar boa parte de meu tempo a esta dissertação enquanto tanta coisa acontecia na FábricaRH.

Por fim, agradeço a meus pais. A sede de conhecimento, a disposição para o trabalho e a vontade de viver são a mais rica herança que vocês poderiam ter me transmitido. Obrigado!

"Somente pelo princípio da competição a economia política pode ter qualquer pretensão de ser uma ciência."  
(John Stuart Mill)

"Quem duvidaria de que eles dispõem dos monopólios ou, simplesmente, têm o poderio necessário para, nove vezes em dez, apagar a concorrência?"  
(Fernand Braudel)

"Em geral não se menciona, no ensino da economia, o fato de que o mercado está sujeito a manipulações especializadas e abrangentes. Esta é a fraude."  
(John Kenneth Galbraith)

## RESUMO

### FERNAND BRAUDEL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E A ACUMULAÇÃO ACELERADA DE RIQUEZAS: ECONOMIA DE MERCADO E CAPITALISMO COMO OPOSTOS?

Marco Bulhões Cecilio

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Metri

Resumo da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia / Núcleo de Estudos Internacionais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Agentes ou setores que desfrutam de lucros excepcionais de forma permanente constituem um desafio de difícil solução para a teoria econômica, especialmente porque esta não tem incorporado o poder em suas diferentes formas como variável teórica importante. A pesquisa histórica de Fernand Braudel constitui um contraponto a esta deficiência ao identificar a existência de forma persistente entre os séculos XII e XVIII de duas camadas distintas de atividades econômicas, uma operando com lucros normais sob a força competitiva dos mercados e outra que restringe a competição e manipula o mercado por meio do poder para obter lucros excepcionais. Esta zona constitui a característica essencial do sistema e é nela que ocorre a acumulação de capital em larga escala, de forma que Braudel a denomina capitalismo. Esta dissertação revisita a obra de Braudel – *Civilização Material, Economia e Capitalismo* – para extrair os elementos essenciais desta distinção entre economia de mercado e capitalismo. Realiza um debate entre críticos e seguidores de Braudel estabelecendo posturas metodológicas e recorrências históricas baseadas em sua obra. Utiliza estes elementos para avaliar o funcionamento de espaços do mundo contemporâneo que se constituíram como privilegiados na acumulação acelerada de riquezas, em especial o setor financeiro mas também o sistema de direitos de propriedade intelectual e outros. A reconstrução do funcionamento destes mecanismos que geram lucros excepcionais é feito por meio de relatos concretos e fatos estilizados. Ao final, evidencia-se que há recorrência no estabelecimento de atividades que operam às avessas do mercado e por isso geram grandes lucros; que estas operações contam com o suporte da ação estatal; que outras hierarquias da sociedade cumprem papel importante na formação destes espaços de acumulação e, por fim, que o privilégio máximo capitalista é ter os meios para recorrentemente mudar suas posições para explorar setores em que as condições assimétricas de poder permitem a obtenção dos grandes lucros. Assim, confirma-se a ideia de que contra-mercados que disparam grandes lucros constituem, do ponto de vista sistêmico, na regra e não numa situação de exceção no que se refere à acumulação acelerada de riquezas.

Palavras-chave: Fernand Braudel. Economia de mercado. Capitalismo. Lucros. Contra-mercado. Sistema Financeiro. Direitos de Propriedade Intelectual.

Rio de Janeiro  
Julho – 2012

## ABSTRACT

### FERNAND BRAUDEL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E A ACUMULAÇÃO ACELERADA DE RIQUEZAS: ECONOMIA DE MERCADO E CAPITALISMO COMO OPOSTOS?

Marco Bulhões Cecilio

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Metri

Abstract da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia / Núcleo de Estudos Internacionais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Agents and sectors that enjoy abnormal profits in a permanent way constitute a challenge hard to be solved by economic theory, which have not considered power in its different forms as an important theoretical variable. The historical survey of Fernand Braudel constitutes a counterpoint to this deficiency by identifying the persistent existence between centuries XII to XVIII of two distinct layers of economic activity, one operating with regular profits under competitive market forces and another that restricts competition and manipulate the market through power for abnormal profits. This second zone constitutes the essential feature of the system and it is where capital accumulation occurs on a large scale, so that the Braudel calls it capitalism. This paper revisits Braudel's book Civilization and Capitalism to extract the essential elements of this distinction between market economy and capitalism. Performs a debate between Braudel's critics and followers to establish methodological positions and historical recurrences based on his work. Uses these elements to evaluate the workings of contemporary world spaces that emerged as privileged in the accelerated accumulation of wealth, particularly the financial sector but also the intellectual property rights system and others. The reconstruction of the functioning of these mechanisms that generate huge profits is made through concrete accounts and stylized facts. As a conclusion, it is shown that there is recurrence in the establishment of activities that operate as a reverse of the market and therefore generate large profits, that these operations are backed by state action, that other society hierarchies fulfill a major role in shaping these accumulation spaces and, finally, that the most significant capitalist privilege is to have the means to repeatedly change their positions to explore areas where conditions allow asymmetric power to be used to obtain huge profits. Thus, it confirms the idea that counter markets that trigger large profits are the rule rather than the exception from a systemic point of view with regard to the accelerated accumulation of wealth.

Keywords : Fernand Braudel. Market Economy. Capitalism. Profits. Counter-market. Financial System. Intellectual Property Rights

Rio de Janeiro  
Julho - 2012

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1. Proporção dos lucros corporativos totais por setor nos EUA.....	93
Gráfico 2. Balança de Pagamentos dos EUA (em US\$ bilhões).....	111
Gráfico 3. Captura de valor em um iPod por empresa/país.....	130
Gráfico 4. Balança comercial dos EUA – itens selecionados (em US\$ bilhões) .....	131

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 - APRESENTANDO BRAUDEL .....</b>	<b>21</b>
1.1 VOLUME 1 - AS ESTRUTURAS DO COTIDIANO .....	23
1.2 VOLUME 2 - OS JOGOS DAS TROCAS .....	26
1.3 VOLUME 3 - O TEMPO DO MUNDO.....	34
<b>CAPÍTULO 2 - DISCUTINDO BRAUDEL.....</b>	<b>43</b>
2.1 POSTURA METODOLÓGICA 1 - INJEÇÃO DA HISTÓRIA NA ECONOMIA .....	45
2.2 POSTURA METODOLÓGICA 2 - UM ESPAÇO-TEMPO AMPLIADO .....	51
2.3 RECORRÊNCIA HISTÓRICA 1 - O CONTRA-MERCADO NÃO É EXCEÇÃO, É REGRA .....	55
2.4 RECORRÊNCIA HISTÓRICA 2 - NÃO HÁ CONTRA-MERCADOS SEM O APOIO DO ESTADO..	63
2.5 RECORRÊNCIA HISTÓRICA 3 – AS RAÍZES DO CAPITALISMO VÃO ALÉM DA ECONOMIA E DA POLÍTICA, ESTÃO NA SOCIEDADE COMO UM TODO.....	71
2.6 RECORRÊNCIA HISTÓRICA 4 - PODER ESCOLHER: O PRIVILÉGIO CAPITALISTA .....	76
2.7 POSTURAS METODOLÓGICAS E RECORRÊNCIAS HISTÓRICAS – UM RESUMO .....	82
<b>CAPÍTULO 3 - BRAUDEL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....</b>	<b>84</b>
3.1 SETOR FINANCEIRO E A CRISE DE 2007.....	92
3.2.1. <i>Recorrência histórica 1 - O contra-mercado não é exceção, é regra.....</i>	<i>92</i>
3.2.2. <i>Recorrência histórica 2 - Não há contra-mercados sem o apoio do Estado .....</i>	<i>107</i>
3.2.3. <i>Recorrência histórica 3 – As raízes do capitalismo vão além da economia e da         política, estão na sociedade como um todo.....</i>	<i>115</i>
3.2.4. <i>Recorrência histórica 4 - Poder escolher: o privilégio capitalista.....</i>	<i>121</i>
3.2 OUTROS SETORES.....	124
3.2.1. <i>Recorrência histórica 1 - O contra-mercado não é exceção, é regra.....</i>	<i>125</i>
3.2.2. <i>Recorrência histórica 2 - Não há contra-mercados sem o apoio do Estado .....</i>	<i>133</i>
3.2.3. <i>Recorrência histórica 3 – As raízes do capitalismo vão além da economia e da         política, estão na sociedade como um todo.....</i>	<i>139</i>
3.2.4. <i>Recorrência histórica 4 - Poder escolher: o privilégio capitalista.....</i>	<i>143</i>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>146</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>152</b>



## INTRODUÇÃO

Desde meados da década de 1930 até a metade da década de 1980, os lucros no setor financeiro americano representaram em média 15% dos lucros totais da economia dos EUA de forma estável<sup>1</sup>. As décadas seguintes, no entanto, apresentaram um quadro muito diferente, com a sua representatividade no montante total de lucros mais do que dobrando de tamanho. Assim, praticamente ano após ano entre 1986 e 2011, o setor financeiro gerou lucros recordes, tendo seu pico percentual no ano de 2001 quando representou metade dos lucros totais da economia.<sup>2</sup> Um símbolo desta lucratividade sem igual é a remuneração de seus principais executivos. Somando os valores dos anos de 2006 e 2007, o bônus pago pela Goldman Sachs a cada um de seus 3 principais gestores, Lloyd Blankfein, Gary Cohn e Jon Winkelried foi de US\$ 52 milhões.<sup>3</sup> Embora esta lucratividade excepcional do setor financeiro seja uma das mais significativas marcas da economia mundial nas últimas décadas, explicá-la não é uma tarefa simples para a teoria econômica, em especial em função da aparente intensa competição do setor. Paul Volcker - ex-presidente do FED - certa vez apontou que esta era uma contradição de difícil resolução ao colocar a questão nos seguintes termos:

Impressiona-me que quando se olha para o sistema bancário, nunca antes em nossa história esta indústria esteve sob tanta pressão competitiva, com participações de mercado em declínio em muitas áreas e uma sensação de intensa tensão, mas ao mesmo tempo, a indústria nunca foi tão lucrativa com tanta força aparente. Como conciliar essas duas observações?<sup>4</sup>

Crotty<sup>5</sup> denominou esta questão o "paradoxo de Volcker": como poderiam existir grandes lucros se aparentemente o setor era altamente competitivo? A relevância deste paradoxo advém do fato de que a força da concorrência sempre foi entendida no campo econômico como o elemento central na contenção e normalização dos lucros. Ao se recuar no tempo, se vê que já em 1848 John Stuart Mill escrevia que apenas por meio do princípio da competição

---

1. Dados obtidos do Bureau of Economic Analysis do Departamento de Comércio dos Estados Unidos - Tabela NIPA (National Income and Product Accounts) 6.16. Neste período de 50 anos entre 1935 e 1984, por apenas 6 vezes a barreira dos 20% foi quebrada e nenhuma delas antes da década de 70, quando os primeiros movimentos que estruturalmente dariam suporte aos grandes lucros financeiros já começavam a ser implementados. Ver páginas 107 a 110 e nota de rodapé 407.

2. Após prejuízos pontuais em 2008, estes níveis excepcionais de lucratividade foram retomados: em média, entre 2009 e 2011, os lucros anuais do setor financeiro foram de US\$ 470 bilhões, representando 37% da massa de lucros do país.

3. Sopelsa, 2009. Estes números representam apenas os bônus recebidos por estes profissionais, que além destes valores recebem salários, ações, opções de ações e outros benefícios. Como exemplo, a remuneração total de Lloyd Blankfein somente em 2007 foi de US\$ 67,9 milhões. (Rushe, 2012)

4. FDIC, 1997: 118. Tradução do autor, no original: "It strikes me that when one looks at the banking system, never before in our lifetime has the industry been under so much competitive pressure with declining market share in many areas and a feeling of intense strain, yet at the same time, the industry never has been so profitable with so much apparent strength. How do I reconcile those two observations?"

5. Crotty, 1997: 5.

a economia política podia ter qualquer pretensão de se considerar uma ciência.<sup>6</sup> Isto porque leis ou tendências a respeito de lucros - e também outros preços e salários - só podem ser definidas supondo a atuação deste mecanismo concorrencial.<sup>7</sup>

Mas o "paradoxo de Volcker" não é a única questão a respeito de lucros acentuados e permanentes a atormentar os economistas. Diversas observações concretas tem mostrado uma desconexão entre teoria e realidade ao apontar que há setores da economia e certas empresas que mantêm por um longo tempo uma lucratividade acima da média<sup>8</sup>, o que é incompatível com o pressuposto de concorrência perfeita em torno do qual a economia se desenvolveu. Embora os economistas reconheçam que a imagem do mecanismo concorrencial em operação é apenas um desenho estilizado da realidade e, que na prática existem outras influências atuando no mercado, a economia se estruturou tendo como eixo central a suposição idealizada de mercados com concorrência perfeita em que oferta e demanda se encontram para evitar faltas e excessos, e que as situações que fugissem a esta regras fossem tratadas como exceções.<sup>9</sup> O tratamento teórico nestes casos sempre correu em paralelo às teorias centrais, apenas entrando em cena em situações pontuais, e as forças em ação nestes casos analisadas como fatores exógenos ao mercado.<sup>10</sup> Esse contraste fica evidente ao se comparar esta visão dos economistas de lucros equilibrados que não se sustentam no tempo com a ação dos executivos das grandes corporações que recorrentemente fazem movimentos estratégicos para posicionar suas empresas em elos de maior valor numa cadeia econômica onde possuem força suficiente para extrair maiores lucros - a Apple, por exemplo, para cada iPod vendido a US\$

---

6. Mill, 2009: 204. Esta não era uma proposição nova e Mill apenas reconhecia o que já se apresentava em outros autores clássicos como Smith e Ricardo.

7. Ele deve operar para que não existam lucros acima da média em nenhum setor da economia, de modo que se um setor está tendo lucros excepcionais, automaticamente capitais até então investidos em outros espaços migrarão para o setor com altos lucros, aumentando a competição e assim reduzindo preços e lucros para um nível normal. Do mesmo modo, se uma empresa desenvolve um novo método organizacional que reduza seus custos de operação - e assim aumente seus lucros - rapidamente será imitada pela concorrência e os lucros excepcionais desaparecerão, o mesmo acontecendo com inovações de produto.

8. Ver, por exemplo, Porter e McGahan, 2003.

9. O próprio John Stuart Mill, quando afirmava que a economia política só poderia ter a pretensão de ser ciência se considerasse o mecanismo concorrencial, já acusava os colegas economistas de não conceder força suficiente a outros princípios que influenciam os preços como os costumes e hábitos. No entanto, como se argumenta a seguir, isto não impediu os economistas de formular suas teorias tendo como centro apenas o princípio da competição. O mesmo Mill, por exemplo, dizia: "Our reasonings must, in general, proceed as if the known and natural effects of competition were actually produced by it, in all cases in which it is not restrained by some positive obstacle. Where competition, though free to exist, does not exist, or where it exists, but has its natural consequences overruled by any other agency, the conclusions will fail more or less of being applicable. To escape error, we ought, in applying the conclusions of political economy to the actual affairs of life, to consider not only what will happen supposing the maximum of competition, but how far the result will be affected if competition falls short of the maximum." (Mill, 2009: 206). Desta forma, a competição segue sendo a norma que pauta a lógica da economia política.

10. Este é o caso da teoria de concorrência monopolística e oligopólio introduzida na economia. Ver, por exemplo, um dos manuais básicos de micro-economia: Pindyck e Rubinfeld, 1999: 355-508.

299, captura US\$ 80 por meio de seus direitos de propriedade sobre marcas e patentes tecnológicas comparados a menos de US\$ 4 de valor capturado pela montadora taiwanesa localizada na China que efetivamente produz o produto.<sup>11</sup> Foi isso que levou Galbraith a dizer que "a economia, como é ensinada e entendida, está sempre um passo atrás da realidade, exceto nas faculdades de administração de empresas."<sup>12</sup>

Para explicar este enigma dos lucros excessivos que não desaparecem como prevê a teoria econômica, uma extensa literatura se estabeleceu especialmente a partir da década de 70 sob o nome de "estudos de persistência da lucratividade"<sup>13</sup>. Estes estudos identificaram, sem que houvesse um consenso, múltiplas razões para a sustentação dos lucros excepcionais como a concentração do mercado em poucas empresas que passam a atuar em colusão, os ganhos de eficiência obtidos por empresas maiores e a presença de barreiras de entrada entre outras razões.<sup>14</sup>

No entanto, DeLanda<sup>15</sup> ao fazer um paralelo com a física, mostra um limite dessa abordagem. Os modelos físicos clássicos, como os de Newton e Galileu, também eram modelos idealizados de como o mundo operava, sem qualquer fricção ou ruído. O problema é que a inserção *a posteriori* deste ruído não é possível: o ruído na verdade é parte constitutiva do fenômeno e circunstâncias temporais - históricas - de como ele atuou podem gerar resultados finais totalmente diferentes dos esperados pelos modelos puros e idealizados<sup>16</sup>, que não podem assim ser considerados como verdades absolutas e a-históricas. É por isto que DeLanda diz que "um dos eventos epistemológicos mais importantes dos últimos anos é a

---

11. Dedrick, Kraemer e Linden, 2009a. Ver esta discussão em mais detalhes nas páginas 129 a 131.

12. Galbraith, 2004: 29. No campo da administração, esta busca por espaços privilegiados é abertamente debatida, embora não incorpore todos os elementos que serão debatidos neste trabalho. Ver, por exemplo, Gadish e Gilbert, 1998.

13. PP – Persistence of Profitability

14. O ponto de partida destes trabalhos são os estudos de Bain (1951) e Mueller (1977, 1986). Bain (1951) associa os lucros anormais à uma concentração da indústria em poucos players e a colusão entre eles. Tal abordagem é criticada por Brozen (1971) e Demsetz (1973), que associam a lucratividade superior aos ganhos de eficiências originados pelo maior tamanho das firmas. McMillan & Wohar (2011) discutem o papel duvidoso da taxa de crescimento de uma indústria sobre a manutenção de taxas anormais de lucro, mas citam estudos que permitem verificar uma correlação positiva entre estas variáveis. Destacam ainda que o *market share* de uma empresa, e seu tamanho, são bons indicadores de uma alta lucratividade. Caves & Porter (1977) reconhecem o papel fundamental da existência de barreiras de entrada e saída para a manutenção de taxas de lucro diferentes. Glen, Lee & Singh (2003) estendem sua pesquisa para os países em desenvolvimento, contrariamente à grande maioria dos outros estudos no campo que concentram-se em dados dos países desenvolvidos. Surpreendentemente, encontram coeficientes de persistência de diferenciais de lucro menores nos países em desenvolvimento do que nos países desenvolvidos, ao contrário do que se esperava em função do menor tamanho e desenvolvimento destes mercados. McMillan & Wohar (2011) e Rigby (1991) apresentam ainda uma série de outros estudos nestas linhas.

15. DeLanda, 1996a

16. "Friction is very complicated because it interacts with other variables like velocity in a non-linear way, in a kind of feedback loop. [...] However, now we know that when you add friction and a driving force to counteract the friction to even a simple system such as a pendulum, the system becomes a non-linear pendulum with a multitude of dynamical behaviors that were undreamt of by the classics." (DeLanda, 1996b)

crescente importância das questões históricas na reconceitualização em curso das ciências exatas"<sup>17</sup>, pois ao analisar o fato histórico, o ruído deve ser parte essencial dos resultados e não uma nota de rodapé.

A questão dos lucros extraordinários na economia padece deste mesmo mal que DeLanda aponta, sendo que a questão histórica ainda não conquistou o mesmo status que na física: os grandes lucros seguem tratados como uma exceção que pode ser estudada à parte e os modelos continuam a ser concebidos sem ruídos ou com os ruídos aplicados por cima de um arcabouço idealizado e pré-concebido. Mesmo os "estudos de persistência da lucratividade" não superaram esta questão. Dentro da imagem de DeLanda, é como se estes estudos tentassem compreender parte do ruído, e não o fenômeno como um todo.<sup>18</sup>

Na economia, o mais forte "ruído" ausente destas análises tem nome: é o poder em suas diversas formas. Como aponta Strange, as teorias econômicas tem sido desenvolvidas de forma "parcimoniosa, rigorosa e elegante - todas palavras de louvor muito usadas por economistas contemporâneos"<sup>19</sup>, mas que para atingir tais qualificativos têm abdicado de debater o papel do poder. Strange classifica este fato como uma miopia deliberada e chama em sua ajuda K. W. Rothschild:

Como em outros importantes campos sociais, devemos esperar que os indivíduos lutem por posições, que o poder seja usado para melhorar a situação no jogo econômico, e que tentativas sejam feitas para derivar poder e influência de posições econômicas privilegiadas. O poder deveria então ser um tema recorrente em estudos econômicos de natureza teórica ou aplicada. No entanto, se olharmos para a linha principal da teoria econômica ao longo dos últimos cem anos, descobrimos que ela é caracterizada por uma estranha falta de considerações sobre o poder.<sup>20</sup>

---

17. DeLanda, 1996: 181. Tradução do autor, no original: "One of the most significant epistemological events in recent years is the growing importance of historical questions in the ongoing reconceptualization of the hard sciences"

18. Outras críticas aos "estudos de persistência da lucratividade" sob a perspectiva deste trabalho seriam que muitos dos estudos restringem-se à um painel de empresas industriais, não analisando o setor de serviços ou financeiro. Os estudos de persistência da lucratividade também pecam pois não se aprofundam nas construções históricas e estruturas que levam uma determinada indústria a ser mais lucrativa. Além disso, como seu método principal consiste em buscar discrepâncias na taxa de lucratividade de diferentes indústrias num determinado espaço de tempo e num determinado espaço econômico, em geral um país, tal abordagem impossibilita observar a ação de agentes que mudem suas posições entre diferentes indústrias ou mercados geográficos no espaço de tempo destes estudos, o que tornou-se recorrente com o desenvolvimento cada vez maior dos mercados financeiros globalmente. Por fim, são limitados ao explorar unicamente o universo das empresas com balanços divulgados, o que traz diversos problemas: a) os espaços de acumulação acelerada de riquezas podem estar fora destes espaços mais simples de serem estudados em função de estatísticas tão abundantes; b) os conceitos de riqueza e lucros não são substituíveis – uma supervalorização de ativos, por exemplo, pode representar um aumento de riqueza sem aumento correspondente de lucros, enquanto estes não forem realizados, e estas variações não são levadas em conta; c) em última instância as empresas são instrumentos de geração de lucros para pessoas físicas, mas os dados utilizados cobrem apenas a rentabilidade das empresas e não a expansão da riqueza de seus acionistas ou gestores.

19. Strange, 1994: 35. Tradução do autor, no original: "'parsimonious', 'rigorous', 'elegant' - all words of praise much used by contemporary economists."

20. Rothschild apud Strange, 1994: 35. Tradução do autor, no original: "As in other important social fields, we should expect that individuals should struggle for position; that power will be used to improve one's position in the economic game; and that attempts will be made to derive power and influence from economic strongholds."

Assim, o poder é uma variável-chave para explicar o surgimento de espaços de alta lucratividade na economia ao abafar as forças competitivas, mas tem sido uma variável pouco trabalhada. Strange, no entanto, faz um importante alerta<sup>21</sup>: esta deficiência na incorporação do poder se aplica muito menos à economia aplicada ou descritiva, onde economistas que trabalham, por exemplo, em algum ramo setorialmente especializado - como agricultura ou transportes - ou que lidam com as questões do desenvolvimento econômico, precisam estar atentos ao mundo real e aos fatores políticos que efetivamente influenciam os resultados e, assim, estão atentos à experiência histórica concreta. Isto porque, no campo da economia aplicada - assim como no da administração, como apontado por Galbraith -, há muito menos espaço para teorias elegantes: são os resultados práticos que contam e, com efeito, os fatores que de fato são efetivos precisam ser incorporados. Essas observações são convergentes com uma das soluções que DeLanda<sup>22</sup> aponta para os problemas dos modelos teóricos idealizados: é necessário intensificar o uso da história pois analisar o desenrolar dos fatos passados pode ajudar a desvendar, a despeito dos modelos teóricos, quais foram os fatores efetivamente importantes na vida econômica.<sup>23</sup>

E é aqui que o trabalho de Fernand Braudel, o intelectual francês celebrado por muitos como o maior historiador do século XX, se apresenta em todo seu potencial. Líder da segunda geração da Escola dos Annales,<sup>24</sup> Braudel formulou uma visão inovadora e heterodoxa sobre o capitalismo e o processo de acumulação de riqueza, baseado não em uma elaborada construção teórica mas em farta pesquisa histórica. Esta visão foi apresentada no

---

Power should therefore be a recurrent theme in economic studies of a theoretical or applied nature. Yet if we look at the main run of economic theory over the past hundred years, we find that it is characterized by a strange lack of power considerations."

21. Strange, 1994: 36

22. DeLanda, 1996b

23. A outra solução apontada por DeLanda é a construção de modelos *bottom-up*: "Instead of the models of the past which began at the top assuming systematicity, assuming a totality of form and having certain properties,[...] we need to proceed in the opposite direction, to begin at the bottom and move up. For example, instead of creating a computer model of a market, an ecosystem, or a computer network by using a small set of mathematical functions that capture the behavior of an idealised whole, we need to create virtual environments in which we can unleash a population of virtual animals and plants, virtual buyers and sellers, or virtual clients and servers; let these creatures interact; and allow the self-organized whole to emerge spontaneously within this virtual environment. In this way the bottom up modelling strategy compensates for the weakness of the top down strategy. Emergent properties are the properties of the complex interactions between heterogeneous elements, but top down analysis dissects and separates these elements, and, therefore, breaks up the interactions and tries to add them back together. But, of course, when you break up the interaction and add them back together, all you are going to get is the properties that are the sum of the individual parts. What we want to get is something that is more than the sum of the individual parts, that is the synergetic surplus." (DeLanda, 1996a)

24. A Escola dos Annales é nome comumente dado a um grupo de historiadores estabelecidos em torno da revista acadêmica *Annales d'Histoire Economique et Sociale* e posteriormente da *VI Section of the Ecole pratique des hautes études, Sciences économiques et sociales* que teve imenso impacto na historiografia mundial durante o século XX. A escola buscava superar uma história baseada em uma seqüência de eventos pontuais por uma história total, que englobasse diferentes campos disciplinares.

livro ao qual dedicou quase 30 anos de sua vida, entre 1952 e 1979: *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII* (doravante CMEC), sua obra magna de mais de 1.600 páginas. CMEC que, em princípio, deveria simplesmente fazer um balanço dos estudos sobre a história econômica européia pré-industrial, tomou dimensões maiores: Braudel "ousou construir uma grande teoria da história, [...] uma leitura global do mundo, como ninguém ousava mais tentar desde Marx."<sup>25</sup> E no centro desta leitura está sua discussão sobre as características e a construção de posições que geram lucros excepcionais, numa visão que rompe com a teoria econômica que tem como marca distintiva os mercados competitivos perfeitos, mas, também, com as narrativas históricas dominantes que entendiam a história econômica européia entre 1100 e 1800<sup>26</sup> como a passagem gradual de uma ordem na qual o mercado não cumpria papel importante para uma nova realidade pautada pelo mercado e que ganharia seu impulso decisivo com a Revolução Industrial.

A essência da abordagem de Braudel deriva de uma observação das atividades econômicas concretas da época, na qual percebeu "homens, atos e mentalidades"<sup>27</sup> operando de formas distintas em 3 diferentes "camadas econômicas" durante estes 7 séculos. Uma destas camadas, que ele coloca num nível intermediário, é a economia de mercado. Ela compreende toda a atividade produtiva que está norteada pela troca, seja um agricultor que produz milho para venda no mercado de uma cidade ou um barqueiro que transporta pessoas entre duas vilas próximas. Todos estes atuam em espaços da vida econômica regidos pela lei da oferta e da procura, com um mecanismo de operação previsível e regular. Assim, se por algum acaso a colheita de milho na região é reduzida, os preços que o agricultor consegue no mercado serão maiores; se um novo barqueiro passa a trabalhar no transporte entre as vilas, o valor do frete se reduzirá. Assim, os lucros nesta camada estão sempre restritos pela concorrência e há inclusive uma certa monotonia dos fatos que permite um cálculo de lucros com razoável grau de confiabilidade. É esta camada que se tornou o objeto central de estudo dos economistas, desde seu início como ciência até hoje.

Contudo, a economia de mercado não ocupa todo o cenário - nem hoje e muito menos entre os séculos XII e XVIII. Abaixo dela, há uma espessa camada de atividades econômicas que apenas resvala o mundo das trocas. São atividades elementares, em geral encerradas há muito no tempo e no espaço, rotinas de produção voltadas para o auto-consumo, como uma dona de casa que tece uma camisa para seu marido ou que cria galinhas para seu próprio

---

25. Atali apud Daix, 1999: 545

26. Embora Braudel tenha explicitado no próprio título de seu livro que o período de tempo coberto seria entre os séculos XV e XVIII, ele recorrentemente em CMEC recua até o século XII.

27. Braudel, 2005b: 8.

consumo. Para ela, o preço da camisa no mercado ou da carne de frango pouco impacta sua atividade produtiva: assim, o mercado não influencia a sua atividade econômica, que é pautada pela tradição e pelo costume.<sup>28</sup> Embora esta camada, que Braudel denomina como civilização material,<sup>29</sup> seja extremamente significativa em termos de volume, pode-se dizer que ela é opaca: este tipo de atividade econômica gera pouquíssimos registros históricos e raramente é o foco de economistas e até de historiadores.

Se a economia de mercado é contraposta por baixo por uma economia de subsistência, Braudel identifica uma camada que se situa acima da economia de mercado, também opaca, mas por razões diferentes: ela é inacessível para a maioria e só é operada por meio de mecanismos intrincados e de acesso controlado. Nela, a lei da oferta e da procura é constantemente bloqueada e os constrangimentos provocados pela concorrência não se impõem pois a própria concorrência inexistente ou é contornada, cooptada ou conquistada. A mentalidade dos homens aí é de criar espaços de exclusividade e seus atos se dão no sentido da manipulação das tendências do mercado, pois

[eles] tem mil formas de trapacear no jogo a favor deles, pela manipulação do crédito, pelo jogo frutuoso das boas contra as más moedas, [... eles] tem a superioridade da informação, da inteligência, da cultura. [...] Quem duvidaria de que eles dispõem dos monopólios ou, simplesmente, têm o poderio necessário para, nove vezes em dez, apagar a concorrência?"<sup>30</sup>

Assim, Braudel contrasta a economia de mercado, transparente e lógica, com este limite superior e opaco, reino natural das grandes concentrações, dos monopólios, o espaço do contra-mercado.<sup>31</sup> Como nesta camada superior as forças de mercado são controladas, seus agentes podem desfrutar de lucros extraordinários, muito maiores do que os lucros normais que a economia de mercado pode oferecer. E o ponto-chave para criação destes espaços é o poder. Poder político, poder da informação exclusiva, poder de uma moeda forte, poder da abundância de crédito, ou seja, algum desnível, alguma desigualdade de condições que permita que a lógica de mercado seja curvada para o benefício de uma minoria. Assim, Braudel está convencido de que existem grupos de atividades econômicas de natureza distintas e

que as regras da economia de mercado que se encontram em certos níveis, tais como as descreve a economia clássica, atuam muito mais raramente sob seu aspecto de livre concorrência na zona superior,

---

28. A camada da economia de mercado, frente a esta camada de auto-suficiência, é uma ordem ao mesmo tempo libertadora e opressora. Opressora pois busca desalojar estas atividades elementares do ritmo quase inconsciente das rotinas, para uma lógica produtivista, pautada por uma lógica de custos, preços e competição. Mas também libertadora pois é um acesso a um outro mundo, uma abertura, já que uma economia de trocas coloca em contato mundos e realidades distantes.

29. Ou vida material.

30. Braudel, 1987: 39

31. *Contre-marché*, no original em francês. A tradução brasileira optou pelo termo anti-mercado. Neste trabalho, nas páginas 61 a 63, explica-se a opção pela tradução contra-mercado.

que é a dos cálculos e da especulação. Aí começa uma zona de sombra, de contraluz, de atividades de iniciados.<sup>32</sup>

Braudel não está sozinho nesta análise. Usando termos distintos, Lenin,<sup>33</sup> por exemplo, já colocava em lados opostos o que denominou imperialismo - um capitalismo monopolista que teria surgido no começo do século XX - e o capitalismo em sua forma anterior, baseado numa lógica concorrencial. Galbraith<sup>34</sup> também colocava de um lado o sistema de mercado - de competição acirrada e característico dos primórdios do capitalismo - com o sistema industrial, que teria se formado mais tarde concentrando o poder nas grandes empresas. Em seu mais recente livro diz que

o pequeno empresário, a pequena empresa de varejo de serviço, assim como a família de agricultores, são ainda exaltados no ensino de economia e na oratória política. Eles representam o sistema econômico clássico descrito nos livros didáticos dos séculos passados. Não são mais o mundo moderno, mas apenas confirmam uma tradição estimada. [...] No entanto, o domínio econômico e social do grande é algo aceito. A celebração política e social do pequeno estabelecimento e da agricultura familiar é uma tolerante e inocente forma de fraude. Tradição, romantismo: não é a realidade."<sup>35</sup>

Galbraith ainda avança e afirma numa direção que Braudel com certeza aprovaria: "Em geral não se menciona, no ensino da economia, o fato de que o mercado está sujeito a manipulações especializadas e abrangentes. Esta é a fraude."<sup>36</sup> Há, no entanto, uma especificidade em Braudel. Lenin e Galbraith enxergam o monopólio como força dominante somente a partir do século XX, mas não o historiador francês. Para ele, esta camada de jogos não competitivos e lucros superiores é uma marca recorrente da atividade econômica ao menos desde o século XII e é isso que busca mostrar em seu livro com uma abundância de dados históricos.

Desta forma, a distinção que Braudel faz entre estas 2 camadas, uma competitiva e outra de manipulação do mercado e o papel essencial do poder nesta separação, abre um enorme campo de diálogo com a questão dos lucros excepcionais, da acumulação acelerada de riquezas e as deficiências de muitas das teorias econômicas hoje dominantes. Mas há mais do que isso. Braudel possui uma diferença fundamental em relação à abordagem da maior parte da economia. Enquanto a última entende os lucros extraordinários como uma anomalia do sistema que precisa ser explicada, por outro Braudel enxerga nestes lucros anormais a essência do sistema: eles são perenes, existiram em todas as épocas ao menos desde o século XII - embora mudem de lugar - e apenas por meio deles ocorre a acumulação de capital em larga escala. O papel desta camada de lucros superiores não é secundário: pelo contrário, ela é

---

32. Braudel, 2005b: 8

33. Ver Braudel, 1987: 73.

34. Ver Braudel, 2005c: 584.

35. Galbraith, 2004: 41

36. Galbraith, 2004: 25



o que de mais distintivo existiu em termos econômicos neste sistema. É isso que leva Braudel a fazer uma opção que torna suas posições ainda mais surpreendentes para a economia: denominar de **capitalismo** esta camada superior, numa formulação que o coloca em oposição tanto a marxistas quanto liberais, para os quais a concorrência é a regra. A ousadia desta opção de Braudel fica ainda mais evidente se considerarmos o que Arrighi<sup>37</sup> disse a respeito das ciências sociais e em especial da economia no último século: que seu silêncio sobre o capitalismo crescera na mesma medida em que este se tornara o seu único assunto - a economia perdera assim a possibilidade de olhar o capitalismo de fora e analisá-lo como objeto de estudo criticamente. Braudel não compartilhou deste silêncio. Pelo contrário, fez sua voz ser ouvida e num tom muito diferente do que as poucas vozes correntes, embora tenha tido muito pouca interlocução no campo da economia.

A respeito desta polêmica posição, Braudel relata que após prolongada tentativa abdicou de evitar o uso da palavra capitalismo para designar esta zona de lucros superiores: era "colocá-la porta afora, e ela retornava pela janela. Havia uma atividade econômica que, mesmo na época pré-industrial, evocava irresistivelmente a palavra e não aceitava nenhuma outra.<sup>38</sup>" E mais:

[...] lançá-la (a palavra capitalismo) de supetão entre 1400 e 1800 não será cometer o mais grave pecado que pode cometer um historiador – o pecado do anacronismo? Na realidade, isso não me perturba muito. Os historiadores inventam palavras, rótulos para designar retrospectivamente seus problemas e seus períodos: a guerra dos Cem Anos, o Renascimento, o Humanismo, a Reforma... Para essa zona que não é a verdadeira economia de mercado, mas tantas vezes a sua franca contradição, eu precisava de uma palavra especial. E aquela que se apresentava de modo irresistível era mesmo capitalismo. Por que não se servir desta palavra evocadora de imagens, esquecendo todas as discussões acaloradas que ela levantou e ainda levanta?<sup>39</sup>

Tendo esta provocação em mente e considerando que Braudel trabalhou sobre um período que se estendia entre os séculos XII e XVIII e que sugeriu que sua estrutura de pensamento seguiria válida para os tempos atuais, sem no entanto realizar esta aproximação, chega-se ao objeto deste trabalho: avaliar as possibilidades e limites da estrutura desenvolvida por Braudel para compreender os processos de acumulação e concentração da riqueza no mundo contemporâneo, observando quais as características da vida econômica são iluminadas pela sua leitura de mundo. Além disso, pode-se considerar como um objetivo secundário deste trabalho avaliar a adequação da escolha de Braudel de denominar a camada superior como capitalismo, avaliando se a distinção entre economia de mercado e capitalismo, com a força discursiva que tem, sustenta-se em termos teóricos, especialmente quando se aproxima do

---

37. Arrighi, 2001: 117. Nesta reflexão, Arrighi aponta estar parafraseando Sombart, que foi o primeiro a introduzir o conceito de capitalismo nas ciências sociais.

38. Braudel, 2005b: 199

39. Braudel, 2005b: 8

mundo contemporâneo. Pretende-se ainda avaliar quais os ajustes seriam necessários neste esquema de Braudel para aproximá-lo das mais recentes décadas.

Para melhor esclarecer estes objetivos, é importante estabelecer seus limites. Este trabalho não pretende realizar uma comparação entre a abordagem de Braudel e a de outros estudos que visam explicar a formação das taxas de lucro nem comparar a definição que Braudel ofereceu para o termo capitalismo com a definição de outros autores - o trabalho limita-se a observar os elementos a respeito destes processos que a abordagem braudeliiana ilumina. Do mesmo modo, ao analisar o sistema financeiro e outros setores da economia, não pretende fazer uma análise exaustiva da dinâmica competitiva de cada um destes setores - em cada um deles há outros fatores atuando na constituição dos lucros como eficiência operacional, mas estes aspectos não serão abordados. Também não há neste trabalho uma abordagem quantitativa que busque validar estatisticamente as posições de Braudel. Ademais, embora o trabalho identificará os eixos principais necessários para uma atualização do esquema de Braudel que torne-o mais adequado para o mundo contemporâneo, este trabalho não completará na integridade este movimento, apontando apenas as trilhas a serem percorridas.

Assim, para cumprir seus objetivos e à luz das observações demarcadas e do debate aberto por CMEC, este trabalho fará um levantamento dos elementos teóricos e metodológicos mais importantes em Braudel para se olhar o presente. Completada esta etapa, empreenderá um exercício ao estilo braudeliiano - com base em relatos concretos e fatos estilizados - de análise da realidade econômica corrente, buscando compreender com base em Braudel a acumulação acelerada de riquezas nas últimas décadas sob um ângulo que a ciência econômica possui grande dificuldade em utilizar. O sistema financeiro será o alvo prioritário desta análise, porém diversos outros setores serão abordados como forma de observar as ideias de Braudel em diferentes áreas.

Tal análise que parte da essência do trabalho de Braudel para discutir o mundo contemporâneo não é frequente. Talbot<sup>40</sup>, por exemplo, o fez para a cadeia de café, englobando uma temporalidade que se inicia no século XVI mas que chega aos mais recentes dias. Arrighi<sup>41</sup>, partindo dos elementos mais importantes de Braudel, estruturou um novo modelo de análise por meio de seus ciclos sistêmicos de acumulação que também alcança o tempo recente. No entanto, embora sua análise seja eminentemente histórica, trabalha com uma lente mais macro do que a que Braudel utilizou. O trabalho original de Braudel

---

40. Talbot, 2011. Além da estrutura tripartite de Braudel, Talbot também utilizou o modelo de ciclos sistêmicos de Arrighi. Ver Arrighi, 1996

41. Arrighi, 1996. Embora a grande obra em 4 volumes de Wallerstein "The Modern World-System" não chegue às mais recentes décadas, ele também buscou fazer esta aproximação de Braudel com o mundo contemporâneo.

metodologicamente era distinto, pois discutia temas estruturais, de grande alcance, por meio de histórias e relatos observados de muito perto, com a descrição de atividades econômicas concretas. Esta abordagem sem dúvida possui o desafio de garantir o alinhamento simultâneo entre uma lente macro e uma micro, porém é potente ao tornar bastante concretos os jogos apresentados. Neste trabalho e diferentemente de como procedeu Arrighi, procurou-se estruturar esta aproximação ao mundo contemporâneo da mesma forma que Braudel o fez.

Para realizar este movimento, o trabalho está dividido em 3 capítulos. O primeiro deles consiste em revisitar CMEC, a grande obra de Braudel. Um livro tão extenso pode ser abordado por várias frentes - Kinser,<sup>42</sup> que era bastante crítico ao livro, reconhecia que CMEC poderia ser a porta de entrada para uma galáxia de temas fascinantes: aqui, se limitará a destacar os elementos mais relevantes a respeito desta distinção entre economia de mercado e capitalismo e os elementos metodológicos essenciais para que esta distinção fosse construída. Já existe um grande número de resenhas e críticas escritas sobre CMEC,<sup>43</sup> porém estas publicações - como em realidade cabe a uma resenha - acabam por fazer um balanço geral da obra. Aqui se pretende algo distinto: construir uma porta de entrada para esta discussão a respeito da oposição entre economia de mercado e capitalismo que contenha os relatos e histórias originais mais significativos da obra, e não apenas uma apresentação teórica de seus conceitos. Assim, além de servir de sustentação para o restante deste trabalho, este primeiro capítulo pode constituir uma apresentação do que Braudel escreveu para um economista ou cientista social interessado em suas idéias sem que seja necessário atravessar as 16 centenas de páginas do original; por mais que Braudel fosse um escritor talentoso,<sup>44</sup> a extensão de sua obra é um fator que provavelmente reduziu sua penetração entre os economistas.

O segundo capítulo buscará extrair a essência da abordagem braudeliana por meio de um debate de suas ideias centrais envolvendo críticos e seguidores. Embora existam publicações que façam a avaliação do que seriam os pilares do seu pensamento,<sup>45</sup> este capítulo pretende ampliar o número de vozes incluídas na conversa, intensificar o debate entre elas e oferecer um resultado mais estruturado para esta discussão. Assim, serão obtidas posturas metodológicas - formas de olhar a economia mundial adotadas por Braudel - que se mostram frutíferas para pensar o mundo contemporâneo e também recorrências históricas, ou seja,

---

42. Kinser, 1981: 676

43. Ver, por exemplo, Cameron, 1978; Kinser, 1981; Tilly, 1981; Vries, 1979

44. Em 1984 chegou inclusive a ser eleito para a Academia Francesa. (McNeill, 2001: 145)

45. Além das já citadas resenhas (ver nota de rodapé 43), é válido mencionar as avaliações mais teóricas realizadas por Amin e Luckin, 1996; Arrighi, 2001; Caillé, 1989; Fourquet, 1989; Howard, 1985; Lai, 2004; Morineau, 1989; Özveren, 2005; Wallerstein, 2006.

padrões de acontecimentos que parecem se repetir entre os séculos XII e XVIII e que são as marcas distintivas do processo de acumulação de riquezas neste período.

Por fim, no terceiro capítulo e como forma de responder às perguntas que se propõe neste trabalho, as recorrências históricas identificadas no capítulo 2 - e iluminadas pelas posturas metodológicas ali também definidas - serão trazidas para o mundo contemporâneo. Para isso, este capítulo se estrutura em duas seções: a primeira aborda a questão dos lucros excepcionais no setor financeiro, utilizando as operações por trás da crise de 2007/2008 como porta de entrada para se analisar o setor de forma estrutural, enquanto a segunda seção aborda diversos outros setores econômicos sob a lente de Braudel. Assim, ao romper a barreira do século XVIII, se poderá observar quais os elementos a respeito dos processos mais recentes de acumulação de riqueza são iluminados pela abordagem braudeliana.

## CAPÍTULO 1 - APRESENTANDO BRAUDEL

Quando Braudel começou a escrever CMEC, já era um historiador acadêmico respeitado. Havia publicado como livro a sua tese de doutorado sobre o espaço em torno do Mar Mediterrâneo,<sup>46</sup> obra inovadora no campo da história, e construída segundo a visão de história total tão marcante da Escola dos Annales. Obcecado pela descrição, carregando uma inesgotável coleção de narrativas e exemplos, e adepto de um método de comparação sistemática das diferentes civilizações pelo tempo e atento aos rastros da geografia numa história profunda, Braudel fez de CMEC a obra em que consolidou e aplicou com maior fôlego o método que já vinha desenvolvendo.

Sua grande marca, e pela qual costuma ser lembrado no campo da história, é sua inovadora conceituação do tempo que tanto defendeu já antes desta obra.<sup>47</sup> A respeito do tempo, Braudel dizia:

Vivemos no tempo curto, o tempo de nossa própria vida, o tempo dos jornais, do rádio, dos acontecimentos, como na companhia dos homens importantes que mandam no jogo, ou pensam mandar. É o tempo, no dia-a-dia, de nossa vida que se precipita, se apressa, como que para se consumir depressa e de uma vez por todas, à medida que envelhecemos. Na verdade, é apenas a superfície do tempo presente, as ondas ou as tempestades do mar.<sup>48</sup>

Braudel se refere assim ao tempo presente, ao curto prazo e seus eventos, como ondas do mar: fáceis de serem vistas mas que não revelam a estrutura mais profunda das correntes que correm por baixo da superfície e são muito mais relevantes na definição do movimento das águas. Assim, Braudel conduz uma pluralização do tempo histórico, em ao menos 3 níveis. Além deste primeiro estágio - o tempo dos acontecimentos, domínio do cronista e do jornalista, instantâneo - há um tempo conjuntural, em geral de décadas, que segue um ritmo mais lento, mas ainda não tão revelador como o longo prazo, a *longue durée*, que constitui o tempo dos séculos. Só aí se revelam as estruturas de longa formação e que se movimentam apenas lentamente, e que com seu peso admirável impõe ao presente se não uma imobilidade, ao menos constâncias, regularidades e resistências que exigirão amplas forças - e tempo - para que se transformem. Para Braudel, a compreensão da história dos homens requer o olhar atento a estas estruturas que se impõe e dão forma ao presente.

---

46. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Felipe II, no qual ao invés de escrever um estudo diplomático de Felipe II, inverte a ordem de seu livro partindo da geografia do Mediterrâneo e suas determinações históricas na longa duração para ao final chegar em Felipe II, sujeito do curto prazo.

47. Em 1958 Braudel publicara o artigo História e ciências sociais: A longa duração, com uma defesa do seu conceito de tempo histórico. No entanto, as ideias já estavam em sua já mencionada tese de doutoramento e posterior livro de 1949 O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Felipe II.

48. Braudel apud Moraes, 347

A ideia da longa duração, mais do que um instrumento metodológico explícito de Braudel, é um ângulo de visão que quase naturalmente Braudel adota. E forma o pano de fundo sobre o qual Braudel pensa a história econômica da Europa: quando cria seu esquema tripartido - civilização material, economia de mercado e capitalismo - esta olhando para a longa duração da vida econômica européia e enxergando sistematicamente através dos tempos esta divisão de atividades em 3 camadas como uma constante. As atividades em si podem mudar, mas de forma recorrente se vê uma grande maioria afundada numa vida material, a ordem da economia de mercado constantemente expandindo-se, obrigando mais e mais homens a entrarem numa lógica de mercado, mas sem a força suficiente para impor a todos os seus destinos e pairando acima da economia de mercado uma camada de atividades capitalistas livre dos infortúnios da concorrência para gerar os grandes lucros.

Braudel não era adepto de avançar conclusões rapidamente. Em relação ao seu sistema tripartido,<sup>49</sup> chega a afirmar que não aceitou logo e sem hesitação essa maneira de ver, e que numa obra que fora composta "à margem da teoria, de todas as teorias"<sup>50</sup> os elementos de observação se ordenaram por si neste esquema.<sup>51</sup> Como apontam Tilly<sup>52</sup> e Morineau,<sup>53</sup> é bastante frequente em sua obra o apontamento de uma ideia seguido de um erudito balanço de apoios e críticas, que muitas vezes culmina em um "*não avancemos...*" ou "*não estamos tão certos disso*". Esta prudência só torna mais forte o fato de Braudel ter adotado este sistema tripartido como referência central de sua obra, em especial no que diz respeito à distinção entre economia de mercado e a zona que se encontra acima desta, com seus lucros exorbitantes em função do bloqueio da concorrência.

Este esquema tripartido estruturou-se em um livro de 3 volumes.<sup>54</sup> O primeiro deles foi publicado em 1967 e os demais saíram juntos, numa obra completa e revista com os 3 volumes, em 1979. Três anos antes da publicação definitiva, em 1976, Braudel proferiu uma série de palestras na John Hopkins University na qual apresentou as ideias centrais da obra de

---

49. As distinções nesta casa de 3 andares são tão fortes segundo Amin e Luckin, que a própria academia acabou por dividir seu objeto de análise desta mesma forma e diz: "Sem entrar em caricaturas, pode-se dizer que os sociólogos estudam a base, os economistas o nível intermediário e os cientistas políticos e os historiadores o nível superior", fazendo a ressalva de que o poder da análise dos grandes pensadores da sociedade foi justamente integrar estas clivagens artificiais. (Amin e Luckin, 1996: 222)

50. Braudel, 2005a: 13

51. Braudel, 2005a: 12-13

52. Tilly, 1984

53. Morineau, 1989: 38

54. Braudel dizia que seu livro começara como uma investigação amistosamente imposta por Lucien Febvre (Historiador francês e co-fundador da Escola dos Annales), como parte de uma coleção de história geral por este organizada chamada *Destins du Monde* e que posteriormente foi assumida por Braudel em razão do falecimento de Febvre. Originalmente, Febvre planejava escrever um livro com foco nos pensamentos e crenças do Ocidente entre os séculos XV e XVIII. Esta obra que iria compor um excelente diálogo com o trabalho de Braudel, jamais foi publicado, o que o próprio Braudel explicitamente lamenta (Braudel, 1987: 7).

forma resumida, palestras que foram publicadas em forma de livro com o título "Dinâmica do Capitalismo".<sup>55</sup> São estes materiais que constituem o insumo básico sobre o qual este capítulo se estruturou, cabendo a cada um dos 3 volumes uma seção correspondente.

O primeiro dos volumes, *As Estruturas do Cotidiano*, "é uma espécie de 'pesagem do mundo', [...] o reconhecimento dos limites do possível no mundo da pré-indústria."<sup>56</sup> Assim, Braudel avalia as condições materiais básicas da sociedade nesta época, que determinam as possibilidades de desenvolvimento econômico e assim aborda o funcionamento da primeira camada, a civilização material. No segundo volume, "O Jogo das Trocas", é quando Braudel de fato coloca economia de mercado e capitalismo frente a frente, e tenta distingui-las descrevendo uma série de operações econômicas da época, sem se importar com o encadeamento temporal das atividades. Por fim, no terceiro e último volume "O Tempo do Mundo", Braudel busca reconstruir a história entre os séculos XII e XVIII agora de forma cronológica, utilizando todas as estruturas e elementos por ele desenvolvidos durante os 2 volumes anteriores.

Neste capítulo, se buscará ser fiel ao método de escrita de Braudel - avesso à teorizações e repleto de descrições. É um desafio fazê-lo em menos de 25 páginas quando o original é 60 vezes mais longo, mas é importante seguir tal método: como argumentado no Capítulo 2, esta é uma das lições que a obra de Braudel impõe. Mas é preciso iniciar pela base - pelo primeiro volume - a reconstrução da obra de Braudel para se avançar nesta contraposição entre economia de mercado e a zona dos grandes lucros, o capitalismo e é assim que aqui se procede.

## **1.1 Volume 1 - As Estruturas do Cotidiano**

Refazer a trilha de Braudel em CMEC implica um longo trabalho de base antes de chegar à distinção entre economia de mercado e capitalismo. Braudel só procura explicitar estas diferenças a partir da metade do segundo volume, mais de 700 páginas depois. Isto porque entende ser fundamental tornar vivas as condições materiais, as rotinas, os costumes e os hábitos dos homens naquela época, apresentando assim os limites e possibilidades da sociedade. O foco, por enquanto, não é sua cúpula, de mudanças e grandes jogos, mas sua base, o cotidiano da gente que pouco muda, uma vida material em que "semeia-se o trigo

---

55. Braudel, 1987.

56. Braudel, 2005a: 13

como sempre se semeou; [...] navega-se no Mar Vermelho como sempre se navegou..."<sup>57</sup>. Este movimento é importante pois a economia não está isolada e o seu território é o mesmo onde o cultural, o social e o político trafegam. Ignorar estas realidades e saltar diretamente para o campo do mercado é ignorar as bases que tornam esta economia possível.

O método braudeliano, voltado para o longo prazo, exige um olhar capaz de encontrar relatos costumeiros que mostrem a força dos hábitos mas também o trabalho incessante com grandes números e contabilidades. Só assim se pode comparar diferentes sociedades e diferentes tempos. Por isso, seu ponto de partida são as grandes massas populacionais, que flutuam nos ritmos das doenças, das boas ou das más colheitas, revelando ainda a fragilidade da civilização naquela época frente a uma natureza que se impõe. Em seguida, apresenta os hábitos alimentares, as bebidas, os pequenos luxos à mesa, as moradias e vestimentas destes séculos. Sua preocupação é dar vida ao cotidiano, "aos fatos miúdos que quase não deixam marca no tempo e no espaço"<sup>58</sup> mas que em verdade são os relatos que revelam de uma sociedade para outra suas marcas e disparidades, nem sempre superficiais, além de conformarem as bases sobre as quais uma vida econômica mais ativa e o capitalismo poderão se estabelecer. Este pequeno relato apresentado a seguir é um ótimo exemplo do método comparativo de Braudel, que pinça uma simples observação de um viajante para fazer um provocante balanço entre sociedades e ao longo do tempo:

Vejo um traje japonês do século XV, encontro um semelhante no século XVIII, e um espanhol conta sua conversa com um dignatário nipônico, admirado e até chocado de ver os europeus, com apenas alguns anos de intervalo, usando roupas tão diferentes. A loucura da moda é estritamente européia. Será fútil?<sup>59</sup>

Observe-se que são os costumes de duas sociedades colocadas em choque, que exigiram um olhar atento às constâncias para que a ruptura seja identificada. A pergunta ao final, "Será fútil?", também é característica de Braudel. Ela não explica as conclusões todas que podem ser tiradas da observação, mas ao mesmo tempo revela que há algo ali que merece um olhar mais que atento.

Repleto de relatos como esse, seu balanço da vida material passará ainda pelas fontes de energia,<sup>60</sup> pelas grandes mudanças técnicas da época<sup>61</sup> e um balanço sobre a persistente lentidão dos transportes, que constitui um limite à economia.<sup>62</sup> Em seguida, Braudel prepara-

---

57. Braudel, 2005a: 16

58. Braudel, 2005a: 17

59. Braudel, 2005a: 17

60. Ao final do século XVIII a lenha é apenas a terceira fonte energética, abaixo da força humana e suas ferramentas e menos da metade do potencial energético dos 14 milhões de cavalos na Europa

61. Na opinião de Braudel a artilharia, a imprensa e a navegação de alto-mar

62. Aqui Braudel cita Paul Valéry para ilustrar este ponto: "Napoleão desloca-se à mesma velocidade de Júlio César." (Valéry apud Braudel. 2005a: 391)



se para uma ruptura pois irá introduzir dois elementos, a moeda e a cidade, que já constituem uma passagem direta para o mundo da economia de mercado. Porém, antes deste avanço, é importante marcar o significado desta vida material, leito sobre o qual se ergue o mercado e também o capitalismo. Este é o reino do

hábito – melhor, [d]a rotina – mil gestos que florescem, se concluem por si mesmos e em face dos quais ninguém tem que tomar uma decisão, que se passam, na verdade, fora de nossa plena consciência. Creio que a humanidade está pela metade enterrada no cotidiano. Inumeráveis gestos herdados, acumulados a esmo, repetidos infinitamente até chegarem a nós, ajudam-nos a viver, aprisionam-nos, decidem por nós ao longo da existência. São incitações, pulsões, modelos, modos ou obrigações de agir que, por vezes, e mais freqüentemente do que se supõe, remontam ao mais remoto fundo dos tempos. Muito antigo e sempre vivo, um passado multissecular desemboca no tempo presente como o Amazonas projeta no Atlântico a massa enorme de suas águas agitadas. Foi tudo isso que tentei captar sob o nome cômico – mas inexato, como todas as palavras de significação excessivamente ampla – de vida material.<sup>63</sup>

Não que as moedas e as cidades também não se formem e estejam presas neste passado que se projeta, mas ambas já constituem mecanismos - no caso da moeda - e protagonistas - quando se fala das cidades - deste salto rumo ao mercado e ao capitalismo. A respeito das moedas, Braudel as apresenta em suas diversas formas: metal, moedas de conta, de papel e crédito, mas será mais frutífero vê-las em ação em breve, na mão dos capitalistas. Aí sua natureza aparecerá. Quanto às cidades, Braudel não tem dúvidas: são "corte, ruptura, destino do mundo, [...] transformadores elétricos [que] aumentam as tensões, precipitam as trocas".<sup>64</sup> Assim, as cidades são os agentes centrais na inserção do mundo na lógica de mercado, e também do capitalismo.<sup>65</sup> As cidades são fruto da mais primária e revolucionária divisão de trabalho do mundo, a que se dá entre campo e atividades urbanas. Porém, as divisões de trabalho em Braudel quase nunca são neutras e justas. Embora existam interdependências<sup>66</sup>, há sempre um jogo de forças, em que um dos lados - neste caso a rede urbana - tem o domínio, a capacidade de comando. Desta forma, em Braudel as cidades européias são os

---

63. Braudel, 1987: 9

64. Braudel, 2005a: 439

65. Braudel relembra os diversos estudos que identificam nas cidades européias uma liberdade sem par no mundo. Com esta liberdade, puderam na Europa talhar a formação dos estados territoriais, não estando sob as mesmas amarras imperiais marcantes da maior parte da Ásia e assim controlaram os destinos dos impostos, das finanças, do crédito e dos empréstimos públicos. Braudel diz: "Com efeito, o milagre, no Ocidente, não está exatamente em que, tendo sido tudo destruído, ou quase, com o desastre do século V, tudo tenha ressurgido a partir do século XI? A história está cheia destas idas e vindas seculares, destas expansões, nascimentos ou renascimentos urbanos: a Grécia do século V ao século II antes de Cristo, Roma, se se quiser, o Islã a partir do século IX, a China dos Song. Mas houve sempre, nestas ascensões, dois corredores, o Estado e a Cidade. Habitualmente, ganha o Estado, a Cidade fica então submetida e sob um punho de ferro. O milagre, nos primeiros grandes séculos urbanos na Europa, é a cidade ter ganho plenamente, pelo menos na Itália, na Flandres e na Alemanha. Durante bastante tempo fez a experiência de levar uma vida plena, colossal acontecimento cuja gênese não se apreende com segurança. Todavia, são visíveis enormes conseqüências." (Braudel, 2005a: 468) Ainda sobre as cidades, Braudel faz uma provocação que destaca o papel transformador e capitalista das elites econômicas das cidades: "Se, em imaginação, suprimíssemos os Estados atuais, assim que as câmaras de comércio das grandes cidades ficassem livres para jogar à sua vontade, veríamos coisas inusitadas!" (Braudel, 2005a: 467)

66. Braudel prefere o termo "reciprocidade das perspectivas"

agentes centrais que lideram a reorganização e a expansão da vida econômica, assumindo as tarefas que lhe interessam e delegando as secundárias aos campos, organizadas porém segundo os seus interesses. Percorrendo diversas cidades do mundo, como Nápoles, São Petersburgo, Pequim e Londres, Braudel encontrará outra divisão do trabalho, também hierárquica: a das grandes cidades e as que gravitam em sua órbita. Ao redor de cada grande cidade, há um arquipélago de outras menores geometricamente distribuídas em função dos tempos dos transportes e aquela que está ao centro comanda, lidera, em larga medida dita os destinos e as escolhas das cidades periféricas. Mais uma divisão de trabalho, e mais uma vez, não é uma divisão justa ou equilibrada: "Poderíamos multiplicar as viagens [pelas capitais do mundo] sem nada alterar nas conclusões: o luxo das capitais pesa sempre nas costas dos outros. Nenhuma pode viver do seu próprio trabalho."<sup>67</sup>

## **1.2 Volume 2 - Os Jogos das Trocas**

Antes de se aprofundar na distinção entre economia de mercado e capitalismo, Braudel produz no início do segundo volume uma tipologia dos instrumentos de troca, passando por múltiplos espaços geográficos e do tempo. Para isso, apresenta os pequenos mercados locais, onde se faz o abastecimento das cidades, as lojas, que tornam perene o ponto de encontro para trocas que antes era eventual, as feiras, que congregam o comércio mais distante e as bolsas, enxergadas como o limite superior deste jogos. Nesta viagem, fica evidente sua visão de que as trocas e seu processo de intensificação são como uma evolução natural das sociedades humanas, um desenvolvimento quase automático a medida que a produção se intensifica e que a sociedade ganha um certo volume. A grande parte destes instrumentos de troca, com larga semelhança, estão em todas as civilizações.

Aqui, porém, uma distinção essencial faz-se necessária. Braudel diz que os economistas enxergam que o "crescimento [...] do mundo seria o de uma economia de mercado que não parou de ampliar seu terreno, prendendo na sua ordem racional cada vez mais homens, cada vez mais tráficos próximos e distantes que tendem a criar, para todos eles, uma unidade do mundo".<sup>68</sup> Nesta perspectiva, a história do século XII em diante seria a própria história da expansão do mercado auto-regulador, que de forma crescente integra à sua ordem racional um número cada vez maior de áreas e sociedades, afirmando-se especialmente a partir da

---

67. Braudel, 2005a: 494

68. Braudel, 2005b: 192

Revolução Industrial. No entanto, a palavra mercado não tem a mesma conotação para a maioria dos economistas e para Braudel. Os economistas tendem a ver o mercado como uma entidade abstrata,<sup>69</sup> independente de outros fenômenos sociais e portadora de uma lógica própria em que procura e oferta determinam preços que por si definem os processos econômicos: este é o mercado auto-regulador. Para Braudel, este mercado só pode ser uma criação da mente. O mercado "histórico", ou seja, material, aquele que de fato existe e existiu, não aceita este isolamento dos fatores econômicos dos fatores sociais. Constantemente há influências de outras origens na formação do preço e no estabelecimento dos movimentos produtivos e comerciais, influências dos costumes e tradições, do poder do dinheiro e do crédito, do Estado e dos capitalistas. Assim, o resultado do mercado é dependente não apenas da demanda e da oferta e das condições de produção e de consumo, mas também de relações de poder.

Para ilustrar esta questão, Braudel cita um exemplo: no circuito comercial entre Espanha e o Novo Mundo que se estabelece após 1550 há demanda nas Américas por diversos produtos ofertados pelos europeus - mercúrio, cobre, tecidos, azeite etc - assim como a oferta de prata americana é demandada na Europa. Monta-se assim um circuito comercial justo e equilibrado pelas forças da oferta e da demanda? Apenas se nos esquecermos das relações de poder aí presentes. A corte espanhola recolhe um quinto dos lucros nas operações de ida e volta e estima-se que a cada 5 anos partiam 40 milhões (de libras tornesas) de mercadorias da Espanha, enquanto retornavam 150 milhões em metais preciosos e outros produtos. Desnível natural ou criado pelas assimetrias de poder? Neste contexto, a provocação de Braudel não poderia ser mais contundente: "Quando há uma relação de forças como esta, que significam exatamente os termos procura e oferta?"<sup>70</sup>

E estes desníveis de força não precisam necessariamente forjar-se no Estado. Há outros atores, como vemos neste outro pequeno exemplo: no porto de Dunquerque no início do século XVIII, os barcos atracados que trazem cereais só podem vendê-los em grandes volumes - é o que diz a tradição do lugar. Assim, apenas os grandes negociantes da cidade podem comprá-los. Dali a algumas centenas de metros, todos podem comprar em volumes

---

69. Braudel atribui esta posição à Adam Smith e seus seguidores: "o mercado, que não é dirigido por ninguém, é o mecanismo motor de toda a economia" (Braudel, 2005b: 192)

70. Braudel, 2005b: 149. Tal ponto fica mais evidente, ao se observar que esta não é uma troca baseada numa "demanda natural": a adoção do extrativismo mineral na América é uma imposição européia, não uma livre escolha feita na América. Do mesmo modo, boa parte da demanda americana advém de costumes e hábitos impostos pelos europeus com sua colonização. O que vemos em cena é uma relação de forças que reorganiza os arranjos produtivos em função dos interesses do mais forte.

menores - mas com um lucro de 40% para os mercadores!<sup>71</sup> Assim, na relação entre os barqueiros transportadores de cereais e os grandes mercadores, haverá sim o diálogo de oferta e demanda para definir os preços, do mesmo modo que no próximo elo da cadeia entre os grandes negociantes e o público em geral oferta e demanda poderão dialogar para encontrar o preço. Mas neste momento a hierarquia que assegura a alguns lucros superiores já está estabelecida e em ação. Tal hierarquia é mantida pela força da tradição, pelo poder de compra dos que dispõem de grandes créditos e - não se deve duvidar - pela força das armas se for necessário assegurar que este privilégio se mantenha. Assim, novamente se pergunta: o que de fato nos revelam a oferta e a procura se as relações de força muitas vezes operam por trás ou às margens deste diálogo?

Desta forma, Braudel conclui que

é demasiado fácil batizar de econômica uma forma de troca e de social uma outra. Na realidade, todas as formas são econômicas, todas são sociais. [...] A troca é sempre um diálogo e, de vez em quando, o preço é imprevisível. Sofre certas pressões (a do príncipe, ou da cidade, ou do capitalista, etc.), mas também obedece forçosamente aos imperativos da oferta, rara ou abundante, e não menos da procura.<sup>72</sup>

É a partir deste momento, e mantendo o olhar nestas pressões que jogam com os preços e suprimem o diálogo natural da oferta e da demanda para beneficiar alguns, que Braudel passa a procurar e percorrer a trilha do capitalismo.

Para realizar esta busca, é necessário primeiro compreender que, para Braudel, os capitalistas são essencialmente atores com uma atuação conjuntural, ou seja, se movem de setor para setor ao sabor das circunstâncias e da possibilidade de se aplicar as forças que geram um lucro superior.<sup>73</sup> Entre os séculos XII e XVIII, os capitalistas concentram-se eminentemente nas operações mercantis e financeiras e mesmo nestas esferas continuamente mudam suas posições a medida em que encontram espaços mais rentáveis. Agricultura, mineração e produção são ocupadas apenas eventualmente, e em geral por agentes da esfera da circulação que percebem que controlar determinado elo da produção lhes dará a vantagem que precisam na etapa seguinte.

As minas, por exemplo, foram objeto de tentativas de monopolização no século XV, como os Fugger tentaram fazer com o cobre e os H $\ddot{o}$ chstetter com o mercúrio,<sup>74</sup> mas o montante de capital necessário para tamanha expedição e o próprio retorno decrescente das minas

---

71. Braudel, 2005b: 366

72. Braudel, 2005b: 195

73. O capitalismo - no sentido do terceiro andar do edifício tripartite de divisão da economia concebido por Braudel - é perene, porém os ativos específicos detidos por aqueles que operam nesta camada, são conjunturais, ou seja, mudam a medida que os grandes lucros a cada momento podem ser obtidos em uma ou outra atividade ou área da vida econômica. Mais adiante nesta seção e também no capítulo 2, discute-se porque apenas alguns agentes conseguem operar nesta camada superior - o capitalismo - com a flexibilidade para a constante mudança de posições.

74. Braudel, 2005b: 281

impossibilitou que este movimento se completasse. Restou a estes agentes buscar exclusividade na distribuição destes produtos. Na produção, desde o século XIII adota-se com cada vez mais intensidade o *Verlagssystem*<sup>75</sup> em que é o mercador que encomenda um trabalho ao artesão, adiantando a matéria-prima e parte do salário e este produzirá em casa, muitas vezes com o apoio da família. O que isto possibilita ao mercador é eliminar um mercado público de produtos e até de trabalho - uma vez que o artesão está preso em suas teias de crédito adiantado, sob a forma de salário e matérias-primas, ele tem a mão forte para definir preços e vantagens. Parece uma mudança simples, mas deve-se observar que agora o camponês ou cidadão produtor não vai mais ao mercado, onde tinha referências mais amplas de preço e podia encontrar outros compradores de seu trabalho; agora o seu mercado é aquilo que o mercador que lhe oferece crédito determina. Além do *Verlagssystem*, o acabamento em geral era feito num espaço do mercador, e assim necessariamente o produto estava em suas mãos para a etapa realmente lucrativa: a comercialização. Outro exemplo interessante surge quando Braudel analisa os engenhos de açúcar em diferentes pontos da América: lucros bastante contidos e não superiores a 10%. No entanto, os negociantes europeus que decidem o melhor momento para aportar no Novo Mundo para comprar o açúcar em baixa e vender os produtos europeus que já se esgotaram, desfrutam de muito melhor sorte - e melhores lucros, especialmente se em algum momento o dono do engenho tem de recorrer a seus empréstimos, ficando então sob seu controle financeiro. Assim, quando examina a riqueza de diversas famílias fazendeiras na Jamaica do século XVIII as únicas que prosperam são as que, além do engenho, agem como banqueiros de seus compatriotas e que por meio de laços familiares encontram-se também em Londres operando a parte comercial do negócio. Em suma, o balanço de Braudel aponta que entre os séculos XV e XVIII mal se encontra capitalistas na esfera da produção e sua casa está na circulação.

Desta forma, nesta época de informações lentas e escassas, o comércio de longa distância será o *locus* preferencial do capitalismo. Esta troca de mundos longínquos coloca em contato dois mercados afastados entre si, para os quais os grandes capitalistas são o único elo de ligação. Esta zona de desinformação sobre as demandas e ofertas cria as condições necessárias para o sobrelucro e seriam necessários muitos capitalistas, competindo de fato entre si para que estes lucros desaparecessem, fato que raramente ocorre.

Mas os capitalistas não dominam toda a esfera da circulação. Mais freqüentemente do que o contrário, eles descartam certas atividades e permitem que um mercado verdadeiramente

---

75. Expressão cunhada pelos historiadores alemães, normalmente traduzida em português como sistema doméstico ou mesmo *putting-out system*, derivado da tradução inglesa

competitivo tome conta delas, e aí a pressão da concorrência reduz os preços de modo a ampliar a rentabilidade daqueles que usufruem do produto destas atividades. Braudel também nota que naturalmente a intensificação das trocas vai determinando uma especialização das funções e atividades, primeiramente na base da economia. Assim, as lojas especializam-se e também os profissionais. Curiosamente, no entanto, aqueles que atingem o topo fazem exatamente o oposto: raramente se especializam, reservando-se o direito de poder escolher e migrar de atividades conforme a conjuntura.<sup>76</sup> Os mercadores não foram iguais em nenhuma sociedade, e as distinções estão inclusive na linguagem. Na Itália, temos, de um lado, o grande importador e exportador - o *negoziante* - e, do outro, o *mercante a taglio* - lojista de pequenas trocas; na Inglaterra se contrapõem o *tradesman* e o *merchant*. Na Alemanha, o *Krämer* e o *Kaufherr*, e mesmo no Islã o grande negociante é o *Tayir* e o pequeno lojista, o *Hawanti*<sup>77</sup>: E assim registra Braudel: "Não se trata de meras palavras, mas de diferenças sociais manifestas de que os homens sofrem ou se envaidecem. No vértice da pirâmide, está o orgulho daqueles que, *nec plus ultra*, entendem de câmbio"<sup>78</sup>. Há assim uma hierarquia mercantil e é dessa posição privilegiada que o capitalista pode usar seu maior trunfo: a possibilidade de escolher, entre as muitas tarefas, aquelas nas quais seu jogo de poder poderá ser exercido e os lucros excepcionais obtidos.

Os exemplos deste ecletismo são múltiplos. A firma milanesa dos Greppi no século XVIII, originalmente um banco, atua com sal e tabaco na Lombárdia, mercúrio em Viena, cobre sueco, tecidos e sedas na Itália, além do uso intenso dos instrumentos de câmbio e até contrabando de prata, sem entrar nunca na produção. Ou os Trip, na Amsterdã do século XVII, remoldando continuamente sua atuação entre o comércio de armas, de alcatrão, de cobre, de salitre, operando navios, fazendo adiantamentos, numa malha comercial que atinge as Américas e a África.<sup>79</sup> Outro exemplo desta atenção dos capitalistas às mudanças de conjuntura que podem provocar uma mudança de setor se dá no comércio de cereais. Seu caráter previsível e regular cria múltiplas conexões entre oferta e demanda, que regulam com eficiência os lucros e os capitalistas se mantêm afastados deste setor. Porém, assim que se inicia uma crise de desabastecimento, como no Mediterrâneo em 1591, vários negociantes não

---

76. Na verdade, a única especialização que apresentam é no manejo do dinheiro - ao reter a riqueza em sua forma mais líquida, ganham uma maior liberdade de movimentação.

77. Braudel, 2005b: 331

78. Braudel, 2005b: 332

79. Braudel, 2005b: 335

especializados no comércio de cereais entram neste circuito para garantir lucros que podem ter chegado a 300%.<sup>80</sup> Desta forma,

o capitalismo<sup>81</sup> não aceita todas as possibilidades de investimento e de progresso que a vida econômica lhe propõe. Vigia constantemente a conjuntura para nela intervir segundo certas direções preferenciais - o que equivale dizer que *sabe e pode* escolher o campo de sua ação. Ora, mais do que a própria escolha - que varia incessantemente, de conjuntura e, conjuntura, de século para século -, é o próprio fato de ter os meios de criar uma estratégia e os meios de modificá-la que define a superioridade capitalista.<sup>82</sup>

Esta superioridade do capitalista é exercida por meio de uma série de armas e conhecê-las nos ajuda a tomar contato com estes agentes. A primeira destas armas é a superioridade de informação. Em uma carta reproduzida por Braudel, dois mercadores sócios num negócio com índigo em 1977 escrevem em uma correspondência: "recorde-se de que se o negócio se espalha estamos f... Acontecerá com esse artigo o que aconteceu com muitos outros: assim que há concorrência, acaba-se a água para beber".<sup>83</sup> Para ter esta informação privilegiada, é preciso ter recursos para comprá-la, ou sócios espalhados pelos pontos críticos de uma cadeia de comércio ou simplesmente usar de uma posição social privilegiada para acessar certos espaços. Isto fica evidente em outra cena destacada por Braudel<sup>84</sup> e que se passa em um café em Amsterdã em 1688, próximo à Bolsa. Ali entra um mercador e alguns dos clientes lhe perguntam a quanto estavam sendo vendidas certas ações. O mercador supervaloriza os preços e, vendendo-as mais caras, realiza seu lucro. Como é possível? Naquela época não havia uma cotação pública de preços e o reduto da bolsa, embora ficasse ao lado deste café, era restrito aos que tinham o status e recursos para frequentá-la. Assim, a simples posição social dá acesso à possibilidades que não são abertas a todos.

Outra tática capitalista é fugir dos mercados públicos, onde a força da concorrência ou a própria regulamentação governamental controla os preços<sup>85</sup> e passa a operar em mercados privados, nos quais os capitalistas tem liberdade não só para agir, mas também para ditar as

---

80. Braudel, 2005b: 357

81. Este trecho exemplifica bem uma ambiguidade que a maneira pela qual Braudel usa a palavra capitalismo pode acarretar. Não nos parece que se possa dizer que "o capitalismo vigia a conjuntura..." Quem pode vigiar uma conjuntura e definir um rumo de ação são alguns agentes econômicos, que podemos denominar de capitalistas. Nos parece que o uso da palavra capitalismo - mesmo no sentido que Braudel dá ao termo - deveria se restringir aos momentos em que se faz uma análise sistêmica, em que se observa que há recorrentemente uma camada superior de atividades gerando lucros excepcionais, reservando a palavra capitalista para designar o agente histórico que conduz as operações. Procuramos neste trabalho ser cuidadosos no uso destas palavras, não utilizando-as de forma totalmente intercambiável como o fez Braudel.

82. Braudel, 2005b: 353

83. Braudel, 2005b: 361

84. Braudel, 2005c: 84. A cena deriva de uma descrição de José de La Vega em 1688 a respeito de uma "coffy huisen" (casas de café em Amsterdã) próxima à bolsa

85. Braudel por muitas vezes destaca que mercados com preços regulados pelo governo podem vir a ser mercados mais justos e competitivos, pois a interferência governamental poderia eliminar ou controlar a força superior dos mercadores mais poderosos. No entanto, é preciso ser cauteloso com esta afirmação pois muitas vezes o inverso é a realidade: os preços regulados pelos governos são preços que dão vantagem a uma das partes e assim temos a regulação governamental definindo os vencedores num mercado público.

suas regras. A principal maneira de concretizar isto é, de fato, evitar que o produtor vá ao mercado, onde terá acesso a outros demandantes. Assim o capitalista "compra o trigo antes da colheita, a lã antes da tosquia, o vinho antes da vindima"<sup>86</sup> e seu instrumento de ação é o crédito. Braudel conta, por exemplo, a respeito de um grupo capitalista que acerta contratos individuais antecipados com todos os produtores de garrações de vinho em uma certa região. Quando ocorre a colheita, não há garrafas no mercado e os monopolizadores tem a mão forte para subir os preços.<sup>87</sup>

Os capitalistas também podem intencionalmente rarefazer uma mercadoria no mercado, e assim manipular seu preço. Os Hope, em 1787, tentam armar um monopólio com a cochonilha, produto para tingimento de têxteis.<sup>88</sup> Vendo os estoques europeus em baixa, previsões de colheitas fracas e os principais demandantes do produto comprando apenas para sua necessidade imediata, arquitetam um caríssimo plano de compra de 3/4 de todo o estoque europeu, em todas as suas praças de maneira dissimulada. O plano acaba frustrado, mas mostra o *modus operandi* para se rarefazer uma mercadoria. A arma destas operações são, além do crédito, os grandes armazéns, mais caros do que navios. Para que se tenha uma dimensão destas operações, os armazéns em Amsterdã em 1761 são equivalentes a quase 12 anos do consumo de trigo em todas as Províncias Unidas.<sup>89</sup>

É fácil enxergar por trás de todos estes exemplos uma *vantagem financeira*, uma capacidade de usar amplos recursos para curvar o mercado. Este fôlego permite que o capitalista entre em negócios de maturação mais demorada e inclusive que assuma perdas, às vezes até intencionais. A respeito da Companhia Holandesa que fazia os tráficos com o Oriente, descobrimos que "estes fazem tudo o que podem para [...] afastar e desiludir [os franceses ...], vendendo mais barato suas mercadorias, mesmo com muitas perdas, e comprando-as da região mais caras, para que os franceses, vendo que têm perdas, percam a vontade de voltar."<sup>90</sup> Uma vez afastada a concorrência, é só retomar os negócios, agora com liberdade para definir os preços num novo patamar. Assim, Braudel cita uma receita para a riqueza de Claude Carrère a respeito da Barcelona do século XV: "A melhor maneira de ganhar dinheiro no grande comércio [...] é já o ter"<sup>91</sup> e resume:

Dizer que o êxito capitalista assenta no dinheiro é evidentemente um truísmo, se pensamos apenas no capital indispensável a todas as empresas. Mas o dinheiro é algo muito diferente da capacidade de investir. É a consideração social, donde uma série de garantias, de privilégios, de cumplicidades, de

---

86. Braudel, 2005b: 364

87. Braudel, 2005b: 365

88. Braudel, 2005b: 372

89. Braudel, 2005b: 369

90. Braudel, 2005b: 370

91. Carrère apud Braudel, 2005b: 338



proteções. É a possibilidade de escolher entre os negócios e as ocasiões que se oferecem - e escolher é ao mesmo tempo uma tentação e um privilégio -, entrar à força num circuito reticente, defender vantagens ameaçadas, compensar perdas, afastar rivais, aguardar retornos muito lentos mas promissores, obter até os favores e as complacências do príncipe. Enfim, o dinheiro é a liberdade de ter mais dinheiro ainda, pois só se empresta aos ricos.<sup>92</sup>

Esta superioridade financeira permite ainda que os capitalistas escolham qual moeda transacionar em cada praça e em cada operação, abrindo um amplo leque de oportunidades para os jogos de câmbio. Além disso, sua riqueza acumulada os tornou financiadores dos "príncipes", assegurando assim privilégios e monopólios. A máquina dos Fugger de fazer dinheiro, por exemplo, é descrita por Braudel de forma simples: empréstimos aos príncipes alemães, que lhes asseguravam monopólios na exploração de minas de prata, e que assim geravam recursos para emprestar ainda mais para os príncipes em expansão territorial, que conseqüentemente poderiam oferecer ainda mais propriedades exclusivas. A concessão dos empréstimos ao poder central não são em si a atividade de alta rentabilidade, mas passaportes para a exploração privilegiada de outras atividades, agora com a garantia da proteção governamental contra a concorrência nestes mercados.

A passagem acima destaca uma questão multifacetada em Braudel: a relação entre os capitalistas e o estado,<sup>93</sup> que é assim por ele resumida: "O Estado ora é seu [do capitalismo] cúmplice, ora o importuno, o único importuno que às vezes pode substituí-lo, afastá-lo ou, pelo contrário, impor-lhe um papel que não teria desejado."<sup>94</sup> O que Braudel quer nos dizer é que, por um lado, o Estado é fundamental para os capitalistas. É a força do Estado que cria os monopólios e os concede a estes agentes, ou ainda oferece incentivos e privilégios para seu desenvolvimento. Por outro lado, o Estado é a única força capaz de barrar a criação dos privilégios ou regular e vigiar um mercado impedindo que os capitalistas ajam livremente. Um exemplo destas tensões entre capital e estado se dá nas grandes companhias de comércio, que confiscam para si vastas áreas do comércio de longa distância para o enriquecimento de seus acionistas, alguns funcionários mas também da autoridade central:

Como diz o advogado Pieter Van Dam, o homem que melhor conhecia a *Oost Indische Compagnie*<sup>95</sup> (e a reflexão pode se estender-se às companhias rivais): 'O Estado deve regozijar-se com a existência de uma associação que todos os anos lhe entrega somas tão vultosas que o país retira do comércio e da navegação das Índias três vezes mais lucro que os acionistas.'<sup>96</sup>

---

92. Braudel, 2005b: 338

93. "Em uma conferência realizada pouco antes de sua morte, Braudel provoca seu colega Immanuel Wallerstein a respeito desta natureza dupla e diz: "Immanuel, venha me ajudar. Explique por que o Estado é indispensável ao capitalismo, e depois eu te direi o contrário". (Uma Lição de História de Fernand Braudel, 1989: 122)

94. Braudel, 2005b: 329. Aqui mais uma vez nos parece que capitalista seria melhor empregado do que capitalismo.

95. V.O.C., a companhia holandesa de comércio com as Índias.

96. Braudel, 2005b: 393

Após apresentar as companhias de comércio - estes monopólios de direito, concedidos pelo Estado - Braudel reserva um último capítulo para recolocar a economia em face da sociedade. Esta é uma marca da leitura totalizante que Braudel sempre tentou construir: a economia nunca é entendida como um campo do conhecimento isolado, de modo que sozinha ela é insuficiente para compreender a realidade do mundo. E o que Braudel enxerga é que as desigualdades do jogo econômico - esmiuçadas nas centenas de páginas anteriores - não são mais do que uma transposição da desigualdade social, marca recorrente de toda e qualquer sociedade. Tais desigualdades, porém, não tem o mesmo arranjo em todo o globo e os diferentes arranjos existentes foram fundamentais na emergência ou não dos jogos de acumulação de riqueza em larga escala em diferentes civilizações. As hierarquias políticas e sociais do Islã e da China, centros mais ricos do que a Europa no período de sua análise, sempre atuaram contra a emergência de uma hierarquia econômica dominante. Nestas duas sociedades, as elites políticas e sociais se constituíam e atuavam de formas que inibiam a acumulação de riqueza em linhagens de longa duração e a acumulação contínua de capital, ao contrário do que se passava numa Europa fragmentada politicamente. Houve na Europa uma liberdade das elites econômicas, com o apoio e não a oposição da hierarquia política, sem precedentes nestas outras regiões e esta especificidade europeia é uma das razões essenciais para que o capitalismo tenha aí se desenvolvido.

### **1.3 Volume 3 - O Tempo do Mundo**

O plano do terceiro volume de CMEC é articular os elementos até então apresentados - o sistema tripartite constituído por uma civilização material densa e que se arrasta no tempo, a zona intermediária da economia de mercado e uma esfera capitalista de grandes lucros que é sua contraposição - a uma história cronológica, ou seja, "vincular o capitalismo, sua evolução e seus meios, a uma história geral do mundo".<sup>97</sup> Porém, antes de iniciar esta reorganização dos fatos, Braudel precisa explicitar suas premissas no tratamento do tempo e do espaço. Qual o cenário no qual esta história irá se desenrolar?

Para isso, Braudel recupera o conceito de economia-mundo<sup>98</sup> - que já havia apresentado sem tantos detalhes em *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo* na época de Felipe II<sup>99</sup> - e que fora articulado de modo mais cuidadoso por Wallerstein em seu livro publicado em 1974

---

97. Braudel, 1987: 52

98. Termo derivado do alemão *Weltwirtschaft*

99. O livro anterior de Braudel a respeito do espaço mediterrâneo.

*The Modern World-System*.<sup>100</sup> As economias-mundo são entendidas como espaços geográficos que ultrapassam os limites das unidades políticas e até das unidades culturais existentes nestes mesmos territórios, integrando-as por meio da troca ou do comércio. Em seu interior podem existir povos em guerra e diferenças religiosas, mas os espaços integrados estão amarrados por uma lógica econômica e suas ligações lhe conferem uma unidade orgânica e quase auto-suficiente em relação ao restante do globo. Braudel entende que na história da humanidade sempre houve economias-mundo, cujos limites em geral variam muito lentamente. No século XV, por exemplo, a economia-mundo européia ainda não integrou os balcãs turcos ou mesmo a Moscóvia.

A respeito das economias-mundo Braudel observa regras gerais que o ajudarão a organizar toda a narrativa do terceiro volume de CMEC. Uma das regras é que no centro destas economias-mundo há sempre uma cidade capitalista dominante, um pólo urbano para onde fluem as pessoas, o comércio, o crédito e as riquezas e de onde são comandados os negócios que operam por todo o espaço econômico. Estas cidades são o espetáculo do luxo e das liberdades.<sup>101</sup> um retrato-vivo das glórias e possibilidades de cada tempo - pois elas não são eternas. Sucedem-se, e qualquer movimento de descentragem, ou seja, de perda da posição de primazia da cidade-pólo, rapidamente é seguido por um novo processo de recentragem em um novo local, embora nem sempre com a mesma combinação de armas de domínio, alternando "navegação, negócios, indústria, crédito, poder ou violência política..."<sup>102</sup>

Outra regra aponta que ao redor desta cidade dominante, o coração do sistema, estruturam-se ao menos mais duas zonas. Uma zona ainda privilegiada, mas sem os mesmos benefícios da cidade dominante, que em certo momento, Braudel usa a expressão "brilhantes secundários" para denominá-la. Esta zona secundária compete com o núcleo-dominante, imita seus movimentos, mas não consegue superá-lo. Por fim, chega-se à terceira zona, a periferia, que carece de autonomia e poder, constituindo uma zona de sombra explorada pelo centro e pelos poderes secundários.

---

100. Wallerstein, 1974. A respeito desta articulação de suas ideias com Wallerstein, Braudel diz que "pouco importa que eu não esteja sempre de acordo com o autor [Wallerstein] sobre tal ou tal ponto, até mesmo sobre uma ou duas linhas gerais. Os nossos pontos de vista, quanto ao essencial, são idênticos". (Braudel, 1987: 52)

101. "O esplendor, a riqueza, a alegria de viver, reúnem-se no centro da economia-mundo, em seu núcleo. É aí que o sol da história faz brilhar as cores mais vivas, e aí que se manifestam os preços altos, os salários altos, os bancos, as mercadorias "reais", as indústrias lucrativas, as agriculturas capitalistas; e aí que se situam o ponto de partida e o ponto de chegada dos extensos tráficos, o afluxo dos metais preciosos, das moedas fortes, dos títulos de crédito. Toda uma modernidade econômica em avanço aí se aloja: o viajante assinala-o quando vê Veneza no século XV, ou Amsterdam no século XVII, ou Londres no século XVIII, ou Nova Iorque hoje. As técnicas de ponta também aí estão, habitualmente, e a ciência fundamental acompanha-as, está com elas. As "liberdades" aí se alojam, não sendo inteiramente mitos nem inteiramente realidades. Pense-se no que se chamou a liberdade da vida em Veneza, ou as liberdades na Holanda, ou as liberdades na Inglaterra!" (Braudel, 1987: 58)

102. Braudel, 2005c: 25

Ao inserir as atividades capitalistas numa economia-mundo hierarquizada, Braudel necessariamente destaca o papel do Estado, ou uma outra forma de organização política centralizada como ator fundamental. Portanto, entende que ao centro da economia-mundo sempre instalou-se um Estado internamente poderoso, capaz de disciplinar as massas e de levantar recursos. Isso para fazer valer no exterior os seus interesses e conduzir a guerra. Os vizinhos deste pólo-dominante, também tem o apoio de seus Estados, em geral com práticas cunhadas como mercantilistas, ou seja, buscando a implantação de políticas que os proteja do pólo-dominante e ao mesmo tempo replique suas práticas de dominação sobre a zona de fora.<sup>103</sup> Já na periferia encontram-se estruturas de controle mais frágeis, em geral de minorias ligadas às zonas centrais. O conflito bélico sempre colocou-se como uma possibilidade neste cenário, e animou as movimentações neste sistema hierarquizado. No entanto, mesmo que sem a conquista direta pelas armas, as unidades de poder mais fortes sempre impuseram as estruturas econômicas que lhe interessavam:

Essa conquista de um espaço econômico estrangeiro foi sempre a condição da grandeza para uma cidade sem par que visa, mesmo sem ter disso um sentimento claro, dominar um vasto sistema. Fenômeno quase banal em sua repetição: é Veneza penetrando no espaço bizantino; é Gênova conseguindo entrar na Espanha, ou Florença no reino da França, outrora no reino da Inglaterra; é a Holanda na França de Luís XIV; a Inglaterra no universo das Índias...<sup>104</sup>

Entendido o esquema espacial de Braudel, pode-se dizer que a narrativa histórica por ele construída é o cruzamento da história da ascensão e queda de cada um destes pólos-dominantes que organizam a economia-mundo ao seu redor com a história das atividades capitalistas centrais a cada época. Nesta articulação, uma cidade-pólo mantém-se dominante enquanto suas elites - seus capitalistas - são os agentes que controlam as atividades de maior lucro no sistema e organizam a vida econômica nas demais zonas segundo as suas preferências. Deste modo, desenha-se entre as unidades que compõem a economia-mundo uma divisão de trabalho na qual há claramente posições superiores e inferiores. É por isto que Braudel relembra - e refuta - o que chama de "pseudoteorema" de Ricardo que explicaria esta divisão ao dizer que cabe a cada nação produzir aquilo na qual tem vantagens comparativas, transformando toda troca em vantajosa para todos. As vantagens comparativas, essências desta organização do trabalho, não decorrem de vocações naturais, mas de construções políticas, frutos de lentas acumulações:

---

103. Braudel tem uma bela passagem para falar desta competição entre os vizinhos: "Ora, essa semiperiferia que oprime o coração, que o obriga a bater mais depressa – o norte da Itália em redor de Veneza nos séculos XIV e XV, os países baixos em torno de Antuérpia – é talvez a característica essencial da estrutura européia. Ao que parece, não há semiperiferia em torno de Pequim, de Delhi, de Ispahan, de Istambul, até de Moscou." (Braudel, 2005c: 45)

104. Braudel, 2005c: 150

A divisão do trabalho em escala do mundo (ou de uma economia-mundo) não é um acordo concentrado e revisível a cada momento entre parceiros iguais. Estabeleceu-se progressivamente, como uma cadeia de subordinações que determinam umas às outras. A troca desigual, criadora da desigualdade do mundo, e, reciprocamente, a desigualdade do mundo, criadora obstinada da troca, são velhas realidades. No jogo econômico, sempre houve cartas melhores que as outras e às vezes, muitas vezes, marcadas. Certas atividades dão mais lucro do que outras. [...] O passado também tem sempre algo a dizer. A desigualdade do mundo deriva de realidades estruturais, que demoram muito para se instalar – e demoram muito para desaparecer.<sup>105</sup>

E não há como conceber o estabelecimento destas "atividades que dão mais lucros que as outras" sem o poder de uma autoridade central para garantir tal privilégio.<sup>106</sup>

É com este arcabouço em mente que Braudel nos apresentará no volume 3 uma sucessão de lideranças: a partir de 1380, com Veneza à frente, passando para Antuérpia em 1500. Por volta de 1550, uma nova recentragem para Gênova que migraria então para Amsterdã em 1600. Aí, se estabilizaria por quase dois séculos para migrar para Londres por volta de 1800. E, embora esteja fora de seu período de estudo, Braudel marca uma nova migração em 1929 para Nova Iorque.<sup>107</sup> Em todas estas lideranças, observamos uma classe capitalista capaz de conduzir atividades monopólicas - e conseqüentemente de grandes lucros - para que mantenham a posição superior no sistema. Assim é a posição dos mercadores de Veneza<sup>108</sup> e seus privilégios no comércio com o Oriente por meio de Bizâncio, dos mercadores de

---

105. Braudel, 2005c: 39-40

106. Braudel oferece um excelente exemplo desta situação ao discutir como foi implementado o famoso Tratado de Methuen entre Portugal e Inglaterra, assinado em 1703 e também conhecido como Tratado dos Panos e Vinhos por regular o comércio destas mercadorias entre os dois países: "Em 1759, Malouet, o futuro Constituinte, atravessa Portugal, a seus olhos "uma colônia inglesa". E explica: Todo o ouro do Brasil passava para a Inglaterra, que mantinha Portugal sobre seu jugo. Citarei um único exemplo que denigre a administração de Pombal. Os vinhos do Porto, único objeto de exportação interessante para aquele país, eram comprados em massa por uma companhia inglesa à qual todos os proprietários eram obrigados a vender a preços fixados por comissário ingleses. Penso que Malouet tem razão. Há realmente colonização comercial quando o estrangeiro tem acesso ao mercado em primeira mão, à produção". (Braudel, 2005b: 182) Observemos como aqui um dos lados, os ingleses, encontram-se em situação privilegiada para fazer as compras dos vinhos em grandes quantidade com um preço já definido. Os vinhos são assim transformados numa mercadoria monopolizada por uma companhia inglesa, por concessão legal da autoridade central portuguesa.

107. Uma apresentação completa de cada uma destas lideranças exigiria uma detalhada discussão do contexto de cada época, os pontos críticos para sua ascensão e queda - sempre relativa, posto que seguem sempre sendo atores relevantes - as guerras, as crises econômicas e políticas e muitos outros elementos que fogem deste projeto, e assim iremos a respeito destas primazias nos restringir a algumas poucas observações, que ajudam a destacar os elementos centrais do esquema tripartite de Braudel.

108. As cidades italianas, instaladas às margens do Mediterrâneo, o mar interior que antes das Grandes Navegações permite o contato com os produtos do Oriente, são as candidatas preferenciais para assumir a liderança na economia européia após a reativação da sua economia no século XI. Veneza, Gênova, Florença competirão por um longo tempo, porém Veneza, com uma localização privilegiada - o Adriático é um mar fechado, quase sua casa e ao mesmo tempo abertura para o mundo - goza ainda de uma imensa vantagem frente à suas rivais que será decisiva: seus laços com o Império Bizantino. Prestando serviços à Bizâncio, e até colaborando com sua defesa, Veneza recebe imensos privilégios para a condução dos seus negócios e pode usar Constantinopla como entreposto preferencial para as rotas de comércio de longa distância. "Veneza constitui assim um Império disperso que se parece antecipadamente, guardadas as devidas proporções, com o dos portugueses ou dos holandeses, mais tarde, no oceano Índico, segundo o esquema do que os anglos saxões chamam *trading posts Empire*, uma cadeia de postos mercantis que constituem, todos juntos, uma longa antena capitalista." (Braudel, 2005c: 104)

Antuérpia<sup>109</sup> em conexão com os banqueiros alemães aproveitando-se inicialmente do comércio de pimenta e em seguida da prata e ainda a sutil dominação genovesa<sup>110</sup> prestando serviços financeiros para o poderio ibérico em expansão territorial. A longa dominação holandesa também contará com seus monopólios, e observar os arranjos desta primazia em maior detalhe pode ajudar a compreender como Braudel articula a ideia de cidades-polo que dominam a economia-mundo com o seu sistema tripartite.

"Não há amantes tão ciumentos das suas amadas como os holandeses o são do comércio das suas especiarias".<sup>111</sup> Esta simples citação pinçada por Braudel evidencia uma parte essencial da estratégia holandesa.<sup>112</sup> Desbancando as posições portuguesas no Oriente, a Holanda construirá seu império ultramarino primeiramente buscando caminhos não-violentos, mas em seguida conquistando e expulsando os rivais europeus de suas posições: sua frota naval em 1669 equivale a dos demais países da Europa somados.<sup>113</sup> A partir daí, criará nas Índias monopólios cuidadosamente protegidos, em especial o de especiarias finas, o mais lucrativo durante 2 séculos, restringindo a produção de cada especiaria em um território insular - cravo em Amboim, noz-moscada em Banda, canela em Ceilão - e destruindo as plantações em outras ilhas. Territórios eram conquistados às vezes por custos superiores aos seus retornos de curto prazo apenas para evitar a possibilidade da emergência de um concorrente. Assim, a Holanda reorganiza a vida econômica destes territórios de um modo que os seus lucros são maximizados.

---

109. Antuérpia sucederá Veneza, numa dominação um tanto incompleta e curta, e em muito dependente dos poderes estrangeiros, em especial Portugal e Espanha que lideram as conexões com o Oriente pelas novas rotas de comércio. Rotas, que contaram com uma disposição bélica européia em circuitos comerciais antigos e longamente operados em paz: "Já de início, nenhum navio, nenhum porto do Oceano Índico podia resistir ao canhão de suas frotas; já de início as navegações árabes e indianas foram cortadas, contrariadas, dispersadas." (Braudel, 2005c: 123) As riquezas do comércio da pimenta, e posteriormente a prata americana, são fundamentais para a emergência de Antuérpia, assim como sua conexão com os banqueiros alemães que em larga medida financiam a expansão comercial ibérica. É o século dos Fugger, que irá desmoronar com a bancarrota espanhola de 1557, e que abrirá espaço para novos financiadores do poder localizados em Gênova.

110. Braudel chama Gênova de "a cidade capitalista por excelência". Arrighi (1996), que também inspirado por Braudel, propõe uma interpretação da história baseada em ciclos sistêmicos de acumulação de poder e capital, inicia sua narrativa apontando em Gênova o primeiro ciclo sistêmico de acumulação. Ainda assim, a primazia de Gênova, como nos conta Braudel, foi por longo tempo ignorada pelos historiadores. Isso porque "Gênova não domina o mundo através de seus navios, seus marinheiros, seus mercadores, seus donos de indústria" (Braudel, 2005c: 146), mas na verdade por acoplar-se ao poderio ibérico, tornando-se um prestador de serviços financeiros com lucros altíssimos. Convertiam os fluxos intermitentes de prata americana em pagamentos contínuos, feitos nas diferentes moedas desejadas nos muitos campos de batalha da Espanha.

111. Citação atribuída por Braudel a um francês. (Braudel, 2005c: 200)

112. Antes de poder desbancar Portugal no controle do comércio com o Oriente, a Holanda viveu um processo inicial de enriquecimento por meio da intermediação monopolista da demanda de Carlos V em seu processo expansivo contra os otomanos e diversos produtos do Báltico controlados com exclusividade pelos holandeses. Feita aí sua primeira riqueza, puderam passar à disputa do jogo maior com os portugueses.

113. Braudel, 2005c: 172

Além disso, do mesmo modo que articula as zonas de produção para afastar a concorrência, a estratégia holandesa precisa assegurar sua posição privilegiada na outra ponta do negócio, no controle da demanda européia. E aí utiliza-se de duas armas. A primeira delas, essencial para manter os outros negociantes europeus em suas malhas, é o crédito. A prática, que não foi criada pelos holandeses, mas por eles difundida é a do comércio em comissão, estruturado de tal modo que o comércio do negociante europeu é financiado pelo mercador banqueiro holandês que lhe antecipa os valores no caso de uma venda ou lhe fornece crédito no caso de uma compra. Esta operação faz com que as mercadorias naturalmente fluam para Amsterdã de onde são redistribuídas, e assim reforcem o poderio holandês.<sup>114</sup> E mesmo que com o tempo se estabeleçam ligações mais diretas entre produtores e consumidores, os holandeses já se firmaram como provedores de serviços financeiros, e seguem intermediando as negociações. Nesta operação, seu instrumento fundamental são as letras de câmbio, cuja extensa rede de representantes dispersa pelo continente europeu traz as facilidades necessárias para os que necessitam de crédito, ao mesmo tempo em que gera oportunidades para que os holandeses ganhem os diferenciais de câmbio e mantenham suas receitas de juros como provedores de crédito. Crédito, aliás, que não requer lastro imediato, uma produção de riqueza artificial, que se materializa à medida que vai sendo paga pelos devedores. Esta rede de crédito é também uma vantagem difícil de ser copiada pela concorrência: uma vez instalada, é mais simples acoplar-se a ela do que substituí-la.<sup>115</sup>

Mas esta não é a única arma de controle de demanda. Na verdade, Braudel diz que a essência da estratégia holandesa está na armazenagem, no entreposto. Com o controle das zonas de produção e do crédito, Amsterdã tornou-se o ponto de encontro de todas as mercadorias, que para lá fluíam e de lá partiam para o restante do planeta. E é ali que seus mercadores armazenam quantidades imensas de mercadorias para controlar seus preços em toda a Europa - é como se Amsterdã monopolizasse a vida comercial da economia-mundo e seus agentes mais poderosos ainda desfrutassem da possibilidade de especular com preços sempre que as circunstâncias lhes favorecessem.

As possibilidades de ganhos nestas operações eram tão grandes, que Braudel questiona quem são os verdadeiros capitalistas na máquina holandesa, ou seja, quem é o grupo que de fato desfruta do poder para colocar-se nas situações mais privilegiadas de rentabilidade. Para

---

114. Como nota Braudel, este expediente é bastante similar à lógica do *Verlagssystem* ou *putting-out system* - em que por meio dos adiantamentos, privatiza-se um mercado público.

115. Curiosamente, é esta abundância de créditos, que por vezes não consegue encontrar mais uso produtivo na economia holandesa, que servirá para fomentar a emergência de Londres no centro da economia-mundo. E de fato Londres não substituiu a rede de crédito holandesa - se acopla de forma definitiva a ela, tornando-se uma só.

isso, relembra que embora a V.O.C.<sup>116</sup> tenha distribuído consideráveis dividendos de em média 18% por dois séculos é necessário aprofundar-se em seu *modus operandi* para buscar os ganhadores: "A questão crucial é saber quem compra os retornos do Extremo Oriente e em que condições. As vendas da companhia fazem-se quer por contrato, quer em leilão nos seus armazéns, sempre em grandes lotes e geralmente a sindicatos de grandes negociantes".<sup>117</sup> É comum que estes contratos assegurem bloqueios de venda da mesma mercadoria por um ou dois anos e que mercadores que já trabalham com uma certa mercadoria, sejam os únicos a se apresentar nestes leilões. Os mesmos nomes aparecem com frequência na lista de compras, e são do grupo social ou até familiar dos *bewindhebbbers*<sup>118</sup>, sócios-gestores da companhia. Assim, mesmo quando os lucros da V.O.C. entram em declínio no século XVIII, certos grupos seguem ganhando: "a V.O.C é uma máquina que pára onde começa o lucro dos monopólios comerciais" de forma que "registrar sistematicamente os nomes desses grandes compradores seria elaborar a lista dos verdadeiros donos da economia holandesa".<sup>119</sup>

Desta forma, fica claro como a liderança holandesa da economia-mundo está ligada à capacidade de seus agentes econômicos mais poderosos de dominarem as atividades econômicas de maior rentabilidade, operando-as se não como um monopólio perfeito, ao menos com amplas possibilidades de redução da concorrência. No entanto, tal triunfo não é uma conquista exclusiva da classe mercantil - é impossível imaginá-lo sem uma forte atuação do governo. Embora críticos possam apontar fragilidades na estrutura governamental holandesa, Braudel aponta que no que diz respeito aos interesses da elite mercantil e banqueira, o essencial é assegurado: equipamento para as frotas, exércitos de mercenários e condução efetiva das guerras - sempre travadas em território alheio, segredo da prosperidade. Para isso, contribui uma dívida, por volta de 1764, de 400 milhões de florins com juro muito baixo, mesmo com um rendimento de "apenas" 120 milhões. Endividamento que na verdade mostra força, não fragilidade, a se medir pelos juros baixos com uma relação dívida/rendimento de 333%.

E a liderança inglesa: como se encaixa no sistema tripartite de Braudel? Avaliar esta questão<sup>120</sup> implica em entender as origens mas também os impactos da Revolução Industrial.

---

116. Vereenigde Oost-Indische Compagnie, a Companhia das Índias Orientais holandesa

117. Braudel, 2005c: 211

118. A V.O.C. possuía dois tipos de acionistas: os *participanten* e os *bewindhebbbers*, sendo estes os seus sócios-gestores. Eram em número de 72 e depois reduzidos à 60. Além disso, os *bewindhebbbers* elegiam em cada uma das 6 câmaras de cidades portuárias que formavam a V.O.C. os representantes que compunham o *Heeren XVII* - os 17 lordes - que determinavam os rumos da empresa.

119. Braudel, 2005c: 212

120. A passagem do centro da economia-mundo para Londres marca a ascensão não só dos Estados, mas também dos mercados nacionais, territórios organizados pela política que ganham uma coerência econômica



Em 1700, o Produto Nacional Bruto per capita da Europa Ocidental é de 20% a 50% menor que o chinês. Em 1800, ele segue um pouco menor que o PNB per capita da China e é apenas 15% maior do que o do "terceiro mundo". Em 1976, quando publica o terceiro volume de CMEC, a Europa já é mais de 6 vezes mais rica do que a China.<sup>121</sup> Uma ruptura significativa, marca de uma Revolução Industrial liderada pela Inglaterra e depois seguida pelas potências europeias, e que Braudel também entende como um processo de monopolização, só que agora da produção:

Mas essa revolução não foi apenas um instrumento de desenvolvimento em si. Foi um instrumento de dominação e de destruição dos concorrentes internacionais. Ao mecanizar-se, a indústria da Europa tornou-se capaz de erradicar a indústria tradicional das outras nações. O abismo cavado então não podia deixar de se ampliar depois. A imagem da história do mundo de 1400 ou de 1450 a 1850-1950 é a de uma igualdade antiga que se rompe sob o efeito de uma distorção multissecular, iniciada no fim do século XV. Tudo é secundário em relação a essa linha dominante.<sup>122</sup>

E aqui, mais uma vez o triunfo dos capitalistas ingleses não poderia ter sido construído sem o Estado, pois a Revolução Industrial na Inglaterra teve um impulso que nenhuma outra nação teve: um enorme império mercantil que se abre aos seus produtos. Muitas vezes pela força, como na Índia em 1757, no Canadá em 1762 e na costa da África. Mas nem sempre, como é o caso dos EUA que se tornam independentes mas aumentam suas compras. Aproveitando-se sem dúvida da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas, que tiram a França e a Holanda do jogo, as indústrias inglesas que trabalham só para o mercado nacional crescem 50% no século XVIII e as que trabalham para exportação crescem 500%.<sup>123</sup> Neste

---

interna e que permitem uma unidade de esforços comuns na mesma direção. A arquitetura destes espaços exigiu muito tempo e atenção no desenvolvimento das redes de transporte, no aumento da produtividade da agricultura que permite o surgimento de um excedente tributável e até riqueza suficiente para comprar os produtos de uma indústria nascente. "No entanto, não se deve estranhar que uma vez atingido o difícil equilíbrio entre agricultura, comércio, transportes, indústria, oferta e demanda que o desenvolvimento de um mercado nacional exige, a Inglaterra tenha acabado por se revelar um rival infinitamente superior à pequena Holanda, inexoravelmente afastada da sua pretensão à dominação mundial: uma vez constituído, o mercado nacional é um acréscimo de poder." (Braudel, 2005c: 273). Braudel destaca ainda que o território holandês era muito pequeno, insuficiente até para alimentar sua população. Por outro lado, a França foi vítima de seu gigantismo. De 3 a 4 vezes maior que a Inglaterra, a consolidação de seu mercado nacional tomou muito mais tempo e, quando realizado, a Inglaterra já tinha se assenhorado das chaves do comércio internacional. Pesou ainda a disputa entre Lyon e Paris, ainda mais sendo a segunda - ligada à terra e conservadora - a vencedora, enquanto na Inglaterra havia um só centro incontestado: Londres. "Em nenhum outro país do Ocidente, uma só cidade eclipsou tão totalmente as outras. No fim do século XVII quando a população da Inglaterra era insignificante em comparação com a da França ou da Alemanha e inferior à da Espanha ou da Itália, Londres já era, com toda a probabilidade, a maior cidade da Europa." (Toynbee apud Braudel, 2005c: 337)

121. Braudel, 20005c: 496. Os dados usados por Braudel são originados no trabalho de Bairoch e completado com computações próprias

122. Braudel, 2005c: 496

123. Poucas discussões talvez tenham gerado tantas páginas quanto as que se impõem a respeito da Revolução Industrial, sua origem e desenvolvimento. Braudel não foge a este debate, embora tente se limitar a ver em que medida ela se encaixa em seu modelo organizador. Braudel assombra-se também que o impulso industrial não tenha falhado em razão de estrangulamentos fatais, pois esta é a realidade que sua história comparativa observa tanto nos países subdesenvolvidos atuais como em outras civilizações antes da Inglaterra: há sempre um entrave que interrompe a máquina de crescimento, o que não ocorreu com os ingleses. Em sua leitura - em geral vista como circulacionista - congregam-se fatores internos - avanços técnicos, um mercado integrado, capacidade de

sentido, é interessante observar uma mudança ideológica do governo e dos capitalistas ingleses: enquanto sua posição foi secundária em relação à liderança holandesa, os ingleses não tiveram pudores em proteger seus mercados como possível,<sup>124</sup> como atesta o *Dictionnaire de Savary* em 1765 que

assinhalava como característica própria 'do gênio da nação inglesa' não permitir 'que alguém estabeleça nela comércio recíproco. Também é preciso admitir que a maneira como os mercadores estrangeiros são recebidos na Inglaterra, as taxas extraordinárias e excessivas de entrada a saída que são obrigados a pagar e as afrontas que sofrem de modo algum os convidam a lá estabelecer boas relações.<sup>125</sup>

No entanto, todo este protecionismo será abandonado a partir do momento em que, colocando em marcha sua Revolução Industrial, os ingleses se colocarão na dianteira do mundo e a partir daí irão impulsionar uma ideologia de livre-comércio que lhe favorece.

Com a chegada do século XIX, o longuíssimo espaço de tempo estudado por Braudel chega a seu fim, o que não o impede de algumas últimas observações. É neste momento que os capitais lançam-se em massa nos empreendimentos industriais, no que parece ser uma especialização sem volta. Teria então finalmente emergido o verdadeiro capitalismo, um capitalismo industrial de grande escala? Seria o derradeiro capítulo da história? Lenin, por exemplo, fala de um capitalismo monopólico, de grandes empresas, a partir do século XX, como um estágio superior do capitalismo. Seria uma etapa em que suas virtudes concorrenciais foram deixadas para trás. Esta é a mesma realidade que Braudel enxerga. De um lado, monopólios e grandes concentrações de riqueza. De outro, concorrência e competição. Mas para o autor de CMEC, este não é um quadro recente, do século XX. É uma realidade estrutural, fincada numa história profunda de mais de 7 séculos. Os capitalistas sempre foram ecléticos, mudaram conforme a conjuntura para preservar seu status, explorando constantemente os setores da economia que se mostram mais interessantes do alto de suas hierarquias e privilégios lentamente acumulados.

---

de investimento - e externos, já citados, para permitir que a Inglaterra lidere esta dominação global. Braudel também ressalta o papel do endividamento inglês, crescente na época e visto pelos contemporâneos como uma bomba prestes a explodir, e que funciona na verdade de forma inversa: uma das razões da vitória, assegurando à Inglaterra os recursos que precisava no exato momento em que eram necessários. "De modo que a discussão tão acerba entre os que somente aceitam uma explicação interna do capitalismo e da Revolução Industrial por uma transformação das estruturas sócio-econômicas, e aqueles que só querem ver uma explicação externa (na verdade, a exploração imperialista do mundo), essa discussão parece-me sem objetivo. Não explora o mundo quem quer. É necessária uma potência prévia lentamente amadurecida. Mas é certo que essa potência, se se forma mediante um trabalho lento sobre si mesma, reforça-se pela exploração de outros e, no decorrer desse duplo processo, a distância que a separa deles aumenta. As duas explicações (interna e externa) estão, pois, inextricavelmente misturadas." (Braudel, 1987: 71)

124. A insularidade inglesa foi um trunfo na libertação contra um capitalismo estrangeiro e o próprio regime de ventos da região fazia dos portos ingleses um ponto de parada necessário para os veleiros holandeses, o que por outro lado fez com que a Holanda aceitasse medidas protecionistas da Inglaterra que nunca aceitara de outra nação. (Braudel, 1987: 66)

125. J. Savary apud Braudel, 2005c: 351

## CAPÍTULO 2 - DISCUTINDO BRAUDEL

Antes de se fazer as ideias de Braudel chegarem às 3 mais recentes décadas, num movimento que ele sugeriu mas não chegou a realizar, é relevante colocá-las em discussão para o período em que ele originalmente pensou sua obra, entre os séculos XV e XVIII. Este balanço nos permite depurar suas contribuições, passando pelo filtro de dezenas de colaboradores, críticos e seguidores. Assim, se poderá levar não a abordagem braudeliana pura para o momento contemporâneo, mas uma abordagem qualificada e aprimorada por seus pares.

Se Braudel já era um intelectual reconhecido no campo da história, ao publicar a versão completa de CMEC no final da década de 70 junto de algumas obras voltadas para um público mais amplo,<sup>126</sup> ele foi catapultado à uma posição de figura pública na França, "no entrevistado incontornável de cada jornal que não quisesse perder o bonde da história".<sup>127</sup> Toda esta exposição somada ao fôlego e frescor de CMEC, colocou sua obra em destaque tornando-a o livro de história mais vendido no mundo anglo-saxão entre 1945 e 1985.<sup>128</sup> Vista como destinada a tornar-se clássica<sup>129</sup>, não foi no entanto poupada de críticas - aliás, estas não foram poucas nem tão pouco leves. O que assombra, e na verdade dá a medida de sua erudição e de seu talento como escritor é o reconhecimento da ousadia de seu trabalho e as "impressões de exuberância, de elegância e de uma certa magia, as quais o preparo, a maneira de construir e o estilo de F. Braudel não deixam de infundir até mesmo naqueles que lhe têm maior resistência."<sup>130</sup>

Neste sentido, Morineau nos oferece um relato exemplar deste estilo, desta capacidade de trafegar pelos séculos e geografias com facilidade, quando recupera uma curta, mas típica seção em CMEC a respeito de elementos cotidianos na mesa na qual Braudel faz

---

126. Na mesma época da publicação de CMEC, foram lançados dois álbuns sobre o Mediterrâneo organizados por Braudel e que visavam o grande público, além de uma série de 12 programas de TV sobre o mesmo Mediterrâneo, que muito contribuíram para sua exposição pública.

127. Daix, 1999: 577.

128. Rojas, 2002

129. Isto nos diz Cailié (1989), apesar de ele próprio não compartilhar da maior parte das posições de Braudel.

130. Morineau, 1989: 39. O seguinte trecho, de uma análise de CMEC por Kinser, que também possuía fortes restrições ao trabalho de Braudel constitui um bom exemplo do que nos diz Morineau: "However unsatisfactory the underlying presuppositions of Braudel's historical constructions may be, we must nevertheless recognize their synoptic value and the rare energy which it took to undertake such synthesis more characteristic of late nineteenth than of late twentieth-century social science" (Kinser, 1981: 681). Howard, também crítico da abordagem de Braudel, dizia: "without retracting any point of criticism, one cannot help being ambivalent to Braudel's work taken as a whole. He has shouldered a mammoth problem, more complex than any of the puzzles economist set themselves. Perhaps no one should take on such burdens, maybe historically grounded grand theory is impossible; but whatever one's prejudices, not to admire those who throw caution to the wind and attempt to provide a history of the world that informs the present is difficult." (Howard, 1985: 481)

uma verdadeira odisséia começando na França, correndo ao Mediterrâneo, voltando subitamente do século XVIII a 1572, depois 1543, para retomar a 1750, com um desvio pela Suíça, voltar mais uma vez a uma seqüência francesa quase homogênea de 1698 a 1718 e terminar por uma inspeção de leiterias e laticínios (inclusive os iogurtes) da Pérsia e da Turquia...<sup>131</sup>

E isso em menos de 3 páginas! Tal método não pode ser adotado gratuitamente, sem conseqüências. Por um lado, ele oferece uma percepção de totalidade e uma dramaticidade ímpar, que levou Stoianovich, um dos principais historiadores da escola dos Annales, a dizer que para Braudel o "mundo é um teatro, e ele como um diretor deve reconstruir o todo espacial, visual, sonoro, retórico e dramático das unidades".<sup>132</sup> Por outro lado, abre flancos para críticas muitas vezes justas a respeito da incorreção ou fragilidade de certos dados<sup>133</sup> e, mais grave, inconsistências e contradições internas em sua obra. Tilly provoca que "se a consistência é o duende das pequenas mentes, Braudel não tem qualquer problema em escapar deste demônio".<sup>134</sup> Como seu pensamento "orienta-se em direção a meias-tintas, opções, transições",<sup>135</sup> evitando ao máximo formalizações definitivas, estes problemas de dubiedade de fato somam-se. De certa forma, é como se Braudel usasse sua capacidade de compor cenas riquíssimas que trafegam por múltiplos espaços e tempos para mascarar dificuldades de formulação em sua estrutura. E isto agrava-se pois a crítica não se limita a aspectos secundários de seu trabalho, mas também a uma pedra angular: a própria distinção entre economia de mercado e capitalismo. A fragilidade - ou artificialidade - desta distinção constitui uma das duas críticas mais fortes e recorrentes ao trabalho de Braudel.<sup>136</sup> A segunda contestação de peso aponta que seu trabalho seria desprovido de qualquer base teórica, constituído apenas por um somatório de descrições que não compõe um corpo explicativo.<sup>137</sup>

Nas seções seguintes se avaliará com cuidado cada uma destas objeções, pois mais do que invalidar a obra por completo, constituem um valioso material para indicar caminhos pelos quais a trilha de Braudel pode ser aprimorada e aprofundada. Para organizar este debate, serão propostas a seguir 2 posturas metodológicas e 4 recorrências históricas que a leitura atenta de Braudel, contraposta às observações de seus críticos e seguidores impõe.<sup>138</sup> As posturas metodológicas dizem respeito ao modo pelo qual Braudel observou a história econômica

---

131. Morineau, 1989: 35. Morineau se refere à passagem em Braudel, 2005a: 186.

132. Stoianovich apud Cameron, 1978: 979

133. Ver, por exemplo, Morineau, 1989: 35-37

134. Tilly, 1984: 70. Tradução do autor, no original: "If consistency be a hobgoblin of little minds, Braudel has no trouble escaping the demon."

135. Morineau, 1989: 42

136. Esta crítica será tratada em profundidade na seção "Recorrência histórica 1 - O contra-mercado não é exceção, é regra". Ver páginas 55 a 63.

137. Esta crítica será tratada em profundidade na seção "Postura metodológica 1 - Injeção de história na economia". Ver páginas 45 a 50.

138. No debate destas posturas e recorrências históricas, as duas contestações centrais à obra de Braudel supracitadas serão trabalhadas em profundidade.

européia e que se mostraram essenciais para que chegasse às suas conclusões. Já as recorrências históricas constituem elementos que no período histórico abordado por Braudel, entre os séculos XII e XVIII, mantiveram-se constantes segundo seus relatos. Na discussão de cada uma destas posturas e recorrências serão exploradas as linhas de divergências para apresentar, se não consensos, fortes argumentos para que estes pilares do trabalho de Braudel sejam valorizados e utilizados numa interpretação da vida econômica na contemporaneidade.

### **Posturas metodológicas**

- Injeção de história na economia
- Um espaço-tempo ampliado

### **Recorrências históricas**

- O contra-mercado não é exceção, é regra
- Não há contra-mercados sem o apoio do Estado
- As raízes do capitalismo vão além da economia e da política, estão na sociedade como um todo
- Poder escolher: o privilégio capitalista

## **2.1 Postura metodológica 1 - Injeção da história na economia**

O ponto de partida nesta discussão são as críticas a respeito de Braudel tomar um caminho que abre mão da teoria, uma questão que seria determinada pela sua própria abordagem metodológica. Esta é assim descrita por Tilly: "Ele aborda um problema enumerando seus elementos, saboreando suas ironias, contradições e complexidades, confrontando as diversas teorias que estudiosos propuseram e concedendo a cada teoria o seu valor histórico. A soma de todas as teorias, infelizmente, é nenhuma teoria".<sup>139</sup> De fato, praticamente a cada seção de CMEC Braudel chama à mesa os mais renomados pesquisadores de um certo tema - num amplo leque que vai de demógrafos à teóricos da moeda - e recria um leve e animado debate a respeito de suas posições. Braudel não tem receio de chamar a esta conversa posições contrárias às que acredita,<sup>140</sup> o que torna o debate ainda mais rico. Porém, como alerta Tilly, isto o leva a quase sempre aliviar o tom de suas posições e relativizar suas conclusões.

Além destes debates teóricos, Braudel usa as descrições à exaustão. A cada tópico, Braudel se afunda em arquivos jurídicos, correspondências e relatos de época para

---

139. Tilly, 1981: 369 - Tradução do autor, no original: "He approaches a problem by enumerating its elements, savoring its ironies, contradictions, and complexities, confronting the various theories scholars have proposed, and giving each theory its historical due. The sum of all theories, alas, is no theory"

140. Howard (1985: 471), no entanto, afirma que muitas vezes Braudel interpreta de forma equivocada as teorias adversas a seus pontos de vista.

sistematicamente ilustrar com pequenas histórias o tema que está sobre a mesa. A este respeito, Kinser diz que Braudel "recorre à ilustração mais do que à análise, à apresentação mais do que à interpretação crítica"<sup>141</sup>. Por isso, aponta que seu método apenas reconfirma circularmente aquilo que se colocava no início a investigar, já que Braudel raramente avança para a apresentação de hipóteses e sua comprovação.<sup>142</sup> Compartilhando destas posições, Dat<sup>143</sup> diz categoricamente que a abordagem de Braudel é ateórica. E esta não seria uma leitura apenas de seus críticos: Arrighi conta que até mesmo em Binghamton, um enclave braudeliiano, ele ouvira o lugar-comum de que Braudel seria um ótimo historiador mas um fraco teórico.<sup>144</sup>

Tais críticas não são desprovidas de razão e é provável que o próprio Braudel se reconheceria nelas. Isto porque a abordagem descritiva, não teórica, não é um deslize, mas sim uma opção declarada. Já nas primeiras páginas de CMEC, Braudel justifica a adoção de seu esquema tripartido não como teoria, mas como forma de organização de uma obra que "deliberadamente concebera à margem da teoria, de todas as teorias, exclusivamente sob o signo da observação concreta e da história comparada"<sup>145</sup>. Mais à frente, quando nega que o capitalismo possa ser associado à uma racionalidade baseada no cálculo econômico - sua essência pode até ser chamada de racionalidade, mas uma racionalidade especulativa - afirma: "Se eu tivesse o gosto de Sombart pelas explicações sistemáticas e definitivas, poria de bom grado, na frente do jogo, a especulação como elemento principal do desenvolvimento capitalista."<sup>146</sup> Aí, sem alarde, declara sua opção metodológica: nada de explicações sistemáticas e definitivas, nada de teorias, apenas a exposição dos fatos.<sup>147</sup>

---

141. Kinser, 1981: 676 - tradução do autor, no original "resort to illustration more than to analysis, to exhibits more than to critical interpretation"

142. Apesar das restrições colocadas, Kinser e Tilly reconhecem os enormes campos de pesquisa abertos por Braudel e a força de seus insights: "His book is marvellous for raising problems; it offers a galaxy of fascinating specificities." (Kinser, 1981: 676) ou "We end our long promenade delighted with all we have seen, grateful for our guide's wisdom and perspicacity, inspired to revisit some of the hidden junctions he has revealed, but no more than dimly aware of the master plan." (Tilly, 1981: 369)

143. Dat *apud* Lai, 2004

144. Arrighi, 2001: 117

145. Braudel, 2005a: 13

146. Braudel, 2005b: 515. Na sequência, Braudel delimita o formato - e as dificuldades - de uma teoria baseada nos seus relatos: "Vimos surgir, ao longo deste livro, a idéia subjacente do jogo, do risco, da trapaça, sendo a regra básica fabricar um contrajogo, em face dos mecanismos e instrumentos habituais do mercado, de fazer com que este funcione de outro modo, quando não às avessas. Seria divertido fazer uma história do capitalismo inserida numa espécie particular da teoria do jogo. Mas seria ir encontrar, sob a aparente simplicidade da palavra jogo, realidades concretas diferentes e contraditórias, o jogo preventivo, o jogo normal, o jogo lícito, o jogo às avessas, o jogo com truques... nada que possa entrar facilmente numa teoria!"

147. Em uma conferência no México na década de 80, Braudel explica um pouco melhor esta sua abordagem, que com certeza não é o da proposição de teorias mas que ele também reconhece ser um pouco mais do que a mera exposição de fatos, pois apenas a observação direta é quase impossível de ser realizada: "En realidad yo nunca me he elevado al nivel de la teoría, al nivel de la "filosofía", como decía Gurvitch, sin ser forzado a ello.

Mas esta opção diminuiria o valor de sua obra? A este respeito, Arrighi<sup>148</sup> tem ótimo ponto: Braudel de fato descreve mais do que teoriza e seu trabalho é mais útil para identificar padrões de recorrência do que para explicá-los; mas isto não quer dizer que sua obra seria melhor se tivesse mais teoria e menos descrições e sim que descobrir os fundamentos teóricos implícitos em Braudel e explicar os padrões por ele descritos são tarefas para as quais os novos pesquisadores terão que se lançar sozinhos. O mérito de Braudel é, pelo seu olhar aguçado, ter detectado certas constâncias que estavam esquecidas na leitura hegemônica sobre a economia pré-industrial e que iluminam também a compreensão do mundo hoje. Braudel tem o valor de deixar de lado qualquer teoria econômica que, naturalmente, enrijeceria a leitura da realidade, para se lançar sobre o material bruto da história e aí observar em primeira mão de que forma se dão as trocas e o desenvolvimento econômico.

No entanto, há ainda um outro mérito nesta abordagem descritiva de Braudel: ela se apresenta como um contraponto essencial - e radical - ao rumo que a teoria econômica adotou no último século. Como explica Morineau,<sup>149</sup> a economia neste período desenvolveu-se com base em intuições geniais, porém de aplicação limitada ao mundo concreto.<sup>150</sup> Assim, privilegia a análise estática, a elegância formal e a matemática.<sup>151</sup> Procura se comportar como uma *ciência dura*, onde se pode encontrar leis universais e válidas para todos os tempos. Fenômenos históricos - seja o o impulso e a independência das cidades italianas na Idade Média, a oscilação do poder para o norte na Europa ou o crédito internacional e a dependência mútua dos banqueiros e dos príncipes - são todos fatos reconhecidos, porém que não tem direito de cidadania na teoria econômica.<sup>152</sup> Braudel inverte este processo, já que todo ponto de vista normativo lhe é estranho. Assim, "constata os monopólios e observa seu movimento e seu significado próprios, em relação precisamente à formação, ao desenvolvimento do capital.

---

Si acerca de cualquier tema, ya sea el Mediterráneo u otro más reducido o más amplio, se van acumulando los conocimientos y los testimonios, en un momento dado uno se ve obligado a organizarlos. La historia es una reconstrucción. Pues bien, en el momento de reconstruir una casa, es necesario tener un plano de conjunto, ciertos conceptos y ciertas hipótesis." (Braudel, 1986: 34) Em CMEC, o plano de conjunto é o sistema tripartido, a descrição de seus 3 andares seriam os conceitos essenciais e a hipótese central é de que é possível distinguir estes 3 andares.

148. Arrighi, 2001: 120

149. Morineau, 1997

150. Özcelik, por exemplo, diz: "Market economy and capitalism have come out as 'factual' systems in human history. However, the very profession of economics has been, more often than not, prone to handle those phenomena in quite 'fictional' terms. The most prominent instance is the above-mentioned 'liberal creed', which has dominated our horizons all through the evolution of economic inquiry from the 'invisible hand' philosophers of classical political economy to the market-friendly mainstream economists of our times. Whether self-proclaimed or not, disciples of this creed have usually put forward fictional conceptions as intellectual background: Money as merely an accelerator of exchange, the market as the naturally most efficient regulator of the economy, and capitalism as a resultant and mirror image of the market order." (Özcelik, 2005: 3)

151. Para este ponto ver, por exemplo, Özveren, 1998

152. Fourquet, 1989: 89

E a observação se estende ao próprio capitalismo, que igualmente considera apenas em sua historicidade, fora de qualquer julgamento moral ou político."<sup>153</sup> Deste modo, ao reconstruir a vida econômica de 7 séculos descrevendo os fenômenos econômicos que de fato ocorreram e que dificilmente se encaixam nos modelos teóricos centrais da teoria econômica, seu trabalho constitui uma ameaça e uma contestação de difícil resposta para os economistas. Pode-se assim dizer que Braudel não faz uma teoria econômica - ele próprio sugeria o termo economia histórica - mas sim descreve os fenômenos econômicos centrais de cada tempo e que não se encaixam na teoria econômica tradicional.

Neste sentido, o desafio à economia como ciência indiretamente imposto por Braudel cria complicações até mesmo no campo da economia heterodoxa. Como apontam Özveren<sup>154</sup> e Arrighi,<sup>155</sup> nem mesmo os institucionalistas ou sociólogos econômicos, cujo campo de convergência com Braudel poderia abrir uma profícua trilha de pesquisa, souberam aproveitar as lições de sua obra. Como se discutirá mais adiante, há uma centralidade do poder na condução dos processos econômicos que geram acumulação de riqueza que é de difícil tratamento pela teoria econômica, mesmo heterodoxa - nela, nos melhores casos o poder é uma contingência histórica importante, mas quase nunca uma variável teórica. O que Braudel aponta é que os economistas se restringiram à segunda camada de seu sistema tripartido, a economia de mercado, e não percebem que há um número relevante de transações ocorrendo em condições distintas a que seus modelos teóricos propõe, opção grave pois é esta camada superior de grandes lucros que forma a essência do sistema. Seu silêncio sobre esta camada de manipulação do mercado - em geral vista como uma exceção que não merece tratamento teórico - os impede de buscar explicações sistemáticas justamente sobre as questões mais relevantes da economia-mundo. Apesar disso, o fato é que a obra de Braudel ressoou quase que apenas no campo da história,<sup>156</sup> e que apesar de sua obra trazer muitas implicações para a economia, foram muitos poucos os economistas que se engajaram nesta interlocução, nem que apenas para discordar de suas posições.

Esta centralidade da narrativa no método de Braudel é colocada em evidência por Fourquet ao compará-lo com Marx, em cuja obra as descrições históricas são usadas apenas "para exemplificar o raciocínio ou ilustrar a passagem de um modo de produção a outro",<sup>157</sup> ou seja, são apenas exemplos que ilustram conceitos. Isto é radicalmente diferente em

---

153. Daix, 1999: 576

154. Özveren, 2005

155. Arrighi, 2001

156. Em especial pela revolução na compreensão do tempo que Braudel faz com a idéia de longa duração.

157. Fourquet, 1989: 88



Braudel, que não conta a história do **conceito** "capitalismo", mas sim a história das cidades, dos seus dirigentes, dos instrumentos por eles utilizados e de suas redes de influência.

Fourquet avalia então os impactos desta abordagem braudeliana:

Não parece nada, mas é um "deslocamento de perspectiva" que acho perturbador para a maneira tradicional (quer dizer, marxiana) de considerar a história do capitalismo. Não é um "corte epistemológico", não é a base de uma nova ciência, não é sequer uma invenção filosófica original. É apenas o retorno ao empirismo, à descrição, à encenação. A única prática que considero realmente materialista.<sup>158</sup>

Não se deseja aqui abrir um amplo debate metodológico de contraposição entre uma ciência que acredita na possibilidade de se identificar leis gerais e outra em que há apenas a singularidade de cada fenômeno<sup>159</sup>, a que aparentemente Fourquet se filia, mas a relevância de que, para se pensar a economia, os fatos históricos não podem ser colocados em segundo plano;<sup>160</sup> pelo contrário, devem ser a essência de sua análise. Assim, hoje a economia tem tido dificuldades tanto para iluminar o futuro como também para explicar mudanças essenciais do passado e muito se beneficiaria com um olhar mais cuidadoso para a história.<sup>161</sup> Braudel tinha plena consciência disto e dizia: "O defeito dos estudos de jornalistas, economistas, sociólogos, é com frequência o de não levarem em conta as dimensões e as perspectivas históricas."<sup>162</sup>

DeLanda<sup>163</sup> relembra que, nas ciências duras, este processo de infiltração da história vem se intensificando nas 3 últimas décadas. A biologia, por exemplo, passou por uma primeira inserção da flecha do tempo já no século XIX - basta lembrar, por exemplo, da teoria da evolução de Darwin em que "animais e plantas não eram encarnações de essências eternas, mas construções históricas graduais"<sup>164</sup>. Mas havia aí uma noção fraca de tempo, pois o design evolutivo melhor adaptado era visto como o único resultado histórico possível. Nesta

---

158. Fourquet, 1989: 95. Fourquet diz que com Braudel "vive-se nesse universo de outros tempos, vendo o movimento das forças, dos fluxos, das correntes de civilização, dos ecomundos, dos capitais, dos grupos de comerciantes, das culturas. A cada momento salta-se por cima das fronteiras entre a economia e o resto". [Neste caso], as antigas personagens teóricas - o Estado, o capital etc. - perdem todo o seu préstimo. Não desaparecem nos bastidores, simplesmente não são mais vistos. Faz-se então uma estranha descoberta: eles só eram visíveis de longe. A partir do momento em que vamos vê-los mais de perto graças à lente histórica e sociológica, essas substâncias se dissolvem, seu poder significativo se dissipa e tudo está muito misturado no quadro que se descobre. Na verdade, capitalismo e Estado juntos parecem confundir-se. (Fourquet, 1989: 88-89)

159. Este debate entre modos de análise nomotética ou idiográfica pode ser visto por exemplo em Wallerstein, 2006: 279

160. Uma teoria que explica as operações mais regulares e comuns, mas que não explica as operações do topo que constituem os espaços de acumulação acelerada de riquezas não pode ser suficiente.

161. Morineau, 1997

162. Braudel, 1989: 73. Logo em seguida, Braudel estendia sua crítica aos seus colegas historiadores: "Muitos historiadores não fazem, aliás, a mesma coisa, como se o período que eles estudam existisse em si, fosse um começo e um fim?"

163. DeLanda, 1996b.

164. DeLanda, 1996b: 1. Tradução do autor, no original "animals and plants were not embodiments of eternal essences but piecemeal historical constructions"

segunda onda de injeção de história,<sup>165</sup> já não há resultados previamente definidos. A corrida evolutiva vive um processo dinâmico, em que não há solução ótima. Uma mutação que ocorre uma geração mais cedo ou mais tarde pode mudar totalmente o resultado, ou um processo migratório pode jogar o sistema numa direção inicialmente inesperada. Um critério fixo que defina a melhor solução deixa de existir e torna-se impossível criar leis determinísticas para o resultado deste sistema, e assim a compreensão dos processos históricos mostra-se ainda mais relevante. Mas isto não deve ser exclusivo das ciências duras:

Estas novas idéias são ainda mais importantes quando passamos às ciências sociais, particularmente à economia. Nesta disciplina, tendemos a assumir acriticamente uma sistematicidade, como quando se fala do "sistema capitalista", em vez de mostrar exatamente como tais propriedades sistemáticas do todo emergem de processos históricos concretos. Pior ainda, então tendemos a reificar essa inexplicada sistematicidade, atribuindo todos os tipos de poderes causais para o capitalismo, a ponto de que um escritor inteligente pode fazer parecer que tudo (de dinâmica não-linear ao pós-modernismo ou à cibercultura) é produto do capitalismo tardio. Este erro básico, que é, creio eu, um grande obstáculo para uma correta compreensão da natureza do poder econômico, é em parte resultado do estilo analítico puramente *top-down* que dominou a modelagem econômica desde o século XVIII.<sup>166</sup>

A obra de Braudel, com sua "seqüência inesgotável de exemplos, de anedotas, de descrições, de testemunhos, às vezes, de números - enfim, a descrição pura, a narrativa pura"<sup>167</sup> é o insumo ideal para se contrapor a esta situação<sup>168</sup> e incorporar a realidade histórica para uma interpretação social-econômica mais realista, em especial quando há fatos históricos tão relevantes que não encontram espaço ou explicação sistêmica nas teorias dominantes.

---

165. Este é um movimento que se iniciou na termodinâmica, com Prigogine: "Ilya Prigogine revolutionized thermodynamics in the 1960's by showing that the classical results were only valid for closed systems where the overall amounts of energy are always conserved. If one allows energy to flow in and out of a system, the number and type of possible historical outcomes greatly increases. Instead of a unique and simple equilibrium, we now have multiple ones of varying complexity (static, periodic and chaotic attractors); and moreover, when a system switches from one to another form of stability (at a so-called bifurcation), minor fluctuations can be crucial in deciding the actual form of the outcome. Hence, when we study a given physical system, we need to know the specific nature of the fluctuations that have been present at each of its bifurcations, in other words, we need to know its exact history to understand its current dynamical form." (DeLanda, 1996b)

166. DeLanda, 1996b - Tradução do autor, no original "These new ideas are all the more important when we move on to the social sciences, particularly economics. In this discipline, we tend to uncritically assume systematicity, as when one talks of the "capitalist system", instead of showing exactly how such systematic properties of the whole emerge from concrete historical processes. Worse yet, we then tend to reify such unaccounted-for systematicity, ascribing all kinds of causal powers to capitalism, to the extent that a clever writer can make it seem as if anything at all (from nonlinear dynamics itself to postmodernism or cyberculture) is the product of late capitalism. This basic mistake, which is, I believe, a major obstacle to a correct understanding of the nature of economic power, is partly the result of the purely top-down, analytical style that has dominated economic modeling from the eighteenth century." Ver ainda a nota de rodapé 23 a respeito de modelagem *bottom-up*.

167. Fourquet, 1989: 95

168. Quando no primeiro capítulo deste trabalho procuramos apresentar o essencial da pesquisa de Braudel em CMEC, procuramos dentro do limite das restrições de espaço, nos manter fiéis a este método braudeliano, apresentando o máximo possível de descrições. Do mesmo modo, ao projetarmos suas ideias para o tempo contemporâneo, também tentaremos nos manter fiéis a esta abordagem.

## 2.2 Postura metodológica 2 - Um espaço-tempo ampliado

Esta primeira postura metodológica braudeliiana, no entanto, só alcança seu pleno valor em função de uma segunda opção no tratamento do problema: a adoção de uma unidade de análise baseada num espaço geográfico muito extenso observado durante um período de tempo bastante dilatado. Sem esta ampliação do espaço-tempo, não haveria como retirar de CMEC regularidades gerais, capazes de impactar o entendimento sobre a evolução econômica da sociedade como um todo; se restritos à um espaço geográfico limitado ou a um curto espaço de tempo, Braudel teria que se restringir à particularidades curiosas, mas relevantes apenas para um certo agrupamento de pessoas.

Assim, a análise profunda que Braudel oferece está fundamentada numa inovação feita "sem declarações, sem tambores nem trombetas, sem 'ruptura epistemológica radical', sem aparelhagem conceitual rebarbativa: [...] instalar-se firmemente no posto de observação mais longo possível no maior espaço possível",<sup>169</sup> ou seja, buscar compreender o desenrolar da história de um ponto de vista que integra muitos séculos e que simultaneamente considera um amplíssimo espaço geográfico, no mínimo do mesmo tamanho das redes de troca essenciais de uma sociedade.<sup>170</sup>

O que aparentemente não passa de uma ampliação de perspectiva, traz impactos revolucionários pois este ângulo mais aberto faz com que novas relações de causalidade e novas explicações surjam. Fourquet relata, por exemplo, que em "O Mediterrâneo e Felipe II"<sup>171</sup> Braudel gradualmente constrói o enredo para que espanhóis e turcos confrontem-se na Batalha de Lepanto no ano de 1571. Em jogo está a dominação do Mediterrâneo, por longo tempo elemento fundamental para a segurança territorial e controle de um lucrativo comércio de longa distância. Aparentemente este é o conflito decisivo entre estes dois super-poderes, entre cristãos e muçulmanos, evento máximo daquela época. Porém, a lente aberta de Braudel

---

169. Fourquet, 1989: 85

170. Normalmente a abordagem metodológica decorre da pergunta que o autor se propõe a responder, ou seja, dependendo do objeto escolhido uma certa abordagem metodológica se faz necessária. Assim, Braudel ao optar por compreender as mudanças da economia européia ao longo do tempo necessariamente cairia numa abordagem de amplo espaço geográfico e grande dilatação do tempo. No entanto, esta questão é mais complexa em Braudel. A postura metodológica de análise dos fenômenos econômicos, políticos e sociais numa perspectiva de longa duração surgiu para Braudel muito antes de ele se interessar pela história da economia européia entre os séculos XV e XVIII - como aponta Rojas (2002), Braudel já estabelece a relevância da longa duração em 1943/1944. Assim, há aqui um caminho de duas mãos: o objeto escolhido por Braudel acaba por exigir uma abordagem com espaço-tempo ampliado, mas por outro lado, o olhar de Braudel já está acostumado a buscar relações na longa duração e num espaço geográfico dilatado quando assume o desafio de escrever CMEC, levando-o a preparar o livro já com este arcabouço em mente.

171. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Felipe II, publicado em 1949. Ver nota de rodapé 46, página 21.

nos conta de outras transformações, em outros espaços e tempos. Gradualmente, as novas rotas comerciais que se abriram para o Oriente e os metais preciosos da América criaram condições que fariam o pêndulo do poder europeu virar para o Norte, transformando os impérios ultramarinos nas novas máquinas de acumulação – o Mar Mediterrâneo torna-se um espaço secundário em relação às possibilidades concentradas no Atlântico e no Pacífico. Observada esta realidade ampliada, a Batalha de Lepanto, até então aparentemente tão essencial, torna-se um confronto bem menor e seus protagonistas espanhóis e turcos "em vez de serem os heróis principais fazem o papel de dois velhos rabujentos discutindo por um copo de água".<sup>172</sup> Nesta mesma perspectiva de amplo alcance, Braudel completa agora a respeito do conflito entre Bourbons e Habsburgos: "Enquanto franceses e espanhóis disputam cidades, lugares e pedaços de terra entre si, holandeses e ingleses apoderam-se do mundo."<sup>173</sup> Assim, com a lente temporal e espacial mais aberta, Braudel pode dar à Batalha de Lepanto e outros fatos históricos sua verdadeira dimensão.

Esta breve relato mostra-se um contraponto à argumentação de Tilly, que atento às contradições e dificuldades de CMEC, mostra-se reticente em relação à seu escopo extremamente amplo de análise e defende uma abordagem em que se recorte o objeto de estudo em componentes menores, e assim mais inteligíveis.<sup>174</sup> Ora, se Braudel não tivesse ampliado seu olhar além do Mediterrâneo - que constitui o componente menor, mais inteligível defendido por Tilly - jamais teria a percepção de que espanhóis e turcos presos em suas batalhas pelo mar interno abriam mão do novo jogo essencial no tabuleiro mundial. Por isso, é Arrighi que apresenta o argumento essencial: como selecionar os componentes menores que devem passar por esta análise mais cuidadosa, se não partindo deste ponto de observação mais alto e mais largo adotado por Braudel?

As redes que nós analisamos devem ser selecionadas em função de sua centralidade em processos de expansão capitalista no nível do sistema de estados e mercados como um todo, ao invés de no nível de estados e mercados individuais. Ao fazer esta seleção, o mapa histórico-geográfico do capitalismo global de Braudel me parece ser não apenas útil mas um ponto de partida indispensável.<sup>175</sup>

---

172. Fourquet, 1989: 85

173. Braudel apud Fourquet, 1989: 85

174. Tilly (1984) chega a dizer que se Braudel, com todos seus atributos, não conseguira reunir tantas realidades numa só análise coerente, quem conseguiria? E assim, prossegue: "If Braudel could not bring off the coup, who could? Perhaps someone else will succeed in writing a "total history" that accounts for the entire development of capitalism and the full growth of the European state system. At least for the time being, we are better off treating Braudel's giant essay as a source of inspiration rather than a model of analysis. Except with a Braudel lending it extra power, a vessel so large and complex seems destined to sink before it reaches the far shore." (Tilly, 1984: 74)

175. Arrighi, 2001: 119 - Tradução do autor, no original "the particular networks that we analyze must be selected because of their centrality in processes of capitalist expansion at the level of the system of states and markets as a whole, rather than at the level of individual states and markets. In making this

Segundo Fourquet, a intuição inicial de Braudel neste sentido se deu quando ainda escrevia "O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Felipe II", em que observa que o espaço geográfico ao redor deste mar na segunda metade do século XVI é regido pelo quadrilátero urbano formado por Veneza, Milão, Gênova e Florença. Não há aí um centro pela autoridade, como no caso de uma Igreja ou do Estado, de forma que não há o controle territorial imposto pela força das armas ou da ideologia. Mas Braudel enxerga um centro por captação, pois observa os agentes destas 4 cidades cruzando fronteiras e fazendo negócios com força suficiente para moldar os outros espaços no decorrer do tempo ao seu gosto:

Tudo ocorre como se a simples mudança de escala lhe houvesse permitido perceber o capitalismo sob a figura das quatro grandes cidades-Estados italianas e assim esboçar um novo cenário de seu nascimento [do capitalismo]. Em lugar de concebê-lo como substância histórica parceira dos Estados, ele o vê sob a forma de cidades e fluxos que sulcam e trabalham o espaço mediterrâneo, brincando com fronteiras e xadrezes de Estado.<sup>176</sup>

Esta ampliação de perspectiva, trabalhada sob a forma descritiva, revela as "ondas, os fluxos de comerciantes, de dinheiro, de técnicas, de grupos, de poder, de informação"<sup>177</sup> que acabam por continuamente moldar o espaço geográfico e as vidas dos homens em função dos desejos e interesses de alguns com poder para fazê-lo. E esta é uma análise por essência sistêmica e internacional, que assim se contrapõe a perspectiva tradicional da teoria econômica que tem ao seu centro o estado nacional e na qual o mundo exterior só intervém como ambientação ou bastidor<sup>178</sup> - basta lembrar dos manuais de macroeconomia que trabalham com uma "economia fechada" até os seus derradeiros capítulos. Assim, em termos geográficos, a lição de Braudel é que a unidade de análise deve ser a economia-mundo, esta ampla rede de laços econômicos em que os preços já flutuam em consonância, e não cada economia nacional. O todo - a economia-mundo - é mais do que a somatória de espaços econômicos individuais e possui uma lógica interna própria. Como Amin e Luckin<sup>179</sup> destacam, este é um paradigma que coloca ênfase nas interdependências operando em nível global, ao contrário da visão dominante de que o sistema global seria composto apenas por formações nacionais justapostas.

Além da ampliação geográfica, Braudel também trabalha com uma perspectiva temporal ampliada. Wallerstein<sup>180</sup> afirma que com esta opção Braudel foge do senso comum de que o tempo simplesmente exista duradouro, objetivo, externo e imutável. A depender da unidade

---

selection, Braudel's historical-geographical map of world capitalism seems to me not just a useful but an indispensable starting point."

176. Fourquet, 1989: 82

177. Fourquet, 1989: 91

178. Fourquet, 1989

179. Amin e Luckin, 1996

180. Wallerstein, 2006

temporal escolhida para a análise, um pesquisador pode defrontar-se com distintos fatos e explicações. Olhar apenas para o curto prazo, para os eventos, impossibilita que se observe ciclos mais amplos, relativos a cada conjuntura. E mesmo o olhar atento sobre uma conjuntura pode ser enganador se o pesquisador não fixar seu olhar na longa duração,<sup>181</sup> na flecha da história que, a despeito de conjunturas e ciclos, dá direção aos acontecimentos:

Ele [Braudel] não acreditava na busca da história simplesmente pela história nem tinha como objetivo a reconstrução do que realmente aconteceu no passado por meio de meticulosos detalhes. Ao invés disso, tentava discernir um significado da história. Para ele, tal significado só poderia ser obtido além da superfície caótica dos eventos, ao identificar as estruturas profundas e ordenadas da história.<sup>182</sup>

Assim, Braudel atento aos movimentos da economia-mundo - a expansão de suas fronteiras, a contínua centralização de poder, as mudanças de primazia que não permitem um vácuo de liderança - percebe a lentidão de tais mudanças e assim pode destacar o que se repete, o que continua presente na sociedade mesmo com a passagem de décadas, de séculos. É por meio desta observação das continuidades e recorrências que pode selecionar os relatos que irá trazer à tona em sua reconstrução da vida econômica e social. Sem este guia, o pesquisador não teria como discernir e selecionar os fatos que caberão ser reconstituídos. Isso não implica que apenas os fatos duradouros devam ser pesquisados, mas oferece uma direção até mesmo para a pesquisa dos fatos sem repercussão longa no tempo: porque estes fatos não perduraram? Porque surgiram apenas naquele local e naquela época, não sendo adotados depois? O olhar atento às recorrências históricas funciona então como um pano de fundo contra o qual os diferentes fenômenos podem ser contrastados. Assim, mesmo autores como Amin e Luckin,<sup>183</sup> que preferem ressaltar as especificidades das relações entre capital e poder de cada momento durante os últimos séculos, organizados sob o que eles denominam diferentes fases de acumulação, não deixam de utilizar este mesmo olhar aberto no tempo e no espaço que Braudel sugere: suas análises compartilham das premissas da ênfase nas

---

181. Um alerta importante diz respeito aos diferentes significados que distintos autores dão à palavra estrutura. Wallerstein discute esta questão, mostrando por exemplo que o que Lévi-Strauss entende por estrutura está além da longa duração braudeliana, pois é uma permanência imutável, quase *a-histórica*, enquanto este terceiro tempo, em Braudel, é definitivamente histórica, porém compreendendo um longo período. Ver mais em Wallerstein, 2006: 161

182. Özveren, 2005: 105 - Tradução do autor, no original: He neither believed in the pursuit of history for the sake of history nor targeted a reconstruction through meticulous detail of what really happened in the past. Instead, he attempted to discern a meaning out of history. For him such a meaning could only be derived if one went beyond the chaotic surface of events and came to identify the deeper orderly structure(s) characteristic of history.

183. Amin e Luckin, 1996 - Amin e Luckin dizem aceitar o que vêem como os dois paradigmas essenciais dos teóricos do sistema-mundo, inspirados no trabalho de Braudel e bastante similares às lições metodológicas aqui sugeridas: a ênfase nas interdependências que operam globalmente, ao invés da ênfase nos estados-nacionais, e a ênfase na natureza totalizante do capitalismo, em que as questões políticas são tão importante quanto as econômicas. Porém, discordam das teoria de ciclos propostas por muitos destes teóricos e o foco de Braudel em uma unidade absoluta do capitalismo do século XIII até hoje. Amin e Luckin dizem preferir ressaltar as mudanças qualitativas que ocorreram de quando em quando nestes 8 séculos, buscando as especificidades em cada momento das relações entre poder e capital.

interdependências de um sistema amplo e recuam por séculos, mesmo que seja para identificar a cada etapa o que mudou de lugar.<sup>184</sup>

Deste modo, Arrighi dirá que a maior contribuição de Braudel é a descoberta da única lente sob a qual o capitalismo pode ser compreendido: uma abordagem macro, estrutural e de longa duração. Qualquer outro horizonte de espaço-tempo impossibilita a identificação das regras do jogo capitalista e seus múltiplos arranjos diferentes em cada setor ou época.<sup>185</sup> Considera-se esta a segunda postura metodológica que pode ser aprendida com CMEC.

### **2.3 Recorrência histórica 1 - O contra-mercado não é exceção, é regra**<sup>186</sup>

Uma vez estabelecidas as posturas metodológicas que podem ser extraídas de Braudel, podemos discutir as recorrências históricas que podem ser identificadas em CMEC - e que como apontou Arrighi, são uma das maiores riquezas de sua obra, por mais que os fundamentos explicativos por trás destas recorrências nem sempre estejam explícitos em sua pesquisa. As recorrências são elementos que por trás do longo relato de Braudel podem ser observados como recorrentemente presentes e constituem a essência de sua pesquisa.

Para se discutir a primeira, e provavelmente a mais impactante delas, que diz respeito à frequência e relevância dos monopólios, o ponto de partida é um dos aspectos mais controvertidos de CMEC: a contraposição entre economia de mercado e capitalismo. Braudel as colocava em lados opostos: a economia de mercado é regular, transparente e rotineira, nela a concorrência é a regra e assim os lucros são normais. O capitalismo é especulativo e opaco, espaço em que se apaga a concorrência para criar lucros excepcionais. Porém, ao mesmo tempo Braudel nunca prometeu separar definitivamente estas zonas: não são como água e azeite, dizia<sup>187</sup>, reconhecendo assim a dificuldade de separá-las de maneira precisa. Vries<sup>188</sup>, contudo, é direto: em Braudel, a distinção entre economia de mercado e capitalismo, se existe, é artificial. Steiner é mais cuidadoso, mas o sentido não é tão distinto: "Braudel não é

---

184. O seguinte trecho é um exemplo desta sua posição: "I join here the view of the world-system current which terms all modern history from 1500 onwards as capitalist. Subscribing to this view does not imply neglecting the importance of the qualitative transformation which came with modern industry from 1800 onwards." (Amin e Luckin, 1996: 230)

185. Arrighi, 2001

186. Ao final desta seção, explica-se a opção pelo termo contra-mercado. De maneira mais convencional, poderia se reescrever esta recorrência histórica como "O monopólio não é exceção, é regra"

187. "Bem entendido, o leitor não está esperando, de minha parte, uma distinção peremptória do gênero: a água de um lado, o azeite por cima dela. A realidade econômica nunca se apóia em corpos simples." Braudel, 1987: 35

188. Vries, 1979

explícito, para dizer-se o mínimo, quanto à diferença entre economia e capitalismo."<sup>189</sup> Para isso, rememora uma expressão usada diversas vezes por Braudel em CMEC: "microcapitalismo", em geral aplicada a alguns pequenos comerciantes. De fato, quando se está tentando opor economia de mercado de capitalismo, este é um termo problemático. Howard critica ainda Braudel por ser muito vago em definições que seriam críticas para esta separação: "Ele nunca define o que ele quer dizer com monopolização, e ele descreve certas atividades mercantis que só podem ser consideradas como competitivas".<sup>190</sup>

É importante destacar que a oposição entre economia de mercado e capitalismo não era entendida por Braudel como uma teoria, funcionando de fato como um sistema organizador.<sup>191</sup> É uma tipologia ideal, mas com uma grande zona cinzenta no meio. Na verdade, como lembra Lai<sup>192</sup>, Braudel nunca chegou a oferecer uma definição precisa de capitalismo, apenas uma noção aberta, apresentada muito mais pelos fatos e conteúdos do que pelas suas propriedades. Braudel relata histórias e acontecimentos e diz: aí está o capitalismo! É como se não houvesse um conceito formalmente expresso, apenas descrições de situações nas quais se pode observar o capitalismo. Nestes relatos, o capitalista se mostra sempre triunfante, restringindo as liberdades de mercado para garantir um sobrelucro. Morineau<sup>193</sup> inclusive critica esta situação de eterno vencedor do capitalismo em Braudel: "Seus momentos de inércia, loucura, e grosseria pertencem a ele [ao capitalismo], tanto quanto suas virtudes".

Apesar desta crítica de Morineau à dimensão sempre triunfante do capitalismo, um mergulho ao mundo real ajuda a explicar esta posição, numa postura em princípio diferente do que em larga medida a economia tem feito e em linha com o que Braudel sugeria. Assim diz Chapman: "[...] para alguém que não é do meio, o fato mais intrigante sobre os economistas acadêmicos é a sua indiferença para com o mundo dos negócios [...] É difícil exagerar o grau em que os economistas acadêmicos, em sua devoção à análise teórica e

---

189. Steiner, 1989: 155

190. Howard, 1985: 476. Tradução do autor, no original: "He never defines what he means by monopolization, and he describes particular merchant activity that can only properly be regarded as competitive."

191. Há uma outra dimensão que deve ser destacada em relação à esta distinção entre economia de mercado e capitalismo. Tal distinção sem dúvida teve seus méritos em termos discursivos: ao colocar estes termos em contraposição de forma tão ostensiva, Braudel delimitou o debate e diminuiu os espaços para uma apropriação de suas ideias pela teoria econômica de um modo que distorcesse sua essência. Por outro lado, ainda em relação à opção discursiva, tal escolha limitou o diálogo com a economia e é um dos responsáveis pelo virtual "esquecimento" de Braudel entre os economistas. Arrighi também apresenta um forte argumento em apoio desta estratégia discursiva: "Roland Barthes once wrote that a potent surreptitious power came from that which could not be named. By refusing to name capitalism, academic economics buttresses the surreptitious power that capitalism derives from masquerading as market economy. A dialogue with Braudel is the surest way of uncovering what capitalism has really been and is." (Arrighi, 2001: 122)

192. Lai, 2004

193. Morineau, 1989



abstrata, isolaram-se do mundo dos negócios."<sup>194</sup> E, quando se observa este comportamento concreto, obtemos um outro olhar sobre esta relação entre economia de mercado e capitalismo. Marcus e Hall<sup>195</sup>, por exemplo, ao estudar a fortuna de famílias norte-americanas afluentes do final do século XX afirmam que "as funções internalizadas características das empresas modernas, burocraticamente organizadas tem sido muito menos um modo de responder às forças de mercado do que um meio de eliminá-las".

O que Braudel mostra em CMEC para os agentes econômicos entre os séculos XII e XVIII é este mesmo comportamento. Uma vez inseridos numa economia de mercado, os agentes passam a tentar bloquear as forças de mercado para conseguir lucros maiores, ou seja, não jogam de acordo com as regras, mas tentam impedi-las de funcionar. Esta é uma consequência imediata de uma das próprias premissas da economia neoclássica: o comportamento de maximização dos ganhos dos seus agentes, isto é, de maximização dos lucros no caso das empresas. Como Mann<sup>196</sup> mostra, a motivação de maximização entra em confronto lógico com as demais premissas do modelo de concorrência perfeita.<sup>197</sup> Se os agentes querem maximizar os seus ganhos, porque deixariam de tentar romper as "regras do jogo" restringindo a entrada e saída nos mercados, evitando a disseminação da informação, diferenciando seus produtos e reduzindo o número de agentes?<sup>198</sup> Ponto de vista similar já era destacado no clássico "A Riqueza das Nações" de Smith:

---

194. Chapman apud Mann, 1996: 25 - Tradução do autor, no original: "[...] to the outsider the most puzzling fact about academic economists is their indifference to the world of business [...] It is difficult to exaggerate the degree to which academic economists, in their devotion to the abstract, theoretical analysis, have isolated themselves from the world of business"

195. Marcus e Hall, 1992: 257 - Tradução do autor, no original "[...] the internalized functions characteristic of modern, bureaucratically organized business firms has been less a means of responding to market forces than a means of eliminating them."

196. Mann, 1996

197. Mann (1996) aponta que para que mercados livres encontrem um estado de equilíbrio com máxima eficiência, as seguintes premissas precisam, não só ser verdadeiras, mas internamente consistentes:

- Os agentes devem maximizar seus ganhos (empresas maximizando lucros e consumidores maximizando utilidades)
- Deve haver liberdade de entrada e saída nos mercados
- Os agentes devem ter informação perfeita a respeito de preços e tecnologias
- Os agentes num mesmo mercado devem vender os mesmos produtos
- Devem haver muitos agentes em cada mercado, de modo que todos sejam tomadores de preços e não formadores;
- Os direitos de propriedade devem ser bem definidos

198. Wallerstein (2004, p. 25) aponta que um mercado realmente competitivo implicaria numa incongruência lógica com o processo de acumulação de capital. Para isso, basta imaginar que num mercado realmente livre para todos os fatores de produção, com um número muito grande de compradores e ofertantes e com informação perfeita, as pressões de demanda e oferta reduziriam os preços há um lucro tão mínimo que não mais haveria as condições - nem as pressões sistêmicas - para seguir o processo de acumulação. O que as empresas preferem, portanto, é um monopólio no qual se possa ter uma larga margem entre o preço de venda e os custos de produção.

Ora, o interesse dos negociantes, em qualquer ramo específico de comércio ou de manufatura, sempre difere sob algum aspecto do interesse público, e até se lhe opõe. O interesse dos empresários é sempre ampliar o mercado e limitar a concorrência. Ampliar o mercado muitas vezes pode ser benéfico para o interesse público, mas limitar a concorrência sempre contraria necessariamente ao interesse público, e só pode servir para possibilitar aos negociantes, pelo aumento de seus lucros acima do que seria natural, cobrar, em seu próprio benefício, uma taxa absurda dos demais concidadãos.<sup>199</sup>

O argumento mais comum para se relativizar esta observação segue a linha defendida por Fabra:<sup>200</sup> aceita-se que os agentes rompem as regras do jogo e estabelecem monopólios, porém estes seriam sempre de curto prazo. No médio prazo, o processo seria inevitavelmente revertido pela força da concorrência e o equilíbrio ótimo seria realçado. Ao que Wallerstein<sup>201</sup> responde que isto é verdade, mas os lucros acumulados neste curto prazo - curto em termos relativos, em geral um novo setor gera 30 anos de bons lucros - oferecem uma vantagem essencial para que os grandes acumuladores saiam na frente na criação do próximo mercado não-competitivo. Cria-se então um jogo cumulativo e desigual, que se reproduz em escala ampliada beneficiando os que já estavam à frente.<sup>202</sup> Além disso, os capitalistas possuem tal flexibilidade, liberdade de escolha e velocidade na troca das posições de seus investimentos de modo que podem sucessivamente se aproveitar de jogos de curto prazo.

Assim, economia de mercado e capitalismo não seriam opostos por natureza. Todos os agentes de mercado tentam ser capitalistas, no sentido que Braudel dá ao termo. Mas a realidade é que uns poucos conseguem sistematicamente sucesso nesta tarefa.<sup>203</sup> É por isto que o capitalismo é resultado de desigualdades previamente estabelecidas e que se mantém. Portanto, ao largo das inevitáveis polêmicas teóricas que uma distinção entre economia de mercado e capitalismo suscita,<sup>204</sup> o que Braudel nos apresenta como uma recorrência histórica é uma inversão da perspectiva comum que considera a concorrência como normal - ideológica e estatisticamente - e o monopólio como excepcional.

---

199. Smith, 1996: 273

200. Uma lição de história de Fernand Braudel, 1989: 112 - Fabra aponta que esta percepção já existe nos economistas desde Ricardo.

201. Uma lição de história de Fernand Braudel, 1989: 112

202. Mesmo Howard (1985) que em geral tem uma posição bastante crítica a obra de Braudel, reconhece que um dos méritos de sua abordagem é compreender este caráter cumulativo do desenvolvimento capitalista: "One aspect of capitalist economies which Braudel highlights is that they involve forces which work cumulatively. Growth-producing activity tends to agglomerate rather than to spread evenly. In terms of per-capita income, the wretched of the earth frequently become relatively, sometimes absolutely, poorer. Technological leadership is difficult to supplant, and once on the downslide is hard to regain. The theory of why this is so has yet to be formulated, but retaining the vision of the "invisible hand" probably does not help to do so. Orthodox economists, however, still cling to this perspective with much the same tenacity as medieval alchemist clung to their belief in *prima materia*." (Howard, 1985: 482)

203. Iremos tratar nas recorrências históricas seguintes quem são estes agentes e porque eles são os mesmos.

204. Nas páginas 84 a 92 discutem-se outros problemas em relação a esta distinção entre economia de mercado e capitalismo, em especial quando se utiliza esta distinção para entender os últimos 30 anos.

Esta ideologia [de que o monopólio é a exceção] ainda está profundamente enraizada nos espíritos hoje em dia – não apenas no público, como entre os especialistas. Mas em termos estatísticos não é em absoluto verdadeiro que o monopólio seja raro. Muito pelo contrário. As evidências se acumulam (basta ler Braudel); não só os monopólios sempre existiram no capitalismo como sempre desempenharam um papel de primeiro plano.<sup>205</sup>

Este papel preponderante dos monopólios se deve ao fato de que foi por meio deles que os mais poderosos puderam, através de épocas, realizar a acumulação de capital em larga escala.<sup>206</sup> Aí estão os venezianos lucrando com as posições exclusivas em Bizâncio, os ricos banqueiros alemães e seu monopólio na exploração de minas européias, os holandeses e o monopólio do comércio de especiarias, o tráfico negreiro restrito aos navios ingleses. Um após o outro, os monopólios se sucedem e a troca dos atores a os explorarem é extremamente reduzida - "São os monopólios dominando o mercado que constituem a singularidade de nosso sistema".<sup>207</sup> Deste modo, Amin e Luckin<sup>208</sup> ressaltam que a contribuição decisiva de Braudel é esta ênfase no "terceiro andar", marcado pelo contra-mercado, e na impossibilidade de se entender a essência do capitalismo sem compreender o papel desta camada superior da atividade econômica. Uma teoria econômica que se concentre nas trocas "normais" do mercado e que encare as trocas que geram lucros excepcionais como se fossem atípicas e não merecedoras de tratamento teórico, releva à segundo plano o que na prática constitui a mais decisiva característica sistêmica e a especificidade que permite sua contínua expansão.

Esta inversão feita por Braudel, que coloca o monopólio no centro da discussão, o coloca no pólo contrário tanto de liberais quanto de marxistas. Os primeiros enxergam o avanço das forças capitalistas competitivas como o avanço do progresso e da racionalidade econômica, num processo evolutivo que culminaria numa "espécie de apoteose utópica"<sup>209</sup> de liberdades individuais e de desenvolvimento - o fim da política e a celebração da técnica. O monopólio seria uma disfunção pontual e passageira, cada vez menos significativa neste processo de expansão econômica. Assim, na ortodoxia da economia neoclássica, nunca há vantagem, nunca há hierarquia - cada fator ou ator recebe o "justo" pelo seu aporte. Quando se rompe este dique, uma enormidade de hierarquias começa a aparecer para determinar diferentes rentabilidades. Apesar de todas as diferenças, neste quesito os marxistas se colocam ao lado dos liberais - e no pólo oposto de Braudel - compartilhando da visão em que a regra do capitalismo é a livre concorrência. Não é à toa que seja tão freqüente a adoção por estes

---

205. Wallerstein, 1989: 104

206. "E, aliás, foram sempre os mais poderosos e os maiores acumuladores de capital que controlaram esses monopólios. A tal ponto que toda a sua aptidão para acumular com seriedade o capital repousava em suas capacidades para erigir tais monopólios." (Wallerstein, 1989: 104)

207. Wallerstein, 1989: 104

208. Amin e Luckin, 1996: 229

209. Wallerstein, 2006: 251

autores de teses que apontam para um progressivo achatamento das taxas de lucro sob a força crescente da competição que levaria ao colapso do sistema, o que só é lógico se as práticas monopolistas forem observadas como aberrações pontuais e não recorrências sistêmicas que se mantêm no tempo.

A posição de Braudel possui um interessante diálogo com a obra de Schumpeter. Como notado por Arrighi,<sup>210</sup> embora as terminologias adotadas por ambos autores sejam diferentes, há muitas similaridades entre os conceitos. Num certo nível, há uma atividade econômica normal, regular. É a economia de mercado de Braudel ou o fluxo circular de Schumpeter. No entanto, o desenvolvimento e a acumulação vêm justamente de uma força "externa" a este jogo previsível, que o rompe e amplia seu espaço. A diferença está na essência desta ruptura. Se em Schumpeter é o empresário inovador que cria uma nova combinação de métodos de produção ou um novo produto, Braudel irá enfatizar a relação de forças díspares que irá permitir a interrupção do jogo econômico regular - como discute-se nas seções seguintes, a essência desta interrupção está nas conexões com o poder estatal e nas hierarquias existentes, não só econômicas, que tem os capitalistas em seu topo.

Steiner<sup>211</sup> conduz uma discussão entre as obras de Braudel e Weber que explora esta análise da frequência das práticas monopolistas. A respeito dos grandes capitalistas, Weber diz:

deixando de lado os períodos estritamente feudais ou patrimoniais, não há nenhum momento da história, em qualquer área econômica que seja em que estivessem ausentes os Pierpoint Morgan, Rockefeller, Jay Gould etc.; mudaram apenas (evidentemente!) os meios técnicos de que se serviam para adquirir sua riqueza. Eles se mantinham e se mantêm ainda "além do bem e do mal".<sup>212</sup>

Ora, o que Weber apresenta não é a mesma realidade do monopólio como regra que diz Braudel? Em um primeiro plano, assim como Braudel vê os monopólios no longo prazo também para Weber "não há nenhum momento da história" sem estas grandes famílias extremamente ricas e poderosas. Além disso, elas "se mantinham e se mantêm além do bem e do mal", ou seja, operam sob restrições muito menores que os demais agentes econômicos, em um espaço em que podem montar suas redes de captação de riqueza sem o incômodo tão forte da concorrência. Está aí a posição privilegiada dos capitalistas, em oposição à regularidade e transparência do mercado. O que irá diferenciar Weber de Braudel é o objeto de sua pesquisa. Weber está em busca das raízes do desenvolvimento do espírito racional

---

210. Arrighi, 2001

211. Steiner, 1989

212. Weber apud Steiner, 1989: 153

moderno e assim o encontrará nas classes médias e seu ascetismo secular.<sup>213</sup> Assim, acaba não se aprofundando naquilo que é a essência da pesquisa braudeliana: as condições de acumulação acelerada de capital, que inevitavelmente passam por estes barões "acima do bem e do mal".<sup>214</sup>

Antes de se avançar para as demais recorrências históricas, um parêntese um tanto quanto longo é necessário a respeito da palavra monopólio. Braudel usou-a por diversas vezes em CMEC, assim como Wallerstein, ainda que este alertasse que "monopólios perfeitos são extremamente difíceis de se criar e raros, mas quase-monopólios não são."<sup>215</sup> Apesar disso, seu uso pode ser enganador - pode-se imaginar uma supressão total do mercado e da competição. Não é o que ocorre na maior parte das vezes, tanto é que a recomendação de Braudel seja para que se esteja atento tanto aos monopólios de fato quanto aos monopólios de direito. Os primeiros são mais óbvios, pois de algum modo a letra da lei ou das armas assegura esta exclusividade, como no caso das companhias de comércio que tinham o monopólio da troca com certas áreas geográficas estipulado pelo estado. Mas os monopólios de direito são mais sutis, pois agem sem uma supressão total do mercado nem da competição. O neologismo criado por Braudel *contré-marche*, traduzido para o português na edição brasileira de CMEC como anti-mercado, mas que talvez retivesse melhor o sentido original como contra-mercado, busca captar justamente esta situação. O que Braudel relata é que os capitalistas são capazes de criar ações contra o funcionamento livre do mercado, das mais diferentes formas: a regra básica é "fabricar um contrajogo, em face dos mecanismos e instrumentos habituais do mercado, de fazer com que este funcione *de outro* modo, quando não às avessas."<sup>216</sup> Mas logo nos adverte sobre a multidão de diversos arranjos sob este conceito: "Mas seria ir encontrar, sob a aparente simplicidade da palavra *jogo*, realidades concretas diferentes e contraditórias, o jogo preventivo, o jogo normal, o jogo lícito, o jogo às avessas, o jogo com truques..." Assim, quando se observa um contra-mercado, não há supressão total da concorrência mas uma temporária suspensão da sua força aplainadora de

---

213. É interessante que Braudel nega a tese de Weber que liga capitalismo ao protestantismo. Ele diz: "[...] o erro de Max Weber parece-me derivar essencialmente, no começo, de uma exageração do papel do capitalismo como promotor do mundo moderno." (Braudel, 1987:43) Embora não aprofunde sua observação, podemos entender que o entendimento que Braudel dá ao capitalismo - situação excepcional, criada pelo poder - torna de fato impossível a conexão proposta por Weber. A conexão que se poderia fazer, então, seria com o termo economia de mercado. Porém, Braudel enxerga as raízes do mercado num momento muito anterior do tempo. Howard, no entanto, defende que Braudel faz uma leitura equivocada das ideias de Weber. Ver Howard, 1985: 472

214. Steiner, 1989

215. Wallerstein, 2006: 26 - Tradução do autor, no original "perfect monopolies are extremely difficult to create, and rare, but quasi-monopolies are not."

216. Braudel, 2005b: 515, grifo no original

lucros, contendo de algum modo a pressão competitiva ou manipulando preços de um modo não acessível para os compradores ou vendedores que estão na outra ponta do negócio.

A literatura econômica ortodoxa reconhece a existência do que chama de mercados imperfeitos, em que existem monopólios, monopsônios, oligopólios, oligopsônios e cartéis.<sup>217</sup> Recorre normalmente à teoria dos jogos - em que cada jogador precisa considerar as respostas dos outros jogadores a seus movimentos - para determinar níveis ótimos de preço e produção que gerariam uma perda de eficiência mínima. Além disso, apontam que o conluio de preços é ilegal e vigiado pelas autoridades governamentais. Tais análises, contudo, carregam os mesmos defeitos da teoria econômica citados nas seções anteriores: um enfoque quase ficcional da realidade.<sup>218</sup> Baseadas na microeconomia, possuem extrema dificuldade em lidar com o fato concreto de que não existe um mercado mundial sem barreiras - o que há é um mercado mundial entrecortado por unidades de poder competitivas, interessadas em maximizar o seu poder e influenciadas pelos interesses dos agentes econômicos atrelados a seu projeto. Além disso, estas análises estão presas ao modelo de curvas de oferta e demanda, e questões que não sejam ligadas a determinação de preços e quantidades são secundárias: quase não há espaço para a guerra, a cultura, o político e o social. Compreender o contra-mercado de Braudel implica reconhecer o caráter conflitivo e competitivo da economia mundial ausente da visão de mundo destes analistas, para quem, afirma Fiori

tudo que não seja resultado das forças impessoais do mercado ou do progresso tecnológico pertence ao campo metafísico da conspiração política. Na verdade, o que fazem é transferir para o plano analítico o que é apenas obsessão ideológica: a vontade de eliminar da análise do desenvolvimento histórico do sistema mundial a política e o conflito de interesses entre os Estados e os grupos sociais, sobretudo porque a luta entre interesses e poderes, no plano internacional como no plano local, não se dá na forma de um 'mercado político' e não é compatível com a linguagem dos modelos de equilíbrio e das 'decisões racionais'. Na luta pelo poder, a hierarquia e objetivos diferentes e contraditórios dos 'decisores' - individuais ou coletivos - são fundamentais e é isto que não entra ou não pode entrar nos esquemas teóricos das interpretações mecanicistas.<sup>219</sup>

Desta forma, os contra-mercados apontados por Braudel são muito mais amplos, diversos e complexos do que a simples manipulação de quantidades para maximizar o preço que aparece nos modelos econômicos tradicionais que falam de oligopólios. Podem tratar de informação e contra-informação, de dissimulação, de violência, de parcerias orquestradas à margem da legislação nacional e aproveitando os vácuos da lei internacional, de moldar o arcabouço legal para suas preferências e inclusive de incorporar a visão de longo prazo dos

---

217. Ver, por exemplo, um dos manuais básicos de microeconomia: Pindyck e Rubinfeld, 1999

218. A única manipulação do mercado que estas teorias aceitam é a diminuição das quantidades produzidas por uma firma ou um cartel que controla um mercado em relação ao que seria o nível "normal" de produção, forjando um novo "equilíbrio". Desta menor produção, decorre um aumento artificial de preço e consequentemente maiores lucros. Braudel relata um leque muito mais amplo de manipulações de mercado.

219. Fiori apud Fiori, 2001: 52

jogos de poder que não seguem a racionalidade de curto prazo dos jogos econômicos. Assim, a capacidade de se continuamente estabelecer contra-mercados dos mais diferentes tipos com sucesso, mesmo que temporários é a recorrência histórica aqui reforçada. Opta-se então por reforçar esta recorrência do que sustentar integralmente a separação teórica original de Braudel entre economia de mercado e capitalismo, uma operação delicada e carregada de dificuldades e que acaba por tornar a posição de Braudel muito mais suscetível à críticas.<sup>220</sup> A observação de que de modo concreto alguns poucos recorrentemente conseguem interromper o funcionamento normal do mercado para gerar posições com lucros excepcionais é mais simples de ser demonstrada historicamente e já carrega o elemento essencial das observações de Braudel. Assim, cada iniciativa, cada contra-mercado cedo ou tarde cairá sob a pressão da concorrência,<sup>221</sup> mas o que a abundância de relatos que Braudel oferece é que alguns poucos possuem os meios necessários para recorrentemente colocar novos contra-mercados em marcha, beneficiando-se das vantagens previamente estabelecidas.

#### **2.4 Recorrência histórica 2 - Não há contra-mercados sem o apoio do Estado**

A respeito da atuação capitalista, Braudel diz: "o comércio das Antilhas está dando apenas lucros modestos? Não importa, no mesmo instante o comércio na Índia ou na China está garantindo lucros dobrados. Basta trocar o fuzil de ombro."<sup>222</sup> A menção ao fuzil não é trivial. A construção dos contra-mercados exige inteligência e esperteza, mas acima de tudo, poder<sup>223</sup>. E quando falamos de poder, é inevitável trazer à cena o Estado.

É com este conceito em mente que Arrighi apresenta uma bela imagem a respeito do projeto braudeliano: enquanto Marx fez um convite para se sair da esfera ruidosa e transparente da circulação e visitar o domicílio oculto da produção, onde ao se observar o dono do dinheiro encontrando-se com o dono da força de trabalho, se desvenderá o segredo da geração de lucros,

Braudel também nos convidou a deixar por algum tempo a esfera ruidosa e transparente da economia de mercado e a acompanhar o dono do dinheiro até outro domicílio oculto, onde só se é admitido a negócios, mas que fica um andar acima, e não um andar abaixo do mercado. Ali, o dono do dinheiro encontra-se com o dono, não da força de trabalho, mas do poder político. E ali, prometeu Braudel, desvendaremos o segredo da obtenção dos grandes e sistemáticos lucros que permitiram ao capitalismo

---

220. No capítulo 3, páginas 86 a 91 apresentamos o que nos parece compor os eixos essenciais que uma atualização desta distinção entre economia de mercado e capitalismo exigiria.

221. Como discutiremos na seção seguinte, temos que entender concorrência não como um simples jogo competitivo entre empresas, mas um campo de batalha mais complexo em que os estados cumprem um papel essencial em definir os termos desta concorrência, muitas vezes apoiando seus capitais nacionais e interferindo na decisão de outros estados.

222. Braudel, 1987: 37

223. Walerstein, 2006

prosperar e se expandir "indefinidamente" nos últimos 500 ou 600 anos, antes e depois de suas incursões nos domicílios ocultos da produção.<sup>224</sup>

Ora, a razão pela qual o segredo do capitalismo se dá nesta conexão entre os capitalistas e os donos do poder está na percepção de que por trás de cada um dos diferentes contra-mercados recorrentemente construídos, desmontados e reconstruídos não há somente um capitalista: este em geral pouco pode fazer sem um certo apoio estatal que o ajude a estabelecer o contra-mercado. Neste sentido, Wallerstein diz que os escritos de Braudel

[...] nos permitem combater a resistência a admitir esta verdade particular: todo monopólio tem base política. Ninguém pode em algum momento dominar uma economia, enrijecê-la, constranger as forças de mercado sem apoio político. É necessária força, a força de alguma autoridade política, para criar barreiras não econômicas de entrada no mercado, para impor preços ultrajantes, para garantir que as pessoas comprem coisas de que não tem urgente necessidade. A idéia de que se possa ser capitalista (no sentido que Braudel deu ao termo) sem o estado, para não falar em oposição ao estado, é sobretudo absurda".<sup>225</sup>

Ainda que Braudel tenha anunciado esta conexão entre acumulação de capital e tenha dado importantes passos nesta análise, é preciso reconhecer alguns limites de sua pesquisa. Fiori aponta que o registro histórico de Braudel "privilegia a evolução das trocas individuais e dos mercados e transmite a idéia de uma transição gradual – dentro do 'jogo das trocas' – para o mundo das 'altas engrenagens' do capital e do capitalismo."<sup>226</sup> Dessa forma, Fiori aponta que embora Braudel tenha prometido escancarar o encontro do "dono do dinheiro com o dono do poder político", os relatos de CMEC acabam em sua maioria apenas resvalando o espaço dos mais altos jogos competitivos: o poder e as guerras "têm pouco destaque em sua história do nascimento europeu do capitalismo".<sup>227</sup> De fato, Braudel anuncia mais do que realmente consegue colocar no papel a respeito destas conexões de poder e capital. Ainda que tenha indicações importantes, a maioria de seus exemplos acaba destacando histórias menores, que se sem dúvida já esclarecem que o mercado não é esta entidade auto-reguladora que a maior parte dos economistas enxerga, nem sempre conseguem captar os mecanismos concretos dos jogos mais complexos e de maior porte que alimentam o processo de constante acumulação e polarização da riqueza.<sup>228</sup>

---

224. Arrighi, 1996: 25

225. Wallerstein, 2006: 238.

226. Fiori, 2009: 160

227. Fiori, 2009: 160

228. A pergunta que se impõe então é: Braudel poderia ter feito de modo diferente? É claro que as escolhas por ele feitas não são inevitáveis e que trilhas distintas poderiam ser percorridas em certas partes. Mas Braudel dá de frente com uma questão concreta, por ele mesmo levantada: adentrar esta camada superior da atividade econômica implica entrar numa zona opaca, pois a própria limitação de acesso à informações é parte constitutiva de sua identidade. Para um livro que, como qualquer obra científica, carece de fontes fidedignas, publicadas e reconhecidas, onde recolher os registros destes jogos complexos, em que o capitalista apoia-se no poder estatal, e cuja própria identidade é opaca e dissimulada? Não se pretende com este argumento criar uma circularidade (Braudel diz que há operações numa zona opaca que são o gatilho da acumulação de riquezas, mas que por ser opaca não pode ser descrita à perfeição) que tornaria a tese de Braudel impossível de ser provada, mas jogar luzes sobre a dificuldade intrínseca do tratamento deste problema.



Ademais, ao anunciar a conexão entre capitalistas e estado mas não levar a cabo este nexu, Braudel acaba criando um vácuo explicativo que leva Vries<sup>229</sup> a dizer que não há um motor econômico no sistema tripartido de Braudel, ou seja, não haveria uma lógica sistemática e intrínseca no modelo braudeliano que levaria à expansão econômica. A crítica de Fiori, no entanto, incorpora novas questões que satisfatoriamente superam esta limitação. Nessa perspectiva, o problema na formulação de Braudel não seria esta aproximação entre capitalismo e estado, mas a timidez deste movimento. Uma vez radicalizada esta conexão, como o faz Fiori, não só a questão do motor do sistema como outras dificuldades são resolvidas.

Para isso, Fiori<sup>230</sup> recua no tempo do mesmo modo que Braudel fez, chegando aos séculos XII e XIII, momento que funciona como um big-bang do sistema interestatal moderno, pois ali se forjam as relações entre poder e capital que irão guiar o sistema até os dias atuais. É por volta desta data que a Europa reverte o processo de estagnação econômica e fragmentação de poder dos 3 séculos anteriores e inicia sua longa escalada até a hegemonia mundial. Uma importante especificidade européia é que desde Carlos Magno o espaço europeu manteve-se sem uma unidade imperial integradora, fragmentado em unidades de poder autônomas e competitivas ao contrário dos impérios consolidados que caracterizavam o tabuleiro asiático. Assim, de forma diferente do que se passou numa Ásia em que o poder se encontrava menos disperso, as unidades européias passaram por um processo competitivo e altamente conflitivo de gradual concentração de poder em que "quem não sobe, cai".<sup>231</sup> Tilly<sup>232</sup> descreve este mecanismo de forma muito simples. Cada unidade territorial de poder estabelece uma zona segura sob seu controle, além de uma zona-tampão ao redor da zona segura para sua proteção. Ora, com o decorrer do tempo, a zona-tampão torna-se zona segura, sendo então necessária o

---

A solução muitas vezes encontrada por Braudel é se afundar em arquivos, em especial os que registram litígios comerciais. Nas disputas judiciais, o *modus operandi* é revelado e Braudel pode compartilhá-lo com seu leitor. Embora seja um estratagema interessante, é raro que as maiores operações, mesmo as frustradas, tenham este destino: aqueles que adentram o campo dos grandes jogos, em geral são bastante conscientes dos riscos que correm e da impotência da justiça em resolver estas questões. Mas, além disso, já limitamos aí o campo da pesquisa aos fracassos, o que Braudel lamenta: "O inconveniente dos documentos de arquivo não será coletarem para o historiador falências, processos, catástrofes, em vez do andamento regular dos negócios? Os negócios felizes, tal como as pessoas felizes, não tem história." (Braudel, 2005b: 58)

229. Vries, 1979: 142

230. Fiori, 2009.

231. A expressão "quem não sobe, cai" é tomada emprestada por Fiori de Norbert Elias, que analisando a Guerra dos Cem Anos descreve o movimento competitivo entre um grande número de unidades de poder ainda fragmentadas que gradualmente consolidam-se em unidades mais e mais poderosas que formarão a França e a Inglaterra, num jogo no qual a inação ou estabilidade não é uma alternativa; é preciso conquistar a unidade vizinha, caso contrário a próxima vítima da expansão será a unidade estável: "quem não sobe, cai".

232. Tilly, 1996: 70–71

estabelecimento de nova zona-tampão, agora mais ampla, num movimento expansionista sem limites. É fácil perceber que este mecanismo de ampliação de zonas concêntricas inevitavelmente leva ao contato – e conflito – com uma unidade de poder vizinha que amplia-se pelo mesmo mecanismo.

Um sistema competitivo como esse não aceita poderes apáticos<sup>233</sup> - expandir-se é uma obrigação, pois é a única maneira de se defender - e a guerra torna-se uma atividade crônica e sistêmica. Decorre daí que Maquiavel<sup>234</sup> aponte que a atividade primordial do príncipe tenha que ser a preparação para a guerra. E a preparação para a guerra por parte do soberano é dependente de sua capacidade de tributar e capturar rendas da população estabelecida em seu território para financiar os exércitos mercenários e a mobilização militar.<sup>235</sup> A própria imposição dos tributos é um ato do poder que discricionariamente estabelece que parte da produção deve ser considerada uma produção excedente e transferida para financiar o projeto expansivo.<sup>236</sup> A medida que as pressões competitivas aumentam, a pressão tributária também se intensifica, estimulando que também cresçam a produção, a produtividade e o excedente. Quando o soberano determina a monetização deste tributo, também ampliam-se as interligações do mercado e abre-se a possibilidade para o surgimento dos primeiros bancos europeus, que poderão fornecer crédito aos soberanos e arbitrar o câmbio entre as diferentes moedas, já que cada unidade de poder estabelece uma moeda própria. Estabelece-se assim um círculo virtuoso de acumulação de poder pelas unidades expansionistas e o crescimento da produção e dos mercados.

Desta forma, conclui Fiori,

não há como explicar ou deduzir a necessidade da acumulação do lucro e da riqueza, a partir do "mercado mundial" ou do "jogo das trocas" mesmo que os homens tivessem uma propensão natural para trocar – como pensava Adam Smith –, isso não implicaria necessariamente que eles também tivessem uma propensão natural para acumular lucro, riqueza e capital. Porque não existe nenhum "fator intrínseco" à troca e ao mercado que explique a decisão de acumular e a universalização dos

---

233. Fiori, 2009

234. Maquiavel, 2003

235. Fiori, 2009. A respeito desta demanda crescente por recursos que a guerra gera, Braudel diz: "É certo que a guerra, cada vez mais dispendiosa, contou para o desenvolvimento mercantilista. Com o progresso da artilharia, dos arsenais, das frotas de guerra, dos exércitos permanentes, da arte das fortificações, as despesas dos Estados modernos aumentam muito depressa. Guerra é dinheiro e mais dinheiro. E o dinheiro, a acumulação do metal precioso, torna-se obsessão, razão fundamental e dos juízos" (Braudel, 2005b: 487)

236. Fiori ainda esclarece: "Nesse ponto, William Petty – pai da economia política clássica – inverteu a ordem dos fatores. Segundo ele, os tributos foram criados porque existia um excedente de produção disponível, quando, na verdade, os tributos foram criados porque existia um soberano com poder de proclamá-los e impô-los a uma determinada população, independentemente da produção e da produtividade do trabalho no momento da proclamação do imposto. Ou seja, do ponto de vista lógico foi só depois da proclamação dos tributos que a população foi obrigada a separar uma parte de sua produção para entregá-la ao soberano. E essa parte da produção se tornou, a partir daí, um excedente obrigatório de produção a ser transferido periodicamente para as mãos do "poder tributador", independentemente do nível alcançado pela produção e pela produtividade da terra e do trabalho." (Fiori, 2009: 164)

próprios mercados. Pelo contrário, o comércio sempre existiu em todos os tempos, mas, durante a maior parte da história, sua tendência natural foi manter-se no nível das necessidades imediatas ou da "circulação simples" e só se expandir de forma muito lenta e secular. Ou seja, a força expansiva que acelerou o crescimento dos mercados e produziu as primeiras formas de acumulação capitalista não pode ter vindo do "jogo das trocas", ou do próprio mercado, nem veio, nesse primeiro momento, do assalariamento da força de trabalho. Veio do mundo do poder e da conquista, do impulso gerado pela "acumulação do poder".<sup>237</sup>

Assim, o motor do modelo de Braudel não é econômico; são as imposições do mundo do poder que levam o sistema adiante.<sup>238</sup> As unidades de poder vivem uma pressão sistêmica para se expandir, mas esta expansão tem um custo em recursos que devem ser obtidos na vida econômica. Mas a melhor maneira de se expandir esta vida econômica - e assim os recursos para a guerra - é facilitar a criação de contra-mercados que não só concentrem os recursos internos em poucas mãos, mas que tenham força suficiente para extrair riqueza nos jogos do comércio internacional. Portanto, este é um jogo de duas vias em que o Estado serve ao capitalista, ajudando-o a criar posições monopólicas, mas em que a riqueza do capitalista alimenta o Estado em seu jogo competitivo<sup>239</sup>: "[o Estado] servindo aos outros, servindo ao dinheiro, ele serve a si mesmo."<sup>240</sup> E o que a pesquisa histórica de Braudel mostra - mesmo com as limitações citadas - são as diferentes conexões específicas que a cada momento se formaram.<sup>241</sup> Em Veneza, por exemplo, a elite capitalista não só também domina a política local mas associa-se ao poder bizantino para ter as posições preferenciais no comércio com o Oriente. Em Gênova, a classe capitalista acopla-se ao poderio territorial expansivo ibérico, em larga parte por ela financiada, para criar posições privilegiadas assim descritas por Arrighi:

Em 1579, [...] estava estabelecido um triângulo rigidamente controlado e altamente lucrativo, através do qual os genoveses enviavam prata americana de Sevilha para o norte da Itália, onde a trocavam por ouro e letras de câmbio, que entregavam ao governo espanhol; em Antuérpia em troca dos *asientos* que lhes davam controle sobre a prata americana em Sevilha.<sup>242</sup>

---

237. Fiori, 2009: 160-161. Esta relevância da guerra no sistema leva Fiori a propor um novo conceito, o de política-mundo, em contraste com a economia-mundo de Braudel. Assim como as trocas integraram os espaços, estes também foi o papel das guerras.

238. "A guerra, a moeda e o comércio sempre existiram. A originalidade da Europa, a partir do "longo século XIII", foi a forma em que a "necessidade da conquista" induziu e depois se associou com a "necessidade do lucro". Por isso, a origem histórica do capital e do sistema capitalista europeu é indissociável do poder político. Radicalizando nosso argumento: a origem histórica do capital não "começa pelo mercado mundial", nem pelo "jogo das trocas". Começa pela conquista e pela acumulação do poder e pelo seu estímulo autoritário ao crescimento do excedente, das trocas e dos grandes ganhos financeiros construídos à sombra dos poderes vitoriosos." (Fiori, 2009: 167-168)

239. "Por esses caminhos, foi se consolidando na Europa uma aliança cada vez mais estreita e multiforme entre o poder e o capital; a grande diferença européia, com relação aos impérios asiáticos, onde a relação dos poderes soberanos com a atividade mercantil e financeira foi muito mais frouxa – uma relação de "neutralidade indiferente", nas palavras de Irfan Habib (1990: 371) – graças a sua grande capacidade de tributação do uso da terra" (Fiori, 2009: 167)

240. Braudel, 2005c: 42

241. A pesquisa de Arrighi (1996), inspirada e baseada em larga medida no trabalho de Braudel, oferece uma forma mais clara a estas conexões.

242. Arrighi, 1996: 134

Em Amsterdã, novamente unidade de poder e classe capitalista encontram-se num mesmo território. O Estado holandês deu suporte a todos os movimentos de sua classe capitalista, com bloqueios portuários ou abertura de mercados à força, conforme fosse necessário, e uma efetiva gestão da guerra. Do mesmo modo, os próprios empreendimentos comerciais holandeses, como a VOC, eram não só máquinas de acumulação capitalista mas também máquinas de gestão da guerra com funções de Estado.<sup>243</sup>

Mas a despeito das especificidades de cada arranjo, a recorrência histórica que Braudel mostra é que os capitalistas só prosperaram com o apoio do Estado. Internamente, o Estado tem papel essencial ao definir as regras a respeito dos direitos de propriedade, definir os custos que precisam ser internalizados pelas empresas, taxar, definir quais atividades econômicas podem ser monopolizadas e em que medida e mediar as relações entre empregados e patrões<sup>244</sup> - ou como Braudel diz, "disciplinar o povão das cidades".<sup>245</sup> O Estado também pode apontar "ganhadores", criando medidas que favorecem determinados grupos econômicos que lhe darão suporte posteriormente. Todas estas ações determinam a capacidade de acumulação de riqueza dos capitalistas dentro do espaço nacional. Mas até mais importante do que estas ações internas é sua atuação para fora, definindo a lógica e as regras de funcionamento do mercado mundial e incorporando novas zonas à economia-mundo.<sup>246</sup> Aí os estados tem papel essencial em definir os espaços de acumulação capitalista, dando suporte a seus capitais nacionais e talhando no jogo de forças entre os estados as regras e práticas pela qual o comércio internacional se organizará.

Mas este é um jogo que nem todos podem jogar. O que Braudel observa é que há sempre um único centro de poder<sup>247</sup> "forte, agressivo, privilegiado, um Estado fora de série, dinâmico, ao mesmo tempo temido e admirado."<sup>248</sup> Ao seu redor, outros Estados potentes, competitivos: "É um fato que todo estado que só está nas vizinhanças do centro de uma economia mundo torna-se mais encarniçado, conquistador quando tem oportunidade, como se

---

243. Ver Arrighi, 1996: 155-162

244. Estas são 5 das 7 funções do Estado no sistema capitalista de acordo com Wallerstein (2004)

245. Braudel, 2005c: 42

246. Wallerstein, 1984: 20

247. Fiori (2007a) critica posições como a de Braudel que enfocam um único poder hegemônico: o que é essencial não é o líder, mas o núcleo composto de alguns países centrais e seu jogo competitivo. Arrighi (1996), embora construa sua teoria em cima de ciclos de acumulação com um poder hegemônico, acaba também fazendo advertência semelhante: o que descreve a cada ciclo sob liderança de uma nação é um movimento mais amplo, realizado de forma semelhante pelos outros poderes da mesma época. Nos parece, no entanto, que ambos os enfoques, um que enxerga uma única potência hegemônica e outro com foco no seu núcleo competitivo, confirmam a recorrência histórica de ligação entre estado e capital que discutimos aqui.

248. Braudel, 2005c: 40. E Braudel completa: Já é o caso de Veneza no século XV; da Holanda no século XVII; da Inglaterra no século XVIII e mais ainda no século XIX, dos Estados Unidos atualmente.

tal vizinhança lhe aquecesse os ânimos."<sup>249</sup> E são apenas estes Estados mais fortes que são "capazes de se impor no exterior: é para esses governos que nunca hesitam em recorrer à violência que podemos utilizar desde muito cedo, sem temer anacronismo, as palavras colonialismo e imperialismo."<sup>250</sup> São os Estados fortes que têm a capacidade de influenciar as decisões internas de outras unidades menos poderosas de modo a beneficiar seus capitais.<sup>251</sup>

Um outro elemento desta recorrência que Braudel detecta é que o Estado que se instala ao centro do mundo, que o lidera poderá defender uma ideologia liberal. Isso porque as estruturas de funcionamento da economia-mundo fazem com que "naturalmente" os fluxos essenciais - e mais valiosos - corram pelas suas mãos e este é o maior dos monopólios: a "posição de Amsterdã que é um monopólio em si e que o monopólio não é a busca da segurança, mas da dominação".<sup>252</sup> DeLanda<sup>253</sup> destaca o mesmo para a Veneza do século XIV: aí provavelmente havia a percepção de uma livre competição entre seus capitais, o que mascarava uma realidade observável apenas numa escala superior: a livre competição só ocorria dentro de Veneza, pois como um todo Veneza atuava como um monopólio, com extensas vantagens contra qualquer competidor externo. Assim, o centro é carregado destes privilégios invisíveis até mesmo para aqueles que os desfrutam. Desta forma, a unidade de poder ao centro do sistema não precisa recorrer ao mercantilismo, já que sua dominação se impõe de forma mais sutil. Já os estados periféricos terão que atuar de forma mais evidente,

pois o mercantilismo é, antes de tudo uma forma de se proteger. O Príncipe ou o Estado que aplica seus preceitos obedece provavelmente a uma moda, mas, mais ainda, constata a existência de uma inferioridade que é necessário atenuar ou reduzir. A Holanda será mercantilista só em raríssimos momentos, que correspondem para ela, justamente, à percepção de um perigo externo. Sem igual, ela pode em geral praticar impunemente a livre concorrência, que só lhe traz vantagens. A Inglaterra, no século XVIII, afasta-se de um mercantilismo vigilante: será isso a prova, como penso, de que já soa no relógio do mundo a hora da grandeza e da força britânicas? Um século mais tarde (1846), ela poderá, sem risco, abrir-se à livre troca.<sup>254</sup>

---

249. Braudel, 2005c: 43

250. Braudel, 2005c: 42

251. Wallerstein (2004: 55) sistematiza do seguinte modo esta relação entre estados fortes e fracos: Strong states relate to weak states by pressuring them to keep their frontiers open to those flows of factors of production that are useful and profitable to firms located in the strong states, while resisting any demands for reciprocity in this regard. [...] Strong states relate to weak states by pressuring them to install and keep in power persons whom the strong states find acceptable, and to join the strong states in placing pressures on other weak states to get them to conform to the policy needs of the strong states. Strong states relate to weak states by pressuring them to accept cultural practices-linguistic policy; educational policy, including where university students may study; media distribution-that will reinforce the long-term linkage between them. Strong states relate to weak states by pressuring them to follow their lead in international arenas (treaties, international organizations). And while strong states may buy off the individual leaders of weak states, weak states as states buy the protection of strong states by arranging appropriate flows of capital.

252. Braudel, 2005b: 372

253. DeLanda, 1996

254. Braudel, 2005c: 43

Assim, o mercantilismo é a arma daqueles que, estando "naturalmente" fora dos fluxos essenciais, usam de maneira explícita a força do estado para reduzir as distâncias e tentar chegar até o centro de poder. Nesta contestação do poder central, carregam uma contradição: a disputa pelas posições privilegiadas na economia mundial é um jogo de soma zero, que assim coloca as unidades em rota de colisão; por outro lado, é de seu interesse que o sistema como um todo não entre em colapso, de modo que a contestação é contida por esta força na busca de ordem.<sup>255</sup>

Esta multiplicidade de estados competindo entre si por poder cria as condições ideais para que os capitalistas possam aproveitar as melhores oportunidades. Isto porque podem se associar a uma certa unidade de poder que lhe dá o apoio necessário mas também contornar estados hostis buscando associar-se à unidades mais favoráveis.<sup>256</sup> Isso faz com que exista uma dissonância entre discurso e prática capitalista:

a ideologia oficial da maioria dos capitalistas é o *laissez-faire*, a doutrina de que os governos não devem interferir no funcionamento dos empresários no mercado. É importante compreender que, como regra geral, os empresários afirmam essa ideologia em voz alta, mas não querem que ela seja realmente implementada, ou pelo menos não inteiramente, e certamente não costumam agir como se acreditassem que esta é a melhor doutrina.<sup>257</sup>

Desta forma, o que Braudel mostra é que é impossível pensar o capitalismo em contraposição ao estado. Como aponta Wallerstein, "o Estado é um elemento constitutivo do funcionamento do sistema capitalista. O eixo do debate é antes quem serão os beneficiários da interferência do Estado".<sup>258</sup> Embora a relação de parceria entre capitalista e Estado tenha assumido diferentes formas e aceite altos e baixos, é preciso junto de Braudel reconhecer que "o Estado moderno, que não fez o capitalismo mas o herdou, ora o favorece, ora o desfavorece; ora o deixa estender-se, ora lhe quebra as molas"<sup>259</sup>. Mas que acima disso, que os capitalistas só triunfam com apoio do Estado.

---

255. Wallerstein, 2004

256. Wallerstein, 2004: 24

257. Wallerstein: 2004: 46 - Tradução do autor, no original: "The official ideology of most capitalists is *laissez-faire*, the doctrine that governments should not interfere with the working of entrepreneurs in the market. It is important to understand that as a general rule, entrepreneurs assert this ideology loudly but do not really want it to be implemented, or at least not fully, and certainly do not usually act as though they believed it was sound doctrine." Neste sentido, Özçelik diz: "Braudel's analysis is indicative of the impossibility of 'pure' *laissez-faire*. 'Let them do, let them pass' may well be interpreted as follows: let capitalists stampede on the market as they please! Put differently, if the capitalist mode of action is not controlled or regulated, capitalists tend to give up competing, and engage in monopolistic practices. *Laissez-faire* relies on competition, but competition can be maintained only through regulation of and control over the market." (Özçelik, 2005: 25)

258. Wallerstein, 2006: 238

259. Braudel, 1987: 44

## 2.5 Recorrência histórica 3 – As raízes do capitalismo vão além da economia e da política, estão na sociedade como um todo

Discutiu-se na seção anterior a importância do Estado como um agente essencial na criação dos jogos capitalistas em função do seu poder. No entanto, o Estado não é o único a dar as cartas neste jogo. Braudel diz:

[...] o aparelho de poder, força que traspassa e envolve todas as estruturas, é muito mais do que o Estado. É uma soma de hierarquias, políticas, econômicas, sociais, culturais, um amontoado de meios de coerção em que o Estado sempre pode fazer sentir a sua presença, em que é muitas vezes o próprio Estado a pedra angular do conjunto e quase nunca o único senhor.<sup>260</sup>

É por isso que Braudel dedica todo o capítulo final do volume II de CMEC a recolocar a economia, e todas as discussões até então apresentadas sobre a oposição entre capitalismo e a economia de mercado, na perspectiva mais ampla da sociedade e assim diz: "O pior dos erros ainda é afirmar que o capitalismo é 'um sistema econômico' sem mais, ao passo que ele vive da ordem social".<sup>261</sup> O que Braudel busca fazer é fugir de um reducionismo econômico, pois defende que é preciso integrar numa única análise o econômico, o social, o político e o cultural - na verdade, estes quatro sistemas são e sempre foram um só, e se foram assim recortados na academia, jamais podem ser considerados de forma estanque por uma interpretação cuidadosa dos fenômenos históricos. Daix, citando Alain Minc, diz que a singularidade de Braudel em relação aos economistas é justamente que "ele sempre introduz a sociedade, as estruturas sociais, na economia".<sup>262</sup> É como se a análise da vida econômica pudesse ser realizada em camadas, cada vez mais complexas: num primeiro nível, mais simples e onde reside boa parte dos economistas, o objeto é a economia isolada de quaisquer outros fatores, sempre considerados como variáveis exógenas. Em seguida, há a economia política, que traz as questões de poder para o centro da discussão junto da economia. O que Braudel faz, e sem dúvida seu ofício de historiador muito o ajuda neste processo, é integrar ainda mais uma camada e não transformar o cultural e o social em variáveis externas, mas tentar integrá-las ao núcleo da análise.

E ao olhar de cima o conjunto da sociedade, Braudel diz que uma característica salta aos olhos: uma recorrente desigualdade de meios, de poder, de influência e de riqueza entre o topo e a base social, que insiste em se repetir nos mais diversos tempos e civilizações. Há um cume sempre diminuto, de cerca de 1% da população<sup>263</sup> a quem cabe os excedentes, o

---

260. Braudel, 2005b: 494

261. Braudel, 2005c: 578

262. Daix, 1999: 630

263. Para ilustrar este ponto, Braudel cita diferentes épocas e lugares que comprovam esta distinção de 1% da população passando por Veneza, Gênova, Lyon e Nuremberg no século XVI, os Países Baixos e Inglaterra no

privilégio de governar, de tomar as decisões essenciais e para quem os fluxos monetários convergem: "Sempre que se considera de maneira objetiva o que chamo de capitalismo ativo, é surpreendente o número restrito das pessoas envolvidas."<sup>264</sup> Em contraposição, fica uma massa numerosa, que embora não seja homogênea em termos de meios e possibilidades, esta sem dúvida abaixo desta camada privilegiada.<sup>265</sup>

Embora essa hierarquia seja recorrente, melhor seria usar a palavra no plural: são hierarquias, de diversas ordens, que se inter-relacionam em diferentes arranjos. A religião, por exemplo, ordem conservadora resistia ao capitalismo e sua modernidade, à usura e à centralidade da moeda.<sup>266</sup> A cultura, ora jogou contra e ora a favor, e a partir do momento em que o capitalismo cresce em volume, é cada vez mais uma ordem de apoio.<sup>267</sup> Assim, Braudel destaca que se o capitalismo prosperou na Europa, é porque o arranjo de poder entre suas diferentes hierarquias favoreceu "a longevidade das linhagens e essa acumulação contínua sem a qual nada seria possível"<sup>268</sup>, de modo muito diferente ao que se passou por exemplo na China, na Índia e no Islã. Na Europa, o capitalismo fabricou "com o tempo, uma nova arte de viver, novas mentalidades"<sup>269</sup> e seus valores de forma consciente ou inconsciente, foram aceitos pela sociedade.

Já na China, no período estudado por Braudel, nenhum grupo consegue se aproximar do prestígio dos mandarins. E um mandarim pode enriquecer por meio de sua ligação com mercadores, mas como o concurso a esta posição é aberto ao público, nada garante que seu filho terá esta mesma possibilidade e assim interrompe-se a linha de acumulação. O Estado chinês, forte e imperial, vigia a economia e é hostil a qualquer enriquecimento maior, e assim submete as hierarquizações econômicas necessárias ao capitalismo a um constante

---

século XVII, Sevilha, Mans, Lombardia e os EUA e a França já no século XX. Embora com menos dados, também repete a análise para Rússia, China, Japão e Índia. Braudel, contudo, bem ao seu feitio não chega a fazer uma detalhada análise estatística que possa comprovar seu ponto e tampouco tem uma resposta clara que explique este fenômeno: "[...] o pequeno número de privilegiados se apresenta como um problema que escapa às soluções fáceis. Como ele consegue se manter, mesmo em meio a revoluções? Como impõe respeito a enorme massa que se desenvolve abaixo dele? Por que, na luta que às vezes o Estado trava contra os privilegiados, estes nunca perdem por inteiro ou definitivamente?" (Braudel, 2005b: 420)

264. Uma lição de história, 1989: 78

265. Reforçando este caráter duradouro da distinção entre a elite e a massa, Braudel nos fala sobre a massa de camponeses, sempre oprimida com irrupções revoltosas eventuais com limitado sucesso: "Se, como observava Ingomar Bog, procuramos uma ilustração do que possa ser a 'longa duração', suas repetições, seu lenga-lenga, sua monotonia, a história dos camponeses fornecerá com abundância exemplos perfeitos." (Braudel, 2005b: 441)

266. O protestantismo, no entanto, já é uma reação religiosa mais alinhada com este novo espírito capitalista.

267. "Com a cultura, as relações do capitalismo são ainda mais ambíguas porque muito contrastadas: a cultura é, ao mesmo tempo, apoio e oposição, tradição e contestação. É certo que a contestação se esgota com frequência para além das suas explosões mais vivas. Protestos, na Alemanha de Lutero, contra os monopólios das grandes firmas dos Fugger, dos Welser e outros, não deram em nada. A cultura volta quase sempre a ser proteção da ordem estabelecida e o capitalismo vai buscar nela uma parte da sua segurança." (Braudel, 2005c: 579)

268. Braudel, 2005b: 535

269. Braudel, 2005b: 515



aplainamento pela força política.<sup>270</sup> Nos países islâmicos, os resultados são parecidos: o sultão de tempos em tempos troca à força a elite econômica e "em Delhi, o Grão-Mongol nomeia-os (Omerás e rajás), mas não lhes garante a sucessão dos filhos."<sup>271</sup>

Aí, portanto, não há a cumplicidade necessária da sociedade para que o capitalismo floresça - as hierarquias mais fortes trabalham contra a emergência de uma dominância econômica. O fragmentado tabuleiro político europeu não possuía condições de impor este freio - pelo contrário, necessitando de financiamento constante em seu movimento de consolidação serviu como lenha na fogueira para o processo de acumulação e fomentação de uma hierarquia com maior peso econômico.

Mas mesmo nas rodadas mais avançadas deste jogo de acumulação européia, o econômico tampouco foi o único fator em jogo. Braudel relembra o estudo de Henry Pirenne a respeito da sociedade pré-industrial em que as famílias mercantis normalmente não duram mais do que duas ou três gerações. Seria essa a prova de uma intensa mobilidade social? Seria então o capitalismo fruto e reproduzidor de hierarquias, mas sendo elas móveis, constituiriam um jogo igual a todos participantes? Com certeza não é este o olhar de Braudel, e mais uma vez ele encontra suas respostas abrindo as suas lentes e fugindo do indivíduo:

Se considerarmos não os Fugger, mas todos os grandes mercadores de Augsburgo seus contemporâneos, não a fortuna dos Thélusson e dos Necker, mas a do banco protestante, ficará realmente visível que, periodicamente, um grupo substitui o outro, mas que a duração de cada episódio é muito superior às duas ou três gerações que, segundo Pirenne, seriam a norma e, sobretudo, que as razões do abandono e da substituição são, mesmo desta vez, conjunturais.<sup>272</sup>

O que Braudel detecta é que há uma série de privilégios, não só econômicos, de um grupo social dominante, no caso os mercadores de Augsburgo e não cada indivíduo isolado. Tais privilégios facilitam sobremaneira a manutenção deste grupo no tempo, mesmo que individualmente cada membro viva seus altos e baixos, o que o leva a dizer que "quando tento ultrapassar a desigualdade econômica, dou-me conta de que ela é a transposição da desigualdade social."<sup>273</sup> Esta posição superior oferece a alguns poucos o acesso à informações privilegiadas, à oferta de negócios vantajosos, a cumplicidade, o acesso ao crédito e outras vantagens: "O nosso ator, é preciso não esquecer, está instalado num patamar da vida social e tem quase sempre presentes as soluções, os conselhos, a sabedoria de seus pares. Julga através

---

270. "As duas características essenciais do desenvolvimento ocidental são a instauração de engrenagens superiores e, depois, no século XVIII, uma multiplicação das vias e meios. O que acontece, deste ponto de vista, fora da Europa? O caso mais aberrante é o da China, onde a administração imperial bloqueou todas as hierarquizações da economia." (Braudel, 2005a: 114)

271. Braudel, 2005b: 531

272. Braudel, 2005b: 429

273. Uma lição de história, 1989: 79

deles."<sup>274</sup> Braudel por isso duvida em parte dos méritos que Schumpeter atribuía ao empresário, pois questiona sua lógica individualista - os privilégios que a hierarquia proporciona fazem com que a eficácia das decisões de negócio dependam tanto da habilidade do empreendedor como "do ponto em que se encontra, na confluência ou à margem dos fluxos essenciais da troca e dos centros de decisão"<sup>275</sup>.

Quando se discute a recorrência histórica que indica os monopólios como constância e não exceção,<sup>276</sup> apontou-se que na verdade todos os agentes buscam fugir das regras aprisionadoras de um mercado competitivo, mas que apenas alguns recorrentemente logram sucesso. Ora, são justamente estas hierarquias que irão gerar a disparidade de frequência entre sucessos e fracassos - os instalados previamente numa camada dominante sempre saem à frente.<sup>277</sup> Como argumenta Özçelik<sup>278</sup>, o mercado é um recipiente neutro que, sob o regime capitalista, apenas reproduz os diferenciais de poder estabelecidos antes da operação do próprio processo de mercado, ou seja, se há desigualdade de poder previamente ao processo de trocas, tal diferencial não é apagado e o resultado final das trocas é definido pelas diferenças de poder.

Num colóquio em Châteauevallon, Braudel aparenta gostar de usar a linguagem dos jogos para pensar a distinção entre economia de mercado e capitalismo. Os agentes em cada uma destas esferas simplesmente participariam de jogos diferentes, sem julgamento moral: "Nos três níveis da economia, um joga dominó, outro joga loto, e o terceiro damas. Os jogos são pois diferentes."<sup>279</sup> Mas a vida econômica é uma só, e todos participam dela, embora como se viu acima, alguns tenham certas vantagens. Assim, talvez não exista imagem melhor do que a de um jogo para mostrar o papel destas hierarquias - mas há que ser um jogo que conecte as diferentes esferas da economia.

Há um jogo de cartas de origem provavelmente chinesa e bastante disseminado no Japão chamado Daihinmin, cuja tradução literal seria algo como 'pessoa extremamente pobre'. Já de domínio popular, carrega uma série de outros nomes como Presidente, e não por acaso, Capitalismo. Nele, o objetivo de cada jogador é acabar o quanto antes com suas cartas, descartando-as numa série de rodadas em que gradualmente somente as cartas mais fortes podem ser jogadas. O que diferencia o jogo de tantos outros é que nele há uma escala social:

---

274. Braudel, 2006b: 353

275. Braudel, 2006b: 353

276. Ver páginas 55 a 63.

277. O outro elemento essencial, discutido na seção anterior, é estar conectado a um dos estados centrais mais poderosos.

278. Özçelik, 2005

279. Uma lição de história de Fernand Braudel, 1989: 110

antes de cada partida, o jogador que venceu a partida anterior irá trocar suas duas piores cartas pelas duas melhores cartas do último colocado na partida anterior. Do mesmo modo, o segundo colocado na última partida também melhora sua mão por meio de uma troca com o penúltimo. Este simples mecanismo cria uma imensa disparidade no jogo: os vencedores tendem a se manter por rodadas a fio em sua posição privilegiada, enquanto uma encarniçada disputa social ocorre nos setores abaixo. Está aí o funcionamento das hierarquias: uma redistribuição das cartas a cada rodada, em que o status social previamente obtido concede vantagens no jogo econômico presente e futuro, de modo que 9 vezes em 10 a ordem social é mantida.

Assim, as hierarquias cumpriram um papel essencial na emergência do capitalismo e seguem cumprindo para seu desenvolvimento e especialmente para a própria manutenção da desigualdade: estão na essência de cada contra-mercado. A própria ação estatal, discutida na seção anterior, é um jogo que depende das hierarquias: apenas os Estados mais fortes tem os meios de apoiar seus capitalistas na conquistas dos espaços mais lucrativos da economia-mundo. Braudel, entretanto, não acredita que o capitalismo seja o gerador de tais hierarquias - pelo contrário, aproveita-se delas: "o capitalismo não inventa as hierarquias, utiliza-as, do mesmo modo que não inventou o mercado ou o consumo. Ele é, na longa perspectiva da história, o visitante da noite. Chega quando tudo já está em seus devidos lugares."<sup>280</sup> É por isto que a questão das hierarquias torna-se tão central em Braudel. Ele encanta-se com Jean-Paul Sartre que sonha com uma sociedade sem hierarquias, mas tem dúvidas se este é um projeto possível: "Creio que isto é uma utopia, pois não conheço nenhuma sociedade, presente ou passada, que não tenha suas hierarquias; não digo uma, senão quatro ou cinco, ou mais".<sup>281</sup> E assim cita a hierarquia econômica, que distingue ricos de pobres, a política que separa governantes de governados, a cultural que coloca os que sabem e os que não sabem em lados opostos e a social, entre os que são filhos de alguém e bem-conectados e os que não são. Como um balde de água fria neste sonho de igualdade, ainda diz: "E as sociedades não-capitalistas não suprimiram, ai de nós!, as hierarquias"<sup>282</sup> e mostra que o regime soviético esforçou-se para suprimir a hierarquia econômica, mas pouco conseguiu mudar a respeito das demais.<sup>283</sup> Desta forma,

---

280. Braudel, 1987: 50

281. Braudel, 1986: 43 - Tradução do autor, no original: "Creo que esto es una utopía, pues no conozco ninguna sociedad, presente o pasada, que no tenga sus jerarquías; no digo una, sino cuatro o cinco, o más".

282. Braudel, 1987: 50

283. El régimen soviético, por ejemplo, hizo un esfuerzo desesperado por suprimir la jerarquía económica, pero no ha suprimido ni la jerarquía cultural (todavía hay gente en la Academia de Ciencias), ni la jerarquía política, porque existe la gente del Partido que gobierna, y la otra gente; y tampoco la jerarquía de los hijos de alguien,

o problema em si da hierarquia supera-o [o capitalismo], transcende-o, comanda-o de antemão. [...] Pois é certamente o problema-chave, o problema dos problemas. Deve-se quebrar a hierarquia, a dependência de um homem em face de outro homem? Sim, disse Jean-Paul Sartre em 1968. Mas será verdadeiramente possível?<sup>284</sup>

Braudel encerrará o seu monumental CMEC com uma sentença que muito bem poderia ser uma resposta a esta pergunta. Avaliando as possibilidades de se restringir os lucros concentrados em poucos capitalistas em nome de um ganho mais equilibrado, Braudel destaca a força das hierarquias não só sociais, mas também entre os países. No entanto, afeito a seu espírito, disfarça seu pessimismo ao mais uma vez preferir o ponto de interrogação ao ponto final:

Se as procurássemos com seriedade e com honestidade, não faltariam soluções econômicas que ampliassem o setor do mercado e pusessem a seu serviços vantagens econômicas que um grupo dominante reservou para si. Mas a dificuldade não está essencialmente aí, ela é de ordem social. Tal como não se pode esperar dos países que estão no centro de uma economia-mundo que renunciem a seus privilégios no plano internacional, também no plano nacional será de se esperar que grupos dominantes que associam o Capital ao Estado e que têm a garantia do apoio internacional aceitem jogar o jogo e passar a jogada?<sup>285</sup>

## **2.6 Recorrência histórica 4 - Poder escolher: o privilégio capitalista**

A já apresentada citação de Weber<sup>286</sup> sobre os grandes capitalistas, contém uma outra interessante observação. Weber diz que as grandes famílias, cuja existência perdura no tempo, "apenas (evidentemente!) mudam os meios técnicos para adquirir sua riqueza"<sup>287</sup>. Esta afirmação está em linha com uma recorrência histórica que Braudel revela: que o capitalista não é um agente especialista com atuação exclusiva em um setor. Em sua pesquisa histórica, Braudel mostra que à medida que a produção aumenta, e conseqüentemente as trocas, ocorre uma especialização de funções de baixo para cima na pirâmide comercial. A mão-de-obra se subdivide em especialistas e isso também ocorre com produtores e com as lojas que jogam o jogo regular do mercado: escolhem uma linha de produtos e nela se concentram. No entanto, no topo da vida econômica, o movimento é inverso. Invariavelmente, ao chegar ao cume desta pirâmide, observa-se um ecletismo. O "mercador dos produtos mais nobres", também é financista e pode muito bem controlar a última etapa da produção da mercadoria que exporta. O "banqueiro" faz incursões por outros negócios que lhe parecem lucrativos. O "comerciante" muda de produto assim que enxerga potenciais de lucros mais altos numa mercadoria com a qual não trabalhava. É uma possibilidade de escolha que os que estão abaixo não possuem. Os

---

porque cuando uno es hijo de alguien, incluso en el mundo soviético, tiene mejores oportunidades de éxito, igual que en el mundo burgués." (Braudel, 1986: 44)

284. Braudel, 1987: 50

285. Braudel, 2005c: 584

286 Ver página 60

287. Weber apud Steiner, 1989: 153

que estão no topo da vida econômica tem a capacidade de observar por cima a situação e entrar num setor a partir do momento em que é possível ali estabelecer uma posição monopólica e se retirar assim que estas condições se esgotam:

Fica portanto a impressão (pois só podemos falar de impressões, dada a insuficiência de documentação esparsa) de que sempre houve setores especiais da vida econômica condicionados pelo alto lucro e que esses *setores variam*. Sempre que, sob o impacto da própria vida econômica, há uma dessas modificações, um capital ágil vai ao seu encontro, instala-se, prospera. Nota-se que, regra geral, *ele não os criou*. Essa geografia diferencial do lucro é uma chave para compreender as variações conjunturais do capitalismo, que balança entre o Levante, a América, a Insulíndia, a China, o tráfico negreiro, etc. - Ou entre o comércio, o banco, a indústria ou mesmo a terra.<sup>288</sup>

Braudel não menciona o comércio, o banco, a indústria e a terra inocentemente. Sabe que a leitura marxista e até liberal convencionais costumam considerar estas 4 atividades caracterizando não só grupos sociais distintos, mas também a base para uma periodização do capitalismo: primeiro mercantil, depois industrial e em seguida financeiro.<sup>289</sup> Braudel discorda dessa periodização pois haveria muitas idas e vindas entre estes setores na história e em especial as atividades financeiras sempre foram críticas nas atividades capitalistas nos últimos 7 séculos. Assim, prefere enfatizar que é a desproporcional flexibilidade e possibilidade de escolha dos capitalistas que garante uma unidade histórica do capitalismo do séc XIII até hoje.<sup>290</sup> A respeito da mais célebre das periodizações, a que se segue à Revolução Industrial determinando o capitalismo industrial, ele diz:

Sem dúvida, no século XIX, quando se lança de modo espetacular na imensa novidade industrial, o capitalismo parece especializar-se, e a história geral tende a apresentar a indústria como o remate que afinal teria dado ao capitalismo sua "verdadeira" face. Será assim tão certo? Parece-me antes que, depois do primeiro surto de mecanização, o capitalismo voltou ao ecletismo, a um espécie de indivisibilidade, como se a vantagem característica de estar nesses pontos dominantes fosse precisamente, tanto hoje como no tempo de Jacques Couer, não ter de se cingir a uma única opção. Ser eminentemente adaptável, portanto não-especializado.<sup>291</sup>

Neste sentido, Wallerstein mostra que ao se reconhecer esta recorrência histórica de liberdade de escolha apontada por Braudel, alguns paradigmas são invertidos e profícuos novos questionamentos e afirmações podem ser obtidos. Sob esta ótica da flexibilidade e da liberdade de escolha capitalista, a pergunta essencial a respeito desta mesma Revolução Industrial passaria a ser: "como se deu de naquele momento particular haver lucros

---

288. Braudel, 2005b: 381

289. Wallerstein, 2006: 246-247

290. "Na escala da economia global, é preciso evitar a imagem simplista de um capitalismo a que as etapas de crescimento tivessem feito passar, de fase em fase, da mercadoria para as atividades financeiras e para a indústria - correspondendo a fase adulta, a da indústria, ao único "verdadeiro" capitalismo. Na fase chamada mercantil, tal como na sua fase chamada industrial - abarcando ambos os termos uma grande variedade de formas -, o capitalismo teve, como característica essencial, sua capacidade de passar quase instantaneamente de uma forma para a outra, de um setor para outro, em caso de crise grave ou de diminuição acentuadas das taxas de lucro." (Braudel, 2005b: 382)

291. Braudel, 2005b: 335

monopolistas suficientes na produção têxtil para atrair o grande capital?"<sup>292</sup> Cada uma das mudanças de *locus* de acumulação são então entendidas apenas como mudanças conjunturais nas condições de um ou outro setor gerar lucros superiores, que são prontamente aproveitadas pelos capitalistas, como a passagem à produção têxtil de algodão em 1780, a passagem a investimentos na agricultura na Terraferma veneziana no século XVII ou a passagem à especulação financeira pelas corporações transnacionais na década de 1980<sup>293</sup>.

Em 1985, apenas um mês antes da morte de Braudel, realizou-se um colóquio em sua homenagem na cidade de Châteauevallon. Por 3 dias Braudel e intelectuais de diferentes formações<sup>294</sup> discutiram as obras do historiador francês e num certo momento o debate aproxima-se desta questão. Tenenti<sup>295</sup> está interessado em discutir ruptura e continuidade: o capitalismo após a Revolução Industrial seria fundamentalmente o mesmo dos séculos anteriores? Braudel<sup>296</sup> responde à questão de forma afirmativa, embora não categórica, oferecendo uma definição de capitalismo que destaca a recorrência histórica em questão: o capitalismo seria uma superestrutura, no sentido de constituir um fenômeno social de longa duração<sup>297</sup>, em que existe um pequeno número de atores que desfruta da possibilidade de escolha, de modo que pode continuamente mudar seu campo de atuação. Estes poucos atores, livres para escolher, seriam a marca de sua continuidade. Tenenti busca prosseguir no questionamento e arrancar uma posição definitiva de Braudel. O diálogo, de tão característico do espírito braudeliiano, exige a sua reprodução:

A. TENENTI: Eu tinha algumas dúvidas sobre o fato de que esse modelo [o modelo tripartite de Braudel] fosse igualmente utilizável para todas as espécies de economias-mundo ou de capitalismo. A diferença de escala e de impacto sócio-político atingem em um momento dado uma tal diferença que é preciso perguntar: pode-se situar sobre uma mesma linha o capitalismo anterior à revolução industrial e o capitalismo de hoje? Ou então, ao contrário, não existe ali uma virada, que quebra esse alinhamento?

F. BRAUDEL: O capitalismo, tal como se está constituindo pelo mundo, assemelha-se ao da época de Napoleão II. E certamente também difere deste. O capitalismo é camaleão por estrutura; os camaleões mudam de cor, mas continuam sendo camaleões.

I. WALLERSTEIN: O sr. está evitando um pouco a pergunta...

F. BRAUDEL: Claro! Ponha-se você em meu lugar...<sup>298</sup>

---

292. Wallerstein, 2006: 237

293. Wallerstein, 2006: 250

294. Entre os presentes nas mesas de debate estava Celso Furtado, na época embaixador brasileiro junto à Comunidade Econômica Européia

295. Tenenti, 1989

296. Uma lição de história de Fernand Braudel, 1989

297. Braudel é solicitado a explicar o que quer dizer por superestrutura e diz: "Para mim, a palavra "estrutura", seja superestrutura ou infraestrutura, corresponde às realidades sociais, econômicas ou culturais de longa duração. A religião, por exemplo, é um fenômeno de longa duração [...]" Wallerstein ainda completa a resposta apontando que Braudel "não utiliza a superestrutura no sentido marxista. Para Marx, a infraestrutura controla a superestrutura, enquanto que para o sr. (Braudel), em um certo sentido, a superestrutura domina." Uma lição de história de Fernand Braudel, 1989

298. Uma lição de história de Fernand Braudel, 1989: 118

Pode-se imaginar a gargalhada que se segue a esta resposta, carregada de metáforas e dubiedade, enquanto a discussão toma outros rumos. Apesar disso, ela deixa evidente que ver o capitalismo como uma linha de pura continuidade, do século XII até hoje, ou como os diferentes arranjos específicos de cada época é uma questão de ponto de vista: pode-se enxergar o mesmo camaleão ou estudar a fundo cada uma das cores adotadas. Talvez a maior riqueza para um pesquisador seja saber fazer a troca destas lentes, olhar o objeto por vezes com o olhar de continuidade, e outras com o de ruptura. Ao fazer a troca, a sua capacidade de compreensão aumenta. E dado que o paradigma dominante tende a reforçar as discontinuidades, muito se pode beneficiar ao usar o traço de continuidade adotado por Braudel.

Porém, independentemente da adoção de uma ou outra lente, a recorrência histórica para a qual Braudel chama atenção é a desproporção de meios que concede ao capitalista uma possibilidade de escolha que os outros agentes não possuem. Braudel ressalta que não há um julgamento de ordem moral. É uma realidade: "Quanto a mim, na minha vida comum, não posso fazer um jogo comparável ao dos Rothschild. Os Rothschild não trapaceiam em relação a mim; mas eu não tenho a possibilidade de jogar como eles."<sup>299</sup> Um professor de história, como Braudel, ou qualquer outro profissional especialista em um certo ofício está preso às condições de mercado para o seu saber. Num momento de escassez de profissionais desta categoria, seus rendimentos podem melhorar e o inverso irá suceder no caso de uma abundância. Trocar de ofício não é uma tarefa simples. Exigirá anos de dedicação e uma boa base de recursos financeiros iniciais para custear a mudança. Contraste-se isso com um capitalista que a qualquer momento pode vender a sua participação em um negócio ou parte de seu patrimônio e migrar para um novo setor que esteja mais atrativo. O saber que um profissional levará anos para acumular, pode ser instantaneamente comprado pelo capitalista. Além das mudanças de setor, os recursos do capitalista permitem que ele mude também de base geográfica: as restrições às movimentações de capital sistematicamente se mostraram inferiores às movimentações de pessoas. Por isso, a recorrência que Braudel destaca é o fato de que a camada capitalista pode continuamente e com mais facilidade que os outros agentes da economia mudar com rapidez seus investimentos para diferentes setores econômicos, de acordo com as variações conjunturais das taxas de lucratividade. Um exemplo disto, destacado por Braudel, se dá na Revolução Industrial em que as invenções críticas em sua maioria foram feitas por gente comum e não um advento capitalista. Porém, alguns anos após

---

299. Braudel, 1987: 110

a estruturação das indústrias Londres com seu capital financeiro é capaz de se apossar das posições privilegiadas. Assim, sua superioridade financeira permitiu se apropriar e expandir os avanços da indústria assim que estes se mostraram com uma lucratividade superior. A seletividade do capitalismo permite observar a vida comercial e, quando há uma inovação ou um mercado que por qualquer razão destaca-se dos demais pela sua lucratividade, dispara-se a entrada do capitalista.<sup>300</sup> Portanto,

[...] só o capitalismo tem uma relativa liberdade de movimentos. Conforme os momentos, pode dar um bom golpe à direita ou à esquerda, voltar-se, alternadamente ou ao mesmo tempo, para os lucros do comércio ou para os da manufatura, até da renda fundiária, do empréstimo do Estado ou da usura. Ante as estruturas pouco flexíveis, as da vida material e, não menos que essas, da vida econômica vulgar, é lhes dado escolher os domínios em que quer e pode imiscuir-se e os que abandonará à sua sorte, refabricando sem cessar, a partir destes elementos, as suas próprias estruturas, transformando pouco a pouco, de passagem, a dos outros. [...] E é esta] desproporção de forças e de situações que faz com que, à escala de uma nação tal como à escala do universo, haja sempre, ao sabor das circunstâncias, um lugar a ocupar, um setor a explorar mais lucrativo do que os outros. Escolher, poder escolher, mesmo que a escolha seja de fato bastante restrita, que privilégio imenso!<sup>301</sup>

Arrighi<sup>302</sup> destaca que esta flexibilidade identificada por Braudel é de certa forma uma reafirmação da fórmula geral de Marx para o capital: DMD'. O capital-dinheiro (D) é portador de liquidez, flexibilidade e liberdade de escolha e é investido em M, capital-mercadoria que por corresponder a uma certa combinação de insumo-produto implica em concretude, rigidez e redução das opções. Esta transformação é realizada apenas para voltar a D', agora de forma ampliada, e novamente carregada de liquidez, flexibilidade e liberdade de escolha. Desta forma, o investimento em uma certa combinação de insumo-produto, com perda de flexibilidade, jamais é um fim em si mesmo; constitui apenas um meio para aumentar a flexibilidade num momento futuro.

E é na outra fórmula de Marx, D D', que encontra-se a única especialização recorrente do capital: a das finanças. Sempre que os capitalistas não enxergam no investimento em uma certa mercadoria a possibilidade de ampliar num tempo futuro seu valor e sua flexibilidade, preferem de antemão as formas mais líquidas e flexíveis de investimento, as formas monetárias. Esta posição já estava clara em Braudel, que entendia que as finanças criavam as

---

300. Assim, não se pode olhar o edifício braudeliano de 3 andares de forma estanque, ou seja, não há capitalismo sem economia de mercado e nem sem a civilização material. Estas esferas se comunicam, se influenciam e se remodelam continuamente. Os hábitos da civilização material determinam em boa medida as possibilidades de uma economia de mercado e as criações que o capitalismo poderá fazer. De outra parte, o capitalismo ao optar por certas atividades e menosprezar outras, influencia as esferas da atividade econômica que ficaram à cargo do mercado e transforma os hábitos da civilização material. Braudel discute, por exemplo, porque as companhias de comércio tem muito mais sucesso na Ásia do que na África e nas Américas. Sua resposta indica que na Ásia esta operação capitalista pode usar de uma extensa rede de trocas prévia, com produções agrícolas e artesanais já organizadas e cadeias de comércio estruturadas, para se instalar, ou seja, o capitalismo aproveita-se de uma economia de mercado desenvolvida para implantar-se. Desta forma, o capitalismo não instala-se no vácuo, mas sim é uma camada superior, que não prescinde da vida material e da economia de mercado que se situam abaixo.

301. Braudel, 2005a: 514

302. Arrighi, 1996



melhores condições para se aproveitar este privilégio capitalista da liberdade de escolha e assim podiam ser seu único campo de especialização. Posteriormente, Keynes<sup>303</sup> ressaltaria esta preferência pela liquidez seja para suprir o tempo de desencaixe entre despesas ou recebimentos, por efeito de precaução - "atender às contingências inesperadas e às oportunidades imprevistas de realizar compras vantajosas"<sup>304</sup>, mas também de especulação. O fato é que a manutenção da riqueza em forma financeira potencializa esta liberdade de movimentos do capitalista em comparação à rigidez do restante da economia. Trocar de setores e de operações é muito mais simples e rápido quando o capital não foi de fato imobilizado. Além disso, os empréstimos, os jogos com o câmbio, a especulação com ativos financeiros são todas alternativas que além de manter a flexibilidade do capitalista, tem características intrínsecas que favorecem o estabelecimento de posições privilegiadas: são espaços em que aqueles que estão no topo da hierarquia podem reduzir o volume de informações disponíveis ao público e cujos mecanismos de operação são distantes e opacos para a maior parte dos agentes.

Braudel lembra que Hilferding protestava contra a ideia de um capitalismo puramente industrial: o mundo do capital seria como um leque aberto onde a forma financeira tenderia a dominar as outras formas. A este respeito, Braudel diz: "É uma visão que eu subscreveria sem dificuldade, sob condição de admitir que a pluralidade do capitalismo é antiga, que o capitalismo não é o recém-nascido dos anos 1900".<sup>305</sup> Para isso, Braudel rememora as muitas expansões financeiras da história: a banca florentina com os Bardi e os Peruzzi no século XIV, os Medici no século XV, as feiras genovesas de Piacenza, o domínio de Amsterdam dos circuitos de crédito no século XVII e os ingleses depois de 1830-1860. Mais do que isso, observa uma recorrência de migração dos processos de acumulação da mercadoria para o crédito como sinal do outono de uma hegemonia, que com seus capitais abundantes passariam a financiar a expansão de um novo centro que a suplantará.<sup>306</sup> É esta a ideia que Arrighi tomará como inspiração para sua teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação.<sup>307</sup>

---

303. Keynes, 1996: 197-208

304. Keynes, 1996: 198

305. Braudel, 2005c: 559

306. A respeito destes momentos de expansão capitalista que criaram sempre um "período de ouro", após o qual há um desmoronamento, Braudel diz: "Mas o seu êxito [da expansão financeira] nunca foi de longa duração, como se o edifício econômico não pudesse alimentar suficientemente esse ponto alto da economia. A banca florentina, um instante fulgurante, soçobra com os Bardi e os Peruzzi no século XIV; depois com os Medici, no século XV. A partir de 1579, as feiras genovesas de Piacenza convertem-se na câmara de compensação, o clearing, de quase todos os pagamentos europeus, mas a extraordinária aventura dos banqueiros genoveses durará menos de meio século, até 1621. No século XVII, Amsterdam dominará brilhantemente, por sua vez, os circuitos do crédito europeu e a experiência se saldará, também desta vez, por um fracasso no século seguinte. Só no século XIX, depois de 1830-1860, o capitalismo financeiro verá seus esforços coroados de êxito, quando a

Desta forma, a quarta recorrência histórica que Braudel identifica nesta obra é que o capitalista, favorecido pela suas hierarquias superiores e pelo volume de seu capital, possui uma liberdade de movimentos sem igual e que, para potencializar tal liberdade, tem nas finanças um refúgio recorrente.

## **2.7 Posturas metodológicas e recorrências históricas – um resumo**

Neste segundo capítulo, ao mesmo tempo que se recuperava as principais controvérsias a respeito de CMEC, extraiu-se os elementos essenciais da obra de Braudel, registrados como posturas metodológicas, que dizem respeito ao método de se analisar a vida econômica, e em recorrências históricas, que apontam para padrões de acontecimentos que se repetem no período estudado.

As posturas metodológicas identificadas foram duas: a **Injeção da história na economia** e a adoção de **um espaço-tempo ampliado**. A primeira delas reforça o método descritivo de Braudel e seu valor como contraponto à abstração teórica predominante na economia moderna que tem deixado de lado aspectos muito relevantes do processo de acumulação de riquezas. A segunda destaca a importância de se estender o espaço e o tempo nas análises, pois no caso da economia-mundo, o todo é maior do que apenas uma somatória de suas partes exigindo seu tratamento numa escala ampliada. Da mesma forma, apenas numa dinâmica de longa duração podem ser percebidas as estruturas mais profundas que dão direção à história.

Em relação às recorrências históricas, quatro foram identificadas. A primeira e mais relevante é a compreensão de que **o contra-mercado não é exceção, é regra**, ou seja, de que com diferentes formatos, sistematicamente se observam restrições ao funcionamento "normal" dos mercados nos jogos de alta lucratividade e que estes jogos se substituem, mas não desaparecem. A segunda recorrência identificada é de que **não há contra-mercados sem o apoio do Estado**. Isto deriva do fato de que num sistema interestatal competitivo, existem

---

banca se apossará de tudo, da indústria e depois da mercadoria, e a economia em geral terá adquirido suficiente vigor para sustentar definitivamente essa construção." (Braudel, 1987: 42)

307. Arrighi, 1996. "Já durante a segunda metade do século XVI, período também de superabundância de capitais, Gênova seguiu o mesmo caminho, acabando os nobili vecchi, prestadores titulados do Rei católico, por se separar da vida comercial ativa. Tudo se passa como se, repetindo essa experiência, Amsterdam tivesse largado a presa pela sua sobra, o mirífico "comércio de entreposto" por viver de rendimentos especulativos, deixando as cartas boas para Londres, financiando até a ascensão de sua rival. Sim. Mas teria ela escolha? A rica Itália do século XVI tivera escolha? Tinha ela a possibilidade, um vislumbre de possibilidade de deter a ascensão nórdica? Isso não impede de qualquer evolução dessa ordem pareça anunciar, juntamente com a fase de expansão financeira, uma espécie de maturidade; é o sinal do outono. Tanto em Gênova como em Amsterdam, as taxas de juro particularmente baixas mostram que os capitais não têm mais como ser empregados na praça pelas vias normais." (Braudel, 2005c: 224)

pressões sistêmicas para que os estados apoiem a formação de contra-mercados que beneficiem seus capitais. A terceira recorrência aponta que **as raízes do capitalismo vão além da economia e da política, estão na sociedade como um todo**. Assim, além da atuação do estado na formação dos contra-mercados, há sempre outras ordens - cultural, religiosa, social - atuando por trás dos contra-mercados, e que há uma forte interligação de cumplicidade entre estas hierarquias. Por fim, a quarta recorrência histórica e fruto direto das demais é o reconhecimento de que **poder escolher é o privilégio capitalista** essencial, que conta com liberdade sem igual para se movimentar e criar contra-mercados, beneficiando-se especialmente de uma especialização nas finanças.

### CAPÍTULO 3 - BRAUDEL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Caillé criticou Braudel de forma dura: acusou-o de fazer uma história reprodutiva, que "decide sobre a importância relativa dos acontecimentos ou instituições em função do que ela conhece de seu futuro posterior e de sua significação atual".<sup>308</sup> De forma honesta, reconhece que esta era opção de Marx, "baseada no postulado de que a anatomia do homem é uma chave da anatomia do macaco."<sup>309</sup> Mas Caillé autoriza esta opção de Marx, pois este "preocupava-se mais em esclarecer o capitalismo moderno do que em fazer história."<sup>310</sup> Ora, e quanto Braudel realmente desejava fazer história e quanto desejava explicar o presente e o capitalismo? E são estas tarefas tão incompatíveis? Neste debate, Braudel assim questiona: "a finalidade secreta da história, sua motivação profunda, não é a explicação da contemporaneidade?"<sup>311</sup>

É com esta provocação em mente que, já tendo revisitado a obra de Braudel e já realizado o debate de suas ideias com a posição de críticos e seguidores de onde se extraiu a essência de sua abordagem, é possível aproximá-lo do tempo atual. Seu modelo tripartite seguiria útil para uma compreensão mais qualificada da atividade econômica hoje?

De antemão, pode-se contar com o apoio do próprio Braudel para responder a esta pergunta. No começo do primeiro volume de CMEC, quando ainda apontava as dúvidas que tinha em assumir seu modelo em 3 níveis como estrutura de seu livro, é a percepção de que os fundamentos por ele identificados no passado seguiam presentes na atualidade que o convence em adotar o modelo:

O que verdadeiramente me reconfortou no meu ponto de vista foi perceber muito depressa e muito claramente, através desta mesma estrutura, as articulações das sociedades atuais. A economia de mercado rege sempre o conjunto das trocas que nossas estatísticas controlam. Mas a concorrência, que é sua marca distintiva, está longe de dominar – quem pode negá-lo? – toda a economia atual. Existe, hoje como outrora, um universo à parte onde se aloja um capitalismo de exceção, a meu ver o verdadeiro capitalismo, sempre multinacional, o parente do das grandes Companhias das Índias e dos monopólios de todos os tamanhos, de direito e de fato, que existiram outrora, análogos, nos seus princípios, aos monopólios de hoje.<sup>312</sup>

Assim, embora não estruture com profundidade o modo pelo qual seu modelo ilumina o entendimento das sociedades contemporâneas, Braudel está claramente convencido de sua posição. Por isso diz "o capitalismo não significa a loja onde compro meu jornal; significa a

---

308. Caillé, 1989: 98

309. Ibidem

310. Ibidem

311. Braudel, 2005c: 575

312. Braudel, 2005a: 13

cadeia que o fornece"<sup>313</sup>. E nos oferece exemplos das atividades econômicas atuais em cada um dos 3 níveis de seu sistema tripartido:

No andar térreo, mesmo na Europa, onde existe ainda tanto autoconsumo, serviços que a contabilidade nacional não integra, tantas barracas e pequenas lojas artesanais. No patamar médio, seja exemplo um confeccionador de vestuário: ele está submetido, em sua produção e no escoamento de sua produção, à estrita e mesmo feroz lei da concorrência; um momento de desatenção ou de fraqueza de sua parte, e é a *débâcle*. Mas eu poderia citar, no último andar, entre outras, duas enormes firmas que conheço, supostamente concorrentes – e as únicas concorrentes no mercado europeu, uma francesa, a outra alemã. Ora, é-lhes perfeitamente indiferente que as encomendas sejam confiadas a uma ou a outra, porquanto há uma fusão de seus interesses, seja qual for a via adotada para esse efeito.

Sua descrição do último andar é decisivamente polêmica: dizer que as encomendas irem para uma ou outra empresa é indiferente com certeza causaria inflamadas contestações por parte de acionistas e empregados das companhias. Mas em termos estruturais e sistêmicos, de funcionamento da economia-mundo, seria tão equivocado o argumento de Braudel? Em seu apoio, Braudel chama então economistas de sua época cuja descrição do funcionamento econômico tem forte paralelo com sua visão, ao colocar de um lado o setor concorrencial e de outro a indústria monopolista - estes são, por exemplo, os termos de O'Connor sobre os Estados Unidos de 1977. Na mesma linha está Galbraith e a contraposição entre o sistema de mercado, no qual estão inseridas as pequenas empresas - considere, por exemplo, uma pequena confecção, imperativamente apanhada no jogo de uma concorrência múltipla, na qual a lei do mercado existe plenamente - e o sistema industrial, reduto exclusivo das grandes empresas. De modo similar, embora retrocedendo no tempo, Braudel observa a mesma clivagem em Lenin, ao contrapor o que ele chama o "imperialismo" (ou capitalismo de monopólio recém-criado, no princípio do século XX) ao simples capitalismo, este útil, na base e de concorrência. Assim, Braudel diz:

Estou plenamente de acordo tanto com Galbraith como com Lenin, apenas com a pequena diferença de que a distinção setorial, entre o que eu chamo 'economia' (ou economia de mercado) e 'capitalismo', não me parece uma característica nova, mas uma constante da Europa, desde a Idade Média.

Apesar disso, Braudel nunca chegou a sistematizar esta distinção para os tempos atuais. Nas páginas derradeiras de CMEC, em algumas entrevistas e em colóquios, sugeriu que seu modelo seguia como instrumento valioso para compreender o mundo pós Revolução Industrial, mas jamais encarou a montanha de dados, relatos e novos arranjos que invadir os séculos XIX e XX implicaria. É por isso que Morineau diz que "se Braudel subiu alegremente a corrente dos séculos até chegar ao XIII, mostrou-se muito mais tímido na descida, como se o advento definitivo do capitalismo o houvesse desorientado, desarranjado seus instrumentos de medição."<sup>314</sup> Esta reticência, segundo Morineau, não seria infundada:

---

313. Braudel, 1980: 114 - Tradução do autor, no original: "Capitalism does not mean the shop where I buy my newspaper; it means the chain which supplies it."

314. Morineau, 1989: 40

A medida que passa o tempo e o capitalismo desenvolve suas potencialidades, estende sua influência, até muda de rosto... e muda de ombro o fuzil, F. Braudel teve a intuição de um ajuste conceitual que teria sido necessário.

Braudel nunca discutiu de forma explícita a necessidade deste ajuste conceitual. Apontava que o capitalismo contemporâneo era ao mesmo tempo ruptura e continuidade, como a imagem do camaleão que muda de cor. No entanto, é bastante provável que não seria avesso a certos ajustes, como fica evidente quando diz acompanhar as críticas feitas por Sartre à rigidez e ao esquematismo dos modelos marxistas e sua insuficiência frente às particularidades de cada situação. Aí, Braudel dirige suas críticas não à Marx e seu modelo, mas à utilização que se faz dele:

Congelamos esses modelos em sua simplicidade, dando-lhes o valor de uma lei, de uma explicação preliminar, prévia e automática, aplicável a todos os lugares e a todas as sociedades. Quando eles são sujeitados aos fluxos cambiantes do tempo, sua trama seria colocada em evidência, pois ela é sólida e bem tecida, ela sempre reapareceria cheia de nuances ou avivada pela presença de outros modelos. Assim limitamos o poder criador da mais poderosa análise social do século passado. Ela não saberia reencontrar força e juventude senão em longa duração de tempo... Deverei acrescentar que o marxismo de hoje me parece à própria imagem do perigo que espreita qualquer ciência social possuída pelo modelo em estado puro, o modelo pelo modelo?<sup>315</sup>

Deste modo, atualizar o modelo de Braudel para a realidade atual é enriquecer a sua trama - também ela sólida e bem tecida. E o elemento essencial que exige esta adaptação é, dentro do modelo braudeliano, o espantoso crescimento da zona da economia de mercado a partir do século XVIII com o conseqüente recuo da vida material. Embora não se tenha de forma alguma uma substituição total, o tamanho relativo ocupado pela economia de mercado é outro e muito superior. Da mesma forma, "o capitalismo de hoje mudou de tamanho e de proporções, de um modo fantástico".<sup>316</sup> Assim, distinguir economia de mercado e capitalismo tornou-se ainda mais complicado. Se no período estudado por Braudel ambas as zonas tinham tamanho reduzido e conseqüentemente zonas de contato menores, mas mesmo assim sua separação mais precisa já carregava algumas dificuldades, fazer esta separação hoje tornou-se um desafio ainda maior.

É o crescimento desta "zona de contato" que está por trás da crítica de Amin e Luckin e que é essencial para uma atualização do modelo de Braudel. Os autores dizem que "enxergar o nível intermediário [a economia de mercado] após 1800 como um 'sistema de troca' inevitavelmente achata, empobrece e reduz a análise ao ponto que, quer se goste ou não, torna-se equivalente à visão convencional burguesa de 'o mundo visto como um mercado'"<sup>317</sup>. O que a crítica de Amin e Luckin está apontando é que após a Revolução Industrial e a

---

315. Braudel apud Wallerstein, 1989: 24

316. Braudel, 1987: 72

317. Amin e Luckin, 1996: 229. Tradução do autor, no original "to view the intermediate level after 1800 as a 'system of exchange' inevitably flattens, impoverishes and reduces analysis to the point where, whether one likes it or not, it becomes equivalent to the conventional bourgeois vision of 'the world seen as a market'."

expansão dos complexos industriais por boa parte do globo, estabeleceu-se um leque considerável de atividades econômicas que não correspondem à descrição ideal que Braudel faz do capitalismo - são atividades que ainda estão sob uma pressão significativa da concorrência - mas que tampouco se encaixam na descrição ideal de uma economia de mercado como Braudel o fez. A economia de mercado de Braudel é aquela em que o agricultor leva seu produto à feira e troca-o com um artesão numa relação igual, um espaço de lucros mínimos, em que a remuneração do capital mal se difere de uma remuneração pelo trabalho. No entanto, o que se observa na economia-mundo após 1800 é uma crescente penetração de organizações econômicas que não desfrutam dos lucros exorbitantes característicos do capitalismo mas em que as diferenças de poder e remuneração entre proprietários e trabalhadores são significativas, e muitas vezes estas organizações tem um porte considerável. Colocar estes arranjos em que a questão da propriedade cria remunerações tão distintas compartilhando um mesmo conceito que abarca produções individuais, como um pequeno agricultor que vende seus produtos no mercado da cidade, ou de pequenos grupos uniformes, como uma pequena cooperativa, acaba gerando uma simplificação excessiva. Mesmo deixando de lado a questão proprietário x trabalhadores, há entre estas organizações uma grande heterogeneidade de tamanho, poder e lucros, pois podem estar aí inseridas, por exemplo, o dono de uma "*maquiladora*" mexicana com mais de uma unidade e centenas de funcionários - sob forte pressão de preços de concorrentes chineses e o dono de uma pequena lanchonete localizada na saída desta maquiladora: colocar ambas atividades dentro de um mesmo conceito de economia de mercado quando se está estabelecendo um esquema organizador das atividades econômicas tão preocupado com a questão concreta é simplificador. Assim, dentro do conceito braudeliano de economia de mercado acabam ficando misturadas realidades bastante díspares quando se analisa o mundo contemporâneo.

Entretanto, é relevante observar que Amin e Luckin não estão rejeitando a distinção entre economia de mercado e capitalismo, mas destacando a necessidade de se qualificar e eventualmente reconceitualizar ou dividir o que Braudel normalmente expõe como economia de mercado. Isto fica claro em um texto posterior de Amin, no qual afirma que a contínua polarização da riqueza está fundamentada no controle pelos países centrais de 5 monopólios<sup>318</sup>, numa visão que compartilha muitos dos pressupostos de Braudel. Ou seja, a crítica de Amin e Luckin aponta não para a revisão do conceito de capitalismo, mas para a revisão do conceito de economia de mercado. Assim, segue válida a percepção de Braudel de

---

318. Amin, 1994. Estes monopólios seriam os da tecnologia, do controle dos mercados financeiros globais, do acesso aos recursos naturais, da mídia e comunicação e das armas de destruição em massa.

que no topo da vida econômica há atividades excepcionalmente lucrativas obtidas por meio do controle da concorrência ou a manipulação do mercado.

Isto não quer dizer que o que Braudel entende por capitalismo não deva ser melhor qualificado para se aproximar do mundo contemporâneo - há aí ao menos dois avanços necessários. O primeiro seria uma conceitualização mais precisa de alguns termos-chave na obra de Braudel que, apesar de sua importância, permanecem excessivamente vagos em CMEC. Troca desigual, dominação, exploração e o próprio termo monopólio, aqui preterido por contra-mercado, são usados em abundância, mas carecem de um tratamento teórico mais aprofundado, que organize e dê forma às diferentes nuances que se alojam em seu uso.<sup>319</sup> Qualificar de forma mais consistente estes termos, daria às idéias de Braudel um grau muito superior de clareza, precisão e solidez. Tal movimento exige, no entanto, um cuidado especial: os conceitos devem ser suficientemente amplos para poder acomodar diferentes arranjos cujos detalhes operacionais mudam com o tempo, mas que numa perspectiva de longa duração permanecem os mesmos.

O segundo avanço diz respeito a uma significativa mudança em termos do modo pelo qual os contra-mercados são estabelecidos entre o período estudado por Braudel e as mais recentes décadas. Entre os séculos XV e XVIII, a força dos estados impulsionando os capitalistas em larga medida se deu pela força direta e pela conquista pelas armas - a Inglaterra, por exemplo, por meio da Companhia das Índias Orientais ocupou militarmente o território indiano e desmontou a então forte manufatura têxtil local, beneficiando as manufaturas em território inglês. A medida que se aproxima do tempo contemporâneo, embora estes elementos bélicos não estejam ausentes, a economia e as relações entre empresas, cidadãos e estados passaram por um crescente processo de institucionalização, ou seja, aumentaram os arcabouços jurídicos e institucionais regulando a relação entre os agentes - já não é considerado "aceitável" invadir um outro território e destruir fisicamente sua indústria. Porém, estes arranjos institucionais não são evoluções naturais nem imposições do mercado. São escolhas deliberadas e feitas por poucos:

[...] a 'legislação internacional' foi quase sempre a imposição pura e simples, ao resto do mundo, do modelo institucional e do direito dos países ganhadores; e se manteve vigente apenas durante o tempo

---

319. Este avanço sugerido está baseado na crítica que Howard faz a Braudel: "Thus, many of Braudel's central concepts are left undefined. Capitalist is most certainly held to operate monopolistically, through unequal exchange, with the centre dominating a hierarchy and exploiting a periphery, However, none of these problematic (and emotive) terms are explained, and the contexts in which they are used imply that the same word covers very different types of phenomena. The perplexing theoretical issues involved in specifying a meaningful notion of monopoly (or market power) and surplus extraction (which is essential in order to define unequal exchange and exploitation) are omitted entirely. The concept of domination is employed to characterize colonization based upon coercion and also to denote relative positions in particular patterns of voluntary trades." Howard, 1995: 470



em que atendeu aos interesses desses vencedores, que, em geral, são os primeiros a se desfazer da própria legislação.<sup>320</sup>

Tais arcabouços são costumeiramente apresentados como justos e igualitários pois oferecem a todos o direito teórico de serem iguais, competindo sob as mesmas regras. Apesar disso, as assimetrias e hierarquias previamente estabelecidas não permitem que este direito de igualdade possa de fato ser exercido e o que os mais fortes e mais poderosos obtém é a institucionalização de sua vantagem. O sistema internacional de patentes é um claro exemplo deste contra-mercado.<sup>321</sup> Assim, troca-se a eventualidade e excepcionalidade das operações - que caracterizavam a maioria dos contra-mercados no período originalmente estudado por Braudel - pela institucionalização e perenidade destes novos contra-mercados, mesmo que para isso parte (pequena) da rentabilidade tenha que ser sacrificada: o contra-mercado torna-se *business as usual*.<sup>322</sup> Quem oferece suporte conceitual para melhor compreender esta mudança é Susan Strange ao distinguir entre duas formas de exercer o poder na economia-mundo: poder relacional e poder estrutural. O poder relacional é aquele em que uma unidade de poder leva outra a fazer algo que por si não faria. Assim, Strange diz que foi o poder relacional da Alemanha que fez com que a Suécia permitisse que as tropas alemãs passassem por "território neutro" em 1940 do mesmo modo que foi o poder relacional americano que permitiu a este país ditar os termos do Canal do Panamá. O poder relacional foi o elemento essencial na construção dos contra-mercados no período originalmente estudado por Braudel, porém nos jogos correntes o poder estrutural é cada vez mais importante.<sup>323</sup> Sua força é mais sutil, pois é o poder de definir as regras do jogo, ou seja, "o poder de moldar e determinar as estruturas da economia política global sob as quais os outros estados, as suas instituições

---

320. Fiori, 2007c: 73

321. E será melhor explorado nas seções seguintes.

322. Expressão inglesa com sentido de "o fluxo normal dos negócios".

323. Isto não impede que se possa perceber rastros do poder estrutural já nas estruturas de poder durante a hegemonia de Veneza. É isto que se observa nesta passagem de Braudel, mostrando como os venezianos são capazes de ditar as regras do jogo: "Veneza criou até, para os mercadores alemães, um ponto obrigatório de reunião e de segregação, Fondaco dei Tedeschi, em frente à ponte de Rialto, no seu centro de negócios. Era lá que todos os mercadores alemães tinham de depositar suas mercadorias, morar num dos quartos previstos para esse fim, vender sob controle rigoroso dos agentes Signoria e reutilizar o dinheiro das suas vendas em mercadorias venezianas. Estrita sujeição, do que o mercador alemão se queixa continuamente, pois tal situação o exclui do grande comércio longínquo que Veneza reserva ciosamente aos seus cittadini, *de indus et extra*. Se um alemão se imiscuisse nesse comércio, suas mercadorias seriam confiscadas. Veneza, em contrapartida, praticamente proíbe seus próprios mercadores de comprar ou vender diretamente à Alemanha. O resultado, para os alemães, é a obrigação de se dirigirem pessoalmente a Veneza [...] Claro que os compradores alemães poderiam ir, e vão, a Gênova, que lhes está aberta sem restrições excessivas [... mas] lá não encontram nada que não haja também em Veneza, espécie de entreposto universal como será mais tarde (e maior) Amsterdam. Como resistir às comodidades e tentações de uma cidade situada no centro de uma economia-mundo?" (Braudel, 2005c: 109)

políticas, econômicas e suas empresas (e não menos importante) seus cientistas e outros profissionais têm de operar."<sup>324</sup> Assim, ele

[...] significa muito mais do que o poder de definir a agenda de discussão ou de desenhar (segundo a linguagem acadêmica americana), os regimes internacionais de regras e costumes que deveriam governar as relações econômicas internacionais. Isto é um aspecto do poder estrutural, mas não todo ele. O poder estrutural dos EUA sobre a maneira que trigo ou milho é negociado permite aos compradores e vendedores se proteger por meio de negociação em mercados de futuros; mesmo a União Soviética, quando compra de grãos, aceita esta forma de fazer as coisas. O Lloyds de Londres é uma autoridade no mercado internacional de seguros, que permite que grandes riscos sejam "vendidos" por seguradoras de pequeno porte ou *underwriters* aos grandes operadores de resseguro, centralizando assim o sistema nesses países e com os operadores grandes o suficiente para aceitar e gerir grandes riscos. Quem necessita de um seguro tem que seguir esta maneira de fazer as coisas. O poder estrutural, em suma, confere o poder de decidir como as coisas são feitas, o poder de moldar os arcabouços nos quais os Estados se relacionam entre si, se relacionam com as pessoas, ou com as empresas. O poder relativo de cada uma das partes em um relação é maior, ou menor, se uma das partes também define a estrutura em torno do relacionamento.<sup>325</sup>

Strange aponta para 4 estruturas centrais na determinação deste tipo de poder: controle sobre a segurança, controle sobre a produção, controle sobre o crédito e controle sobre conhecimento, crenças e ideias.<sup>326</sup> Incorporar o conceito de poder estrutural de Strange abre caminho para a conceituação deste tipo específico de contra-mercado tão relevante nos tempos atuais, em que se criam regras gerais que indiretamente privilegiam alguns poucos, e é essencial para compreender a camada capitalista de Braudel hoje.

Embora nos parágrafos anteriores tenham sido identificados os eixos para a atualização conceitual do sistema tripartite de Braudel,<sup>327</sup> a realização completa de tal tarefa encontra-se

---

324. Strange, 1994: 25. Tradução do autor, no original: "the power to shape and determine the structures of the global political economy within which other states, their political institutions, their economic enterprises and (not least) their scientists and other professional people have to operate."

325. Strange, 1994: 25. Tradução do autor, no original: "[...] means rather more than the power to set the agenda of discussion or to design (in American academic language) the international regimes of rules and customs that are supposed to govern international economic relations. That is one aspect of structural power, but not all of it. US structural power over the way in which wheat or corn (maize to the British) is traded allows buyers and sellers to hedge by dealing in 'futures'; even the Soviet Union, when it buys grain, accepts this way of doing things. Lloyds of London is an authority in the international market for insurance; it allows big risks to be 'sold' by small insurers or underwriters to big reinsurance operators, thus centralizing the system in those countries and with those operators large enough to accept and manage the big risks. Anyone who needs insurance has to go along with this way of doing things. Structural power, in short, confers the power to decide how things shall be done, the power to shape frameworks within which states relate to each other, relate to people, or relate to corporate enterprises. The relative power of each party in a relationship is more, or less, if one party is also determining the surrounding structure of the relationship."

326. Além destas 4 estruturais principais, Strange destaca 4 estruturas secundárias: Os sistemas de transporte (aéreo e marítimo), a estrutura de comércio, de energia e de bem-estar. Strange, 1994

327. São eles:

- a necessidade de conceituar com mais precisão o termo economia de mercado ou até dividi-lo em mais de um conceito, considerando os desenvolvimentos das últimas décadas em que esta zona cresceu muito de tamanho e passou a agrupar situações muito díspares com empresas de porte médio e micro-empresendedores individuais compartilhando o espaço;

- a necessidade de se buscar uma definição conceitual mais precisa de diversos termos importantes para descrever os contra-mercados em operação numa economia-mundo competitiva, como troca desigual,

além das possibilidades de tempo e recursos desta dissertação. Tal trabalho implicaria, como Braudel fez, num extenso mergulho na civilização material de hoje e num levantamento das mais diversas operações que ocorrem na zona da economia de mercado para melhor qualificar este termo. Além disso, seria necessária uma extensa revisão bibliográfica para desenvolver cada um dos termos "imprecisos" de Braudel, antes de se partir para um amplo levantamento dos diversos jogos capitalistas nos múltiplos setores e espaços da economia-mundo.

Face às limitações para tal empreendimento, há um segundo movimento de aproximação de Braudel do mundo contemporâneo que funcionaria como base de sustentação para esta atualização conceitual: seria a análise sistemática da economia-mundo com as lentes que cada uma das 4 recorrências históricas apresentadas no capítulo 2 oferece. No entanto, o uso de apenas uma destas 4 recorrências históricas de forma completa e extensa já demandaria uma dissertação por completo, em função da quantidade de dados que a própria natureza do objeto impõe.<sup>328</sup> Deste modo, assim como os eixos para a atualização de Braudel foram mapeados mas não concluídos, o que se propõe neste capítulo é um olhar preliminar sobre a economia-mundo atual iluminada pelas 4 recorrências históricas identificadas no capítulo 2, sem a pretensão de que seja uma análise exaustiva. Assim, será examinado como cada recorrência histórica ajuda a compreender a lucratividade excepcional do setor financeiro nas últimas 3 décadas, com um olhar especial para as operações por trás da crise *subprime* de 2007 e 2008 e, em seguida, um olhar mais abrangente buscará em outros espaços da economia-mundo elementos que podem ser iluminados pelo olhar de Braudel. Com isso, pretende-se encontrar as pistas que permitirão uma investigação futura mais estruturada a respeito destas recorrências históricas.

A busca por estas evidências se dará seguindo as 2 posturas metodológicas identificadas no capítulo 2: a "injeção da história na economia" e a adoção de "um espaço-tempo

---

dominação, exploração e o próprio conceito de contra-mercado. Esta conceituação cuidadosa é importante pois há muitos exemplos de operações com detalhes distintos mas com a mesma natureza.

- a necessidade de incorporação do conceito de poder estrutural no modelo de Braudel para compreender os mercados em que há uma institucionalização do arcabouço legal que assegura aos mais poderosos o pleno exercício de suas hierarquias

328. Uma dissertação que se proponha, por exemplo, a analisar a economia-mundo a partir da "Recorrência histórica 1 - O contra-mercado não é exceção, é regra" teria que buscar dados globais de geração de lucros em múltiplos setores e regiões e classificá-los como gerados por contra-mercados ou não, para se concluir a respeito da relevância dos contra-mercados na acumulação de capital em larga escala. Seria necessário mapear, no mínimo a cada década, quais eram os contra-mercados essenciais e compará-los em termos de rentabilidade e volume com o total das demais atividades econômicas. Tal dissertação se depararia ainda com imensas dificuldades na equiparação de múltiplos dados oriundos de bases de dados diferentes e na dificuldade de obter dados sobre certos setores da economia de baixa transparência, mas alta relevância. Tal trabalho deveria ainda fazer uma análise sistemática da literatura cunhada como estudos de "persistência da lucratividade". Ver notas de rodapé 14 e 18.

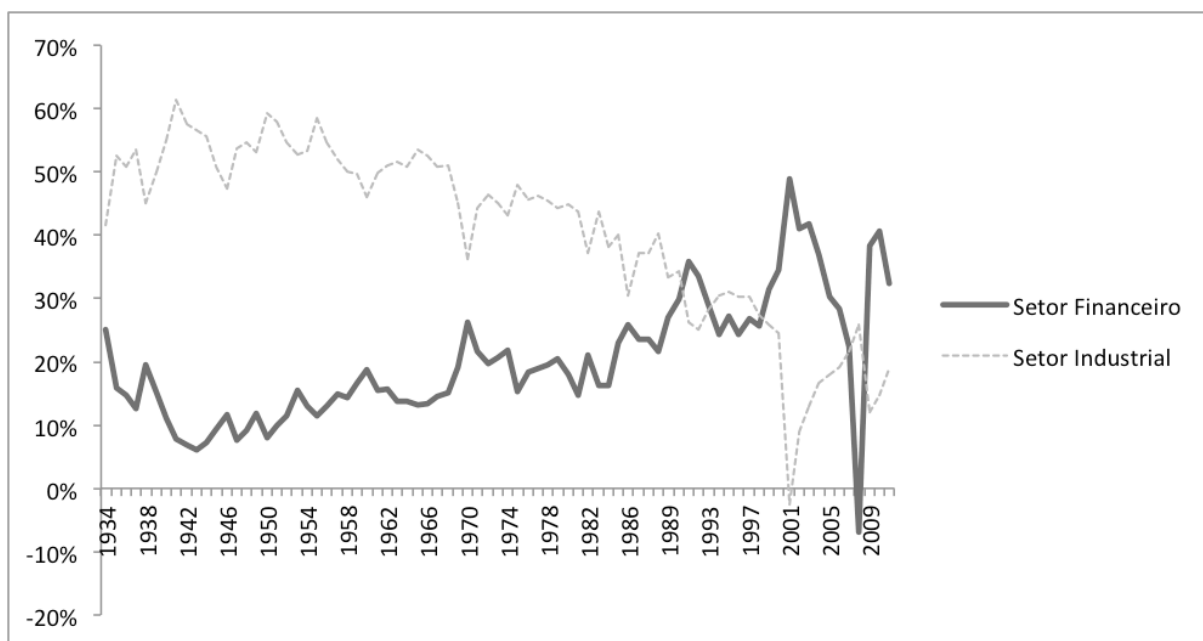
ampliado". Assim, em relação a injeção da história, da mesma forma que Braudel buscou reconstruir a vida econômica nos séculos XII a XVIII por meio de histórias concretas e relatos históricos, se privilegiará nas seções seguintes reconstruções de operações reais e, assim, por vezes as fontes terão que ser mais jornalísticas do que acadêmicas - é a busca pelos relatos dos fatos em primeira mão. Em relação ao "espaço-tempo ampliado", embora se privilegiará eventos concretos, sempre que possível buscar-se-á uma análise mais estrutural e de longo prazo que indique a origem do contexto de cada evento. E assim como Braudel privilegiou a cada momento histórico os relatos ocorridos no centro de poder de seu tempo - Veneza, Antuérpia, Gênova, Amsterdã e Londres, sucessivamente - este estudo também privilegiará o centro de poder corrente, os Estados Unidos. Isto não quer dizer que os jogos apresentados são exclusividades norte-americanas, mas sim que os caminhos adotados pelos EUA tem o poder de ditar impactos a todos os demais agentes e que suas ações são um espelho de como agem as demais potências. Desta forma, inicia-se a seguir este esforço inicial de leitura da economia contemporânea sob a luz da essência da abordagem de Braudel.

### **3.1 Setor Financeiro e a Crise de 2007**

#### **3.2.1. Recorrência histórica 1 - O contra-mercado não é exceção, é regra**

Um olhar atento sobre a economia-mundo nos últimos 30 anos necessariamente aponta para a ascensão das finanças como fonte mais dinâmica de acumulação de riquezas. A dimensão deste movimento é significativa ao ponto que o debate tem se dado mais em termos das causas e impactos desta transformação do que questionamentos sobre sua existência. Assim, nesta busca pelos espaços de contra-mercado, é natural que o primeiro campo de observação seja os mercados financeiros. Embora Braudel recomendasse cuidado com as estatísticas oficiais - em gerais mais relevantes para se debater a economia de mercado do que o capitalismo - esta concentração de poder e riqueza nos mercados financeiros foi tão acelerada que é facilmente capturada por dados disponíveis publicamente.

Gráfico 1. Proporção dos lucros corporativos totais por setor nos EUA



O gráfico 1<sup>329</sup>, que apresenta a proporção dos lucros corporativos que são originados por diferentes setores da economia nos EUA, mostra a partir da década de 70 o declínio da participação do setor industrial e a ascensão do setor financeiro. Tal processo se intensifica a partir da segunda metade da década de 80 até que em 1991, pela primeira vez neste 57 anos de dados, os lucros do setor financeiro ultrapassam os do setor industrial. A partir do crash do mercado acionário em 2000 - a crise das *dot com* - o processo ganha ainda mais força. De certo modo, é como se o setor industrial pagasse a conta de uma crise originada no setor financeiro, que de 2001 a 2005, ano após ano, baterá com larga margem seu recorde anterior de lucros gerados; saltará de US\$ 200 bilhões em 2000 para quase US\$ 500 bilhões em 2005, sendo em 2001 responsável pela metade dos lucros totais da economia-norte americana. A crise de 2008 causa uma abrupta queda destes lucros mas os resultados para 2009, 2010 e 2011 mostram um retorno aos padrões elevadíssimos de lucros financeiros característicos das últimas duas décadas.

Tais números, impressionantes por si em sua extensão, são apenas uma versão pálida da realidade. Há duas dimensões por eles não captadas que tornariam a subida das finanças ainda mais marcante. O primeiro é que ao medir lucros, tais números já descontam todos os custos das empresas. Assim, ficam excluídos os salários e bônus pagos no setor financeiro que são desproporcionais aos do restante da economia e que, se considerados, mostrariam ainda

329. Elaboração do autor. Dados obtidos do Bureau of Economic Analysis do Departamento de Comércio dos Estados Unidos - Tabela NIPA (National Income and Product Accounts) 6.16. Os valores não totalizam 100% pois há outros setores como o varejo, atacado, transportes e utilidades não apresentados no gráfico.

melhor a capacidade do setor financeiro de acumular riqueza neste período.<sup>330</sup> O segundo é que mesmo o lucro das empresas industriais e outras empresas não financeiras foram em larga medida gerados por operações financeiras a partir da década de 80. Krippner<sup>331</sup> cita estudos que identificam que a GE e a Ford, por exemplo, símbolos da capacidade industrial norte-americana estavam gerando ao menos metade de seus lucros em operações financeiras na virada do século XXI. O gráfico 1 registra tais lucros como do setor industrial, embora na realidade sejam lucros financeiros, de forma que o gráfico é tímido para mostrar o tamanho do domínio das finanças.

Para se compreender esta lucratividade excepcional do setor financeiro, deve-se recorrer ao conceito de tempo conjuntural de Braudel e analisar as características específicas da conjuntura<sup>332</sup> que se formou na economia-mundo após a década de 80 em contraste com o arranjo anterior, estabelecido após o final da II Guerra Mundial. Palma aponta que a grande novidade desta conjuntura é a reintrodução do risco e o aumento das incertezas, numa mudança econômica e social

[...] de um equilíbrio "estável" para um "instável"; ou seja, um movimento que se distancia das tentativas Keynesianas de gerenciar o risco e reduzir a incerteza por meio de coordenação de políticas nacionais e internacionais, contas de capital fechadas, taxas de câmbio estáveis, taxas de juro baixas e estáveis, baixo desemprego e benefícios para os desempregados, serviços nacionais de saúde e outros aspectos do estado de bem-estar social e um estado suficientemente autônomo para ser capaz de algum grau de "disciplinamento" da elite capitalista para um movimento intencionalmente na direção reversa.<sup>333</sup>

Uma mudança conjuntural como esta beneficia o capital como fator de produção, pois frente a um ambiente de incertezas, sua mobilidade e maleabilidade se mostram muito melhor adaptadas do que o trabalho. Mesmo os Estados nacionais são colocados num constante "estado de emergência" e perdem muito de sua autonomia. Porém, para o mundo das finanças tais mudanças constituem uma oportunidade imensa: em um ambiente fluido e móvel, sua velocidade constitui uma vantagem sem igual que o posiciona como *locus* essencial de acumulação acelerada de riquezas.

Entendida a essência desta nova conjuntura, pode-se aproximar a lente em busca de uma melhor descrição dos contra-mercados colocados em marcha no setor. Os protagonistas nestes

---

330. Em 1982 a remuneração média no setor financeiro era similar a dos demais setores privados e em 2007 já era 81% superior. (JOHNSON, 2009)

331. Krippner, 2001:3-29

332. Esta conjuntura em larga medida foi moldada pelos Estados centrais, em especial os Estados Unidos. Tal questão será discutida na seção seguinte, páginas 107 a 115.

333. Palma, 2009: 20. Tradução do autor, no original: "[...]from 'stable' to 'unstable' equilibria; that is, a movement away from Keynesian attempts to manage risk and reduce uncertainty via national and international policy coordination, closed capital accounts, stable exchange rates, low and stable interest rates, low levels of unemployment and unemployment benefits for those out of work, national health services and the other aspects of the welfare state, and a state autonomous enough to be capable of some 'disciplining' of the capitalist elite, towards an intended movement in reverse."

jogos são os grandes bancos<sup>334</sup>, os bancos de investimento, os fundos mútuos e os *hedge funds*<sup>335</sup>, contando ainda com importante apoio das agências de *rating*, fundos de pensão, seguradoras e as tesourarias das grandes empresas. E as armas utilizadas são muito semelhantes às armas descritas por Braudel no volume 2 de CMEC - e apresentadas na segunda seção do primeiro capítulo deste trabalho: a superioridade da informação, a manipulação de preços, a capacidade de crédito e as conexões com o poder político.<sup>336</sup>

A crise de 2007-2008 disparada pela inadimplência dos títulos hipotecários *subprime* constitui uma rara oportunidade de se observar estes jogos por dentro. As desastrosas conseqüências para a economia global como desdobramentos destas operações financeiras, jogaram luzes sobre seus mecanismos com investigações conduzidas por órgãos governamentais, estudos acadêmicos e a mídia, trazendo à tona elementos que normalmente ficariam submersos. Como conta Lewis, a respeito dos CDSs,<sup>337</sup> um dos instrumentos financeiros essenciais para a disseminação da crise, "nenhum ser humano comum já tinha ouvido falar desses CDSs, nem ouviria se o Morgan Stanley fosse bem sucedido. Por sua própria natureza, eles eram secretos, opacos".<sup>338</sup> Como Braudel alertara, infelizmente o pesquisador por vezes tem que contentar com os dados e relatos das operações fracassadas - o andamento regular dos negócios não é registrado em arquivos jurídicos<sup>339</sup>. Assim, apesar de que muito dinheiro foi perdido no setor financeiro em função da implosão da bolha imobiliária, os mecanismos essenciais deste processo seguem reveladores do *modus operandi* dos atores centrais do sistema financeiro.

---

334. Sucessivas rodadas de consolidação por meio de fusões e aquisições no setor financeiro americano criaram gigantes bancários como o Bank of America, J.P. Morgan e Citigroup. Entre 1986 e 1996, o número de bancos nos EUA reduziu-se em 33% em função de fusões e aquisições. Entre 1996 e 2006 o número reduziu-se em mais 21%. Só entre 1980 e 1998, houve 7.985 operações de fusões, correspondendo a 55% do total de bancos em 1980. (Cintra e Cagnin, 2007: 308-309)

335. Um termo que engloba boa parte destes atores é o chamado *shadow banking system*, "um conjunto de instituições que funcionava como banco, sem sê-lo, captando recursos no curto prazo, operando altamente alavancadas e investindo em ativos de longo prazo e ilíquidos. Mas, diferentemente dos bancos, eram displicentemente reguladas e supervisionadas, sem reservas de capital, sem acesso aos seguros de depósitos, às operações de redesconto e às linhas de empréstimos de última instância dos bancos centrais. [...] Nessa definição, enquadram-se os grandes bancos de investimentos independentes (brokers-dealers), os hedge funds, os fundos de investimentos, os fundos private equity, os diferentes veículos especiais de investimento, os fundos de pensão e as seguradoras." (Cintra e Farhi, 2008: 36-37)

336. Os exemplos originais de Braudel estão resumidos no capítulo 1, páginas 31 a 33.

337. Credit Default Swaps - operação financeira que se assemelha a um seguro. O vendedor do CDS assegura ao comprador que no caso de calote de um empréstimo o comprador será ressarcido. Como discutido mais adiante, os CDSs foram instrumentos essenciais nos jogos relacionados à crise de 2007/2008.

338. Lewis, 2011: 143

339. Braudel, 2005b: 58. Para reconstruir neste trabalho alguns dos contra-mercados das últimas décadas, por muitas vezes foi necessários buscar fontes jornalísticas e não apenas acadêmicas, como estratégia para se aproximar o máximo possível dos fatos originais. O premiado filme-documentário *Inside Job* foi outra fonte importante para indicar pistas para esta pesquisa.

A operação essencial que originou a crise foi a construção pelos bancos de investimento de CDOs baseados em hipotecas. A operação, de forma simplificada, funcionava do seguinte modo. Certas empresas emprestavam dinheiro para consumidores que queriam comprar uma casa por meio de hipotecas. Uma vez fechados estes negócios, tais hipotecas eram vendidas para os bancos de investimento, que agrupavam diversos contratos num único instrumento, chamado CDO, que era então vendido para investidores em todo mundo. Assim, a cada vez que as pessoas que hipotecaram suas casas faziam os pagamentos mensais de seus empréstimos, quem recebia estes valores não eram nem a empresa que fez o empréstimo, nem o banco de investimento que montou o CDO, mas sim os investidores que haviam comprado estes instrumentos. Este processo é chamado de securitização.<sup>340</sup>

Os bancos de investimento, ao agrupar estes empréstimos e empacotá-los como CDOs, antes de vendê-los os enviavam para a análise em agências de risco. Estas agências faziam uma avaliação e classificavam os CDOs de acordo com o risco de calote que apresentavam. Tradicionalmente, a nota mais alta é o triplo A (AAA), considerado o título mais seguro, com uma probabilidade muito baixa de calote. Esta avaliação é importante pois funciona como um guia para os investidores que comprarão o CDO: a nota recebida determina o nível de risco que o investidor está disposto a assumir. Muitos investidores institucionais só estão autorizados pelos regulamentos que regem suas operações a investir em ativos AAA, como uma maneira de proteger os poupadores de potenciais perdas.

Criar CDOs AAA não era complicado pois se combinava num título apenas os mais qualificados mutuários de cada lote de empréstimos. Mas o que fazer com os demais mutuários de maior risco? É aqui que entra em cena uma típica ação de contra-mercado, muito importante pois o volume de empréstimos de alto risco aumentara: como os emprestadores agora já não ficavam com o risco do calote, pois vendiam seus contratos para os bancos de investimento, baixaram cada vez mais seus critérios na concessão de empréstimos.<sup>341</sup> Os bancos de investimento, com estes empréstimos de péssima qualidade em mãos, os combinavam em CDOs. No entanto, a junção de uma série de empréstimos

---

340. Anteriormente, em um sistema financeiro regulado, não havia esta longa cadeia no provimento de empréstimos. Havia instituições específicas para a oferta de crédito imobiliário que captavam recursos com pequenos poupadores e emprestavam assumindo a totalidade dos riscos de inadimplência numa relação de longo prazo com seus clientes.

341. "The securitization of credit [...] changed the nature of the credit relationship. If a lender did not hold a loan for thirty years, but perhaps only for a few days as the loan was repackaged and sold off as a security, there was no need to pore over every details of a loan application and no need to make inscrutable judgments regarding the 'character' of the borrower - long the stock-in-trade of the banker. As one mortgage banker reported, 'We can make a loan today, and we can sell it into the GNMA markets tomorrow. We can sell it by snapping our fingers and making a telephone call and in blocks of one million dollars.'" (Krippner, 2011: 81-82)



arriscados não se transformava num CDO de alto risco - pelo contrário, utilizando modelos estatísticos que apostavam que a queda dos valores dos imóveis não aconteceria simultaneamente em todo país, os empréstimos ruins agora agrupados se transformavam em CDOs avaliados como AAA pelas agências de risco.<sup>342</sup> Transformar uma série de empréstimos arriscados em produtos que são vendidos como de baixo risco: era esta transformação que ajudou diversos bancos de investimento a ganhar bilhões. A transformação, entretanto, não podia ser completa, pois o risco não desapareceria, estava apenas camuflado.<sup>343</sup>

Nesta situação, os bancos de investimento usaram sua superioridade de informação para gerar lucros excepcionais.<sup>344</sup> Vendiam a seus clientes CDOs que sabiam ser problemáticos<sup>345</sup> - por serem os próprios agentes que criaram estes produtos, eram os únicos a realmente compreenderem o que havia dentro do CDO empacotado como um produto AAA. Num caso específico relatado pelo Sub-comitê de Investigação do Senado Americano,<sup>346</sup> a Goldman Sachs vendeu a investidores coreanos e australianos US\$ 190 milhões de um CDO chamado Timberwolf, que internamente era chamado de "um negócio de merda".<sup>347</sup> Em 5 meses, o preço de Timberwolf cairia de US\$ 94 para US\$ 15 e o próprio líder da Goldman Sachs na

---

342. É importante notar que muitos dos CDOs na verdade se tratavam de "CDOs sintéticos". Nestas operações, ao invés de se combinar empréstimos de baixa qualidade para a montagem do CDO, o que se combinava eram os pagamentos que estavam sendo feitos por pessoas que apostavam no calote de outros CDOs por meio de CDSs. Embora a operação pareça complicada, em termos práticos ela se parece bastante com o exemplo mais simples já descrito e possibilitou a criação de CDOs num volume muito superior que a quantidade de empréstimos originais permitiria. (Lewis, 2011:101-104)

343. Este jogo pode ser jogado durante um longo tempo porque os empréstimos feitos aos mutuários de alto risco em geral tomavam a forma de um produto em que se pagava uma prestação menor durante um período, após o qual a parcela aumentava consideravelmente. No entanto, como os EUA viviam uma bolha imobiliária, quando chegava o momento de se aumentar as parcelas e que levaria o mutuário ao calote, ele podia renegociar sua hipoteca pois agora sua casa valia muito mais do que quando ele a hipotecou pela primeira vez. Ao fazer esta segunda hipoteca, ele retornava aos pagamentos reduzidos de parcela por um tempo, estendendo a formação da bolha.

344. Esta era uma das armas capitalistas apontadas por Braudel. Ver página 31.

345. Quando tais operações começaram a ser montadas, talvez não existisse um claro entendimento do risco que carregavam; isto é apenas sintomático da liberdade com que os bancos de investimentos operavam: não havia qualquer agente supervisionando o mercado e preocupado com o risco sistêmico das operações. Todos os envolvidos na operação estavam apenas interessados nos lucros de curto prazo. No entanto, gradualmente mais e mais pessoas dentro dos bancos de investimento passaram a perceber o risco destas operações.

346. UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS, 2011

347. Estas vendas e os registros de e-mail internos são produtos de um trabalho de investigação do Senado Americano. (UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS, 2011: 393-395). Timberwolf era um "CDO ao quadrado", em que se fazia por duas vezes seguidas o processo de recombinar os piores títulos para gerar um produto ao final classificado como de alta qualidade pelas agências de risco. Taibbi possui uma ótima imagem para descrever esta operação: "A CDO, to begin with, is already a highly dubious tool for magically converting risky subprime mortgages into AAA investments. A CDO-squared doubles down on that lunacy, taking the waste products of the original process and converting them into AAA investments. This is kind of like taking all the kids who were picked last to play volleyball in every gym class of every public school in the state, throwing them in a new gym, and pretending that the first 10 kids picked are varsity-level players. Then you take all the unpicked kids left over from that process, throw them in a gym with similar kids from all 50 states, and call the first 10 kids picked All-Americans." (Taibbi, 2011)

criação deste produto posteriormente disse que o dia 27 de março, o dia em que Timberwolf foi lançado, seria "um dia que viveria na infâmia".<sup>348</sup>

A Goldman Sachs se aproveitava ainda de uma outra arma capitalista citada por Braudel: a fuga dos mercados públicos.<sup>349</sup> Um dos pontos-chave para estas vendas lucrativas, era que os CDOs eram produtos sem um preço de mercado. O único modo de precificá-los era pelos modelos estatísticos internos da Goldman Sachs - está aí um privilégio imenso e um contra-mercado: vender um produto em que apenas o próprio vendedor pode definir o preço.<sup>350</sup> No caso Timberwolf, por exemplo, as vendas aos investidores coreanos foram feitas a US\$ 76 a quota, enquanto os próprios controles internos da Goldman já marcavam o valor de US\$ 65.<sup>351</sup> A este respeito, Lewis aponta que

quanto menos transparentes o mercado e mais complicados os valores mobiliários, mais dinheiro as mesas de operação das grandes empresas de Wall Street conseguem ganhar com a discussão. A disputa constante em relação ao valor das ações de uma grande empresa de capital aberto tem pouquíssimo valor, uma vez que tanto o comprador quanto o vendedor conseguem ver o preço justo da ação no registro eletrônico, e a comissão do corretor é reduzida pela concorrência. A disputa pelo valor dos CDSs para títulos hipotecários subprime - um valor mobiliário complexo derivado de outro título igualmente complexo - poderia ser uma mina de ouro.<sup>352</sup>

Esta máquina não poderia ser colocada em marcha se estes CDOs de qualidade duvidosa não estivessem sendo sistematicamente classificados como AAA. Aqui, os bancos de investimento utilizavam de sua posição privilegiada para garantir estes *ratings*: as agências de risco, caso não concedessem a nota máxima, simplesmente não receberiam novos negócios.<sup>353</sup> 90% dos CDOs criados entre 2006 e 2007 e classificados como AAA foram nos anos seguintes rebaixados à categoria de lixo, ou seja, com valor próximo a zero, enquanto

---

348. UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS, 2011: 395

349. Esta era uma das armas capitalistas apontadas por Braudel. Ver páginas 31 e 32.

350. A este respeito, Cintra e Farhi dizem: "Ademais, os produtos negociados no mercado de balcão não têm cotação oficial. Os preços são livremente acordados entre as partes e não são transparentes, uma vez que não são tornados públicos. Essa falta de transparência nos preços nos mercados de balcão, notadamente nos que apresentam baixa liquidez ou em montagens complexas e sofisticadas, pode impedir ou dificultar sua avaliação no decorrer do período em que a posição é mantida.[...] Já durante o final da década de 1990, alguns rumorosos casos de elevados prejuízos em mercados de balcão só foram detectados pelas empresas nos seus vencimentos e não durante o decurso da operação e estiveram na origem de diversos processos judiciais contra as instituições financeiras que intermediaram as operações." (Cintra e Farhi, 2008: 48-49)

351. UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS, 2011: 394

352. Lewis, 2011: 107

353. O relatório da Sub-comitê de Investigações do Senado Americano assim descreveu esta situação em seu relatório de mais de 650 páginas sobre a crise: "Credit rating agencies were paid by the Wall Street firms that sought their ratings and profited from the financial products being rated. Under this "issuer pays" model, the rating agencies were dependent upon those Wall Street firms to bring them business, and were vulnerable to threats that the firms would take their business elsewhere if they did not get the ratings they wanted. The ratings agencies weakened their standards as each competed to provide the most favorable rating to win business and greater market share. The result was a race to the bottom. [...] It was not in the short term economic interest of either Moody's or S&P, however, to provide accurate credit ratings for high risk RMBS and CDO securities, because doing so would have hurt their own revenues. Instead, the credit rating agencies' profits became increasingly reliant on the fees generated by issuing a large volume of structured finance ratings." (UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS, 2011: 7-8)

tradicionalmente ativos classificados como AAA tem uma chance menor do que 1% de calote.<sup>354</sup>

Desta forma, sem se preocupar com a qualidade final dos CDOs por eles criados, os bancos de investimento puderam ganhar bilhões de dólares com estas operações. Os honorários para criar cada um destes instrumentos - que somavam-se às comissões em cada transação - variava entre US\$ 1 e US\$ 10 milhões<sup>355</sup> e só a Goldman Sachs criou entre 2004 e 2007 120 CDOs<sup>356</sup> que totalizavam US\$ 100 bilhões<sup>357</sup>. Para criar tamanho volume de operações, os bancos de investimento usavam de outra arma que Braudel apontava como exclusiva da elite capitalista: uma capacidade sem igual de obter crédito.<sup>358</sup> O grau de alavancagem dos bancos de investimento próximo ao auge da crise passava em muitos casos de 30, ou seja, os investimentos feitos pelos bancos eram 30 vezes maiores do que seu capital próprio. Trabalhar com esta alavancagem gera lucros excepcionais quando os negócios caminham na direção correta - é como se os lucros fossem 30 vezes maiores do que normalmente se poderia obter sem fazer empréstimos - porém uma mera perda de 4% dos investimentos é suficiente para a perda de todo o capital disparando um processo de falência ou liquidação.<sup>359</sup> Este é um índice que nenhum outro setor da economia pode desfrutar. Este capital alavancado teve ainda novos usos a partir de dezembro de 2006. Este foi o momento em que a Goldman Sachs identificou o risco eminente de estouro da bolha imobiliária e

---

354. UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS, 2011: 6. Assim, os critérios para concessão de crédito foram consistentemente rebaixados pelas empresas que emprestavam dinheiro e as agências de risco desconsideravam esta situação no momento de avaliar os CDOs. Como relata um ex-corretor de CDOs do Goldman Sachs, as agências de risco na verdade nem tinham um modelo para avaliar o risco destes instrumentos. Os bancos de investimento enviavam seus próprios modelos para que as agências de risco os utilizassem. (Lewis, 2011). O seguinte exemplo é revelador deste processo: "Take one \$494 million issue that year, GSAMP Trust 2006S3. Many of the mortgages belonged to second-mortgage borrowers, and the average equity they had in their homes was 0.71 percent. Moreover, 58 percent of the loans included little or no documentation -- no names of the borrowers, no addresses of the homes, just zip codes. Yet both of the major ratings agencies, Moody's and Standard & Poor's, rated 93 percent of the issue as investment grade. Moody's projected that less than 10 percent of the loans would default. In reality, 18 percent of the mortgages were in default within 18 months." (Taibbi, 2010)

355. UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS, 2011: 9

356. CDOs e RMBS (Residential Mortgage Backed Securities).

357. UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS, 2011: 9

358. Esta era uma das armas capitalistas apontadas por Braudel. Ver páginas 32 e 33.

359. A alavancagem também não pode ser entendida como uma condição excepcional desta crise. Na verdade, ela está na essência dos lucros excepcionais gerados pelo setor financeiro nas últimas décadas pois permite ganhos desproporcionais ao capital investido. No caso de insucessos, a empresa simplesmente não tem como honrar seus compromissos e pelo seu impacto sistêmico não é raro que o Estado tenha que intervir e aportar dinheiro. O caso do fundo LTCM que faliu no final da década de 90 oferece uma dimensão desta alavancagem em outros momentos: "O LTCM operava alavancando ao extremo os recursos de sua clientela com fundos emprestados pelos grandes bancos. Segundo o relatório, em finais de agosto de 1998, o valor nominal das posições do fundo nos mercados futuros alcançava US\$ 500 bilhões, os contratos de swaps US\$ 750 bilhões, as opções e outras posições de derivativos US\$ 150 bilhões, enquanto os títulos contabilizados em balanço somavam US\$ 125 bilhões, comparados com um capital de seus cotistas que não superava US\$ 4,8 bilhões!" (Farhi, 1999: 109)

passou a construir uma bilionária aposta de US\$ 13,9 bilhões de que ocorreria os calotes em certos CDOs.<sup>360</sup> Os mesmos CDOs que ela continuava vendendo para seus clientes, sem informá-los de que apostava em seu fracasso. Esta aposta geraria lucros de US\$ 3,7 bilhões no decorrer da crise.<sup>361</sup>

Embora os detalhes das operações que Braudel revela no século XVIII sejam muito distintos das operações recentes, existem também muitas semelhanças em sua natureza. Braudel relata, por exemplo, uma tentativa de manipulação do preço da cochonilha em 1787 pelos Hope, que tentaram dissimuladamente comprar o produto em todos os portos da Europa para em seguida vendê-lo com um sobrepreço de monopólio.<sup>362</sup> Operações como esta são defendidas por Klein, o principal historiador da firma dos Tripp com o seguinte argumento: a construção de um monopólio reduz o risco do negócio e, ao gerar segurança, garante os investimentos que irão gerar ampliação de mercados, criação de novas técnicas e o próprio crescimento da economia. Ainda que moralmente a operação fosse condenável, a economia e o bem geral se aproveitariam deste monopólio. Braudel, porém, questiona de forma frontal este arrazoado: a busca nesta operação não é por segurança, mas pelo risco e o sobre-lucro.<sup>363</sup> A distribuição do estoque de cochonilha pelos portos segue exatamente a distribuição que o mercado exige e qualquer alteração nesta distribuição imposta pelos Hope constitui uma ineficiência. A intervenção da firma holandesa é assim justamente um *contra-mercado*, ou seja, uma tentativa de inverter ou suspender as regras do jogo para o benefício do capitalista. No caso dos CDOs, estes instrumentos também foram apresentados como uma forma de dar mais eficiência aos mercados. Seus defensores apontavam que eram operações que distribuíam, e

---

360. Estas apostas eram feitas por meio de CDSs, instrumentos que funcionavam como um seguro contra o calote dos títulos. Na outra ponta da operação estavam em geral seguradoras como a AIG. A grande diferença entre o CDS e um seguro comum é que com um CDS se pode segurar bens que o investidor não possui. Assim, enquanto uma casa pode ser segurada uma única vez contra incêndios, por meio de um CDS qualquer pessoa pode criar um seguro contra o incêndio daquela casa especificamente. Como se pode imaginar, no caso de um incêndio de verdade, o prejuízo da seguradora não está limitado ao valor da casa: ele é multiplicado pela quantidade de diferentes pessoas que buscaram aquele seguro. As perdas substanciais da AIG quando o incêndio ocorreu - ou seja, a queda abrupta dos CDOs - foi o que fez com que a o governo norte-americano tivesse que socorrer a AIG no meio da crise.

361. UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS, 2011: 9

362. Ver capítulo 1, página 32.

363. "Mas o progresso econômico, o espírito empreendedor e a inovação técnica virão sempre de cima? Será o grande capital o único capaz de suscitá-los? E se voltássemos ao caso preciso dos Hope em busca do monopólio da cochonilha, em que procuram eles segurança? Não será antes uma aceitação do risco de especular? E, afinal, em que inovam eles? Em que servem eles o interesse econômico geral? Há bem mais de um século que, sem a intervenção dos holandeses, a cochonilha se tornou a rainha dos corantes, uma mercadoria "régia" para todos os negociantes de Sevilha. Os estoques que os Hope perseguem por toda a Europa estão distribuídos segundo a regra das necessidades industriais e são essas necessidades que conduzem, ou deveriam conduzir o jogo. Que vantagem teria a indústria européia em que esses estoques de cochonilha, reunidos numa só mão, aumentassem brutalmente de preço, objetivo confesso de toda a operação? Com efeito, P. W. Klein não vê que é o conjunto da posição de Amsterdam que monopólio em si e que o monopólio não é a busca da segurança, mas da dominação." (Braudel, 2005b: 372)

assim, diluíam o risco. A respeito desta suposta eficiência introduzida pelos novos mecanismos como derivativos e os mercados futuros, Strange diz:

Os economistas de mercado nos últimos anos têm saído em defesa destes mercados futuros em proliferação com sutis argumentos teóricos sobre a sua função em assegurar o *market-clearing*, visto como uma contribuição significativa para a maior eficiência do sistema. A implicação clara é de que o sistema era menos eficiente antes que houvesse tantos mercados de futuros. Mas isso só é verdade - se for em alguma situação - se 'eficiência' não levar em conta o risco ou as conseqüências externas da volatilidade do preço na produção e na distribuição. Pois pode ser demonstrado historicamente que os preços tem sido de fato mais voláteis desde que a negociação de futuros tornou-se generalizada, e que há um desperdício como conseqüência desta volatilidade. Não só os custos de manutenção dos mercados e de seus operadores devem ser considerados, mas também os desnecessários - porque exagerados - ajustes na força de trabalho e na gestão dos setores produtivos.<sup>364</sup>

Além destas ineficiências identificadas por Strange, é crítico registrar que os novos instrumentos não estavam eliminando o risco. Na verdade, estavam sendo usados "para alcançar o objetivo oposto: ocultar o risco, complicando-o. O mercado pagava aos corretores de títulos da Goldman Sachs para tornar o mercado menos eficiente."<sup>365</sup> Assim, antes da inovação da securitização, o mercado de crédito imobiliário - assim como o da cochinilha - era mais eficiente do que sua versão posterior; aquele que emprestava para a compra de uma residência, deveria ser cauteloso para assegurar que receberia seu dinheiro de volta. Uma ineficiência foi introduzida no mercado para que ele funcionasse de maneira reversa que a natural - um verdadeiro *contra-mercado* - e todos os agentes começaram a perseguir, e não evitar o risco, e assim assegurando aos melhor posicionados lucros excepcionais.

No caso da cochinilha, a operação acabou frustrada e os Hope absorveram o prejuízo. No caso dos CDOs e seus desdobramentos, embora alguns agentes tenham ganho grandes valores, houve prejuízos para a grande maioria deles ao menos no momento de explosão da bolha. Mas é aí que se revela a superioridade deste contra-mercado moderno. A dimensão do jogo foi tão grande - e as conexões dos grandes jogadores tão poderosa - que o Estado veio a campo para resgatar os jogadores que vinham a anos acumulando lucros excepcionais e que numa operação se colocaram do lado errado da mesa de apostas. Por muito tempo, retornos excepcionais foram privatizados por alguns agentes em troca de um risco sistêmico muito

---

364. Strange, 1997: 116. Tradução do autor, no original: "Market economists in recent years have rushed to the defence of these proliferating futures markets with subtle theoretical arguments about their function in ensuring 'market-clearing' as a significant contribution to the greater efficiency of the system. The plain implication is that the system was less efficient before there were so many futures markets. But that is only true - if at all - if 'efficiency' takes no account of risk or the external consequences of volatility of price on production and distribution. For it can be demonstrated historically that prices have in fact been more volatile since futures trading became widespread, and that there has been waste consequential on that volatility. Not only must the overhead costs of maintaining the markets and their operators in existence be taken into account, but also there are wasteful - because exaggerated - adjustment costs for labour and management in productive sectors."

365. Lewis, 2011: 101

maior. Quando este risco sistêmico de fato mostrou-se real, as perdas foram socializadas.<sup>366</sup> O custo total do resgate às firmas de Wall Street foi de US\$ 4,76 trilhões, sendo que o governo norte-americano chegou a dar garantias e colocar em risco US\$ 13,87 trilhões.<sup>367</sup> Somente o pacote de resgate da seguradora AIG totalizou US\$ 182 bilhões.<sup>368</sup> Destes, US\$ 12,4 bilhões foram repassados pela AIG à Goldman Sachs como resultado das apostas feitas pelo banco de investimento contra os próprios CDOs que ajudou a criar e que vendia.<sup>369</sup> A essência deste movimento não poderia ser melhor capturada do que pela curta e prosaica frase de John Gutfreund, ex-CEO do Salomon Brothers e apelidado de "Rei de Wall Street" pela Business Week: "É *laissez-faire* até o caldo entornar".<sup>370</sup> Neste processo, a maneira pela qual o governo americano tratou o salvamento de cada banco e seguradora por meio de acordos individuais levou Simon Johnson, ex-Diretor de Pesquisa do FMI a dizer que

algumas dessas operações podem ter sido respostas razoáveis para a situação imediata. Mas nunca ficou claro (e ainda não é) a combinação de interesses que estavam sendo servidos, e como. O Tesouro e o Fed não agiram de acordo com princípios publicamente articulados, simplesmente estruturando cada transação e alegando que era o melhor que poderia ser feito sob as circunstâncias. Estes foram negócios de bastidores, forjados na calada da noite, pura e simplesmente.<sup>371</sup>

Negócios de bastidores, feitos na calada da noite, constituem uma base ideal sobre a qual podem ser construídos contra-mercados. Pela sua atuação na criação de CDOs,<sup>372</sup> a Goldman Sachs foi acionada judicialmente pela SEC<sup>373</sup>, acusada de fraude. Em 2010, a empresa chegou a um acordo para pagar US\$ 550 milhões para encerrar o processo, um dos maiores valores já imputados em ações como essa.<sup>374</sup> O que parece uma reação exemplar, ganha no entanto outros contornos ao se analisar o contexto. Usando as estimativas de Taibbi,<sup>375</sup> tal valor não atinge o que a divisão de CDOs da Goldman Sachs tinha de lucros em 2 semanas no auge da bolha. As ações da Goldman Sachs reagiram nos 7 dias seguintes ao anúncio do acordo judicial com uma alta de 8%.

---

366. Uma das frentes de pesquisa que este trabalho aponta é a melhor compreensão destes mecanismos de socialização das perdas, tanto dentro da sociedade norte-americana, por meio de redução do orçamento governamental para questões sociais como contra-partida ao resgate ao setor financeiro como no sistema interestatal, em função dos impactos das políticas dos EUA sobre os demais países.

367. Dados do custo geral do resgate do Center for Media & Democracy.

368. CONGRESSIONAL OVERSIGHT PANEL, 2010: 7

369. CONGRESSIONAL OVERSIGHT PANEL, 2010:115

370. Lewis, 2011: 311. Ver também no capítulo 2, página 70 a respeito desta utilização "seletiva" do *laissez-faire*.

371. JOHNSON, 2009. Tradução do autor, no original: "Some of these deals may have been reasonable responses to the immediate situation. But it was never clear (and still isn't) what combination of interests was being served, and how. Treasury and the Fed did not act according to any publicly articulated principles, but just worked out a transaction and claimed it was the best that could be done under the circumstances. This was late-night, backroom dealing, pure and simple."

372. Mais especificamente em relação à um CDO chamado Abacus 2007-AC1.

373. Securities and Exchange Commission, agência norte-americana de supervisão das atividades financeiras

374. NEW YORK TIMES, 2010

375. Taibbi, 2010.

No entanto, operações como estas da Goldman Sachs não podem ser compreendidas como pontos fora da curva. Sistemáticamente os grandes bancos e os bancos de investimento tem entrado em acordos com reguladores para encerrar ações judiciais, pagando multas aparentemente altas mas que não atrapalham o andamento regular dos negócios - com a vantagem de quem em todos estes acordos há uma cláusula na qual o órgão regulador abre mão de que o acusado admita que cometeu uma transgressão.

Os casos deste tipo são múltiplos: uma investigação do Comitê de Finanças da Câmara norte-americana, por exemplo, indicou que a Goldman Sachs praticou no final da década de 90 *spinning*, operação em que oferecia a executivos de grandes empresas condições preferenciais na compra de ações que ainda seriam vendidas no mercado, permitindo a estes clientes um lucro rápido e certo no momento de lançamento destas ações. Em troca, os executivos destas empresas - pessoas como Meg Whitman, CEO do eBay, e Jerry Yang, fundador do Yahoo, concederiam negócios de suas empresas à Goldman Sachs no futuro.<sup>376</sup> A empresa fechou um acordo de US\$ 110 milhões para encerrar o caso.<sup>377</sup> Em 2003, 10 das mais importantes firmas de Wall Street<sup>378</sup> entraram em um acordo com a Procuradoria Geral de Nova Iorque para encerrar acusações que envolviam conflitos de interesse à época da bolha das empresas ponto com. Analistas internamente reconheciam uma ação como um péssimo ativo - chamadas de lixo - e em público recomendavam a compra da ação, inflando seus preços.<sup>379</sup> O valor das multas combinadas foi de US\$ 1,4 bilhão.<sup>380</sup> Ainda a respeito dos negócios durante a bolha de Internet em 2000<sup>381</sup>, em 2005 a Goldman Sachs pagou US\$ 40 milhões para encerrar uma ação perpetrada pela SEC. Ao realizar o IPO<sup>382</sup> de certas empresas ponto com, a Goldman Sachs praticava o que ficou conhecido como *laddering*: oferecia antecipadamente a alguns de seus clientes preferenciais as ações a um preço mais baixo do que o valor do dia de abertura na bolsa. Em troca, estes clientes compravam ações no dia do IPO por US\$ 10 a US\$ 15 a mais do que o valor de abertura, artificialmente inflando os

---

376. Smith, 2002

377. Taibbi, 2010

378. Bear Stearns, Credit Suisse, Goldman Sachs, Lehman Brothers, J.P. Morgan, Merrill Lynch, Morgan Stanley, Citigroup, Salomon Smith Barney, UBS Warburg e Piper Jaffray.

379. Valdmanis, 2002. A respeito destes conflitos, Lewis diz: "Quando uma empresa aposta em ações e títulos na própria conta e ao mesmo tempo os intermedeia para clientes, enfrenta grande pressão para usar os clientes com o propósito de favorecer a si mesmo. As empresas de Wall Street gostam de dizer que constroem muralhas como as da China para impedir o vazamento de informações sobre as negociações dos clientes para suas operações de investimento próprio. Vincent Daniel, da FrontPoint Partners, ofereceu a resposta mais sucinta a essa pretensão: "Quando ouço 'Muralha da China', penso "você é um mentiroso safado". (Lewis, 2011: 246-247)

380. Kuttner, 2003

381. Jennings, 2012: 75-76

382. IPO - Initial Public Offering. É o momento em uma empresa se torna pública vendendo suas ações na bolsa de valores.

preços. No caso da eToys em 2000, as ações abriram no dia de seu IPO a US\$ 20 e fecharam a US\$ 75, gerando lucros massivos para a Goldman Sachs e seus clientes preferenciais que haviam comprado antecipadamente as ações a um preço menor. Um ano mais tarde a eToys declarava falência.

Mesmo após a crise de 2008, a lógica destas atividades não mudou. Em maio de 2012, o Facebook fez seu IPO e três dias após o lançamentos das ações, as mesmas caíram 18,4%<sup>383</sup> em função da revisão de algumas de suas estimativas de faturamento. No entanto, alguns dos novos acionistas do Facebook entraram com uma ação na justiça americana contra a empresa e o Morgan Stanley, responsável pelo lançamento das ações: a informação sobre a diminuição da expectativa de receitas havia sido apresentada antes do IPO para um seletto grupo de investidores preferenciais, que provavelmente tiveram ganhos substanciais com a venda de suas ações no pico de alta, antes da comunicação ao público destes novos dados. Taibbi reporta que um ex-CEO de um *hedge fund* acredita que este é um exemplo de como o mercado realmente funciona:

Seu ponto era que agora a praticamente toda semana vemos histórias como esta que apontam para uma espécie de sistema de mercado em dois níveis - em que a maior parte das atividades importantes ocorre dentro de uma caixa-preta desregulamentada, uma rede de *insiders* conectados que não revelam os seus relacionamentos ou seus interesses, enquanto todos os outros, ou seja, os otários regulares, vivem no fortemente policiado mundo de prospectos e relatórios trimestrais e assim por diante.<sup>384</sup>

A descrição do ex-CEO é o próprio retrato da distinção entre economia de mercado e a camada superior do contra-mercado de Braudel.<sup>385</sup> A diferença é que Braudel amplia o quadro temporal: o jogo de lucros excepcionais com seus *insiders* e informações privilegiadas é uma recorrência desde o século XII, mas tomou formas diferentes ao longo do tempo.

Assim, mudam os detalhes de cada operação e os mecanismos utilizados, mas as armas - a superioridade de informação, o volume de recursos e o abuso de uma posição privilegiada no centro do fluxo de informações - seguem muito similares às armas relatadas por Braudel para séculos passados. Tão importante quanto isto é o fato de que o volume destas transações é indício de que num nível global são mecanismos como estes que permitem a acumulação de capital em larga escala, ou seja, observa-se o contra-mercado não como exceção mas como regra. Estes relatos de ações judiciais contra as grandes firmas de Wall Street podem dar a

---

383. Stempel e Levine, 2012.

384. Taibbi, 2012. Tradução do autor, no original: "His point was that virtually every week now we see stories like this that hint at a kind of two-tiered market system – in which most of the real action takes place inside an unregulated black-box network of connected insiders who don't disclose their relationships or their interests, while everyone else, i.e. the regular suckers, live in the more tightly-policed world of prospectuses and quarterly reporting and so on."

385. Strange é outra autora que observa a mesma realidade. A respeito das trocas com informações privilegiadas ela diz: "The consensus in most financial markets is that proof is so difficult that most insider trading goes undetected and, indeed, that inside informations is what makes the market profitable." (Strange, 1998: 131)



impressão de que a essência de um contra-mercado é uma operação ilegal, o que não é verdade. Embora por vezes eles podem envolver ações que contrariam a lei, este não é preferencialmente o caminho. Sua essência é alguma ação que curve ou controle as forças de mercado, que iniba o pleno funcionamento da concorrência - não só a presente, mas também a potencial - influenciando preços e agentes a agirem de acordo com os interesses do iniciador do contra-mercado. Além disso, a questão a respeito da legalidade ou não da operação é secundária: como aponta Strange,<sup>386</sup> o crime nunca é um conceito absoluto: há operações que eram ilegais e posteriormente são legalizadas por um governo, por exemplo. Assim, a legalidade é apenas um qualificador secundário quando se fala do processo real de acumulação de riqueza - ele pode ou não acompanhar o processo de enriquecimento.<sup>387</sup>

Observa-se ainda que a atuação dos bancos de investimento no caso da bolha de internet em 2000 e também na bolha imobiliária do final da década são reveladores de uma lógica estrutural nos contra-mercados impostos pelo mercado financeiro nas últimas décadas. Aqui, o mecanismo de mercado não funciona "naturalmente" como nos modelos teóricos de concorrência perfeita, que pouco explicam sobre a realidade. Há agentes que não são tomadores de preço - pelo contrário, seu movimento é uma sinalização para que todo o restante do mercado siga suas ações, numa espécie de profecia auto-realizável. Como notam Cintra e Cagnin,

os sistemas financeiros interligados passam a ser crescentemente condicionados pelos movimentos dos grandes fundos de investimento, altamente alavancados (hedge funds). A despeito de possuírem ativos de apenas US\$ 1,4 trilhão, são extremamente agressivos, adotam novos instrumentos de gestão da riqueza e tomam empréstimos do sistema bancário, multiplicando suas posições. O sistema bancário (com ativos globais estimados em US\$ 63,5 trilhões) e os investidores institucionais (com estoque de ativos de US\$ 46 trilhões) copiam suas estratégias de ação e ampliam o volume de capital nos movimentos iniciados pelos hedge funds. Assim passam eles a determinar o sentido dos movimentos de valorização e desvalorização dos ativos financeiros mundiais.<sup>388</sup>

Deste modo, Belluzzo diz que é "ingenuidade supor que este mercado atenda aos requisitos de eficiência, no sentido de que não podem existir estratégias 'ganadoras' acima da média, derivadas de assimetrias de informação e poder"<sup>389</sup> pois há agentes que são "formadores de convenções, no sentido de que podem manter, exacerbar ou inverter tendências [e] suas estratégias são mimetizadas pelos investidores com menor poder e informação".<sup>390</sup> É isto que permite que Froud et al.<sup>391</sup> apontem que a lógica geral do sistema financeiro nas últimas décadas assemelha-se a uma pirâmide Ponzi, em que os depósitos dos

---

386. Strange, 1998: 123

387. Ver mas a respeito desta discussão nas páginas 126 e 127.

388. Cintra e Cagnin, 2007: 326

389. Belluzzo, 1998: 176

390. Belluzzo, 1998: 176-177

391. Froud et al., 2001

entrantes tardios no mercado alimentam os ganhos financeiros dos que entraram antes, um verdadeiro contra-mercado.

Assim, Braga nota que criou-se uma dinâmica em que os ganhos financeiros constantemente "correm à frente" dos ganhos operacionais: os ciclos de alta permitem uma valorização exacerbada e extremamente veloz do capital e a queda posterior não é suficiente para "zerar" todo o espaço de valorização criado na alta, além do apoio estatal nos momentos de baixa. Deste modo

o jogo e a especulação se tornaram sistêmicos, e não apenas um momento dos "ciclos", quer de ondas curtas, médias ou longas, após os quais a riqueza fictícia desapareceria por um longo tempo. Eles são permanentes, como que constituindo valores que forjam um "estrato superior" de riqueza sobre aquela que corresponde aos valores dos bens e serviços. Ou seja, a riqueza financeira sustenta patamares de valorização inusitados em relação à riqueza real, demonstrando capacidade de revalorização, mesmo quando sofre quedas significativas, após ter atingido picos exacerbados.<sup>392</sup>

Por fim, há um último aspecto em que estes contra-mercados modernos se assemelham aos de Braudel. Aqui também é necessário rastrear o fluxo de dinheiro até seus destinatários finais para avaliar quem são os verdadeiros ganhadores nestas operações. Este foi um ponto levantado por Braudel a respeito da atuação da V.O.C., a companhia de comércio holandesa dos séculos XVII e XVIII: Braudel suspeitava que os grandes acumuladores não eram necessariamente os acionistas da companhia, mas sim os distribuidores monopolistas dos produtos trazido dos Oriente - que possuíam conexões políticas ou familiares com os acionistas-gestores da V.O.C.<sup>393</sup> No caso do sistema financeiro atual, os maiores ganhadores seriam a elite da classe dirigente e não os acionistas. Johnson<sup>394</sup> apresenta números substanciais a respeito da remuneração de executivos no auge da crise norte-americana. Stanley O'Neal, CEO do Merrill Lynch, deixou a empresa em 2007 quando as perdas para o grupo já se avolumavam e levou um pacote de remuneração de US\$ 162 milhões. Em outro exemplo, os bônus totais que o Merrill Lynch pagaria no ano somavam US\$ 4 bilhões e tiveram seu pagamento antecipado para Dezembro, pois como a partir de Janeiro do ano seguinte o banco estaria sob o controle do Bank of America, este poderia querer rever a remuneração. No total, as firmas de Wall Street pagaram em 2008 US\$ 18 bilhões em bônus, no mesmo momento em que os cofres públicos garantiam a solvência das instituições com aportes de US\$ 243 bilhões. Mostrando que esta não é uma exclusividade desta recente crise, Galbraith diz:

Na primavera de 2001, num período de desvalorização do mercado de ações, o *The New York Times*, uma publicação nada radical, mostrou, em uma matéria de página inteira, o contraste entre a queda da bolsa e o aumento da remuneração dos administradores. Essas remunerações, incluindo as opções de

---

392. Braga, 1998: 227

393. A este respeito ver páginas 39 e 40 neste trabalho ou Braudel, 2005c: 211-212

394. Johnson, 2009

compra de ações (o direito de comprar ações a preços favorecidos), podem chegar, às vezes, a alguns milhões de dólares por ano. Tudo era aprovado de modo maquinal pelos complacentes conselheiros. [...] O enriquecimento pessoal de milhões de dólares com a permissão da lei é uma característica da atual administração de empresas, o que não é surpresa: os administradores estabelecem suas próprias remunerações.<sup>395</sup>

### 3.2.2. Recorrência histórica 2 - Não há contra-mercados sem o apoio do Estado

A seção anterior apresentou alguns dos contra-mercados específicos criados em torno do setor financeiro nas últimas décadas. Estas operações, entretanto, sempre tiveram uma participação ativa do Estado na definição dos fundamentos sobre os quais se ergueram. Sem a atuação estatal seria impossível estabelecê-los - ao menos é isto que a segunda recorrência histórica identificada em Braudel aponta. E, de fato, para que houvesse os recursos abundantes que permitiram a formação de bolhas como a imobiliária ou das empresas "ponto com" e a liberdade de movimentos dos agentes financeiros nestas transações, um longo caminho de desregulação do sistema financeiro e de integração dos mercados globais num arcabouço de fluxos financeiros sem barreiras foi percorrido. No entanto, o papel do Estado nestes processos é relegado à segundo plano por muitos autores. Como aponta Helleiner, "segundo essa visão, forças tecnológicas e de mercado incontrolláveis"<sup>396</sup> como o desenvolvimento das tecnologias de comunicação seriam as responsáveis por esta transformação e ao Estado caberia um papel passivo, pois teria sido impossível fazer frente aos movimentos financeiros globais pela mobilidade e fungibilidade do dinheiro. Esta leitura, entretanto, está fundamentada em uma naturalização de processos que em realidade são construídos historicamente. Como alerta Strange, as decisões implementadas pelo Estado "[...] rapidamente tornam-se tão tidas como certas que transformam-se em fatos inquestionáveis da vida"<sup>397</sup> e se esquece que os "[...] mercados existem sob a autoridade e com a permissão do Estado, e que são conduzidos segundo os termos que o Estado escolha ditar ou permitir".<sup>398</sup>

De fato, após as década de 70 e 80 o sistema financeiro mundial migrou para um novo ordenamento com uma liberdade muito maior de movimentação e integração global, no qual os mercados passaram a exercer um papel muito mais relevante do que nas décadas anteriores. Porém, tal arranjo só pode ser construído a partir de uma liderança do Estado, pois os "mercados não podem assumir um papel fundamental no modo pelo qual uma economia

---

395. Galbraith, 2004: 44-45

396. Helleiner, 1994: 1. Tradução do autor, no original "According to this view, unstoppable technological and market forces"

397. Strange, 1997: 30. Tradução do autor, no original "[...] soon become so taken for granted that they become unquestioned 'facts of life'"

398. Strange, 1997: 29. Tradução do autor, no original "[...] markets exist under the authority and by permission of the state, and are conducted on whatever terms the state may choose to dictate, or allow."

política funciona a não ser que seja permitido por aquele que maneja o poder e possui autoridade."<sup>399</sup> Esta concessão de poder aos mercados iniciou-se no final da década de 50, deu seus passos decisivos durante as décadas de 70 e começo da de 80 e seguiu aprofundando-se nas décadas seguintes. Pode-se dizer que o Estado atuou neste processo em ao menos 2 níveis:<sup>400</sup> a) ao promover iniciativas de desregulamentação e liberalização concedendo independência aos agentes de mercado e se negando a impor ações de controle ou restrições; b) ao atuar para evitar crises econômicas oriundas do sistema financeiro ou colocando em práticas medidas para atenuar seus efeitos.

De forma direta e em relação aos contra-mercados que originaram a crise de 2007-2008, pode-se observar a atuação do Estado nestes mesmos dois níveis. Em relação à desregulação, houve uma opção clara do governo norte-americano em não regular o mercado de derivativos e reduzir substancialmente a supervisão sobre os bancos. Entre 1996 e 1997 a então nova diretora da CFTC<sup>401</sup> - Comissão do Mercado de Futuros de Commodities - sob o Governo Clinton Brooksley Born iniciou um movimento para tentar regulamentar o mercado de derivativos, que lhe parecia com um crescente risco sistêmico e funcionando de maneira opaca e sem transparência. No mesmo dia em que lançou um documento propondo as bases desta regulação, o Secretário do Tesouro Robert Rubin, o Diretor do FED Alan Greenspan e o Diretor da SEC<sup>402</sup> Arthur Levitt emitiram uma carta ao Congresso solicitando que este mercado não fosse regulado.<sup>403</sup> Em seu depoimento ao Congresso à época, Lawrence Summers, Secretário Adjunto do Tesouro, disse que o interesse da CFTC em regular o mercado "[...] lançou uma sombra de incerteza regulatória sobre um mercado próspero - aumentando os riscos para a estabilidade e competitividade do mercado norte-americano de derivativos. Acreditamos ser muito importante que as dúvidas sejam eliminadas."<sup>404</sup> Na sequência, o Congresso aprovaria o *Commodity Futures Modernization Act of 2000* explicitamente proibindo qualquer regulamentação do mercado. Uma vigilância mais próxima do mercado de derivativos provavelmente colocaria em prática modelos mais transparentes de precificação e de avaliação de risco que diminuiriam significativamente o espaço dos bancos de investimento para forjar os contra-mercados lucrativos.

---

399. Strange, 1994: 23. Tradução do autor, no original "Markets cannot play a dominant role in the way in which a political economy functions unless allowed to do so by whoever wields power and possesses authority."

400. Adaptado de Helleiner, 1994: 8

401. Commodity Futures Trading Commission

402. U.S. Securities and Exchange Commission

403. Goodman, 2008

404. Scheer, 2012. Tradução do autor, no original "[...] has cast the shadow of regulatory uncertainty over an otherwise thriving market--raising risks for stability and competitiveness of American derivative trading. We believe it quite important that the doubts be eliminated."

Já em relação à ação do Estado nos momentos de crises, assim como já via agido no passado,<sup>405</sup> o governo norte-americano assumiu a posição de prestador em última instância e por meio de múltiplos acordos garantiu a solvência e manutenção do sistema, a um custo trilionário para os cofres públicos. Assim, confirmou-se o que Braga já havia escrito antes da crise de 2007/2008:

O tamanho e a importância do mercado de câmbio e de derivativos sob o comando dos grandes bancos americanos asseguram que o Federal Reserve deve intervir para sustentar posições desses bancos em momentos de turbulência, evidenciando que a continuidade do padrão de financeirização da riqueza envolve uma cumplicidade público-privada no reiterado movimento de valorização/desvalorização.<sup>406</sup>

Estas ações mais recentes de desregulação são apenas os últimos capítulos do longo movimento iniciado no final da década de 50. A partir daquele momento, gradualmente os controles impostos nos EUA ao sistema financeiro como resposta à crise de 29 e o ordenamento monetário global do regime de Bretton Woods foram desmontados. Não se pretende aqui reconstruir toda a história deste processo de desregulação,<sup>407</sup> mas reconhecendo o papel essencial dos estados na condução destes processos, discutir porque se optou por colocá-lo em prática.

Para isso, é necessário lembrar o caráter conflitivo das relações interestatais como apontado por Fiori.<sup>408</sup> Os EUA, que lideraram este processo de desregulação, não agiram de tal modo por uma crença no valor intrínseco de uma ordem financeira liberal e desregulamentada; tal posição foi promovida e construída por se alinhar com diversos e múltiplos interesses norte-americanos. Assim, embora Krippner alerte para o risco de que o tipo de análise feito ao nível da economia-mundo tenda a resultar em formulações que "impõem coerência demais à ação estatal assumindo uma aliança sem emendas entre agentes do governo e as elites empresariais"<sup>409</sup>, no caso da desregulação financeira e a integração dos mercados globais, houve uma clara convergência de interesses de ideólogos do livre mercado, de defensores da projeção do poder americano em nível internacional, do sistema financeiro americano e também de suas maiores empresas. Em relação a estes interesses da classe empresarial, Strange aponta que

---

405. Helleiner (1994: 11) cita a decisiva ação estatal na crise bancária de 1974, na crise da dívida e 1982 e no crash do mercado acionário de 1987. Strange (1997: 45-46) também destaca a ação governamental em 1974 como uma das decisões essenciais na definição do arcabouço financeiro global.

406. Braga, 2007: 263

407. Este é um processo com diversos capítulos que passa pela liberalização do mercado de crédito e os tetos de remuneração de depósitos, a revogação do Glass-Steagall e McFadden Acts que restringiam a atividade bancária geograficamente e por funções criando uma barreira ao efeito-dominó no caso de queda de uma instituição, o apoio dos governos americano e britânico ao mercado do eurodólar, a abolição dos controles de capital, o fim da paridade dólar-ouro entre outros. Para uma reconstrução detalhada destes processos, ver Helleiner, 1994 e Krippner, 2011.

408. Fiori 2007a; 2009

409. Krippner, 2011: 13

o que era menos citado, ou porque era menos evidente para as pessoas que vivem em país continental tão grande ou porque isso implicava um reconhecimento indesejado da responsabilidade americana para a crescente instabilidade de todo o sistema internacional financeiro de que o mercado ou o sistema capitalista dependia, era que os bancos americanos tinham feito lucros muito grandes neste sistema financeiro mas estavam a salvo das conseqüências de operações muito arriscadas pelo poder financeiro do governo dos EUA.<sup>410</sup>

Ou seja, o arranjo promovido pelos EUA era extremamente lucrativo para os seus agentes financeiros. Mas não só para eles. As demais grandes empresas, mesmo industriais, também puderam aproveitar-se destas oportunidades de lucratividade por meio de suas tesourarias. Como já citado, em muitas delas mais de 50% da rentabilidade na virada da última década derivou de lucros de operações financeiras. Em contraste, trabalhadores e donos de pequenos negócios eram prejudicados neste arranjo, mas possuíam um poder muito menor de influenciar as políticas governamentais. Como referência, no período entre 1998 e 2008 o setor financeiro fez doações de US\$ 1,7 bilhões em campanhas eleitorais e investiu US\$ 3,3 bilhões com lobby, o que significava 2.996 lobistas ativos em 2007.<sup>411</sup>

Mas não foi apenas pelos interesses comerciais de seus capitalistas que os EUA promoveram esta nova ordem financeira internacional. As transformações permitiram que o país preservasse sua autonomia e sua capacidade de seguir ampliando seu poder, influência e riqueza internacionalmente.<sup>412</sup> Enquanto estava atrelado ao padrão dólar-ouro, ainda havia sob os EUA a ameaça de que a qualquer momento os países que vinham acumulando dólares exigissem a sua troca por ouro.<sup>413</sup> Além disso, o padrão dólar-ouro exigia a manutenção da paridade entre dólar e ouro, impedindo os EUA de desvalorizarem sua moeda para incentivar suas exportações.<sup>414</sup> Ao unilateralmente abandonar a convertibilidade ao ouro, ambas

---

410. Stranger, 1997: 23. Tradução do autor, no original "What was less often mentioned, either because it was less evident to people living in such a large continental country or because it implied an unwelcome acknowledgment of American responsibility for the growing instability of the whole international financial system on which the market or capitalist system depended, was that American banks had taken very large profits from that financial system yet had been saved from the consequences of very risk operations by the power of the US government."

411. ESSENTIAL INFORMATION e CONSUMER EDUCATION FOUNDATION, 2009. Os valores investidos em lobby são subestimados pois não consideram as ações de relações públicas.

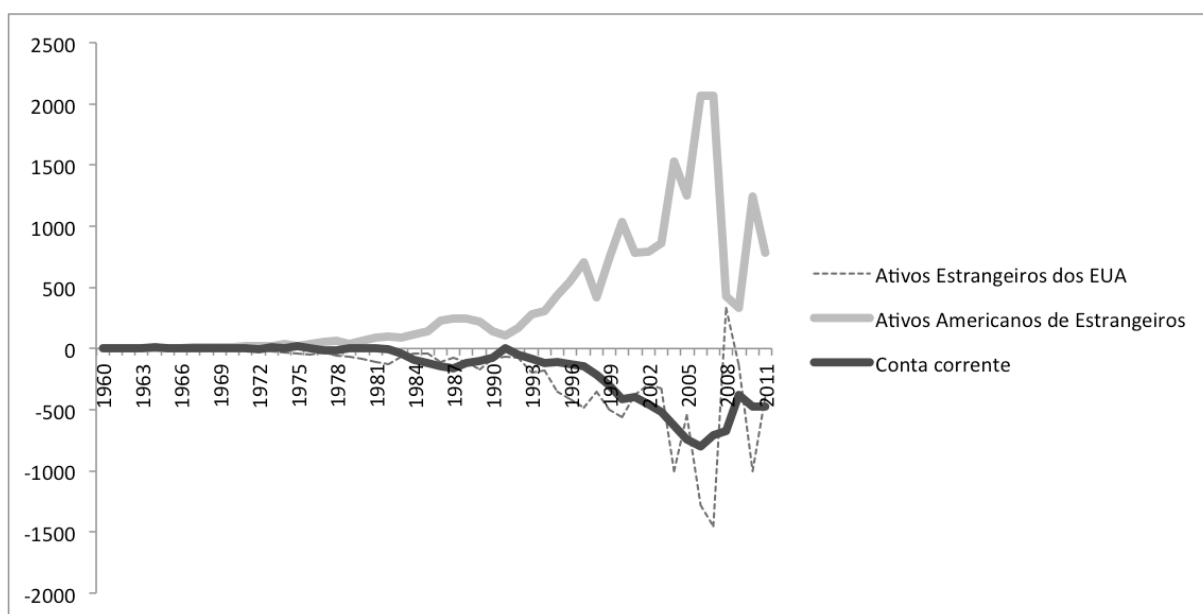
412. Fiori, 2007b: 93

413. Com a recuperação econômica dos países europeus e do Japão no pós-guerra, os superávits comerciais americanos transformaram-se em déficits. O risco para os EUA era que se os déficits persistissem e os EUA fossem perdendo suas reservas em ouro, gradualmente a percepção de que o dólar era tão forte quanto o ouro seria minado. O próximo passo seria então o uso cada vez mais frequente do ouro e não do dólar como meio de pagamento internacional preferencial e o dólar perderia seu papel de moeda-chave. (Serrano, 2007: 196)

414. Estas duas restrições foram apontadas por Serrano num contexto mais amplo que ele chamou de "Dilema de Nixon", assim posto: "O problema era que estas duas restrições colocavam os EUA numa contradição fundamental. De um lado, o próprio sucesso da estratégia americana de reconstrução e desenvolvimento dos demais países capitalistas (inclusive aceitando desvalorizações cambiais de outros países) estava reduzindo progressivamente os superávits comerciais e de conta corrente americanos. Mas para manter o papel de moeda internacional do dólar era necessário, como vimos, evitar a ocorrência de déficits na conta corrente. Ao mesmo tempo, a maneira mais simples de melhorar a competitividade externa americana seria através de uma

restrições se resolveram<sup>415</sup> já que os EUA impuseram aos demais países uma dura escolha: continuar mantendo as reservas em dólar, optando assim por seguir financiando os déficits americanos e absorver os desequilíbrios externos dos EUA, ou fugir da moeda como valor de reserva, o que aumentaria a competitividade das exportações americanas, depreciaria o valor das próprias reservas em dólar e causaria amplos estragos à economia global.<sup>416</sup> Qualquer dúvida quanto à opção a se escolher foi dirimida pelo choque de juros liderado por Volcker<sup>417</sup> em 1979, que reafirmou a hierarquia do dólar de modo que "os EUA deixaram de ter qualquer tipo de restrição externa e passaram a não se preocupar mais com a ocorrência de déficits em conta corrente".<sup>418</sup> Krippner nota que o movimento de desregulamentação do sistema financeiro e sua abertura ao sistema internacional é o típico movimento que expõe uma economia às pressões do mercado. Mas os EUA, justamente pelo seu poder estrutural - no sentido que Strange ofereceu ao termo -, não estão sujeitos a esta pressão: "Paradoxalmente, integração à economia global trouxe não a disciplina do mercado, mas liberdade das restrições".<sup>419</sup>

Gráfico 2. Balança de Pagamentos dos EUA (em US\$ bilhões)



desvalorização do dólar. Mas como desvalorizar o dólar sem ameaçar o seu papel de moeda internacional?" (Serrano, 2007: 196-197),

415. Além disso, o abandono do ouro foi essencial para o crescimento do sistema financeiro, pois ele desempenhava o papel de uma espécie de 'freio automático' contra a ampliação sem limites do volume monetário no sistema financeiro internacional". (Braga e Cintra 2007: 259)

416. Krippner, 2011: 91

417. Ver Helleiner, 1994: 133-135

418. Serrano, 2004: 202

419. Krippner, 2011: 102. Tradução do autor, no original ""Paradoxically, integration into the global economy brought not the discipline of the market, but freedom from constraint"

O gráfico 2<sup>420</sup> mostra a dimensão desta liberdade e o tamanho do privilégio vivido pelos EUA. O déficit em conta corrente após a década de 80 toma proporções que eram inimagináveis dentro do padrão dólar-ouro e tal posição foi sustentada pela crescente posse de ativos americanos nas mãos de estrangeiros, especialmente títulos da dívida. Considerando o volume e a persistência destes déficits, Graeber provoca a respeito da natureza destas operações: elas são de fato empréstimos que os detentores da riqueza ao redor do globo oferecem aos EUA?

No passado, as potências militares que mantinham centenas de bases militares fora do seu próprio território foram normalmente chamadas de "impérios", e impérios regularmente exigiam tributos de povos dominados. O governo dos EUA, é claro, insiste que não é um império - mas facilmente pode-se defender a tese de que a única razão pela qual insiste em tratar esses pagamentos como "empréstimos" e não como "tributos" é justamente negar a realidade do que está acontecendo.<sup>421</sup>

Além disso, o novo arranjo monetário permite outros privilégios aos norte-americanos.<sup>422</sup> Como é o FED que determina as taxas de juros de curto prazo, os EUA podem arbitrar unilateralmente sobre a taxa de juros de sua própria dívida externa. Também podem desvalorizar sua moeda sem implicar em perdas patrimoniais: quem sofre as perdas são os detentores da dívida. Por fim, como o dólar funciona como a moeda de reserva do sistema, nos momentos de crise em que geral os países ficam na berlinda sob a ameaça da fuga de capitais, o inverso se passa nos EUA: sob qualquer sinal de ameaça ou fraqueza econômica, mesmo que de sua economia interna, há uma "fuga para a qualidade" e a qualidade são os papéis da dívida americana.<sup>423</sup> Como pergunta Serrano, "Que outro país tem uma queda da bolsa, uma fuga de capitais externos e reduz a taxa de juros?"<sup>424</sup> Assim,

---

420. Elaboração do autor. Dados obtidos com o Bureau of Economic Analysis - U.S. International Transactions Accounts Data

421. Graeber, 2011: 6. Tradução do autor, no original "In the past, military powers that maintained hundreds of military bases outside their own home territory were ordinarily referred to as "empires," and empires regularly demanded tribute from subject peoples. The U.S. government, of course, insists that it is not an empire--but one could easily make a case that the only reason it insists on treating these pay-ments as "loans" and not as "tribute" is precisely to deny the reality of what's going on." Graeber, no entanto, alerta para uma sutil diferença: "What is the difference between a gangster pulling out a gun and demanding you give him a thousand dollars of "protection money," and that same gangster pulling out a gun and demanding you provide him with a thousand-dollar "loan" ? In most ways, obviously, nothing. But in certain ways there is a difference. As in the case of the U.S. debt to Korea or Japan, were the balance of power at any point to shift, were America to lose its military supremacy, were the gangster to lose his henchmen, that "loan" might start being treated very differently. It might become a genuine liability. But the crucial element would still seem to be the gun." (Graeber, 2011: 7)

422. Serrano identifica os 3 privilégios a seguir apresentados. (Serrano, 2007: 211-213)

423. "O *hot money* conta, nos Estados Unidos, com um mercado amplo e profundo, onde imagina poder descansar das aventuras em praças exóticas. A existência de um volume respeitável de papéis do governo americano, reputados por seu baixo risco e excelente liquidez, tem permitido que a reversão dos episódios especulativos, com ações, imóveis ou ativos estrangeiros, seja amortecida por um movimento compensatório no preço dos títulos públicos americanos. Os títulos da dívida pública americana são vistos, portanto, como um refúgio seguro nos momentos em que a confiança dos investidores globais é abalada." (Belluzzo, 1997 apud Braga e Cintra, 2007: 284)

424. Serrano, 2007: 213. Serrano oferece este exemplo com base na reação do FED após os impactos negativos na economia americana após a divulgação das fraudes contábeis da Enron e outras grandes companhias em 2002.



as forças centrípetas de seu sistema monetário-financeiro impedem que os investidores fujam, de maneira radical, do dólar, dos débitos e dos déficits de balanço de pagamentos. O dólar e seu inseparável sistema financeiro americano, em instância última, continuam dominantes mundialmente, tanto pelos interesses privados dos gestores globalizados de riqueza, assim como pela anuência - em graus diferenciados de subordinação, de uma forma ou de outra - dos bancos centrais da grande maioria dos países do globo.<sup>425</sup>

O resultado deste processo é que "as finanças passaram a operar num 'espaço mundial', hierarquizado a partir do sistema financeiro americano e viabilizado pela política monetária do Estado hegemônico".<sup>426</sup> No entanto, este Estado - os EUA - não operam o sistema buscando sustentar sua racionalidade ou o bem comum universal. Ele é operado segundo as suas necessidades nacionais, e a análise das conseqüências internacionais de seus atos somente são computadas dentro do seu cálculo estratégico considerando o impacto em sua economia política interna e na ampliação do seu poder internacional. Regular e reduzir a liberdade dos agentes no sistema financeiro internacional não é interessante para os EUA, pois isto implica em eliminar uma série de possibilidades de altos lucros para seus capitais e diminuir seu poder estrutural sobre o restante do mundo. Os interesses econômicos e políticos convergem para a manutenção destes privilégios. As classes mais baixas nos EUA se juntam aos demais países, em especial os periféricos, como os perdedores neste arranjo.<sup>427</sup> A este respeito, Emminger possui uma imagem interessante, que é comentada por Strange:

por vezes é muito incômodo estar numa cama com um elefante. A comparação é particularmente oportuna porque nesta situação é pouco provável que o elefante sequer esteja ciente da existência quanto mais do sofrimento das criaturas menores na cama. E assim tem sido, na maior parte do tempo, com os Estados Unidos em suas decisões domésticas.<sup>428</sup>

Além de reconhecer o impacto das decisões internas dos EUA no restante do mundo, a imagem de Emminger possui um ponto polêmico. Ela dá a entender que os EUA não tem consciência do impacto de suas decisões no restante da economia-mundo. Krippner possui uma posição complementar: aponta que muitos pesquisadores superestimam o grau no qual a reestruturação da economia global era um objetivo consciente da elite política norte-americana. Para isso, sustenta-se em afirmações como a de David Stockman, Diretor de Orçamento de Reagan, de que "ninguém entre os conselheiros mais próximos de Reagan antecipou o papel que os fluxos de capital estrangeiros teriam em financiar os déficits orçamentários".<sup>429</sup> De fato, autores como Fiori encontram-se no outro pólo desta discussão ao

---

425. Braga e Cintra, 2007: 288

426. Braga e Cintra, 2007: 267

427. Apenas as elites econômicas financeiras nos outros países são ganhadores secundários desta situação e cumprem papel importante para a manutenção do arranjo.

428. Strange, 1997: 47. Tradução do autor, no original "it was very uncomfortable sometimes being in bed with an elephant. The simile was particularly apt because in such a situation the elephant itself is unlikely to be even aware of the existence let alone the discomfort of the smaller creatures in its bed. And so, for the most part, it has been with the United States in its domestic decision-making"

429. Krippner, 2011: 95

afirmar, em relação aos assessores de Nixon que "todos eles tinham a clareza de que a desregulação dos mercados financeiros era o único caminho possível para aumentar o poder americano".<sup>430</sup>

Consciente ou não de todo o alcance de longo prazo, o fato é que as escolhas americanas foram essenciais no redesenho da ordem global. Ao desregular seu próprio mercado, todos os demais países tiveram que fazer o mesmo, sob o risco de que seus capitais migrassem para os EUA (e Inglaterra, que co-liderou o processo de desregulação).<sup>431</sup> E pela atratividade relativa do seu mercado financeiro, a premência de suas instituições financeiras, a liderança absoluta do dólar e o próprio tamanho de sua economia nacional,<sup>432</sup> os EUA se estabeleceram e se mantiveram no centro do poder financeiro global. Com isso, puderam estabelecer as condições essenciais para a emergência de contra-mercados que beneficiaram principalmente seus capitais e permitiram ao país ampliar de forma ampla a sua base de poder.

Este processo de liberalização dos mercados beneficiando os capitais norte-americanos e de forma mais ampla o próprio poder do país é um exemplo perfeito da ação do poder estrutural como apresentado por Strange.<sup>433</sup> Os EUA não precisaram obrigar com a força das armas que os demais países seguissem seu processo de abertura de mercados, mas todos os demais países se sentiram compelidos a fazê-lo.<sup>434</sup> Criou-se assim um arcabouço legal e prático sobre como se devem dar as transações financeiras a nível global e embora todos tenham acesso a estes mercados, a possibilidade de se aproveitar deles não é equânime e beneficia fortemente os capitais e o próprio poder norte-americano. A este respeito, Strange diz

economistas de mercado também fazem a altamente questionável afirmação de que os mercados futuros oferecem uma base semelhante a todos os que podem ser afetados na condução de seus negócios pela incerteza, já que a informação está prontamente disponível para todos que dela necessitem. Essa

---

430. Fiori, 2007b: 93

431. Este é o conceito de desregulação competitiva de Helleiner, 1994. "When these two states [EUA e Inglaterra] supported growth of the Euromarket in the 1960s and then liberalized and deregulated their financial markets in the 1970s and 1980s, foreign financial centers increasingly witnessed their business and capital migrating to these more attractive markets. To compete effectively for this mobile financial business and capital, they were forced to follow the lead of Britain and the United States by liberalizing and deregulating their own financial systems. This "competitive deregulation" in finance was a central reason for the flurry of liberalization activity throughout the advanced industrial world in the 1980s." (Helleiner, 1994: 12). Quando a desregulação competitiva não foi suficiente para liberalizar os mercados, o FMI e o Banco Mundial forçaram tais medidas ao colocá-las como condicionantes em seus pacotes de apoio.

432. Helleiner, 1994: 13-14

433. E citado neste trabalho nas páginas 89 e 90.

434. Strange diz a respeito do poder estrutural: "What is common to all four kinds of structural power is that the possessor is able to change the range of choices open to others, without apparently putting pressure directly on them to take one decision or to make one choice rather than others. Such power is less 'visible'. The range of options open to the others will be extended by giving them opportunities they would not otherwise have had. And it may be restricted by imposing costs or risks upon them larger than they would otherwise have faced, thus making it less easy to make some choices while making it more easy to make others." (Strange, 1994: 31)

alegação é altamente irrealista. O mesmo foi dito dos tribunais de direito britânicos antes do Estado oferecer ajuda jurídica aos litigantes pobres - uma alegação que à época provocou Harold Laski a replicar: 'Ah sim, como o Hotel Ritz, aberto a ricos e pobres do mesmo modo!'<sup>435</sup>

Assim, aqui outra vez se mantém a linha de continuidade entre a recorrência histórica apontada por Braudel e os acontecimentos recentes: ao centro da economia-mundo, um país central com poder superior aos demais mostrou possuir a capacidade de reordenar os fluxos econômicos e impor sua vontade no exterior de modo a criar posições privilegiadas para seus capitais e para a expansão do seu próprio poder. Para isso, adotou uma posição liberal, consciente de que num mercado aberto suas vantagens e assimetrias facilmente se impõem em relação aos demais países.

### **3.2.3. Recorrência histórica 3 – As raízes do capitalismo vão além da economia e da política, estão na sociedade como um todo**

A terceira recorrência histórica identificada na obra de Braudel indica que as bases de sustentação da ação capitalista precisam ser buscadas num entendimento mais amplo da sociedade. Não é apenas na economia e nem mesmo apenas na ação estatal que estão os fundamentos do capitalismo. A ordem social, a cultura, o campo das ideias - todas estas esferas também possuem suas hierarquias que juntas constituem o espaço onde os contra-mercados podem se formar.

Em 1956, Mills escrevia<sup>436</sup> "A Elite do Poder" no qual mostrava como se construiu e como operava uma elite norte-americana que conectava líderes políticos, empresariais e militares, com interesses convergentes e um poder muito superior ao do restante dos cidadãos americanos para ditar os rumos do país. A respeito das conexões deste grupo, Mills dizia que

a noção desse estrato dominante implica assim que a maioria de seus membros tem origens sociais semelhantes, que durante toda a sua vida mantêm uma rede de ligações informais, e que há um certo grau de possibilidade de intercâmbio de posição entre as várias hierarquias de dinheiro, poder e celebridade.<sup>437</sup>

Os contra-mercados apresentados nas seções anteriores em parte funcionavam porque as conexões indicadas por Mills continuavam existindo, só que agora privilegiando cada vez mais os agentes do sistema financeiro<sup>438</sup>: líderes deste setor passaram a ocupar, em especial após os anos 80, cargos governamentais críticos ou fizeram o caminho inverso, ocupando

---

435. Strange, 1997: 116. Tradução do autor, no original: "market economists are also apt to make the highly questionable claim that futures markets offer a similar facility to all who may be affected in the conduct of their business by uncertainty, since information is readily available to all who need it. This claim is highly unrealistic. The same was said of British courts of law before the state provided legal aid to poor litigants - a claim which at the time provoked Harold Laski to retort 'Ah yes, like the Ritz Hotel, open to rich and poor alike!'"

436. Mills, 1981

437. Mills, 1981: 20-21

438. A respeito deste "grupo de poucos", ver o capítulo 2, páginas 73 e 74.

posições no setor financeiro logo após suas atuações como homens públicos. Os exemplos destas conexões são múltiplos: Phil Gramm, Senador republicano com atuação fundamental na aprovação do *Financial Services Modernization Act of 1999* que permitiu que uma mesma instituição atuasse como banco comercial, de investimento e como seguradora e também na proibição de regulação dos derivativos, tornou-se Vice-Presidente do grupo de serviços financeiros UBS no final de seu mandato; Robert Rubin, Secretário do Tesouro no Governo Clinton fora antes Co-Presidente do Goldman Sachs, onde trabalhara por 20 anos; Henry Paulson, também Secretário do Tesouro e responsável pelo gerenciamento da crise de 2007-2008, também fora antes presidente da Goldman Sachs. E estes são apenas alguns de uma lista de exemplos muito mais extensa. Como aponta Simon Johnson, ex-diretor de pesquisa do FMI,

virou uma espécie de tradição os funcionários da Goldman Sachs migrarem para o serviço público após saírem da empresa. O fluxo de ex-Goldmans - incluindo Jon Corzine, agora governador de Nova Jérsei, junto de Rubin e Paulson - não apenas colocou pessoas com uma visão de mundo a partir de Wall Street nos corredores do poder; isto também ajudou a criar uma imagem da Goldman (ao menos dentro do Beltway<sup>439</sup>) como uma instituição que em si é quase uma forma de serviço público.<sup>440</sup>

Tal intercâmbio de posições abre espaço para amplas discussões a respeito dos interesses cruzados e benefícios pessoais que possam ter sido auferidos. No entanto, estas relações público-privadas não necessariamente precisam entrar no campo da ilegalidade para que a atuação governamental convirja para os interesses do sistema financeiro. Um relatório do Painel de Acompanhamento do Congresso Norte-americano a respeito da ajuda estatal à AIG para evitar sua falência durante a crise diz que

mesmo deixando de lado preocupações com conflitos reais ou aparentes de interesse, o conjunto limitado de pessoas envolvidas no resgate da AIG levanta uma preocupação mais ampla. Todos os envolvidos no resgate da AIG tinham a mentalidade de um banqueiro ou de um regulador bancário. As discussões não incluíram outras vozes que poderiam ter trazido ideias diferentes e uma visão mais ampla do interesse nacional.<sup>441</sup>

Desta forma, o relatório destaca que mesmo supondo que não exista um laço pecuniário imediato conectando o interesses dos envolvidos, a estrutura da tomada de decisão leva à convergência destes interesses. O relatório, no entanto, não faz a pergunta essencial e que é

---

439. "Inside the Beltway" - traduzido como "Dentro do Beltway" é uma expressão usada para caracterizar o sistema político americano. O nome refere-se à Capital Beltway (Interstate 495), o anel viário que circunda Washington.

440. Johnson, 2009. Tradução do autor, no original "It has become something of a tradition for Goldman Sachs employees to go into public service after they leave the firm. The flow of Goldman alumni--including Jon Corzine, now the governor of New Jersey, along with Rubin and Paulson--not only placed people with Wall Street's worldview in the halls of power; it also helped create an image of Goldman (inside the Beltway, at least) as an institution that was itself almost a form of public service."

441. CONGRESSIONAL OVERSIGHT PANEL, 2010: 234. Tradução do autor, no original "Even setting aside concerns about actual or apparent conflicts of interest, the limited pool of people involved in AIG's rescue raises a broader concern. Everyone involved in AIG's rescue had the mindset of either a banker or a banking regulator. The discussions did not include other voices that might have brought different ideas and a broader view of the national interest."

crítica para entender como se forjam estas conexões: porque não havia outras vozes no resgate? Quem indiretamente responde à esta questão é novamente o ex-diretor de pesquisa do FMI Simon Johnson:

Em um sistema político primitivo, o poder é transmitido por meio da violência ou da ameaça de violência: golpes militares, milícias privadas, e assim por diante. Em um sistema menos primitivo mais típico dos mercados emergentes, o poder é transmitido pelo dinheiro: suborno, propina e contas bancárias *offshore*. Embora as contribuições de *lobby* e de campanha certamente desempenham papéis importantes no sistema político norte-americano, corrupção à antiga - envelopes recheados com notas de 100 dólares - é provavelmente um espetáculo secundário hoje, apesar de Jack Abramoff.<sup>442</sup> Em vez disso, a indústria financeira norte-americana ganhou poder político ao acumular uma espécie de capital cultural, um sistema de crenças. Um dia, talvez, o que era bom para a General Motors era bom para o país. Durante a última década, consolidou-se que o que era bom para Wall Street era bom para o país. O setor bancário e de títulos tornou-se um dos principais contribuidores para as campanhas políticas, mas no auge de sua influência, não teve que comprar favores do mesmo modo que, por exemplo, as companhias de tabaco ou os que têm contratos com os militares. Em vez disso, o setor se beneficiou do fato de que os *insiders* de Washington já acreditavam que grandes instituições financeiras e mercados com fluxo livre de capitais eram determinantes para a posição da América no mundo. [...] Fé em mercados financeiros livres tornou-se sabedoria convencional - proclamada nas páginas editoriais do *The Wall Street Journal* e no piso do Congresso.<sup>443</sup>

A essência da percepção de Johnson é de que foi constituído, promovido e incorporado um sistema de crenças: o que é bom para Wall Street é bom para o país e assim os interesses do sistema financeiro puderam pautar a política norte-americana. Johnson, no entanto, limita sua análise aos EUA, o que empobrece sua percepção.<sup>444</sup> O poder deste sistema de crenças é sua aplicação universal: mercados livres, desregulados, foram vendidos como uma panacéia e assim levariam todos, ricos e pobres, países periféricos e centrais, para uma nova era de maior eficiência e riqueza em uma única grande aldeia global. É claro que, quando implementados,

---

442. Lobista norte-americano envolvido em casos de corrupção no começo da década de 2000.

443. Johnson, 2009. Tradução do autor, no original "In a primitive political system, power is transmitted through violence, or the threat of violence: military coups, private militias, and so on. In a less primitive system more typical of emerging markets, power is transmitted via money: bribes, kickbacks, and offshore bank accounts. Although lobbying and campaign contributions certainly play major roles in the American political system, old-fashioned corruption--envelopes stuffed with \$100 bills--is probably a sideshow today, Jack Abramoff notwithstanding. Instead, the American financial industry gained political power by amassing a kind of cultural capital --a belief system. Once, perhaps, what was good for General Motors was good for the country. Over the past decade, the attitude took hold that what was good for Wall Street was good for the country. The banking-and-securities industry has become one of the top contributors to political campaigns, but at the peak of its influence, it did not have to buy favors the way, for example, the tobacco companies or military contractors might have to. Instead, it benefited from the fact that Washington insiders already believed that large financial institutions and free-flowing capital markets were crucial to America's position in the world. [...] Faith in free financial markets grew into conventional wisdom--trumpeted on the editorial pages of *The Wall Street Journal* and on the floor of Congress."

444. Johnson percebe com clareza a força do sistema de crenças para pautar a política norte-americana. No entanto, sua análise não inclui a questão dos conflitos no sistema interestatal, restringindo-se à questão interna dos EUA, o que o leva a não observar certos impactos desta políticas. Assim, afirma que "os insiders de Washington já acreditavam que grandes instituições financeiras e mercados com fluxo livre de capitais" como se estes *insiders* estivessem enganados, não vendo que os *insiders* estavam corretos: mercados livres e grandes bancos são uma grande vantagem para os EUA no plano internacional. Internamente, isso pode levar a classes e grupos vencedores e perdedores, mas isso não diminui o fato de que estas medidas aumentavam o poder norte-americano. Outra incorreção da análise de Johnson é caracterizar a violência como uma característica apenas de sistemas políticos primitivos; na verdade, na arena internacional, a força da violência segue sendo usada em dezenas de guerras conduzidas pelos EUA nas últimas décadas.

os planos de desregulação não trouxeram os resultados que eram vendidos como certos. A polarização da riqueza - tanto dentro dos países centrais como entre os países - acentuou-se. Nos países periféricos, por exemplo, que liberalizaram suas economias mas continuaram com tímidas taxas de crescimento, a receita - por paradoxal que seja - era sempre apenas a intensificação do processo: mais reformas liberalizantes. A este respeito, Varoufakis<sup>445</sup> oferece um paralelo que mostra o poder de um sistema de crenças instituído. Para isso, relembra os estudos de Evan-Pritchard a respeito do sucesso social dos sacerdotes na sociedade Azande,<sup>446</sup> que a despeito de seus erros de previsão se mantém no poder:

Os Azande vêem tão bem quanto nós que o fracasso de seus oráculos em fazer profecias requer uma explicação, mas eles estão tão emaranhados em suas noções místicas que eles necessitam fazer uso delas para explicar seu fracasso. A contradição entre a experiência e uma noção mística é explicada por referência à outras noções místicas.<sup>447</sup>

Assim, um sistema de crenças é fechado em si e não permite a entrada de elementos externos.<sup>448</sup> Portanto, tão importante para os contra-mercados quanto os laços de relacionamento e a mobilidade social entre os grupos da elite financeira política, foi a construção social de um sistema de crenças - uma ideologia - que conectasse e legitimasse estes interesses. E aqui, mais uma vez, o conceito de poder estrutural de Strange<sup>449</sup> ocupa importante papel. Um dos 4 eixos essenciais de poder por ela destacados é a estrutura do conhecimento, em que se determina "quais conhecimentos são descobertos, como ele são guardados e quem os comunica, por que meio, para quem e em quais termos".<sup>450</sup> Assim, quem controla a estrutura do conhecimento determina quais são os conhecimentos "corretos" e desejados e que assim devem ser pesquisados e controla também as mensagens que ganham

---

445. Varoufakis, 1998

446. Povo que vive no Norte da África Central.

447. Evans-Pritchard, 1937 apud Varoufakis, 1998. Tradução do autor, no original: ""Azande see as well as we that the failure of their oracle to prophesy truly calls for explanation, but so entangled are they in mystical notions that they must make use of them to account for failure. The contradiction between experience and one mystical notion is explained by reference to other mystical notions."

448. Um outro modo de proteger um sistema de crenças de elementos que possam ser a ele contrários é colocá-lo como natural, frente aos outros elementos que seriam artificiais. Marx mostra esta questão a respeito de muitos dos economistas de seu tempo: "Os economistas têm um método peculiar de proceder. Para eles, só há dois tipos de instituição: as artificiais e as naturais. As instituições do feudalismo são artificiais, as da burguesia são naturais. Nisso, eles lembram os teólogos, que estabelecem, da mesma forma, dois tipos de religião. Todas as que não sejam a deles são invenções dos homens, enquanto a deles emana de Deus. Quando os economistas dizem que as relações atuais - as relações de produção burguesas - são naturais, insinuam que são essas as relações em que a riqueza se cria e as forças produtivas se desenvolvem em conformidade com as leis da natureza. Essas relações são em si leis naturais que independem da influência do tempo. São leis eternas que devem sempre governar a sociedade. Houve história, portanto, mas não há mais. Houve história, porque havia as instituições do feudalismo, e nessas instituições do feudalismo encontramos relações de produção bem diferentes daquelas da sociedade burguesa, que os economistas tentam apresentar como naturais e, como tais, eternas" (Marx apud Zizek, 2011: 30)

449. Para mais sobre o poder estrutural do conhecimento, ver Strange, 1994: 119-138

450. Strange, 1994: 121. Tradução do autor, no original: "[...] what knowledge is discovered, how it is stores, and who communicates it by what means to whom and on what terms."

destaque e que são veiculadas. A respeito dos contra-mercados em questão, esta atuação fica evidente no campo da pesquisa e ensino da economia, que nas últimas décadas forneceu a base de sustentação teórica para a desregulação dos mercados. Assim, Johnson diz que

o poder de sedução de Wall Street estendeu-se até mesmo (ou especialmente) aos professores de economia e finanças, historicamente confinados aos gabinetes apertados de universidades e à busca de prêmios Nobel. A medida que a matemática financeira tornou-se cada vez mais essencial para a prática de finanças, os professores crescentemente assumiram posições como consultores ou parceiros de instituições financeiras. Myron Scholes e Robert Merton, ambos ganhadores do Prêmio Nobel, foram talvez os mais famosos; tinham assentos no conselho do *hedge-fund* Long-Term Capital Management em 1994, antes do seu famoso colapso no final da década. Mas muitos outros seguiram caminhos semelhantes. Essa migração deu o selo de legitimidade acadêmica (e a aura intimidadora de rigor intelectual) para o mundo emergente das altas finanças.<sup>451</sup>

Os conflitos de interesse entre a prática acadêmica dos economistas e sua atuação profissional tornaram-se crescentes, já que gradualmente assumiam mais e mais posições importantes no sistema financeiro e também asseguravam financiamento para linhas de pesquisa convergentes com os interesses do mercado. Galbraith, de forma perspicaz, assim resume esta situação: "O que prevalece na vida real não é a realidade, mas os modismos e os interesses financeiros."<sup>452</sup> Assim, quando em 2008 a Rainha da Inglaterra visitou a London School of Economics fez a mais trivial das perguntas: "Como ninguém ali havia previsto a crise?" O professor Luis Garicano, a quem a pergunta fora endereçada, respondeu também de forma direta e em linha com o que aqui se discute: "[...os economistas] estavam fazendo o que eles são pagos para fazer, e estavam agindo de acordo com seus incentivos, mas em muitos casos estavam sendo pagos para fazer as coisas erradas do ponto de vista da sociedade."<sup>453</sup> Trabalhos como os de Carrick-Hagenbarth e Epstein<sup>454</sup> ou reportagens como as de Flitter, Cooke e Costa<sup>455</sup> mostram que tais conflitos de interesse não eram declarados na publicação de artigos, em aparições de mídia e nem em depoimentos ao Senado americano, reforçando a

---

451. Johnson, 2009. Tradução do autor, no original: "Wall Street's seductive power extended even (or especially) to finance and economics professors, historically confined to the cramped offices of universities and the pursuit of Nobel Prizes. As mathematical finance became more and more essential to practical finance, professors increasingly took positions as consultants or partners at financial institutions. Myron Scholes and Robert Merton, Nobel laureates both, were perhaps the most famous; they took board seats at the hedge fund Long-Term Capital Management in 1994, before the fund famously flamed out at the end of the decade. But many others beat similar paths. This migration gave the stamp of academic legitimacy (and the intimidating aura of intellectual rigor) to the burgeoning world of high finance."

452. Galbraith, 2004: 16.

453. Stewart, 2009. Tradução do autor, no original: "[... the economists] were doing what they were paid to do, and behaved according to their incentives, but in many cases they were being paid to do the wrong things from society's perspective."

454. Carrick-Hagenbarth e Epstein, 2012. Seu estudo analisa 19 economistas acadêmicos de prestígio e aponta que 15 deles possuíam vínculos profissionais com o setor financeiro. Destes 15, 13 não declaravam seus vínculos conflitantes em seus artigos acadêmicos. Além disso, dos 15, 11 possuíam algum espaço na mídia - por meio de artigos ou entrevistas - e entres estes, 8 não declaravam o possível conflito de interesse.

455. Flitter, Cooke e Costa, 2010. Esta reportagem aponta que ao menos um terço dos 82 economistas acadêmicos não revelaram seus conflitos de interesse ao testemunhar em Comitês do Senado e da Câmara entre o final de 2008 e o começo de 2010, enquanto se debatia as causas da crise e o novo desenho regulatório das finanças.

percepção de um "selo de legitimidade acadêmica e a aura intimidadora de rigor intelectual" às posições pró-finanças. Nesta mesma linha, Galbraith argumenta:

Algumas dessas fraudes decorrem da economia tradicional e de seu ensino, e outras, das visões habituais da vida econômica. Isso pode resultar em um forte amparo a interesses individuais ou coletivos - em particular, como seria de se esperar, dos mais afortunados, articulados e politicamente proeminentes na comunidade - e chegar a atingir a credibilidade e a autoridade do conhecimento comum. [...] Uma sociedade articulada [...] atribui motivações econômicas ou outras às opiniões que servem a interesses determinados. Isso pode ser um erro grave.<sup>456</sup>

Outro aspecto indicado por Strange<sup>457</sup> aponta que os que possuem autoridade sobre a estrutura de conhecimento tendem a usar todas as armas a seu dispor para manter este controle. Isto pode ser observado nas barreiras ideológicas que se impõe impedindo que visões conflitantes com a leitura dominante sejam publicadas nos principais *journals* de economia,<sup>458</sup> retroalimentando o sistema de crenças já definido. Desta forma, não é surpreendente que

estes mesmos economistas que em sua maioria falharam em alertar sobre a crescente fragilidade financeira e a crise iminente, também tem desenvolvido um consenso básico que favorece reformas baseadas no mercado e com relativamente menos regulamentação governamental como forma de prevenir futuras crises financeiras.<sup>459</sup>

Assim, da mesma forma que a "ideologia somada aos conflitos de interesse dos economistas acadêmicos desempenham um papel conjunto, poderoso, e difícil de separar nesta investida generalizada para a crise e austeridade"<sup>460</sup>, esta mesma combinação ajudou a estabelecer o sistema de crenças fundamental para o surgimento dos contra-mercados.

Além disso, pode-se dizer que o grau de interpenetração e conexão entre as grandes empresas é elevado e um alto grau de concentração de poder num número muito pequeno de agentes pode facilitar a construção de consensos ideológicos, a construção de ações concertadas de pressão política e a redução controlada da intensidade da concorrência. Em uma pesquisa recente, Vitali, Glattfelder e Battiston<sup>461</sup> apontam que 40% do controle sobre o valor econômico da totalidade das transnacionais mundiais está nas mãos por meio de uma

---

456. Galbraith, 2004: 15-16

457. Strange, 1994: 128

458. Ver por exemplo Reardon, 2008

459. Carrick-Hagenbarth e Epstein, 2012: 59. Tradução do autor, no original: "These same economists who mostly failed to warn of the increasing financial fragility and impending crisis also have developed a basic consensus view that favours more marketbased reforms and relatively less government regulation as a way of preventing future financial meltdowns."

460. Carrick-Hagenbarth e Epstein, 2012: 44. Tradução do autor, no original: "ideology plus conflicts of interest among academic financial economists play a joint, powerful, yet hard-to-disentangle role in this widespread lunge toward crisis and austerity."

461. Vitali, Glattfelder e Battiston, 2011



complicada teia de participações de um diminuto grupo de apenas 147 multinacionais<sup>462</sup>.

Assim, afirmam que

os maiores detentores dentro do núcleo podem, assim, ser pensados como uma "super-entidade" econômica na rede global de empresas. Um fato adicional relevante é que 3/4 do núcleo é de intermediários financeiros. [...] Em segundo lugar, quais são as implicações para a concorrência no mercado? Uma vez que muitas empresas transnacionais no núcleo tem superposição dos domínios de atividade, o fato de que elas estão ligadas por relações de propriedade poderia facilitar a formação de blocos, o que prejudicaria a concorrência no mercado.<sup>463</sup>

A distribuição da localização geográfica desta "super-entidade" econômica também está alinhada com o que se espera em função da leitura de Braudel sobre o centro, as zonas secundárias mas ainda privilegiadas e a periferia. Das 50 multinacionais com maior controle global, 24 são americanas, 8 britânicas, 5 francesas e 4 japonesas. Completam a lista 2 multinacionais da Alemanha, Holanda e Suíça e uma multinacional chinesa, italiana e canadense.

#### **3.2.4. Recorrência histórica 4 - Poder escolher: o privilégio capitalista**

Na leitura de Braudel contraposta às observações de seus críticos e seguidores, identificou-se uma quarta recorrência histórica: que com o apoio estatal e também das outras ordens, como a cultura e a hierarquia social, os capitalistas desfrutaram de vantagens que os demais não possuem: uma liberdade de movimentos para criar e recriar novos contra-mercados, sem se prenderem às atividades passadas - os capitalistas assim podem entrar em jogos que simplesmente não são acessíveis para os demais.

A respeito dos contra-mercados envolvidos com a crise *sub prime* e no mercado financeiro em geral, alguns relatos podem evidenciar esta posição. Os bancos de investimento, que desfrutaram de grandes lucros criando e intermediando a venda dos CDOs, passaram num certo momento a assumir uma posição contrária, apostando na sua derrocada. Como já mencionado<sup>464</sup>, somente a posição do Goldman Sachs antes do estouro da crise neste tipo de posição somava U\$ 13,9 bilhões, gerando lucros de U\$ 3,7 bilhões com o colapso da economia. Esta posição era construída por meio de um instrumento chamado CDS, uma

---

462. Vitali, Glattfelder e Battiston ainda destacam que a concentração do controle das multinacionais é muito maior do que a concentração de riqueza - na verdade, o controle é dez vezes mais concentrado do que se esperaria em função da distribuição de riqueza: (Vitali, Glattfelder e Battiston, 2011: 6)

463. Vitali, Glattfelder e Battiston, 2011: 6-8. Tradução do autor, no original: "The top holders within the core can thus be thought of as an economic "super-entity" in the global network of corporations. A relevant additional fact at this point is that 3/4 of the core are financial intermediaries. [...] Secondly, what are the implications for market competition? Since many TNCs in the core have overlapping domains of activity, the fact that they are connected by ownership relations could facilitate the formation of blocs, which would hamper market competition"

464. Ver páginas 99 e 100.

espécie de seguro contra o calote de certos pagamentos - com a vantagem de que o possuidor de um CDS não precisa também possuir os títulos que originam os pagamentos, como o seguro de uma casa que não se possui.

Entrar em um jogo como este - a compra de CDS - implica compreender operações sofisticadas o suficiente para afastar a larga maioria da população. Seus intrincados mecanismos de funcionamento limitam seu acesso àqueles extremamente qualificados em termos de conhecimento técnico de finanças e que circulem no meio social em que esta é uma opção de investimento. No entanto, mesmo superadas estas barreiras, outras se impõe. Como Lewis<sup>465</sup> reporta, dois pequenos investidores norte-americanos, Jamie Mai e Charlie Ledley desenvolveram uma estratégia de investimento que consistia em apostar em eventos extremos. Eles detectaram que em vários mercados a possibilidade de mudanças drásticas nos preços era subavaliada, abrindo espaço para ganhos significativos. Com base em apostas que seguiam esta lógica, entre 2003 e 2008 ampliaram seu capital disponível para investir de US\$ 110 mil para US\$ 30 milhões, quando voltaram suas atenções para o mercado de hipotecas. Não estavam certos de que este entraria em colapso - mas acreditavam que a possibilidade de que isto acontecesse estava subestimada. Mesmo com esta visão clara do mercado, levaram meses apenas para descobrir que os CDSs existiam, e representavam exatamente a posição que eles gostariam de assumir no mercado. E mesmo quando os descobriram, as grandes empresas de Wall Street não vendiam estes produtos para eles: para comprar CDSs, tinham que ser considerados investidores institucionais com um grande fôlego financeiro. O Deutsche Bank, por exemplo, requeria que um investidor controlasse no mínimo US\$ 2 bilhões para ter acesso a este mercado. Lewis, citando falas dos próprios Jamie e Charlie relata esta situação em que tentavam comprar os CDSs e não conseguiam:

'Ligamos para o Goldman Sachs', disse Jamie, 'e ficou imediatamente claro que eles não queriam o nosso negócio. O Lehman Brothers riu de nós. Havia essa fortaleza impenetrável que era preciso escalar ou escavar'. 'O J.P. Morgan nos dispensou como clientes', disse Charlie. 'Disseram que éramos muito problemáticos.' E eram! De posse de somas infantis de dinheiro, eles queriam ser tratados como adultos.<sup>466</sup>

Ao final, Jamie e Charlie conseguiram realizar suas transações, mas para isso tiveram que usar os vínculos sociais de um terceiro sócio que entrou no negócio e que já havia trabalhado no Deutsche Bank. Sem as conexões sociais corretas - como Braudel já alertara - não se pode acessar as operações mais rentáveis. Ainda assim, um dos investidores, Jamie, diz: "Como um investidor privado, você é um cidadão de segunda classe"<sup>467</sup>. Quando um investidor com US\$

---

465. Lewis, 2011: 140-169

466. Lewis, 2011: 156

467. Lewis, 2011: 150

30 milhões em mãos que dialogou com os bancos de investimento entende seu status em termos de possibilidade de investimentos como o de um cidadão de segunda classe, pode-se compreender a diferença de flexibilidade e opções que os grandes capitalistas possuem em comparação à grande massa da população.

Žižek capta bem esta situação de desproporção de graus de liberdade em uma outra situação, ao analisar as diferentes possibilidades abertas à alta gerência e aos trabalhadores da Enron, a firma norte-americana do setor de energia e *commodities* que após ser eleita por 6 vezes pela *Fortune* como a mais inovadora empresa norte-americana entrou em falência em 2001 envolvida em fraude contábil:

Milhares de funcionários que perderam poupança e emprego estavam expostos a riscos, sem dúvida, mas nesse caso sem capacidade real de escolha: o risco surgiu como destino. Ao contrário, os que realmente tinham noção dos riscos envolvidos, além de poder para intervir (ou seja, os altos executivos), minimizaram seus riscos vendendo ações e opções antes da falência. É bem verdade que vivemos numa sociedade de escolhas arriscadas, mas apenas alguns têm escolha, enquanto os outros ficam com o risco...<sup>468</sup>

O que se observa nestes dois relatos é a distinção entre os que podem escolher - possuem o dinheiro, o poder, o status social para tal - e os que não podem escolher e que estão presos a seu passado e às suas habilidades já desenvolvidas. Mais do que isso, não possuem os meios para se proteger da volatilidade que estes mercados cada vez mais livres a partir da década de 80 criam. Como diz Strange, "a vulnerabilidade à má sorte em um sistema que em si já é um pouco injusto, é longe de ser igual. Alguns podem encontrar formas de atenuar ou proteger-se, enquanto outros não podem."<sup>469</sup> Para comprovar esta observação, Strange cita estudos que mostram que grandes empresas conseguem se proteger de riscos cambiais,<sup>470</sup> mas a um grande custo em termos de tempo e energia gerencial, que os pequenos empresários não tem condições de bancar.<sup>471</sup>

E a desproporção na amplitude de escolhas não se apresenta apenas nos investimentos à disposição dos agentes, mas até mesmo por onde circulam os recursos e a que custo. Isto fica evidente no funcionamento dos paraísos fiscais, que como identificam Palan, Murphy e Chavagneux "não funcionam às margens da economia mundial, mas são uma parte integral das práticas de negócio modernas"<sup>472</sup> e só existem em função da tolerância dos estados

---

468. Žižek, 2011: 24

469. Strange, 1997: 3. Tradução do autor, no original: "the vulnerability to bad luck in a system which is already somewhat inequitable is itself far from equal. Some can find ways to cushion or protect themselves, while others cannot."

470. Que eram muito mais reduzidos numa época anterior de paridades cambiais fixas.

471. Strange, 1997: 118

472. Palan, Murphy e Chavagneux, 2010: 4. Tradução do autor, no original: "[...] not working on the margins of the world economy, but are an integral part of modern business practice "

centrais. E é por meio dos paraísos fiscais que os capitalistas podem escapar das legislações controladoras a que estão todos os demais submetidos, pois

[...] as barreiras de entrada à gama de benefícios oferecida pelos paraísos fiscais são altas, limitando a sua clientela a uma pequena e extremamente rica minoria. Como resultado, infelizmente, os paraísos fiscais beneficiam os ricos e poderosos, enquanto os custos são em grande parte pagos pelo resto da sociedade. [... Assim], o fenômeno dos paraísos fiscais é uma tentativa massiva organizada pelos mais ricos e mais poderosos para tirar proveito de bens coletivos em uma escala raramente vista e está, talvez pela primeira vez, ocorrendo globalmente."<sup>473</sup>

Esta liberdade de escolha, como mostra Braudel, esteve presente para os capitalistas desde o século XII, mas o movimento de financeirização da economia ocorrido nos últimos 30 anos intensificou tal privilégio. Se antes um capitalista optasse por trocar suas posições no comércio de prata pela importação de especiarias, por exemplo, seria necessário encontrar um destino para seu estoque em prata, encontrar um barco e tripulação para a viagem ao Oriente e articular as novas redes de distribuição para as especiarias. Com a intensa financeirização das últimas décadas, praticamente não há mercadorias, indústrias ou setores que não tenham sido transformados em algum tipo de papel, em geral até mesmo com um mercado secundário estruturado - e não há investimento mais líquido, móvel, do que estes títulos. Segundo o BIS, o montante de derivativos em aberto em 2011 no mundo equivale a 10 vezes o PIB global e mostra a dimensão das escolhas disponíveis para os que tem capital disponível. Assim, mudar radicalmente de posição - de uma manufatura na Ásia para agricultura no Brasil, de apostas com o câmbio russo para especulação com o preço futuro da carne - não leva mais do que segundos. E assim, o privilégio da escolha - sempre restrito aos capitalistas - se tornou ainda mais valioso.

### **3.2 Outros setores**

Até aqui se pode observar como as 4 recorrências históricas apontadas em Braudel ajudam a compreender a altíssima rentabilidade do setor financeiro nas últimas décadas e as articulações que permitiram tal ascensão. No entanto, estas características da economia-mundo apontadas por Braudel não se restringem ao setor financeiro - pelo contrário. As 4 recorrências históricas devem ajudar a iluminar a situação de diversos outros setores da atividade econômica, especialmente aqueles que apresentam uma maior velocidade de

---

473. Palan, Murphy e Chavagneux, 2010: 6. Tradução do autor, no original: "[...] Entry barriers to the range of benefits offered by tax havens are high, limiting their clientele to a small and extremely wealthy minority. As a result, unfortunately, tax havens benefit the rich and the powerful, while the costs are largely borne by the rest of the society. [... Thus,] the tax havens phenomenon is a massive organized attempt by the richest and most powerful to take advantage of collective goods on a scale rarely seen; and it is, perhaps for the first time, taking place globally."

acumulação de riquezas. Assim, o que se fará nas seções seguintes é um exercício inicial de ampliar o olhar permitido pelas recorrências históricas de Braudel para outros setores da economia-mundo. Este movimento de forma nenhuma é exaustivo - diversos outros exemplos poderiam ser destacados partindo do olhar de Braudel. No entanto, procurou-se destacar aqui alguns que se mostraram mais relevantes em termos de volume de negócios e promissores em termos de pesquisas futuras.

### 3.2.1. Recorrência histórica 1 - O contra-mercado não é exceção, é regra

As últimas 3 décadas foram palco de uma invasão de fortunas feitas no mundo das finanças entre as maiores do mundo. Na lista compilada pela Forbes com os bilionários do planeta, 9% eram oriundos do mercado financeiro em 1982 contra 24,5% em 2006.<sup>474</sup> Mas esta não foi a única ascensão meteórica: outro grupo de entrada veloz na listagem é a de bilionários russos, que partindo do desmonte da URSS em 1989 já compunham 8% dos bilionários do mundo em 2012.

A origem destas novas fortunas, como afirmam Guriev e Rachinsky<sup>475</sup>, foi o acelerado processo de privatização da economia soviética em que as conexões políticas foram vitais para o acesso aos melhores ativos,<sup>476</sup> de modo que "virtualmente nenhuma das fontes iniciais de riqueza dos bilionários estavam ligadas a construir, inovar ou desenvolver novas empresas eficientes".<sup>477</sup> Este processo de transferência de ativos das mãos do Estado para mãos privadas foi conduzido de forma acelerada pela pressão de ideólogos de livre-mercado, com o apoio do governo norte-americano, visando uma abertura radical da economia que se mostrasse também irreversível<sup>478</sup>. Pode-se dizer que este não foi um processo competitivo, mas sim um processo caracterizado pelo recorrente uso de *contra-mercados*, operações que limitaram a concorrência e permitiram o surgimento veloz destas novas riquezas. Durante o período de privatizações, inicialmente houve um grande fracionamento da participação acionária mas que rapidamente foi consolidada nas mãos de poucos que desfrutavam de uma crescente "economia de escala institucional", descrita por Guriev e Rachinsky como a

---

474. Bernstein e Swan, 2007

475. Guriev e Rachinsky, 2006

476. Guriev e Rachinsky, 2006: 10. Guriev e Rachinsky destacam outra curiosa característica deste processo: a privatização russa gerou um número significativo de bilionários, mas proporcionalmente poucos milionários. Na lista de milionários mundiais a participação russa não chega a 1,5%, em comparação aos 8% da lista de bilionários. Este é um indício do grau de concentração de poder e riqueza em um número realmente diminuto de pessoas, em linha com o que apontava Braudel.

477. Petras, 2008: 320. Tradução do autor, no original: "Virtually all the billionaires' initial sources of wealth had nothing to do with building, innovating or developing new efficient enterprises"

478. Guriev e Rachinsky, 2006: 9

capacidade dos grandes proprietários de capturar os reguladores, a justiça e as legislaturas para operarem a seu favor. Assim, como afirma Petras,

toda a economia russa foi posta à venda por um preço 'político', muito abaixo do seu valor real. Sem exceção, as transferências de propriedade foram obtidas por meio de táticas de gângsteres - assassinatos, roubo em massa, captura de recursos estatais e ilícitas aquisições e manipulações de ações.<sup>479</sup>

Este processo seguido pelas ondas seguintes de privatização<sup>480</sup> e liberalização permitiram a consolidação do que se convencionou chamar dos oligarcas russos, grandes empresários que controlam "recursos grandes o suficiente para influenciar as regras do jogo - político, regulatório e judiciário - para aprofundar as suas fortunas."<sup>481</sup> Nos termos de Braudel, estes oligarcas são o retrato puro das operações capitalistas, sempre baseadas em contra-mercados.

Pode-se, a princípio, querer descartar exemplos como esse: seriam práticas claramente ilegais e assim não representativas do arcabouço teórico de como se rege a economia-mundo. No entanto, o que a prática mostra é que procedimentos ilegais não são apenas recorrentes, mas significativos em termos de valor.<sup>482</sup> Além disso, em pouco tempo fortunas criadas em operações ilegais são desviadas para atividades legais e tornam-se legítimas, o que Susan Strange apresenta como fato recorrente:

Desde os primórdios, barões do roubo, piratas, ladrões e malandros - a menos que capturados e punidos - todos acabaram querendo tornar-se pilares da sociedade. Eles casaram seus filhos e filhas com a aristocracia ou, pelo menos, com dignas famílias burguesas. Três gerações depois e ninguém sabia ou se importava sobre como eles chegaram lá. O mesmo pode ser dito dos enganadores e fraudadores que existiram em todos os sistemas baseados em crédito nos últimos duzentos ou trezentos anos. Alguns foram pegos. Mas outros escaparam e tornaram-se membros respeitáveis da classe rica.<sup>483</sup>

Assim, a noção de contra-mercado de Braudel ajuda a identificar estas operações que são fontes de acumulação de riqueza em larga escala e cuja observação empírica mostra que não devem ser vistas como exceções. A respeito destas operações ilícitas e sua posterior

---

479. Petras, 2008: 320. Tradução do autor, no original: "the entire Russian economy was put up for sale for a "political price," which was far below its real value. Without exception, the transfers of property were achieved through gangster tactics – assassinations, massive theft and seizure of state resources, illicit stock manipulation and buyouts."

480. Uma destas etapas, chamada de empréstimos-por-ações (*loans-for-share*) será detalhada na seção seguinte, páginas 133 e 134.

481. Guriev e Rachinsky, 2006: 10. Tradução do autor, no original: "[...] sufficient resources to influence rules of the game--politics, regulation, and judiciary--to further their fortunes."

482. Estimativas do valor de atividades criminosas na economia mundial são complexas pela própria natureza das atividades. Brie (2000) estima que o produto mundial bruto do crime, considerando apenas as atividades que têm uma dimensão transacional como tráfico de drogas ou de armas, equivaleria a 20% do comércio mundial. Schneider (2010) apresenta estimativas para a economia informal (*shadow economy*) no período entre 1989-1993 de 39% do PIB para países em desenvolvimento e 12% para países da OECD. Estes valores incluem atividades do crime e recursos oriundos de atividades legais porém não declarados.

483. Strange, 1998: 134. Tradução do autor, no original: "From the earliest times, robber barons, pirates, thieves and confidence trickster - unless they were caught and punished - all ended up wanting to become pillars of society. They married their sons and daughters to the aristocracy or at least into worthy bourgeois families. Three generations on and no one knew or cared about how they got there. Much the same might be said of the private cheats and fraudsters who have existed in all credit-based systems for the past two or three hundred years. Some got caught. But others escaped and became respectable members of the wealthy class."

"regularização", Brie diz que hoje "a lavagem de dinheiro não é resultado das maldades de um ou outro governo corrupto. Tornou-se uma atividade essencial ao funcionamento do capitalismo moderno".<sup>484</sup> Strange<sup>485</sup> ainda alerta que embora costumeiramente se conecte a lavagem de dinheiro ao tráfico de drogas, este representa menos da metade da lavagem feita por meio dos bancos internacionais e que muitas outras atividades - em geral com impacto mais sério sobre a economia política mundial, como a corrupção e o tráfico de armas - não recebem a mesma atenção devido aos interesses envolvidos, muitas vezes dos próprios estados nacionais ou de grupos com fortes conexões políticas. Fiori, por exemplo, reporta que

logo depois da vitória republicana, a administração Reagan fez um acordo com o Iraque e vendeu armas e material biológico para Sadam Hussein, ao mesmo tempo que vendia armamento ao governo adversário do aiatolá Khomeini, com a mediação de Israel e de um grupo privado fantasma, criado especialmente para fazer a transferência ilegal para os 'contra' da Nicarágua, dos lucros extraordinários obtidos com a venda clandestina para o Irã.<sup>486</sup>

Mais uma vez encontram-se operações feitas às escondidas, contra-mercados que não operam sob a lógica normal da concorrência. As transações de vendas de armas, acobertadas por um estado soberano, permitem a lucratividade excepcional.

No entanto, há importantes contra-mercados que operam justamente na lógica inversa: não só dentro da legalidade, mas influenciando a definição do que é legal e garantindo a aplicação mais firme da lei. Observe-se a abertura de um livro de negócios do começo da última década:

Feche os olhos e tente imaginar um mundo em que a sua empresa possui e tem acesso exclusivo ao espaço de negócios mais desejável que se possa imaginar. Esse espaço é diferenciado, amplamente rentável, e permite que você crie um valor extraordinário para os acionistas. Acima de tudo, o espaço é exclusivamente seu. Agora abra seus olhos e pense em um exemplo corrente da vida real. Possivelmente, você está pensando na Coca-Cola ou na Microsoft [...] Você pode até estar pensando em Harry Potter, a sensação da ficção infantil, e o potencial de retorno de royalties sobre as vendas de livros, para não falar de merchandising dos personagens e direitos do filme. Todos os exemplos acima são espaços de negócios diferenciados e desejáveis. Eles são todos baseados em uma forte e altamente comercializável vantagem criativa na forma de uma marca, tecnologia ou conteúdo. Mas a razão fundamental pela qual estes espaços são capazes de dar origem a retornos extraordinários é a sua natureza exclusiva. Todos estão protegidos por propriedade intelectual, que oferece a seus proprietários legais direitos de monopólio e os protege contra intrusos. [...] Na ausência da exclusividade fornecida pela propriedade intelectual, o valor destes espaços de negócios seria severamente diminuída.<sup>487</sup>

---

484. Brie, 2000

485. Strange, 1998: 124

486. Fiori, 2007: 141, baseado em Bandeira, 2005

487. Pike, 2001: 3. Tradução do autor, no original: "Close your eyes and try to conceive of a world in which your business owns and has exclusive access to the most desirable business space imaginable. That space is differentiated, wildly profitable, and enables you to create extraordinary shareholder value. Above all, the space is exclusively yours. Now open your eyes and think of a current, real-life example. Possibly, you are thinking of Coca-Cola or Microsoft [...] You may even be thinking of children's fiction sensation Harry Potter and the potential for royalty returns on book sales, not to mention character merchandising and film rights. All of the above examples are differentiated and desirable business spaces. They are all based on a strong and highly marketable creative advantage in the form of a brand, technology, or content. But the fundamental reason that these spaces are capable of giving rise to extra-ordinary returns is their exclusive nature. All are protected by intellectual property that provides their owners with legal monopoly rights assertable against intruders. [...] In the absence of the exclusivity provided by intellectual property, the value of these business spaces would be severely diminished."

Prindle, um dos grandes responsáveis pela estruturação do sistema de patentes norte-americano, já reconhecia no começo do século XX o valor que este instrumento teria para as grandes corporações. Em um artigo que buscava engajar estas empresas na estruturação do sistema de direitos de propriedade intelectual<sup>488</sup> dizia que as "patentes são os melhores e mais eficazes meios de controlar a competição. Elas ocasionalmente asseguram o comando absoluto do mercado, permitindo que seu proprietário possa nomear o preço sem levar em conta o custo de produção".<sup>489</sup> No entanto, o sistema de direitos de propriedade intelectual permitiu mais do que isso, pois ajudou a tornar legais arranjos monopolistas entre empresas que normalmente seriam considerados ilegais. Segundo Drahos e Baithwaite, o arranjo funcionava assim: duas empresas dividiam o mundo em áreas nas quais cada uma atuaria com exclusividade. Licenças e patentes possuídas por apenas uma delas eram concedidas à outra para que as usasse em seus mercados exclusivos e vice-versa. Assim, cada uma atuava isolada em sua região livre de concorrência e protegida pela lei.

Uma vez que este arcabouço de cooperação em termos de direitos de propriedade intelectual e tecnologia estava implementado, todos os tipos de jogos podiam ser escondidos por uma densa nuvem de arranjos de licenciamento. [...] O compartilhamento contratual de *portfolios* de propriedade intelectual pertencentes a dois grande agentes dava a eles instrumentos legais para explorar as possibilidades de acertos de preço, produção e mercados. Nem todo acordo de patentes escondia um cartel. Mas muitos sim.<sup>490</sup>

Drahos e Baithwaite oferecem um exemplo destes cartéis. A penicilina, que não fora patenteada, viu seu preço por libra cair de US\$ 3.955 para US\$ 282 entre 1945 e 1950. Buscando maiores margens, as farmacêuticas buscaram influenciar os reguladores e tornar novos antibióticos patenteáveis.<sup>491</sup> Tiveram êxito nesta operação, porém muitas patentes similares foram concedidas à diferentes empresas, que se viram sob a ameaça de uma nova

---

488. Embora a afirmação de Prindle tenha sido feita em relação à patentes, ela na verdade é válida para todo o escopo dos direitos de propriedade intelectual. Pode-se organizar estes direitos em 3 principais blocos: a) Patentes, que protegem tecnologias; b) Marcas registradas (*Trade marks*), que protegem marcas; c) Direitos autorais (*Copyright*), que protegem conteúdos. Adaptado de Pike, 2001

489. Prindle apud Drahos e Braithwaite, 2002: 44. Tradução do autor, no original: "Patents are the best and most effective means of controlling competition. They occasionally give absolute command of the market, enabling their owner to name the price without regard to cost of production"

490. Drahos e Braithwaite, 2002: 151. Tradução do autor, no original: "Once this framework of cooperation on intellectual property rights and technology was in place all sorts of games could be hidden by a dense cloud of licensing arrangements. [...] The contractual 'networking' of intellectual property portfolios belonging to two large players gave those players legal tools with which to explore the possibilities of fixing price, production and markets. Not every agreement on patents hid a cartel. But many did."

491. As farmacêuticas tiveram que ampliar o que se entendia como patenteável, como explicam Drahos e Braithwaite, 2002: 152-153: "One obstacle stood in the way of companies obtaining a patent hold on antibiotics. The discovery of new antibiotics like streptomycin depended on the discovery of naturally occurring substances in soil samples that killed harmful micro-organisms. An obvious objection to patentability was that these substances occurred in nature and so they were really unpatentable discoveries. Here the patent profession rode to the rescue. For decades the profession had been successfully pushing the principle that substances which occurred in nature, but had been isolated and purified by the discoverer, were in fact patentable. Technically they no longer existed in nature. Progressively the principle of purification/isolation came to have a wider and wider application in the case of chemical patents."



concorrência acirrada. No entanto, as farmacêuticas entraram em um acordo pelo qual fizeram trocas de patentes similares, de modo que cada empresa se especializou em 1 ou 2 produtos<sup>492</sup> sem qualquer concorrência. Com isso, o preço destes novos antibióticos ficou estável no período entre 1951 e 1961 e "durante esse tempo, essas empresas viveram um período de enorme expansão com base em lucros acima do normal obtidos por meio do sistema de patentes."<sup>493</sup>

O movimento que se observou na década de 80 em diante foi o de internacionalizar este sistema de direitos de propriedade intelectual<sup>494</sup> para assegurar os ganhos superiores. Dedrick, Kraemer & Linden<sup>495</sup> realizaram um estudo de caso que ilustra bem os resultados desta nova situação utilizando o iPod, um dos produtos eletrônicos de maior sucesso nos tempos recentes, com mais de 300 milhões de unidades vendidas. Os autores buscaram identificar quem captura mais valor<sup>496</sup> na cadeia deste produto que é desenhado e comercializado pela Apple, uma empresa americana que detém a patente sobre o design e os direitos sobre a marca, montado por empresas de Taiwan estabelecidas na China incluindo componentes críticos de empresas americanas, coreanas e japonesas. Os resultados para o item que é vendido nas lojas americanas a US\$ 299 são os seguintes:

---

492. Drahos e Braithwaite mostram o tamanho desta concentração: "in 1960 Terramycin and tetracycline accounted for 33 per cent of Pfizer's sales; chloramphenicol accounted for 45 per cent of Parke Davis's sales and Merck saw Divril account for 39 per cent of its sales." (Drahos e Braithwaite, 2002: 153)

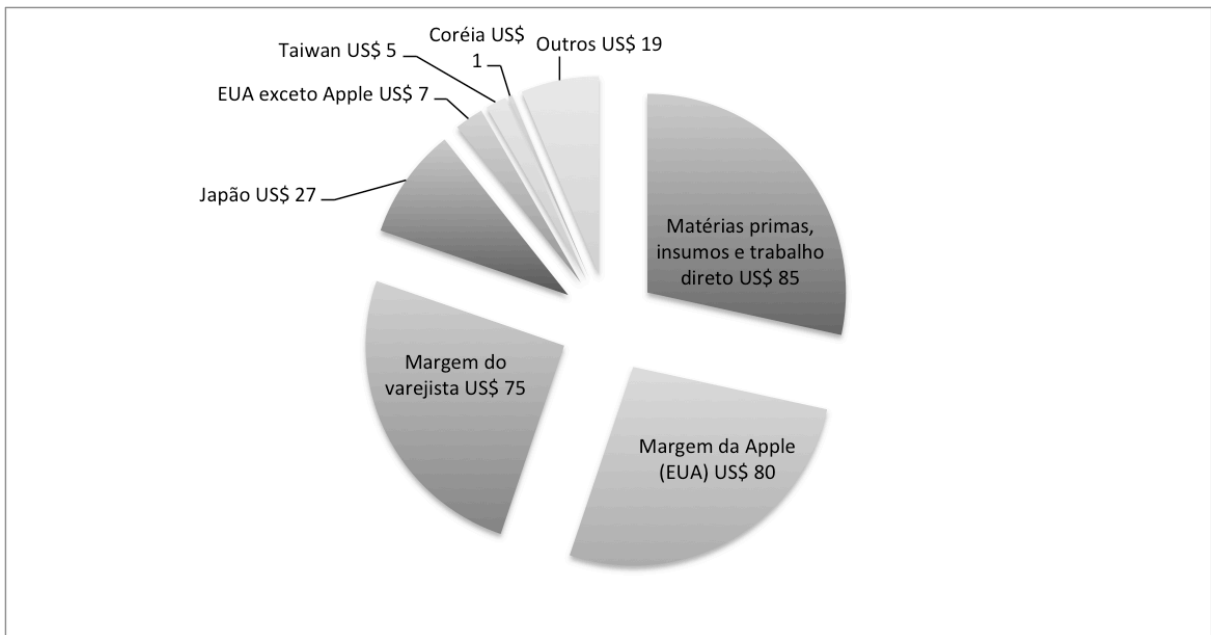
493. Drahos e Braithwaite, 2002: 153. Tradução do autor, no original: ""During this time these companies experienced a period of enormous expansion based on the supra-normal profits they obtained by means of the patent system."

494. A estruturação deste processo será melhor trabalhada nas duas seções seguintes, páginas 133 a 143.

495. Dedrick, Kraemer e Linden, 2009a.

496. Devido à dificuldades de acesso à informação, os autores não puderam separar os custos de trabalho indireto das margens de lucro. Portanto, o valor apresentado como valor capturado ainda será abatido do pagamento de mão de obra indireta, sobrando o restante para distribuição de dividendos, depreciação, investimentos em P&D e custos gerais de administração. A maior parte destes gastos, no entanto, são na verdade investimentos que permitem que a estrutura do contra-mercado se mantenha: mais recursos para pesquisa e pagamento de mão-de-obra qualificada com salários muito mais altos do que nos países periféricos.

Gráfico 3. Captura de valor em um iPod por empresa/país



A análise é reveladora do funcionamento deste contra-mercado. A Apple é de longe a grande ganhadora nesta cadeia de valor alcançando altas margens que só são factíveis para os *players* com marcas fortes e grandes investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Seu segredo está baseado numa "combinação de marketing, inovação no design, e uma estratégia de construir um ecossistema para o iPod enquanto ergue barreiras à competição".<sup>497</sup> Todos estes elementos requerem um sistema de proteção de direitos de propriedade intelectual para funcionar - proteção às marcas Apple e iPod e às patentes referente à tecnologia e design. Abaixo da Apple, como ganhadores secundários deste arranjo estão empresas japonesas que também se baseiam em suas patentes tecnológicas para assegurar altas margens.

A China, onde ocorre a montagem do produto, merece uma análise à parte. O valor capturado pelos agentes do país é mínimo<sup>498</sup>, embora para cada iPod vendido nos EUA, o déficit comercial norte-americano com a China aumente em US\$ 150. Por isso, Dedrick, Kraemer & Linden<sup>499</sup> sugerem cuidado com a ilusão dos dados do comércio internacional, pois apesar do déficit, o valor capturado pelos EUA é dezenas de vezes maior do que a China captura como mera localidade da montagem do produto. O gráfico 4<sup>500</sup> mostra a diferença na balança comercial americana entre bens de alta tecnologia e ativos intangíveis e deixa

497. Dedrick, Kraemer e Linden, 2009a: 143. Tradução do autor, no original: "combination of marketing, design innovation, and a strategy of building an ecosystem for the iPod while raising barriers to competitors"

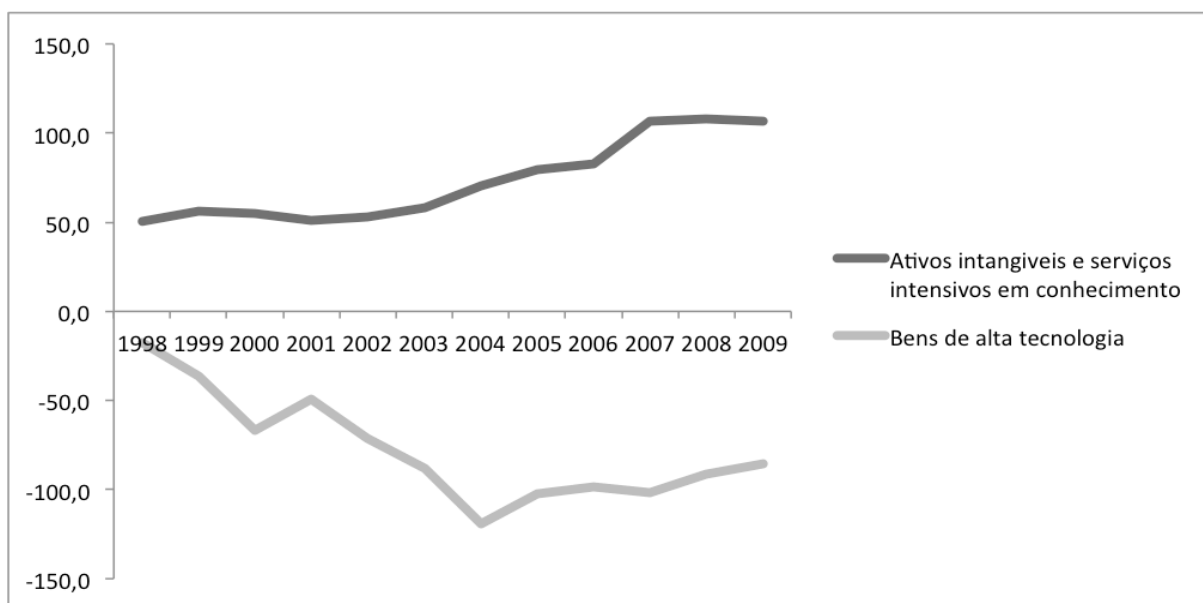
498. As empresas do Taiwan, localizadas na China, não capturam mais do que US\$ 5 dólares!

499. Dedrick, Kraemer e Linden, 2009a.

500. Elaboração do autor. Dados obtidos em NATIONAL SCIENCE BOARD, 2012. É importante ressaltar que no caso do iPod, a balança comercial mostrada no gráfico só seria impactada no que diz respeito ao déficit na importação de bens de tecnologia, já que não há a exportação do ativo intangível.

evidente este abandono da atividade de manufatura - que tornou-se um espaço competitivo e assim de lucros reduzidos - em troca de uma concentração nos ativos intangíveis, mais lucrativos pois operam numa lógica de competição controlada pelos direitos de propriedade intelectual.

Gráfico 4. Balança comercial dos EUA – itens selecionados (em US\$ bilhões)



Estudo similar<sup>501</sup> foi conduzido para um laptop da Hewlett-Packard, obtendo resultados parecidos e com ganhos ainda mais concentrados nos Estados Unidos em função do alto valor adicionado pelo sistema operacional (Microsoft) e o processador (Intel), ambas firmas americanas líderes em seus setores. Conclusões similares também são apontadas pela análise da indústria de calçados conduzida por Gereffi e Korzeniewicz,<sup>502</sup> em que os países centrais que controlam as operações de marketing e distribuição capturam um valor muito maior do que os países periféricos nos quais ocorrem as operações produtivas. Não é por acaso que a medida em que aumenta seu poder, a China tem utilizado todas as ferramentas possíveis para alterar este quadro e se posicionar no lado dos que ganham com a propriedade intelectual. Em 2010, os presidentes da Siemens e da BASF, Peter Löscher e Jürgen Hambrecht, "pessoalmente reclamaram com Wen Jiabo, o primeiro-ministro chinês, sobre o modo pelo

501. Dedrick, Kraemer e Linden, 2009b.

502. Gereffi e Korzeniewicz, 1990

qual as companhias ocidentais estavam sendo forçadas a entregar capital intelectual para ganhar acesso ao mercado da China".<sup>503</sup>

As reclamações norte-americanas não param aí. Charlene Barshefsky, negociador pelos EUA no momento em que a China entrava na OMC apontava que a "habilidade da China de fazer grandes investimentos estratégicos, até o ponto de criar indústrias totalmente novas, coloca as empresas privadas em uma desvantagem aguda."<sup>504</sup> Este argumento é revelador da natureza de certos contra-mercados. O peso do estado chinês em apoio de suas companhias simplesmente pode criar gigantes comparáveis ou até maiores do que as grandes empresas norte-americanas que por décadas abusaram do poder de seu tamanho para criar mercados de lucratividade excepcional, que os pequenos não podem participar.<sup>505</sup> Mantendo-se dentro do caso iPod, estima-se que a Apple investiu US\$ 200 milhões somente em propaganda nos anos iniciais do lançamento de seu produto, muito mais do que seus concorrentes. Uma inovadora, mas pequena, empresa sul-americana que criasse um tocador de música digital teria condições de jogar o jogo dos grandes lucros quando somente o orçamento de marketing da Apple neste produto provavelmente é muitas vezes maior que seu faturamento? Assim, a própria questão do montante dos investimentos em marketing abre espaço para outro espaço de construção de contra-mercados. Com um alto grau de concentração da mídia e o financiamento desta indústria pelos orçamentos de marketing das grandes empresas, estabeleceu-se um sistema capaz de criar mercados sem competição efetiva. Galbraith assim descreve a situação:

Considera-se que o poder máximo, na economia de mercado, está nas mãos daqueles que compram ou que decidem não comprar; portanto, com algumas restrições, o consumidor detém o poder mais alto. Sua escolha traça a curva da demanda. Assim como o voto dá a autoridade ao cidadão, na vida econômica a curva da demanda confere autoridade ao consumidor. Nos dois casos, há uma dose significativa de fraude. Tanto no caso de eleitores quanto no de consumidores, existe um formidável e bem financiado controle da resposta do público. Isso se acentuou na era da propaganda e das modernas promoções de venda. Eis uma fraude aceita, inclusive no ensino universitário.<sup>506</sup>

Desta forma, o fôlego financeiro das grandes companhias para criar e veicular campanhas publicitárias massivas constitui uma forma indireta de se criar mercados cativos, de um modo que não é acessível para empresas menores. Um sistema global como se reforçou nas últimas décadas, com fluxo cada vez mais livre de mercadorias - e com proteção a direitos de marcas e patentes - é o cenário ideal para que poucas grandes marcas se tornem grandes ganhadores

---

503. THE ECONOMIST, 2012. Tradução do autor, no original: "personally complained to Wen Jiabao, the Chinese prime minister, about the way that Western companies were being forced to hand over intellectual capital in order to gain access to China's markets."

504. THE ECONOMIST, 2012. Tradução do autor, no original: "China's ability to make huge strategic investments, even to the point of creating entire new industries, puts private companies at a severe disadvantage"

505. Esta questão é muito semelhante a discussão já apresentada por Braudel a respeito do mercantilismo, em que os estados em posições secundárias apóiam e protegem mais ativamente os seus capitais, enquanto o país central não necessita deste mesmo procedimento. Ver página 69 e 70.

506. Galbraith, 2004: 27-28

globais, reduzindo o espaço para o surgimento de concorrentes locais mesmo que estes tenham inovações relevantes. Aqui, como já afirmava Braudel, a melhor forma de se ganhar dinheiro é já possuir dinheiro.<sup>507</sup>

Neste contexto, quando Barshefsky reclama que o governo chinês pode ajudar suas empresas a criar novos setores, a novidade não é que alguns poderão começar a jogar um jogo exclusivo e mais rentável, mas é que este poder pode trocar de mãos: das companhias norte-americanas para as estatais chinesas.

Assim, com diferentes arranjos, a ideia de contra-mercado parece iluminar com frequência as atividades econômicas que levam a uma lucratividade excepcional. Embora mercados específicos possam alternar momentos de maior ou menor competição, em termos sistêmicos constantemente surgem espaços com manipulação do mercado ou controle da concorrência para a geração de altos lucros. Assim, tratar os contra-mercados não como excepcionalidade, mas sim como recorrência observada no tempo, ainda que constantemente mude sua forma específica é a lição de Braudel.

### **3.2.2. Recorrência histórica 2 - Não há contra-mercados sem o apoio do Estado**

Se nos contra-mercados observados como sustentando os lucros excepcionais do setor financeiro o poder estatal sempre se mostrou presente, a situação não é diferente para os demais setores. Observe-se o caso do rápido enriquecimento dos oligarcas russos.<sup>508</sup> Embora o estado soviético estivesse sendo desmontado, eram os dirigentes dos mais altos escalões que tomaram as decisões críticas a respeito do modo pelo qual o processo de privatização seria conduzido. Esta atuação fica evidente de modo especial na segunda rodada de venda de ativos que ficou conhecida como "empréstimos-por-ações".<sup>509</sup> O parlamento russo havia proibido a privatização da indústria mineira mas o governo encontrou um modo de circundar tal proibição: assumiu empréstimos com bancos privados do país, oferecendo as ações das empresas como garantia colateral. No entanto, o governo não pagou os empréstimos - nem tinha a intenção de fazê-lo, ficando assim as ações para os bancos como pagamento das dívidas. Coube então aos próprios bancos fazer o leilão dos ativos de forma dirigida,

---

507. Ver páginas 32 e 33.

508. Ver página 125 e 126.

509. *Loans-for-share*

vendendo-os por uma pequena fração de seu valor real<sup>510</sup> e ajudando assim a construir parte dos novos oligarcas russos.

Já nos contra-mercados envolvidos com o sistema de direitos de propriedade intelectual, a atuação estatal é evidente e parte constitutiva de seu funcionamento. É apenas o estado que tem o poder de legislar e garantir a proteção legal às marcas e patentes dentro de cada país. No entanto, é bastante interessante observar como estes direitos de propriedade se tornaram um sistema internacional. Pike diz que se no começo da década de 1970 alguém "afirmasse ter uma patente mundial sobre uma tecnologia, você poderia com razão rir da sua cara. Não apenas não existe algo como uma patente mundial, mas naquela época conseguir uma proteção de patente em muitos países era um pesadelo prático e burocrático."<sup>511</sup> No entanto, Pike<sup>512</sup> prossegue dizendo que a situação mudou rapidamente nas últimas décadas na direção de uma harmonização global das leis de propriedade intelectual e a evolução de direitos supranacionais. Em 1994, o Tratado de Marrakesh que criou a Organização Mundial do Comércio – OMC, tornou-a também responsável pela aplicação do também acordado em Marrakesh TRIPS - *Trade Related Aspects of Intellectual Property Rights*, que estabeleceu padrões mínimos de proteção dos direitos de propriedade intelectual, mecanismos de resolução de disputas e retaliação. O TRIPS é o mais amplo acordo internacional jamais firmado sobre os direitos de propriedade intelectual, com amplo alcance sobre o ambiente regulatório de cada país.<sup>513</sup>

Drahos e Braithwaite afirmam que é um enigma entender porque os estados, em especial os países em desenvolvimento, abriram mão de sua soberania em relação aos direitos de propriedade intelectual ao assinar o TRIPS, sabendo que este é um tema com impacto profundo sobre direitos de seus cidadãos e especialmente porque os termos destes acordos "só beneficiaram os Estados Unidos e, em menor grau, a Comunidade Européia"<sup>514</sup>, pois

eram os EUA e a Comunidade Européia, que tinham uma posição dominante no mundo nas indústrias de software, farmacêutica, química e entretenimento, bem como as marcas mundiais mais

---

510. Guriev e Rachinsky, 2006: 9. A respeito destas conexões entre os oligarcas e o estado, os autores detalham a relação: "The important factor was the 1996 presidential elections; loans-for-shares helped Yeltsin enlist support of the bankers (future oligarchs) as these assets would remain their property only in case of Yeltsin's victory."

511. Pike, 2001: 23. Tradução do autor, no original: "[...] claimed to have a world patent on a technology, you could with justification laugh in their face. Not only is there no such thing as a world patent, but at that time obtaining patent protection in many countries was a practical and bureaucratic nightmare."

512. Pike, 2001: 23

513. Sell, 2003

514. Drahos e Braithwaite, 2002:11. Tradução do autor, no original: "only benefitted the US and to a lesser extent the European Community."

importantes.<sup>515</sup> O resto dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento estavam em uma posição de importadores, sem nada realmente a ganhar ao concordar com os termos do comércio de propriedade intelectual que ofereciam tanta proteção para a vantagem comparativa que os EUA tinham em bens relacionados à propriedade intelectual.<sup>516</sup>

Desvendar este enigma não é complicado.<sup>517</sup> Num sistema estatal competitivo, como destacou Fiori,<sup>518</sup> os EUA e os países centrais atuam diretamente para favorecer seus interesses e de seus capitais. E, em linha com a contribuição já apresentada de Strange,<sup>519</sup> os EUA possuíam o poder estrutural para impôr as mudanças necessárias no regime internacional de marcas e patentes, pois detém o poder de estabelecer a agenda internacional, ditando os temas que entram em debate nos fóruns multilaterais. Drahos e Braithwaite afirmam que "colocado de forma clara, o regime de direitos de propriedade intelectual que temos hoje em grande parte representa o fracasso do processo democrático, nacional e internacionalmente"<sup>520</sup> pois como revelou um negociador norte-americano sênior de comércio internacional menos de 50 pessoas foram responsáveis por desenhar e acordar o TRIPS.<sup>521</sup> A essência deste processo, como identificado por Drahos e Braithwaite, está em linha com o que se entende pelo poder estrutural de Strange:

o poder real no mundo moderno [...] advém de sentar em comitês que deixam de lado outros decisores ou partes interessadas em decisões-chave, mas que de uma maneira ou outra podem ser lidos como representativos dos excluídos. Nestes comitês o poder fica concentrado nas mãos de poucos. Seu exercício é democraticamente legitimado pelas conexões simbólicas que o comitê mantém com muitos que estão excluídos do verdadeiro processo de tomada de decisão.<sup>522</sup>

---

515. 85% das patentes de alto valor estão concentradas em empresas norte-americanas, européias e japonesas (NATIONAL SCIENCE BOARD, 2012:O-14) e 8 entre as 10 marcas mais valiosas do mundo são norte-americanas. (BRANDIRECTORY, 2012)

516. Drahos e Braithwaite, 2002:11. Tradução do autor, no original: "It was the US and the European Community that between them had the world's dominant software, pharmaceutical, chemical and entertainment industries, as well as the world's most important trade marks. The rest of the developed countries and all developing countries were in the position of being importers with nothing really to gain by agreeing to terms of trade for intellectual property that would offer so much protection to the comparative advantage the US enjoyed in intellectual property-related goods."

517. Drahos e Braithwaite apresentam 2 argumentos normalmente colocados como "solucionadores" do enigma, mas que seriam falsos. O primeiro é que os países desenvolvidos, em contra-partida, teriam aberto seus mercados para produtos agrícolas. No entanto, Drahos e Braithwaite dizem que os benefícios não são comparáveis, pois os ganhos para os países desenvolvidos com o TRIPS seriam muito maiores. Além disso, os próprios produtos agrícolas estão cada vez mais sujeitos à direitos de propriedade intelectual em relação às sementes e defensivos agrícolas utilizados. O segundo argumento é que os países em desenvolvimento um dia poderão ser os ganhadores no jogo dos direitos de propriedade intelectual, o que na verdade historicamente se apresenta como hipótese pouco plausível. (Drahos e Braithwaite, 2002:11)

518. Fiori, 2007a;2007b;2009. Neste trabalho, esta discussão pode ser encontrada nas páginas 65 a 67.

519. Strange, 1994. Neste trabalho, esta discussão pode ser encontrada nas páginas 88 a 90.

520. Drahos e Braithwaite, 2002:12. Tradução do autor, no original: "Put starkly, the intellectual property rights regime we have today largely represents the failure of democratic processes, both nationally and internationally."

521. Drahos e Braithwaite, 2002: 10

522. Drahos e Braithwaite, 2002:72. Tradução do autor, no original: "Real power in the modern world, as much of this book shows, comes from sitting on committees that filter out other interested decision-makers or parties from key decisions, but that in some way or another can be read as representing the excluded. In such committees power becomes concentrated in the hands of the few. Its exercise is democratically legitimated by the symbolic links the committee retains with the many that are excluded from the real decision-making."

Foi por meio de um destes comitês - o ACTN: *Advisory Committee on Trade Negotiations*<sup>523</sup> - que fortemente pautado pelos interesses da indústria norte-americana interessada em assegurar direitos globais de propriedade intelectual que foi formulada a posição do governo dos EUA que pode ser resumida como "sem novas rodadas de negociação de comércio se não forem introduzidos direitos de propriedade intelectual". Assim se estabeleceu uma forte agenda internacional a favor do estabelecimento do TRIPS e eventuais resistências foram minadas por meio de acordos bilaterais. Neste acordos, os EUA adotaram uma estratégia de *carrot and stick*,<sup>524</sup> oferecendo a alguns países o acesso ao mercado americano em alguns produtos com a contra-partida de que os direitos de propriedade intelectual fossem devidamente regulados<sup>525</sup>, minando os vínculos de resistência entre os países em desenvolvimento que se opunham ao novo regime internacional. Assim, da mesma forma que a criação de uma ordem financeira internacional desregulada não pode ser vista como uma construção "natural" dos mercados, tampouco uma ordem de direitos de propriedade intelectual regulada é uma construção que prescinde do poder estatal. Conceder ou não o poder aos mercados é sempre uma decisão que em algum grau passa pelo poder do Estado.

Mas estes não são os únicos laços que conectam a ação estatal aos contra-mercados com base nos direitos de propriedade intelectual. Grande parte da pesquisa para o avanço das indústrias farmacêutica e de biotecnologia é financiada "às custas do contribuinte em universidades públicas [... e] por meio de diversos mecanismos legais acabam em portfólios de patentes onde os cidadãos pagam pelo mesmo conhecimento novamente."<sup>526</sup> Além disso, o desenvolvimento tecnológico nos EUA após a II Guerra foi comandado por um "complexo militar-industrial-acadêmico", liderado pelo Departamento de Defesa em um contexto de competição pelas armas com a URSS<sup>527</sup>. Nem mesmo o Vale do Silício, normalmente celebrado como o grande celeiro norte-americano de novas invenções e empreendimentos e pautado pela valorização do espírito empreendedor e meritocrático, escapa desta situação. Isto é o que relata Leslie:

---

523. Comitê ligado à presidência dos EUA que a auxilia nas questões de comércio internacional.

524. Cenoura e vara, uma alusão ao fato de que de um lado os EUA colocavam uma recompensa (a cenoura) sob a forma de acesso privilegiado ao seu mercado, mas que também tinha um caráter punitivo (a vara) de fechamento do mercado caso as contrapartidas não fossem atendidas.

525. Ver por exemplo Drahos e Braithwaite, 2002:85-107

526. Drahos e Braithwaite, 2002:15. Tradução do autor, no original: "[...] at taxpayer expense in public universities [... and] through various legal mechanisms it ends up in patent portfolios where citizens pay for the same knowledge again.

527. Medeiros, 2007



Ausente em praticamente todos os relatos de empresários libertários e investidores visionários<sup>528</sup> é o papel, intencional ou não, dos militares na criação e sustentação do Vale do Silício. Para melhor e para pior, o Vale do Silício deve a sua atual configuração aos padrões de gastos federais, estratégias empresariais, relações indústria-universidade e inovação tecnológica moldada pelos pressupostos e prioridades da política de defesa da Guerra Fria.<sup>529</sup>

Costuma-se chamar de "investidor-anjo" o investidor que ajuda a financiar o início de novos empreendimentos quando estes ainda são muito pequenos para receber aporte de investidores institucionais. Leslie diz que não seria um exagero chamar o Departamento de Defesa do investidor-anjo original do Vale do Silício.<sup>530</sup> São contratos com os militares que estão por trás da fundação de algumas das primeiras empresas do Vale, como a Varian Associates e Watkins-Johnson, que ajudaram empresas como a Hewlett Packard a se expandir e que provocaram a migração de empresas da Costa Leste dos EUA para a Califórnia. Durante a maior parte da sua história, o maior empregador do Vale do Silício foi a atual Lockheed-Martin,<sup>531</sup> fabricante de produtos aeroespaciais como satélites e mísseis e altamente dependente dos contratos militares. Além disso,

em uma época em que investimentos de capital de risco de seis dígitos<sup>532</sup> ainda eram considerados arriscados pelos padrões da Costa Oeste, uma *start-up*<sup>533</sup> como a Varian Associates podia rotineiramente fechar contratos de mais de um milhão de dólares com a Força Aérea dos EUA ou a Marinha. Ainda melhor, sob o ponto de vista da empresa, os contratos de defesa geralmente significavam um contrato de produção juntamente com um contrato de pesquisa e desenvolvimento, e assim tinham um mercado garantido. [... Havia ainda] o incentivo adicional de contratos a preço de custo mais margens,<sup>534</sup> eliminando virtualmente o risco.<sup>535</sup>

Assim, mesmo que hoje estes gastos militares tenham diminuído, o Vale do Silício segue como um dos maiores recebedores de contratos de defesa dos EUA.<sup>536</sup> Além disso, foi esse impulso inicial dos militares que permitiu que fosse forjada a rede de conexões entre

---

528. Leslie usa o termo *visionary venture capitalist* referindo-se aos investidores de capital de risco, agentes importantes na cadeia de valor de inovação nos EUA ao financiar empresas inovadoras em expansão.

529. Leslie, 2000: 49. Tradução do autor, no original: "Missing in virtually every account of freewheeling entrepreneurs and visionary venture capitalists is the military's role, intentional and otherwise, in creating and sustaining Silicon Valley. For better and for worse, Silicon Valley owes its present configuration to patterns of federal spending, corporate strategies, industry- university relationships, and technological innovation shaped by the assumptions and priorities of Cold War defense policy."

530. Leslie, 2009: 50

531. Em seu auge com 28.000 funcionários. (Leslie, 2000: 50)

532. Ou seja de US\$ 100.000 ou mais.

533. *Start-up* é uma empresa nascente, que muitas vezes ainda não é mais do que uma idéia de negócio começando a ser implementada.

534. Estes são contratos de risco baixíssimo, pois o contratante irá pagar o custo de todos os insumos usados na produção adicionado de uma margem de lucro. Nestes casos, se há um estouro do orçamento e o produto custa mais do que o imaginado, quem assume o "prejuízo" é o contratante e não o contratado.

535. Leslie, 2009: 50. Tradução do autor, no original: "At a time when six-figure venture capital investments were still considered risky by West Coast standards, a start-up company such as Varian Associates could routinely attract million-dollar-plus contracts from the U.S. Air Force or Navy. Even better, from a corporate point of view, defense contracts generally meant a production contract along with an R&D contract, and so a guaranteed market. [... There also was the] additional incentive of cost-plus contracts, virtually eliminating risk."

536. Leslie, por exemplo diz: "even with recent cutbacks, Silicon Valley remains one of the leading recipients of defense contracts in the country, whether measured by total dollars or by dollars in prime contracts per worker, with four times the national average and twice (per worker) what Los Angeles, itself at the heart of the military-industrial complex, receives." (Leslie, 2000: 49)

academia, cientistas, empreendedores e investidores que forma o caldo cultural e a base material essencial do Vale do Silício.<sup>537</sup> Portanto, a fala tradicional de que o sucesso empresarial norte-americano é exclusivamente fruto da inventividade e da liberdade de suas companhias fica bastante comprometida sem a discussão do papel do estado na criação dos contra-mercados que sustentam tal sucesso.

Uma recente edição especial da revista *The Economist* a respeito do capitalismo de estado acusava o estado chinês de moldar o mercado "manipulando sua moeda, injetando dinheiro em indústrias selecionadas e trabalhando em cooperação com empresas chinesas no exterior".<sup>538</sup> Seria a atuação chinesa realmente tão diferente da americana? Na retomada da recente crise de 2008, o FED injetou mais de US\$ 1 trilhão por meio de uma manobra chamada de *quantitative easing*, que equivale a impressão de novos dólares, o que levantou múltiplos questionamentos a respeito de constituir uma manipulação de moeda pelo governo americano.<sup>539</sup> Quanto ao "trabalho em cooperação com empresas chinesas no exterior" é interessante avaliar a atuação do governo americano em relação à exploração de recursos petrolíferos no Iraque após a invasão do país na Segunda Guerra do Golfo:

[...] o porta-voz do representante americano para o comércio, Robert Zoellick, indicou que "os contratos concluídos sob a responsabilidade da Autoridade Provisória de Coalizão (CPA) não estão obrigadas em matéria de convocação da oferta internacional, porque a CPA não é uma entidade que deva tais obrigações". Coube ao presidente Bush expressar com mais clareza a posição de sua administração: "Os gastos de dólares americanos refletirão o fato que as tropas americanas e outras arriscaram sua vida. É muito simples: os nossos arriscaram suas vidas, os da coalizão amiga arriscaram as deles e, portanto, os contratos refletirão esse estado de fato, o que é, aliás, o esperado pelos contribuintes".<sup>540</sup>

Após a invasão, foram assinados contratos de 20 anos de duração que tornaram-se os maiores da história da indústria petrolífera.<sup>541</sup> Assim, o que se vê é um novo contra-mercado se formando sob o ordenamento do Estado americano, já que não haverá verdadeira competição pela exploração destas jazidas. Este é um contra-mercado "às antigas", ou seja, mais dependente de um poder relacional do que estrutural: uma unidade de poder simplesmente conquista a outra e passa dispor de seus recursos. Mas mesmo no espaço do petróleo, a discussão do poder estrutural segue válida. Nesta mesma edição já mencionada, a *The Economist* cita um diplomata chinês que disse que os países ocidentais podem se sentir

---

537. Estas conexões são melhor trabalhadas na seção seguinte. Ver páginas 139 a 143.

538. THE ECONOMIST, 2012. Tradução do autor, no original: "[...] managing its currency, directing money to favoured industries and working closely with Chinese companies abroad."

539. Ver, por exemplo, Ahamed, 2011

540. Warde, 2004

541. Bignell, 2011. A reportagem da Reuters também mostra documentos obtidos junto ao governo britânico que comprovam a constante interação entre executivos da British Petroleum e do Governo Britânico meses antes da invasão do Iraque discutindo medidas de *lobby* junto ao governo americano para garantir a participação da BP na exploração das jazidas iraquianas de petróleo após a invasão. Até que estes documentos fossem obtidos por meio de uma lei de acesso à informações governamentais, a empresa e o governo negavam estes contatos.

seguros em termos de abastecimento de recursos naturais por meio de compras no mercado internacional porque foram eles que criaram o sistema, o que não seria válido para a China - que assim não confiaria no mercado. Este não é então uma entidade neutra, pois aquele que o molda, o faz com base em seus interesses. Aliás, a própria revista reconhece que um dos grandes ganhos que a criação de estatais de atuação internacional traz para seus países é a possibilidade de "ajudar países emergentes a estabelecer padrões globais ao invés de jogar segundo a regra dos outros".<sup>542</sup>

Assim, o que as lentes utilizadas por Braudel ajudam a enxergar é que não apenas os contra-mercados são a regra no jogo de acumulação acelerada de riquezas, mas que por trás deles na maior parte das vezes é possível enxergar a ação dos estados. Em sua luta pela expansão contínua de poder, estão fadados a apoiar os seus capitais na construção de posições privilegiadas de acumulação de riqueza.

### **3.2.3. Recorrência histórica 3 – As raízes do capitalismo vão além da economia e da política, estão na sociedade como um todo**

Assim como os contra-mercados observados no setor financeiro podem ter suas origens rastreadas em outros campos da sociedade, mais amplos do que só a economia e a política, assim também se passa com os demais contra-mercados aqui discutidos. Em relação aos direitos de propriedade intelectual, por exemplo, uma substancial transformação no sistema de crenças teve que ser empreendido para conectar numa mesma agenda a criação de uma ordem internacional liberal e a ideia de marcas e patentes protegidas. Como Drahos e Braithwaite mostram,<sup>543</sup> no século XIX o sistema de patentes era visto como uma operação contrária ao livre mercado, já que este poderia ser usado para restringir a movimentação dos bens entre as fronteiras.

Esta transformação ideológica é recente. O GATT<sup>544</sup>, firmado em 1947 e que serviu como base para a criação da OMC, não dispunha de termos relevantes a respeito dos direitos de propriedade intelectual. Drahos e Braithwaite apontam que foi uma iniciativa da Pfizer, grande transnacional farmacêutica norte-americana no que foi posteriormente acompanhada pelas outras grandes do setor, conectar ambos os temas - mercados livres e proteção aos direitos de propriedade intelectual. A partir do final da década de 70, a percepção da Pfizer

---

542. THE ECONOMIST, 2012. Tradução do autor, no original: "[...]help emerging countries to establish global standards rather than playing by other people's rules."

543. Drahos e Braithwaite, 2002:36

544. *General Agreement on Tariffs and Trade*, principal acordo do pós guerra a respeito das normas e tarifas do comércio internacional.

era de que ao invés de se discutir uma ordem global livre para o comércio os termos deveriam ser apresentados como uma ordem global livre para o investimento. O que parece uma mudança sutil na verdade traria grandes impactos pois interpretar a palavra "investimento" se tornaria uma questão apenas semântica e seus interesses poderiam ser incorporados nas negociações: no caso das empresas farmacêuticas, uma ordem global livre "se traduzia em padrões globalmente aplicáveis de propriedade intelectual, padrões que protegeriam seu conhecimento em qualquer jurisdição que a empresa fosse."<sup>545</sup>

Edmund T Pratt J, presidente da Pfizer entre 1972 e 1991, considera que sua luta por uma proteção global dos direitos de propriedade intelectual foi um dos pontos altos de sua carreira.<sup>546</sup> E para atingir este objetivo, a Pfizer e outras indústrias interessadas em um sistema de patentes mais restritivo tiveram que atuar influenciando o estado tanto "por dentro" quanto "por fora". "Por fora", a Pfizer teve papel essencial em criar as condições para que florescessem as ideias favoráveis à sua causa: assim a Pfizer financiou diversos *think thanks* norte-americanos, cujos estudos mostravam em termos analíticos e intelectuais a importância deste sistema global de direitos de propriedade intelectual.<sup>547</sup> "Por dentro", assim como no caso das finanças houve um forte intercâmbio de pessoas entre posições do governo e da indústria. São os laços sociais que conectam o que Mills<sup>548</sup> chamou de a elite do poder. Munido das novas ideias a favor de um sistema de propriedade intelectual, o próprio Pratt, por exemplo, tornou-se o diretor do ACTN, o comitê de apoio à presidência dos EUA que ajudou a formular a diplomacia comercial do país.<sup>549</sup> São posições privilegiadas na hierarquia social que permitem tal influência.

Assim, Braudel dizia que ao tentar ultrapassar as assimetrias econômicas, dava-se conta de que elas eram a transposição da desigualdade social<sup>550</sup>. Desta forma, ressaltava o peso dos vínculos sociais na criação dos contra-mercados. Com isto em mente, é interessante observar o *modus operandi* no Vale do Silício, celeiro tecnológico norte-americano, por meio de um de seus personagens: Ron Conway é um dos mais consagrados investidores em *start-ups*, fazendo aportes em mais de 600 empresas desde a década de 1990, entre elas grandes

---

545. Drahos e Braithwaite, 2002:68. Tradução do autor, no original: "[...] translated into globally enforceable intellectual property standards, standards that would protect its knowledge in whichever jurisdiction the company went."

546. Drahos e Braithwaite, 2002:69

547. Drahos e Braithwaite, 2002:70. Os autores mostram que os *think thanks* foram cuidadosamente selecionados para que suas opiniões coincidissem com as visões que interessavam à Pfizer e que a questão sempre foi colocada sob um enquadramento que levava à estas posições.

548. Ver página 115.

549. Ver página 136.

550. Uma lição de história de Fernand Braudel, 1989: 79

sucessos como Google, PayPal, Twitter, Groupon e Dropbox. A quantidade de empresas apoiadas por Conway faz que com que o fundo por ele dirigido seja conhecido como um índice do Vale do Silício, ou seja, o seu fundo é uma amostra significativa do desempenho do Vale como um todo. Em reportagem recente da CNN, diversos *insiders* da indústria, tanto concorrentes como empreendedores que já receberam investimentos de Conway, discutiam qual era a sua contribuição decisiva como investidor: o destaque era para as conexões que ele permitia. Uma empresa, ao receber investimento de Conway, recebe uma lista com mais de 1.300 personalidades de destaque nas indústrias bancária, de mídia, telecomunicações, propaganda, varejo e no mundo da política, entre outros, e a promessa de que conexões com qualquer um destes nomes pode ser feita por meio de Conway. Marc Andreessen, co-fundador da Netscape e conselheiro da HP, eBay e Facebook chama Conway de "o roteador humano", ou seja, alguém com a habilidade de conectar diferentes espaços da elite para promover a sua agenda. Um breve relato pode ilustrar as possibilidades que Conway abre:

Certa vez, um alto executivo da Tellme Networks, uma *start-up* de telecomunicações, escreveu em desespero um e-mail para Conway às 11 horas da noite em função de um negócio com a Verizon que estava desmoronando. Dois minutos depois, a resposta de Conway veio em maiúsculas: "ESTOU NESSA". Na manhã seguinte, Conway tinha arranjado uma reunião com o presidente da Verizon, o que levou a um contrato de nove dígitos com a Tellme. Ao final, a Microsoft comprou a Tellme por US\$ 800 milhões.<sup>551</sup>

A ação de Conway não tem absolutamente nenhum caráter ilegal, mas é um privilégio que só aqueles que estão no alto das hierarquias sociais podem desfrutar. É a possibilidade de acionar a sua rede com penetração em todos os setores mais afluentes da sociedade para promover os seus interesses. Mais do que isso, são redes que colocam Conway numa posição privilegiada para escolher, contando não só com os seus méritos e suas informações para tomar as decisões: estão à sua disposição os julgamentos e posições de toda uma rede.<sup>552</sup> Além disso, não se pode pensar Conway como uma exceção. Na verdade, ele é um símbolo de como o Vale do Silício opera: a criação de uma nova empresa é muito mais do que a capacidade inventiva de um empreendedor - Seely-Brown diz que a invenção é parte fácil da criação de uma nova empresa. O difícil é implementá-la e para isso o Vale do Silício oferece as conexões ideais e difíceis de serem copiadas. Para mostrar isso, ele relata:

Minha jornada diária de 15 minutos de casa, em Palo Alto para trabalhar nos montes atrás da Universidade de Stanford passa por uma das melhores empresas de design do mundo. Em seguida, eu passo por um dos melhores escritórios de advocacia para *start-ups* no país. Se eu continuar no caminho, me deparo com uma das melhores empresas de marketing na região. [...] E ao redor se encontram não

---

551. Helft, 2012. Tradução do autor, no original: "There was the time when a top executive at Tellme Networks, a telecommunications startup, e-mailed Conway in desperation at 11 p.m., as a business deal with Verizon (VZ) was falling apart. Two minutes later, Conway's reply came, in all caps: "AM ON IT." By the next morning Conway had arranged a meeting with the Verizon president, which led to a nine-figure contract with Tellme. Microsoft eventually bought Tellme for \$800 million."

552. Nos termos originais de Braudel, ver páginas 73 e 74.

só os concorrentes dessas empresas, mas também inúmeros outros parceiros potenciais [...] Os capitalistas de risco desempenham um papel fundamental na partilha de conhecimentos [...] e] eles são mais importantes pela sua rede de conexões do que pelo seu dinheiro [...] e] os advogados trabalham desta maneira também. Mesmo em um nível mais informal - em festas, em restaurantes, em eventos esportivos, na escola de seu filho - você descobre quem você precisa conhecer, com quem vale a pena trabalhar, quem você deve evitar. Esta é uma razão pela qual a geografia importa. A densidade da região importa porque ela aumenta a chance de contatos casuais.<sup>553</sup>

É por isso que o modelo do Vale do Silício praticamente não pode ser imitado e é uma vantagem essencial para os EUA. As conexões sociais ali sedimentadas exercem uma força centrípeta da mesma forma que o dólar faz para a riqueza financeira mundial;<sup>554</sup> um inventor ou alguém que deseja ser um empreendedor em qualquer outra parte do mundo tem todos os incentivos para se mudar para território americano e lá criar o seu negócio, reforçando a centralidade do Vale do Silício do mesmo modo que investidores financeiros assustados correm para o dólar ao menor sinal de insegurança, reforçando o poder estrutural financeiro dos EUA. Além disso, a maneira pela qual o Vale do Silício opera alimenta o mito do *self-made man*, já que de fato os nomes daqueles que atingem o sucesso se renovam a cada ano. Mas como Braudel havia discutido a respeito dos banqueiros de Augsburg, os personagens em si podem variar, mas é uma mesma estrutura de poder, um mesmo grupo social usando a mesma base de relações que se perpetua.<sup>555</sup>

Ao se apresentar esta recorrência histórica no capítulo 2<sup>556</sup>, foi utilizada a imagem do jogo de cartas Daihinmin, em que recorrentemente os jogadores com baixa posição social são obrigados a trocar suas melhores cartas pelas piores cartas dos jogadores no alto da pirâmide social, tendendo assim a manter o desbalanço entre eles. O caso do Vale do Silício é um exemplo desta operação. Os melhores cientistas dos demais países são naturalmente atraídos para os EUA para trabalhar no Vale do Silício, sem que seja necessária nenhuma operação "violenta" para que esta migração ocorra. Para aí também migram os investidores internacionais e jovens talentosos que desejam se tornar empreendedores. Assim, as cartas são constantemente redistribuídas, mantendo no poder os grupos que já estavam nas rodadas

---

553. Seely-Brown, 2000: xii. Tradução do autor, no original: "My fifteen-minute drive from home in Palo Alto to work in the foothills behind Stanford University takes me by one of the best design firms in the world. Next I pass one of the best legal firms for start-ups in the country. If I continue down the road, I encounter one of the best marketing firms in the region. [...] And all around lie not only the competitors of these firms but also countless other potential partners [...] Venture capitalists (VCs) play a critical role in sharing knowledge [...] and they are more important for their network of connections than for their money. [...] Mark Suchman's chapter reveals how lawyers work this way, too. Even at a more informal level, however--at parties, at restaurants, at sports events, at your kid's school--you discover whom you need to meet, who is worth working with, whom you should avoid, etc. Here's one reason why geography matters. The density of the region matters because it enhances serendipitous contacts."

554. Ver páginas 112 e 113.

555. Ver página 73.

556. Ver páginas 74 e 75.

anteriores controlando do alto da hierarquia social as atividades econômicas com lucros excepcionais.

#### **3.2.4. Recorrência histórica 4 - Poder escolher: o privilégio capitalista**

A quarta recorrência histórica, a respeito da liberdade de escolha do capitalista, é de certa forma uma consequência das demais. Aproveitando-se do apoio estatal e das demais hierarquias da sociedade, os capitalistas possuem um leque de opções que não está aberto aos outros agentes. Observando a economia-mundo com este olhar, este privilégio pode ser visto em diversos lugares e alguns são até bastante simples. Ao analisar, por exemplo, a carga tributária incidente sobre um trabalhador ou uma pequena empresa, estes não tem como mover suas operações para evitar uma taxaço. Os grandes jogadores, no entanto, desfrutam deste privilégio. A tributação efetiva da Goldman Sachs em 2008, por exemplo, foi de 1%, valor atingido por meio de movimentações contábeis e de dinheiro entre suas unidades globais, estando muitas delas em paraísos fiscais.<sup>557</sup> Tais procedimentos são extremamente complexos e acessíveis a poucos: o formulário para impostos,<sup>558</sup> relatório anualmente entregue às autoridades federais tributárias dos EUA para determinar o valor de impostos a ser pago que a General Electric produziu em 2010 continha 57.000 páginas,<sup>559</sup> e levou a empresa com lucros globais de US\$ 14,2 bilhões e lucros só nos EUA de US\$ 5,1 bilhões a não pagar nada em impostos federais no ano.<sup>560</sup>

E este privilégio de escolha também surge em outras situações. As patentes, por exemplo, muitas vezes são defendidas com a tese de que seriam direitos individuais de seus inventores. No entanto, como afirmam Drahos e Braithwaite, "tecer uma rede de patentes é um negócio caro, muito além do que pequenos atores podem pagar. Mas nos grandes mercados em que empresas como a DuPont e a AT&T atuam, este é um custo relativamente pequeno".<sup>561</sup> Assim, sem recursos para assegurar as patentes, os inventores tem um espaço muito restrito

---

557. Taibbi, 2008

558. *Tax return*, entregue ao *Internal Revenue Service* (IRS)

559. McCormack, 2011

560. Kocieniewski, 2011. Há uma ampla discussão a respeito do valor efetivamente pago pela GE, questionando se o mesmo seria zero. Ver, por exemplo, Sloan e Gerth, 2011. A empresa, no entanto, preferiu não comentar o assunto, embora já tenha feito declarações apontando que sua taxa de impostos efetiva é muito menor do que a taxa de 35% padrão nos EUA. "In a regulatory filing just a week before the Japanese disaster put a spotlight on the company's nuclear reactor business, G.E. reported that its tax burden was 7.4 percent of its American profits, about a third of the average reported by other American multinationals. Even those figures are overstated, because they include taxes that will be paid only if the company brings its overseas profits back to the United States. With those profits still offshore, G.E. is effectively getting money back." (Kocieniewski, 2011)

561. Drahos e Braithwaite, 2002:11. Tradução do autor, no original: "Weaving patent webs was an expensive business, way beyond what small players could afford. But in the very large markets that companies like DuPont and AT&T played in, it was a comparatively small cost"

para optar por seguir seu desenvolvimento por si só e é necessário vender seu conceito antecipadamente a valores muito baixos ou o seu trabalho para o laboratório de uma grande empresa. Formam-se assim grandes sistemas de geração de patentes com alto grau de concentração em poucas empresas.

Porém, o local onde este privilégio de escolha talvez fique mais evidente seja na capacidade das grandes empresas de observar as inovações que estão surgindo na base da economia e trazê-las para seu controle por meio de aquisições. Braudel dizia que é muito freqüente que as inovações venham da base, "mas quase automaticamente voltam às mãos dos possuidores de capital."<sup>562</sup> A respeito da Revolução Industrial, por exemplo, Braudel relembra que "a revolução do algodão surgiu da vida comum. Na maioria dos casos, as descobertas são feitas por artesãos. Os industriais são, com freqüência, de origem humilde."<sup>563</sup>. Será apenas posteriormente, por volta de 1830, que Londres e seu capitalismo mercantil e financeiro passarão a controlar a indústria. Assim, a flexibilidade do capitalismo permite observar a vida comercial e, quando há uma inovação ou um mercado que por qualquer razão destaca-se dos demais pela sua lucratividade, dispara-se sua entrada. Nas grandes empresas de tecnologia este movimento é muito claro. Nove empresas - Apple, Cisco, Facebook, Google, HP, IBM, Microsoft, Oracle, e Yahoo compraram em média 70 empresas por ano entre 2005 e 2010.<sup>564</sup> Só a Cisco sozinha fez 70 entre aquisições entre 1993 e 2000<sup>565</sup> e em 2010, o Google vinha mantendo uma média de compra de uma empresa a cada 2 semanas.<sup>566</sup> A arma que concede esta grande liberdade é a quantidade massiva de dinheiro em caixa. Só a Apple, por exemplo, tinha em caixa em 2012 US\$ 97 bilhões de dólares.<sup>567</sup> Adicionados à sua ampla capacidade de endividamento, uma empresa como a Apple tem a liberdade de adquirir um sem-número de criações em seu estágio inicial. Concorrentes como Microsoft e Google não estão em situação tão diferente, com US\$ 50 bilhões<sup>568</sup> e US\$ 46 bilhões<sup>569</sup> em caixa respectivamente. Desta forma, estas empresas não estão restritas aos seus esforços de desenvolvimento tecnológico. Com um caixa alavancado, tem a possibilidade de escolher quando e em que operações entrar.

Assim, é importante lembrar o que apontava Braudel:

Em suma, o principal privilégio do capitalismo, hoje como ontem, continua sendo a liberdade de escolha - um privilégio que tem a ver simultaneamente com sua posição social dominante, com o peso de seus capitais, com suas capacidades de empréstimo, com sua rede de informações e, em igual

---

562. Braudel, 2005c: 578

563. Braudel, 1987: 71

564. Mandel e Carew, 2011: 7

565. Chaudhuri, 2012: 7

566. Oreskovic, 2010

567. THE ECONOMIST, 2012b

568. Savitz, 2011

569. Womack, 2012



medida, com os vínculos que, entre os membros de uma minoria poderosa, por mais dividida que esteja por obra do jogo da concorrência, criam uma séria de regras e de cumplicidades.<sup>570</sup>

---

570. Braudel. 2005c: 578

## CONCLUSÃO

Fernand Braudel revolucionou a história como disciplina ao introduzir a ideia de longa duração e ao buscar uma história total, que superasse as fronteiras de cada campo do conhecimento. Nesta trajetória, invadiu o campo da história econômica e ao reconstruir o entendimento sobre o desenvolvimento econômico europeu entre os séculos XII e XVIII acabou por apontar numa direção inovadora e divergente da maioria dos economistas: colocou economia de mercado e capitalismo em pólos opostos. A economia de mercado seria o espaço da concorrência, da competição e assim dos lucros normais enquanto o capitalismo seria sua franca negação: a manipulação do mercado, contendo a competição, para o desfrute de grandes lucros. Apesar do inegável sucesso de Braudel como intelectual, esta sua proposição pouco foi debatida no campo da economia.

Apesar disso, poderiam as ideias de Braudel ter um papel importante para compreender os espaços de alta lucratividade no mundo contemporâneo? Esta foi a pergunta central que este trabalho se propôs a investigar. Para isso, em seu primeiro capítulo voltou à obra magna de Braudel - *Civilização Material, Economia e Capitalismo* - e recuperou os pontos mais relevantes para se estruturar esta distinção entre economia de mercado e capitalismo. Em seguida, no segundo capítulo, as ideias de Braudel foram colocadas em choque com as posições de críticos e seguidores. Por meio deste debate, puderam ser extraídas 2 posturas metodológicas e 4 recorrências históricas que constituem a essência da abordagem braudeliiana. Por fim, estas recorrências foram utilizadas no terceiro capítulo para iluminar as atividades que permitiram a acumulação acelerada de riquezas no setor financeiro e em outros setores da economia.

O debate proposto no segundo capítulo chegou à duas posturas metodológicas, que constituem maneiras de olhar para a economia política mundial utilizadas por Braudel e que mostraram-se ricas e profícuas. A primeira delas é a **Injeção da história na economia**. Braudel, em contraposição à abordagem teórica que valoriza a elegância formal e os modelos matemáticos na descrição da economia, adota um método que valoriza ao extremo a descrição e a narrativa histórica. Num contexto em que a economia vem abusando de modelos simplificadores da realidade e que não captam elementos essenciais dos processos de acumulação e concentração de riqueza, o método descritivo de Braudel é um antídoto contra este formalismo e é capaz de iluminar aspectos da atividade econômica concreta ausentes destas formulações. A história, em especial suas raízes profundas, tem um peso muito forte na determinação das estruturas de acumulação e teorias estáticas e a-históricas tem se mostrado

insuficientes para compreender estas situações - daí advindo a relevância desta posição. A segunda postura metodológica apontada é a adoção de um **Espaço-tempo ampliado**. Aqui, o método de Braudel diz que não basta que se busque "qualquer história": é necessário regredir o máximo possível no tempo, para se buscar as determinações históricas advindas de uma longa duração. Estas são as estruturas mais profundas, que de fato moldam o presente. E do mesmo modo que se trata o tempo numa escala ampliada, é necessário expandir o espaço analisado: Braudel mostra que é preciso se trabalhar com a maior unidade espacial possível, englobando na análise o todo espacial integrado pelas trocas num sistema coerente. O uso de unidades de análise menores - seja em termos de tempo ou de espaço - não é capaz de revelar as estruturas mais potentes como permite o método de Braudel.

Além destas posturas metodológicas, 4 recorrências históricas foram identificadas em sua obra. Estas recorrências são elementos que após incorporadas as principais críticas à seu trabalho, mantêm-se como eixos estruturantes do seu pensamento e constituem padrões que parecem ser válidos para todo o período estudado. A primeira delas é a percepção de que **o contra-mercado não é exceção, é regra**, ou seja, de que recorrentemente na economia-mundo houve atividades econômicas marcadas por algum tipo de manipulação do mercado ou restrição da concorrência e que por isso puderam obter uma lucratividade anormal, acima dos padrões obtidos nos demais setores. Estas atividades não são secundárias, pois a cada momento histórico estiverem no centro dos processos de acumulação de riquezas, e assim devem ser compreendidas como uma característica sistêmica essencial da economia-mundo após o século XII. A segunda recorrência histórica indica que **não há contra-mercados sem o apoio do Estado**, de modo que se estes contra-mercados são recorrentes, eles jamais prescindiram do apoio estatal para se estabelecer. Para isto, foi fundamental entender o sistema interestatal como um sistema inerentemente competitivo, em que os estados disputam por mais poder e neste processo precisam apoiar seus capitais no estabelecimento de contra-mercados. No entanto, como aponta a terceira recorrência histórica, **as raízes do capitalismo vão além da economia e da política, estão na sociedade como um todo**. Aqui, Braudel mostra que há outras hierarquias na sociedade - ideológica, cultural, social, religiosa - e que estas também são essenciais para os capitalistas. Há sempre uma reduzida elite da sociedade que desfruta destas posições privilegiadas em várias esferas e cuja atuação é favorecedora do surgimento dos contra-mercados. Por fim, a quarta recorrência histórica aponta para o mais amplo **privilégio capitalista: poder escolher**. Desfrutando das melhores posições sociais e com o apoio estatal, os capitalistas não só podem construir os seus contra-mercados, mas possuem os meios para continuamente remoldá-los em novas áreas a medida que a força da

competição derruba os antigos contra-mercados. Esta liberdade de escolha não é desfrutada pelas demais classes da sociedade.

No terceiro capítulo, cada uma destas recorrências históricas foi usada como base para se analisar os espaços de alta lucratividade da economia mundial dos últimos 30 anos, em especial o sistema financeiro, e assim observar quais elementos podem ser iluminados pela abordagem braudeliana. A respeito da primeira recorrência, que diz que **o contra-mercado não é exceção, é regra**, os conceitos de Braudel foram úteis para mostrar como muitas das operações que dispararam grandes lucros no setor financeiro se basearam em manipulações de mercado, como é evidente no caso dos CDOs de alto risco classificados como AAA, na venda destes títulos a preços irreais baseados em modelos de precificação não-públicos, no resgate das instituições falidas e também em outras operações financeiras da última década como *laddering* e *spining*. Com uma lente mais macro, também se pode observar que o funcionamento do mercado financeiro como um todo de certo modo pode ser classificado como um contra-mercado, com alguns agentes tendo o poder para serem formadores e não tomadores de preço. Os contra-mercados também foram observados em outros setores, como no caso da privatização da economia-russa, em negócios ilegais como a venda de armas mas também em espaços no qual a lei é o instrumento de construção do contra-mercado, como no caso do sistema internacional de direitos de propriedade intelectual que assegura direitos de monopólio e vantagens a grandes *players* além de permitir a formação de cartéis. Este último é um exemplo de contra-mercado baseado no poder estrutural, em que se estabelecem as regras de funcionamento de um mercado de uma forma que aparentemente todos tem condições de competir de forma igual, enquanto na realidade poucos com recursos superiores obtém uma larga vantagem. O poder estrutural, como proposto por Strange, não era um elemento destacado por Braudel em sua abordagem original e mostrou-se essencial para compreender os contra-mercados modernos.

A respeito da segunda recorrência histórica, de que **não há contra-mercados sem o apoio do Estado**, observou-se a decisiva participação estatal - em especial dos Estados Unidos - na construção das condições que permitiram o surgimento dos contra-mercados acima citados. No caso do sistema financeiro, os EUA agiram diretamente para desregular seu mercado financeiro nacional assim como o sistema internacional e em relação aos direitos de propriedade intelectual atuaram em direção inversa, regulamentando os mercados. Estes movimentos foram realizados sem a necessidade de coação dos demais países: os EUA desfrutavam de poder estrutural para conduzir tais mudanças. Além disso, pode-se observar como estes movimentos não somente concediam lucros excepcionais a seus capitais, mas

eram benéficos ao país em termos de acumulação de poder. Ainda se pode avaliar como a construção do Vale do Silício, o símbolo do capitalismo inovador americano, teve atuação estatal marcante do Departamento de Defesa como o "investidor-anjo" original que possibilitou a formação da base material e da rede que tornam o Vale tão único.

Ao se trabalhar em cima da terceira recorrência histórica, de que **as raízes do capitalismo vão além da economia e da política, estão na sociedade como um todo**, pode-se enxergar como não foi só o estado que deu suporte aos contra-mercados. Tanto no caso do sistema financeiro quando do sistema de direitos de propriedade intelectual, foi necessária uma transformação ideológica para tornar estes contra-mercados aceitáveis pela sociedade, por meio de influência dos ganhadores deste jogos em universidades e *think tanks*. Além disso, a lente de Braudel ajudou a destacar os vínculos sociais existentes entre as elites das diferentes hierarquias - social, política, acadêmica, cultural - com amplo fluxo de pessoas entre estas esferas criando uma articulação de interesses e crenças compartilhadas essencial na formação dos contra-mercados. O papel dos vínculos sociais também foi destacada por meio da atuação do *venture capitalist* Ron Conway, cuja contribuição mais importante a seus investimentos é mobilizar o topo das diferentes hierarquias para criar situações privilegiadas para seus negócios, um benefício não acessível aos demais.

Do alto destas hierarquias, contando com o apoio estatal, chegou-se à quarta recorrência que destaca o **privilégio capitalista de poder escolher**, cada vez mais valioso quando os mais diferentes tipos de bens ou operações se transformaram em papéis negociáveis. Tal privilégio pode ser visto em ação quando dois investidores com US\$ 30 milhões foram considerados "pequenos" demais para acessar certas opções de investimento. Com esta liberdade de escolha, os recursos dos grandes capitalistas podem navegar por paraísos fiscais e usar outras operações de evasão fiscal que não estão disponíveis para todos, assim como o caro jogo das patentes tornou-se um reduto dos grandes grupos que podem pagar para nele entrar. Por fim, o privilégio da escolha também foi observado na capacidade de compra de alguns: as grandes empresas de tecnologia, tendo uma ampla disponibilidade de caixa, podem adquirir a grande maioria das inovações que nascem na base da economia.

Esta análise da economia contemporânea por meio das recorrências históricas identificadas em Braudel mostrou-se um exercício rico, que pode ajudar a compreender melhor os arranjos de alta lucratividade que se instalam na economia-mundo. No entanto, este trabalho também ajudou a estabelecer uma posição a respeito da proposição original de Braudel, que colocava economia de mercado e capitalismo em pólos opostos. Tal distinção sem dúvida teve seus méritos em termos discursivos: ao colocar estes termos em

contraposição de forma tão ostensiva, Braudel delimitou o debate e diminuiu os espaços para uma apropriação de suas ideias pela teoria econômica de um modo que distorcesse sua essência. Por outro lado, ainda em relação à opção discursiva, tal escolha limitou o diálogo com a economia e é um dos responsáveis pelo virtual "esquecimento" de Braudel entre os economistas. Em termos teóricos, discutiu-se que a distinção apontada por Braudel entre economia de mercado e capitalismo apresenta problemas mais sérios não na definição de capitalismo, mas em relação à definição de economia de mercado. A expansão da economia de mercado desde o século XVIII criou uma série de atividades econômicas que claramente não são bem caracterizadas pelo que Braudel define como capitalismo, mas que por outro lado acabam por criar uma heterogeneidade excessiva dentro do conceito economia de mercado.

Assim, um seguimento lógico deste trabalho é completar a atualização teórica do modelo de Braudel, qualificando melhor a distinção entre capitalismo e economia de mercado por meio de uma reestruturação conceitual mais precisa do termo "economia de mercado" que dê conta das diferentes realidades que hoje se encontram dentro do arranjo. Tal tarefa deveria ainda definir melhor conceitualmente alguns termos ligados à esfera do capitalismo, como troca desigual, dominação, exploração e o próprio termo contra-mercado por meio de uma extensa pesquisa bibliográfica que permita dar forma às diferentes nuances no uso de cada um destes conceitos, mantendo-os contudo suficientemente amplos para abarcar arranjos similares no decorrer de uma longa duração. Por fim, esta atualização conceitual deveria estruturar melhor a contribuição de Strange a respeito do poder estrutural e incorporá-lo ao modelo de Braudel.

Outra possibilidade de estudos aberta por este trabalho é a aplicação sistemática das 4 recorrências aqui identificadas para análises setoriais, avaliando quais elementos são iluminados pelas ideias de Braudel. Outra aplicação relevante das 4 recorrências seria para a avaliação do impacto de cada uma delas nas relações interestatais no sistema. Assim, a respeito da "recorrência histórica 1 - O contra-mercado não é exceção, é regra", novos trabalhos poderiam avaliar a dinâmica pela qual os contra-mercados se concentram nos países centrais e como as atividades competitivas migram para os países periféricos. Além disso, poderia explorar as próprias hierarquias dentro destes contra-mercados, que devem contar com as elites dos países periféricos como ganhadores secundários dos principais contra-mercados, cujos maiores ganhadores se concentram nos países centrais. Este ponto também pode ser explorado em relação à "recorrência histórica 2 - Não há contra-mercados sem o apoio do Estado", avaliando de que forma os estados periféricos acabam por apoiar políticas

que facilitam a criação de contra-mercados que, embora favoreçam os países centrais, asseguram aos que detém o poder internamente um papel de ganhadores secundários destes jogos. A respeito da primeira recorrência, que diz que **o contra-mercado não é exceção, é regra** também seria muito relevante conduzir um estudo que buscasse uma análise empírica quantitativa avaliando esta posição para diferentes períodos de tempo.

Apesar das limitações que o desenvolvimento deste trabalho possui em função de restrições de tempo e recursos de pesquisa, considerando o vasto tamanho do objeto que a própria postura metodológica de Braudel exige, espera-se que ele tenha contribuído para atenuar o que Braudel dizia ser seu grande lamento. Nas páginas finais da conferência em que resumiu CMEC, ele disse: "O que lamento, por minha parte, não como historiador mas como homem de meu tempo, é que tanto no mundo capitalista quanto no mundo socialista, seja recusada uma distinção entre economia de mercado e capitalismo".<sup>571</sup> Talvez não se tenha aqui concordado plenamente com a contraposição apontada por Braudel, mas a essência por trás desta distinção emerge de forma muito clara no trabalho: os contra-mercados são sim a negação do que se costuma considerar o jogo justo e competitivo do mercado e constituem o elemento mais distintivo em termos econômicos do sistema mundial moderno forjado a partir do século XII. Há uma esfera superior de atividades econômicas que pela manipulação ou controle do mercado permite uma lucratividade excepcional a alguns que possuem os meios para continuamente recriar estes espaços. Enquanto isto não for tratado como elemento teórico relevante e for relegado à uma posição de excepcionalidade fora do centro dos processos de acumulação de riqueza, junto de Braudel se terá que lamentar que o elemento mais distintivo deste sistema interestatal competitivo não está considerado em sua plenitude.

---

571. Braudel, 1987: 74.

## BIBLIOGRAFIA

- AHAMED, Liaquat. "Currency Wars, Then and Now". IN: **Foreign Affairs**, Março/Abril de 2011. Disponível em <[http://relooney.fatcow.com/0\\_New\\_9638.pdf](http://relooney.fatcow.com/0_New_9638.pdf)>. Acesso em: 27/05/2012
- AMIN, Samir. "The Future of Global Polarization". IN: **Review (Fernand Braudel Center)**, Vol. 17, No. 3, 1994, pp. 337-347
- \_\_\_\_\_ e LUCKIN, David. "The Challenge of Globalization". IN: **Review of International Political Economy**, Vol. 3, n. 2, 1996, pp. 216-259,
- ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996
- \_\_\_\_\_ . "Braudel, Capitalism, and the New Economic Sociology". IN: **Review (Fernand Braudel Center)**, Vol 24, n. 1, 2001, pp. 107-123
- BAIN, Joe S. "Relation of Profit Rate to Industry Concentration: American Manufacturing, 1936-1940". **The Quarterly Journal of Economics**, Vol. 65, n. 3, 1951, pp. 293-324
- BELLUZO, Luiz Gonzaga. Dinheiro e as transfigurações da riqueza. In: TAVARES, Maria da Conceição & FIORI, José Luís (Eds). **Poder e Dinheiro – Uma economia política da globalização**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998
- BERNSTEIN, Peter e SWAN, Annalyn. **All the Money in the World: How the Forbes 400 Make - and Spend - Their Fortunes**. New York, A. Knopf, 2007
- BIGNELL, Paul. Secret memos expose link between oil firms and invasion of Iraq. **The Independent**, 19 de abril de 2011. Disponível em <<http://www.independent.co.uk/news/uk/politics/secret-memos-expose-link-between-oil-firms-and-invasion-of-iraq-2269610.html>> Acesso em: 28/05/2012
- BRAGA, José Carlos de Souza. Financeirização global – O padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo. In: TAVARES, Maria da Conceição & FIORI, José Luís (Eds). **Poder e Dinheiro – Uma economia política da globalização**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998
- \_\_\_\_\_ . e CINTRA, Marcos Antonio Macedo. "Finanças Dolarizadas e Capital Financeiro: exasperação sob comando americano". In: FIORI, José Luis (org). **O Poder Americano**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007
- BRANDIRECTORY, 2012. Disponível em <<http://brandirectory.com/>>. Acesso em: 27/05/2012
- BRAUDEL, Fernand. "Will Capitalism Survive?". IN: **The Wilson Quarterly**, Vol. 4, No. 2, Spring, 1980, pp. 108-116



- \_\_\_\_\_. "A manera de conclusión". IN: **Cuadernos Políticos**, número 48, México D.F., ed. Era, octubre-diciembre, 1986, pp.33-44
- \_\_\_\_\_. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987
- \_\_\_\_\_. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1990
- \_\_\_\_\_. **Civilização Material, Economia e Capitalismo - Século XV-XVIII - Volume 1: As estruturas do cotidiano**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a
- \_\_\_\_\_. **Civilização Material, Economia e Capitalismo - Século XV-XVIII - Volume 2: Os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b
- \_\_\_\_\_. **Civilização Material, Economia e Capitalismo - Século XV-XVIII - Volume 3: O tempo do mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005c
- BRIE, Christian de. "Onde as máfias, as transnacionais e os governos se encontram" IN: **Le Monde Diplomatique Brasil**, 01 de Abril de 2000. Disponível em <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=20&PHPSESSID=099cbc670a7e8a6c998a4f532aaf76c9>>. Acesso em: 21/05/2012
- CAILLÉ, Alain. "A dominância do mercado". IN: LACOSTE, Yves (org). **Ler Braudel**. Campinas, Papirus, 1989, pp. 97-136
- CAMERON, Rondo. "Review of Afterthoughts on Material Civilization and Capitalism by Fernand Braudel", IN: **The Journal of Economic History**, Vol. 38, n. 4, Dez, 1978, pp. 978-979
- CARRICK-HAGENBARTH, Jessica e EPSTEIN, Gerald A. "Dangerous interconnectedness: economists' conflicts of interest, ideology and financial crisis" IN: **Cambridge Journal of Economics**, Vol. 36. n. 1, 2012. Disponível em <<http://cje.oxfordjournals.org/content/36/1/43.full.pdf>>. Acesso em 13/05/2012
- CHAUDHURI, Saikat. "**Can Innovation Be Bought? Managing Acquisitions in Dynamic Environments**". Tese de doutorado (Business Administration). Harvard University, 2004. Disponível em <<http://www.hbs.edu/units/tom/seminars/2003/schaudhuri.pdf>> Acesso em: 28/05/2012
- CINTRA, Marcos A. M. e CAGNIN, Rafael F. "Evolução da estrutura e da dinâmica das finanças norte-americanas", IN: **Econômica**, Vol. 9, n. 2, dezembro 2007, pp. 296-338,
- \_\_\_\_\_.; FARHI, Maryse. "A crise financeira e o global shadow banking system". **Novos estudos - CEBRAP**, 2008, n.82, pp. 35-55
- CONGRESSIONAL OVERSIGHT PANEL. **June Oversight Report - The AIG Rescue, Its Impact on Markets, and the Government's Exit Strategy**. 10 de junho de 2010. Disponível em

<<http://cybercemetery.unt.edu/archive/cop/20110402010341/http://cop.senate.gov/documents/cop-061010-report.pdf>>. Acesso em: 01/05/2012

CROTTY, James. **If Financial Market Competition is so Intense, Why are Financial Firm Profits so High?** Reflections on the Current 'Golden Age' of Finance. Working Paper Series Number 134. Abril, 2007. Disponível em <<http://people.umass.edu/crotty/WP134.pdf>>. Acesso em 06/06/2012

DAIX, Pierre. **Fernand Braudel**: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999

DEDRICK, Jason; KRAMER, Kenneth e LINDEN, Greg. "Who Captures Value in a Global Innovation Network? The Case of Apple's iPod". **Communications of the ACM**, vol. 52, n. 3, mar 2009, pp. 140-144

\_\_\_\_\_. Who profits from innovation in global value chains?: a study of the iPod and notebook PCs, Industrial and **Corporate Change papers**, 2009b, disponível em <<http://pcic.merage.uci.edu/papers/2008/WhoProfits.pdf>>, acesso em 11/01/2011

DELANDA, Manuel. "Markets and Anti-markets" IN: **MetaForum III/Under Construction/Budapest Content Festival**. Outubro, 1996a. Disponível em <<http://www.egs.edu/faculty/manuel-de-landa/articles/markets-and-anti-markets-part-1/>>.

Acesso em: 07/06/2012

\_\_\_\_\_. "Markets and anti-markets in the world economy". IN: **Technoscience and cyberculture**. New York, Routledge, 1996b. pp. 181-194

\_\_\_\_\_. **A Thousand years of nonlinear history**. New York, Swerve Editions, 2000

DRAHOS, Peter e BRAITHWAITE, John. **Information Feudalism**: Who Owns the Knowledge Economy? London, Earthscan Publications Ltd, 2002

ESSENTIAL INFORMATION e CONSUMER EDUCATION FOUNDATION. **Sold Out**: How Wall Street and Washington Betrayed America. Março de 2009. Disponível em <[www.wallstreetwatch.org/soldoutreport.htm](http://www.wallstreetwatch.org/soldoutreport.htm)>. Acesso em 07/05/2012

FARHI, Maryse. "Derivativos financeiros: hedge, especulação e arbitragem". **Economia e Sociedade**, Campinas, (13), dez. 1999, pp. 93-114

FDIC. **History of the 1980s**: Lessons for the Future, Volume II: Symposium Proceedings. 16 de janeiro de 1997. Disponível em <<http://www.fdic.gov/bank/historical/history/vol2.html>>. Acesso em 06/06/2012

FIORI, José Luís. "Sistema mundial: império e pauperização - para retomar o pensamento crítico latino-americano." IN: FIORI, J. L. E MEDEIROS, C. (Org). **Polarização mundial e crescimento**. Petrópolis, Vozes, 2001. pp. 39-75.

- \_\_\_\_\_. "Formação, Expansão e Limites do Poder Global". IN: FIORI, José Luis (org). **O Poder Americano**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007a, pp. 11-66
- \_\_\_\_\_. "O Poder Global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites". IN: FIORI, José Luis (org). **O Poder Americano**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007b, pp. 67-110
- \_\_\_\_\_. **O Poder Global e a Nova Geopolítica das Nações**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2007c
- \_\_\_\_\_. "O poder global e a nova geopolítica das nações". IN: **Crítica y Emancipación**, ano 1, vol. 2, 2009, pp. 157-183
- FLITTER, Emily; COOKE, Kristina e COSTA, Pedro da. Special Report: For some professors, disclosure is academic. **Reuters**. 20 de dezembro de 2010. Disponível em <<http://www.reuters.com/article/2010/12/20/us-academics-conflicts-idUSTRE6BJ3LF20101220>>. Acesso em: 13/05/2012
- FOURQUET, Francis. "Um novo espaço-tempo". IN: LACOSTE, Yves (org). **Ler Braudel**. Campinas, Papirus, 1989, pp. 79-96
- FROUD, Julie et alli. "Financialisation and the coupon pool". **Gestão e Produção**, vol. 8, n. 3, 2001, pp. 271-288
- GADIESH, Orit e GILBERT, James L. "Profit Pools: A Fresh Look at Strategy". IN: **Harvard Business Review**, Maio-Junho, 1998, pp. 139-147.
- GALBRAITH, John Kenneth. **A Economia das Fraudes Inocentes**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004
- GEREFFI, Gary e KORZENIEWICZ, Miguel. "Commodity Chains and Footwear Exports in the Semiperiphery". IN: MARTIN, William G. (Org.). **Semiperipheral States In The World Economy**. Westport, Greenwood Press, 1990
- GOODMAN, Peter. Taking Hard New Look at a Greenspan Legac. **The New York Times**. 8 de Outubro de 2008. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2008/10/09/business/economy/09greenspan.html?pagewanted=all>>. Acesso em: 07/05/2012
- GRAEBER, David. **Debt: The First 5,000 Years**. New York, Melville House Publishing, 2011
- GURIEV, Sergei e RACHINSKY, Andrei. **The Evolution of Personal Wealth in the Former Soviet Union and Central and Eastern Europe**. United Nations University - World Institute for Development Economics Research (UNU-WIDER). Research Paper No. 2006/120, 2006 Disponível em <<http://www.wider.unu.edu/publications/working->

papers/research-papers/2006/en\_GB/rp2006-120/\_files/78091815709116617/default/rp2006-120.pdf>. Acesso em: 21/05/2012

HELLEINER, Eric. **States and the Reemergence of Global Finance: From Bretton Woods to the 1990s**. Ithaca, Cornell University Press, 1994

HOWARD, M. C. "Fernand Braudel on Capitalism: A Theoretical Analysis". **Historical Reflections**, vol. 12, n. 3, 1985, pp. 469-483

JENNINGS, Marianne M. **Business Ethics: Case Studies and Selected Readings**. Mason, South Western Cengage Learning, 2012

JOHNSON, Simon. The Quiet Coup. **The Atlantic**, Maio de 2009. Disponível em <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2009/05/the-quiet-coup/7364/>>. Acesso em 07/05/2012

KEYNES, John Maynard. **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996

KINSER, Samuel. "Review: Capitalism Enshrined: Braudel's Triptych of Modern Economic History", IN: **The Journal of Modern History**, Vol. 53, No. 4. Dec., 1981, pp. 673-682

KOCIENIEWSKI, David. G.E.'s Strategies Let It Avoid Taxes Altogether. **The New York Times**. 24 de março de 2011. Disponível em <[http://www.nytimes.com/2011/03/25/business/economy/25tax.html?\\_r=4&ref=business&pagewanted=all](http://www.nytimes.com/2011/03/25/business/economy/25tax.html?_r=4&ref=business&pagewanted=all)>. Acesso em: 28/05/2012

KUTTNER, Robert. Wake Up, Wall Street: Eliot Spitzer Is a Hero. **Bloomberg BusinessWeek**, 19 de maio de 2003. Disponível em <[http://www.businessweek.com/magazine/content/03\\_20/b3833047\\_mz007.htm](http://www.businessweek.com/magazine/content/03_20/b3833047_mz007.htm)>. Acesso em: 30/04/2012

KRIPPNER, Greta R. **Capitalizing on Crisis: The Political Origins of the Rise of Finance**. Cambridge, Harvard University Press, 2011

LAI, Cheng-chung. **Braudel's Historiography Reconsidered**. University Press of America, 2004

LESLIE, Stuart. "The Biggest 'Angel' of Them All: The Military and the Making of Silicon Valley". IN: KENNEY, Martin (org.) **Understanding Silicon Valley: The Anatomy of an Entrepreneurial Region**. Stanford, Stanford University Press, 2000

LEWIS, Michael. **A Jogada do Século - The Big Short**. Rio de Janeiro, Best Seller, 2011.

MANDEL, Michael e CAREW, Diana. **Innovation by Acquisition: New dynamics of high-Tech competition**. Policy Memo - Progressive Policy Institute, 2011. Disponível em <[http://progressivepolicy.org/wp-content/uploads/2011/11/11.2011-Mandel\\_Carew-](http://progressivepolicy.org/wp-content/uploads/2011/11/11.2011-Mandel_Carew-)

Innovation\_by\_Acquisition-New\_Dynamics\_of\_Hightech\_Competition.pdf> Acesso em: 28/05/2012

MANN, Roger. **Antimarket economics**: blind logic, better science, and the diversity of economic competition. London, Praeger, 1996

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo, Cultrix, 2003.

MARCUS, George e HALL, Peter. **Lives in Trust**: The Fortunes of Dynastic Families in Late Twentieth-Century America. Boulder, Westview Press, 1992.

MCCORMACK, John. GE Filed 57,000-Page Tax Return, Paid No Taxes on \$14 Billion in Profits. **The Weekly Standard**, 17 de novembro de 2011. Disponível em <[http://www.weeklystandard.com/blogs/ge-filed-57000-page-tax-return-paid-no-taxes-14-billion-profits\\_609137.html](http://www.weeklystandard.com/blogs/ge-filed-57000-page-tax-return-paid-no-taxes-14-billion-profits_609137.html)> Acesso em: 28/05/2012

MCMILLAN, D. G. e WOCHAR, M. E. "Profit persistence revisited: The case of the UK". **The Manchester School**, Vol. 79, n. 3, 2011, pp. 510–527

MCNEILL, William H. "Fernand Braudel, Historian". IN: **The Journal of Modern History**, Vol. 73, No. 1, Março, 2001, pp. 133-146

MEDEIROS, Carlos A. O Desenvolvimento Tecnológico Americano no Pós-Guerra como um Empreendimento Militar. In: FIORI, José Luis (Ed). **O Poder Americano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007

MILL, John Stuart. **Principles Of Political Economy**. The Project Gutenberg, 2009. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/ebooks/30107>>. Acesso em: 07/06/2012

MILLS, Charles W. **A Elite do Poder**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981

MORAES, Gloria. "Telecomunicações e Poder Global dos EUA". IN: FIORI, José Luis (org). **O Poder Americano**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007a, pp. 347-392

MORINEAU, Michel. "Um grande projeto - Civilização material, economia e capitalismo". IN: LACOSTE, Yves (org). **Ler Braudel**. Campinas, Papirus, 1989, pp. 31-62

\_\_\_\_\_. "A Fresh Look at Fernand Braudel," IN: **Journal of European Economic History**, Vol. XXVI, n. 3, Win. 1997, 627-630.

MUELLER, D.C., "The Persistence of Profits Above the Norm," **Economica**, vol. 44, n. 176, 1977, pp. 369-380.

\_\_\_\_\_. **Profits in the Long-run**, Cambridge University Press, 1986

NATIONAL SCIENCE BOARD. **Science and Engineering Indicators 2012**, 2012. Disponível em <<http://www.nsf.gov/statistics/seind12/pdf/seind12.pdf>>. Acesso em: 27/05/2012

NEW YORK TIMES, 2010. Goldman Settles With S.E.C. for \$550 Million. 15 de Julho de 2010. Disponível em <<http://dealbook.nytimes.com/2010/07/15/goldman-to-settle-with-s-e-c-for-550-million/>>. Acesso em: 30/04/2012

ORESKOVIC, Alexei. Google M&A boss presides over record year. **Reuters**, 21 de setembro de 2010. Disponível em <<http://www.reuters.com/article/2010/09/21/us-google-interview-idUSTRE68K0K020100921>>. Acesso em: 28/05/2010

ÖZÇELİK, Emre. "An unconventional critique of economic liberalism: Reconsidering the Austrian school in the light of Fernand Braudel". **METU Studies in Development**, vol. 32, n. 1, 2005, pp. 103-123

ÖZVEREN, Eyüp. "Landscape of a Prolific Convergence: Fernand Braudel and Institutional Economics". IN: FINCH, John.; ORILLARD, Magali. (org.) **Complexity and the economy: implications for economic policy**. Cornwall, Edward Elgar, 2005

\_\_\_\_\_. "An institutionalist alternative to neoclassical economics?", IN: **Review (Fernand Braudel Center)**, n. 21, vol. 4, 1998, 469-530

PALAN, Ronen; MURPHY, Richard e CHAVAGNEUX, Christina. **Tax Havens: How Globalization Really Works**. New York, Cornell University Press, 2010

PALMA, José Gabriel. "Why Did the Latin American Critical Tradition in the Social Sciences Become Practically Extinct? From structural adjustment to ideological adjustment". **Ideas** (International Development Economics Associates) featured article, 2009, disponível em <[http://www.networkideas.org/featart/mar2009/Latin\\_America.pdf](http://www.networkideas.org/featart/mar2009/Latin_America.pdf)>, acesso em 11/05/2011

PAQUOT, Thierry. Prefácio. IN: LACOSTE, Yves (org). **Ler Braudel**. Campinas, Papirus, 1989, pp. 7-11

PETRAS, James. "Global ruling class: Billionaires and how they "make it"". IN: **Journal of Contemporary Asia**, vol. 38, n. 2, 2008, pp. 319-329. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1080/00472330701822355>>. Acesso em 21/05/2012

PIKE, Christopher. **Virtual Monopoly**. London, Nicholas Brealey Publishing, 2001

PINDYCK, Robert e RUBINFELD, Daniel. **Microeconomia**. São Paulo, MAKRON Books, 1999

REARDON, Jack. "Barriers to entry: heterodox publishing in mainstream journals". IN: **On the Horizon**, Vol. 16, n. 4, 2008, pp.185 - 197

RIGBY, David L. "The Existence, Significance, and Persistence of Profit Rate Differentials". **Economic Geography**, Vol. 67, No. 3, Jul., 1991, pp. 210-222

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Tempo, Duração e Civilização**: perspectivas braudelianas. São Paulo, Cortez, 2002

ROSENBUSH, Steve. Finance Salaries: Up, Up, Up. **Bloomberg Business Week**, 9 de Janeiro de 2007. Disponível em <[http://www.businessweek.com/bwdaily/dnflash/content/jan2007/db20070108\\_913716.htm](http://www.businessweek.com/bwdaily/dnflash/content/jan2007/db20070108_913716.htm)>. Acesso em 29 de abril de 2012.

RUSHE, Dominic. Goldman Sachs chief takes 35% pay cut – to \$12m. **The Guardian** ([guardian.co.uk](http://www.guardian.co.uk)), 13 de abril de 2012. Disponível em <<http://www.guardian.co.uk/business/2012/apr/13/goldman-sachs-chief-pay-falls>>. Acesso em 06/06/2012

SAVITZ, Eric. Microsoft: With Skype, A Good Use For The Giant Overseas Cash Pile. **Forbes**, 5 de outubro de 2011. Disponível em <<http://www.forbes.com/sites/ericsavitz/2011/05/10/microsoft-with-skype-a-good-use-for-the-giant-overseas-cash-pile/>> Acesso em: 28/05/2010

SCHEER, Robert. The Democrats Who Unleashed Wall Street and Got Away With It. **The Nation**, 2 de Fevereiro de 2012. Disponível em <<http://www.thenation.com/article/166035/democrats-who-unleashed-wall-street-and-got-away-it>>. Acesso em 06/05/2012.

SCHNEIDER, Friedrich. Illegal Activities, But Still Value Added Ones (?): Size, Causes, and Measurement of The Shadow Economies All Over the World. **CESifo Working Paper Series**. CESifo Working Paper No. 305, June, 2000. Disponível em <<http://www.cesifo-group.de/portal/pls/portal/docs/1/1191008.PDF>>. Acesso em 21/05/2012

SEELY-BROWN, John. "Foreword". IN: KENNEY, Martin (org.) **Understanding Silicon Valley**: The Anatomy of an Entrepreneurial Region. Stanford, Stanford University Press, 2000

SELL, Susan K. **Private Power, Public Law** – The Globalization of Intellectual Property Rights. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

SERRANO, Franklin. Relações de Poder e Política Macroeconômica Americana, de Bretton Woods ao Padrão Dólar Flexível. In: FIORI, José Luis (Ed). **O Poder Americano**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007

SLOAN, Allan e GERTH, Jeff. The truth about GE's tax bill. **CNN**, 4 de abril de 2011. Disponível em <<http://features.blogs.fortune.cnn.com/2011/04/04/the-truth-about-ges-tax-bill/>>. Acesso em: 28/05/2012

SMITH, Adam. **A Riqueza Das Nações** - Investigação Sobre Sua Natureza e Suas Causas, Volume 1. São Paulo, Editora Nova Cultural , 1996

SMITH, Randall. Goldman Gave Hot IPO Shares To Top Executives of Its Clients. **The Wall Street Journal**, 3 de Outubro de 2002. Disponível em <<http://online.wsj.com/article/0,,SB1033598320397980873.djm,00.html#CX>>. Acesso em 30/04/2012

SOPELSA, Brooke. Biggest Executive Bonuses of the Past Decade. **CNBC.com**, 29 de outubro de 2009. Disponível em <<http://www.cnbc.com/id/33534042>>. Acesso em 06/06/2012

STEINER, Philippe. "Capitalismo e modernidade - o impasse sobre Max Weber". IN: LACOSTE, Yves (org). **Ler Braudel**. Campinas, Papirus, 1989, pp. 79-96

STEMPEL, Jonathan e LEVINE, Dan. Facebook, banks sued over pre-IPO analyst calls. **Reuters**, 23 de maio de 2012. Disponível em <<http://www.reuters.com/article/2012/05/23/us-facebook-lawsuit-idUSBRE84M0RK20120523>>. Acesso em 26/05/2012

STEWART, Heather. This is how we let the credit crunch happen, Ma'am... **The Observer**, 26 de Julho de 2009. Disponível em <<http://www.guardian.co.uk/uk/2009/jul/26/monarchy-credit-crunch/print>>. Acesso em 13/05/2012

STRANGE, Susan. **States and Markets**. London, Continuum, 1994

\_\_\_\_\_. **Casino Capitalism**. Manchester, Manchester University Press, 1997

\_\_\_\_\_. **Mad Money, when markets outgrow governments**, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1998

TAIBBI Matt. "The Great American Bubble Machine". **Rolling Stone**, 5 de abril de 2010. Disponível em <<http://www.rollingstone.com/politics/news/the-great-american-bubble-machine-20100405>>. Acesso em: 30/04/2012

\_\_\_\_\_. "The People vs. Goldman Sachs". **Rolling Stone**, 11 de maio de 2011. Disponível em <<http://www.rollingstone.com/politics/news/the-people-vs-goldman-sachs-20110511>>. Acesso em: 01/05/2012

\_\_\_\_\_. The Facebook IPO: Shareholders Weren't Invited to the Real Party. **Rolling Stone**, 23 de maio de 2012. Disponível em <<http://www.rollingstone.com/politics/blogs/taibblog/the-facebook-ipo-shareholders-werent-invited-to-the-real-party-20120523>>. Acesso em: 25/05/2012

TALBOT, John M. "The Coffee Commodity Chain in the World-Economy: Arrighi's Systemic Cycles and Braudel's Layers Of Analysis". IN: **Journal of World-Systems Research**, Vol. XVII, n. 1, 2011, pp. 58-88



- TENETI, Alberto. O capitalismo: continuidade ou mutação. IN: **Uma lição de história de Fernand Braudel**. Châteauevallon: Jornadas Fernand Braudel 18, 19 e 20 de outubro de 1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, pp. 86-88
- THE ECONOMIST. **Special Report: State Capitalism**. 21 de Janeiro de 2012. Disponível em <<http://www.economist.com/node/21542931>>. Acesso em 25/05/2012
- \_\_\_\_\_. **Apple's cash pile**: How to spend it. 10 de março de 2012b. Disponível em <<http://www.economist.com/node/21549978>> Acesso em: 28/05/2012
- TILLY, Charles. "Review of Civilisation materielle, economie et capitalisme, XV-XVIII siecle by Ferdinand Braudel", IN: **The American Historical Review**, Vol. 86, No. 2, Apr., 1981, pp. 368-369
- \_\_\_\_\_. **Big Structures, Large Processes, Huge Comparisons**. New York, Russell Sage Foundation Publications, 1984
- \_\_\_\_\_. Charles. **Coerção, Capital e Estados Europeus**. São Paulo: Edusp, 1996
- Uma lição de história de Fernand Braudel. Châteauevallon: Jornadas Fernand Braudel 18, 19 e 20 de outubro de 1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989
- UNITED STATES SENATE PERMANENT SUBCOMMITTEE ON INVESTIGATIONS. **Wall Street And The Financial Crisis: Anatomy Of A Financial Collapse**. 13 de Abril de 2011. Disponível em <<http://www.ft.com/cms/fc7d55c8-661a-11e0-9d40-00144feab49a.pdf>>. Acesso em: 01/05/2012
- VALDMANIS, Thor. "Spitzer: Merrill analyst pitched stock he called 'junk'". **USA Today**, 14 de abril de 2002. Disponível em <<http://www.usatoday.com/money/finance/2002-04-15-spitzer-email-evidence.htm>>. Acesso em: 01/05/2012
- VAROUFAKIS, Yanis. **Foundations of Economics: A Begginers's Companion**. London, Routledge, 1998
- VITALI S.; GLATTFELDER J. B. e BATTISTON S. "The Network of Global Corporate Control". IN: **PLoS ONE** 6(10): e25995, 2011. Disponível em <<http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0025995>> Acesso em: 20/05/2012
- VRIES, Jan de. "Review: Spotlight on Capitalism: A Review Article". IN: **Comparative Studies in Society and History**, Vol. 21, No. 1 (Jan., 1979), pp. 139-143
- WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World System**. London, Academic Press, Inc, 1974
- \_\_\_\_\_. **The politics of the world-economy**. Cambridge, Cambridge University Press, 1984
- \_\_\_\_\_. **World-Systems Analysis**. Durham and London, Duke University Press, 2004

\_\_\_\_\_. **Impensar a Ciência Social**. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. Aparecida, Idéias e Letras, 2006

WARDE, Ibrahim. Negócio de sangue e lucros. **Le Monde Diplomatique**, 1 de maio de 2004. Disponível em

<<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=1024&PHPSESSID=099cbc670a7e8a6c998a4f532aaf76c9>> Acesso em: 28/05/2012

WOMAK, Brian. Google's US\$44.6-billion cash pile pushes investors to urge dividend.

**Bloomberg News**, 12 de abril de 2012. Disponível em <<http://business.financialpost.com/2012/04/12/googles-us44-6-billion-cash-pile-pushes-investors-to-urge-dividend/>> Acesso em: 28/05/2012

ŽIŽEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo, Boitempo editorial, 2011